Susana Maria Rodrigues Cosme

Entre o Côa e o Águeda
Povoamento nas épocas romana e alto-medieval

FUNDO GERAL
FLUP-BIBLIOTECA
523575

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Letras
BIBLIOTECA
N.º 72329
Data 20 02 / 06 / 25

043 M
C868 e
ex. 2

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

Faculdade de Letras
Univerdidade do Porto
Porto, 2002

Aos meus pais, Ana e Lucílio

Agradecimentos

Cabe-me, desde já, agradecer a algumas pessoas que foram marcantes para a realização deste trabalho.

Aos meus Pais, pelo apoio que sempre me dispensaram, aos meus irmãos em especial ao Marcos, pelo tempo que deixei de o acompanhar na sua adolescência.

Ao GEHVID, por acreditarem e apoiarem jovens investigadores.

Ao Professor Doutor Carlos Alberto Brochado de Almeida, pela orientação prestada e um agradecimento por estar sempre disponível para as nossas dúvidas.

A Isabel Alexandra Lopes, pelo companheirismo e amizade dispensado ao longo dos anos, essencialmente no trabalho conjunto de prospecção em Figueira de Castelo Rodrigo.

A Carla Martins, pela amizade e colaboração na intervenção arqueológica em Aldeia Nova/Olival dos Telhões e na realização conjunta de alguns dos estudos sobre materias dessa estação.

À Junta de Freguesia de Almendra pelo apoio que sempre nos prestaram, em especial à Memória do Sr. Eng. José Trabulo.

A todos os presidentes de Juntas de Freguesias e habitantes desta zona, pelas informações prestadas e pela simpatia com que nos receberam, o nosso obrigado.

A Jorge Argüello, pela ajuda na digitalização das imagens deste trabalho, pela amizade e disponibilidade sempre presente.

A todos os meus amigos, o nosso muito obrigado, pelas palavras de conforto e coragem, e principalmente por acreditarem ser possível este trabalho, quando muitas vezes nos faltava confiança.

Índice

1. Introdução----------p. 5

2. Caracterização geográfica----------p. 10
2.1. Hidrologia e morfologia----------p. 11
2.2. Clima, vegetação e fauna----------p. 14

3. Catálogo----------p. 17

4. Rede viária----------p. 86

5. Povoamento----------p. 94

5.1 Estruturas e tipologias de povoamento----------p. 94
5.2 Povoamento romano----------p. 100
5.3 O caso de Aldeia Nova/Olival dos Telhões----------p. 110
5.4 Povoamento alti-medieval----------p. 129
5.5 O caso do Monte do Castelo/Calábria----------p. 132
5.6 Continuidade e/ou ruptura nas formas de povoamento----------p. 140

6. Considerações finais----------p. 142

7. Bibliografia----------p. 143

8. Apêndices----------p. 170
8.1. Mapas e fotografias do catálogo----------Est. I à Est. CIII
8.2. Mapas gerais----------Est. CIV à Est. CVI
8.3. Fotografias de estruturas e materiais----------Est. CVII à Est. CXII
8.4. Plantas de Aldeia Nova/Olival dos Telhões----------Est. CXII à Est. CXV

1. Introdução

Quando em 1995 surgiu a oportunidade de realizar um projecto de investigação arqueológica centrado no estudo do Monte do Castelo, em Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa, integrado no Grupo de Estudos da História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID), deu-se início a um estudo do povoamento desta freguesia do distrito da Guarda.

O projecto inicial sofreu diversas contrariedades devido a diversos factores: logísticos, financeiros e até políticos a que fomos completamente alheios e até hoje não conseguimos realizar o objectivo inicial deste estudo que era a realização de sondagens arqueológicas no Monte do Castelo.

Assim sendo, os estudos prosseguiram na estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, por se tratar de um local muito próximo do Monte do Castelo e porque a cronologia dos materiais de superfície se assemelha à datação que geralmente se atribuíu à ocupação do Monte do Castelo.

Tendo em conta o trabalho de campo já realizado nesta área, não nos foi difícil decidir grosso modo a área geográfica e a baliza cronológica do estudo a apresentar como tese de Mestrado.

A área geográfica definida foi parte da área geralmente chamada de Riba Côa, delimitada a Norte pelo rio Douro, a Este pelo rio Côa e a Oeste pelo rio Águeda e ribeira de Tourões, que fazem ao mesmo tempo a actual fronteira com Espanha. A Sul, os limites não foram fáceis de definir e depois de se ter pensado em duas opções, a da serra da Marofa e dos prováveis limites da antiga diocese visigótica de *Caliabria*, optou-se por uma terceira solução, a dos actuais limites do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

Se a primeira hipótese foi logo posta de lado por, de ínicio, não nos parecer uma barreira física que justificasse uma verdadeira fronteira de povoamento, facto mais tarde confirmado, já a segunda hipótese seria a mais pertinente e a que nos poderia trazer mais informações inovadoras. A impossiblidade de realizar um estudo desta natureza que nos levaria a ter de realizar um trabalho mais intenso de recolha bibliográfica e documental em arquivos quer portugueses quer estrangeiros, e a falta de vestígios

arqueológicos e epigráficos para esta zona levou-nos, por ora, deixar esta segunda hipótese de lado.

A delimitação a Sul pelo actual limite do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, se bem que sem consistência real, nomeadamente ao nível de fronteira física, política ou religiosa no âmbito cronológico que visamos estudar, foi a solução mais viável.

O âmbito cronológico deste estudo assenta principalmente na época de ocupação romana, mais precisamente no período de conhecimento, utilização e reutilização da política, religião e essencialmente da cultura romana e suas contribuições para o povoamento desta zona.

Devemos também chamar a atenção de que, para realizar um trabalho com uma certa seriedade, sem termos a pretenção de ser uma verdade absoluta e tendo a real percepção das falhas que ele apresenta, temos a certeza que: a limitação de tempo e condições logísticas para realizar uma prospecção sistemática do terreno e a falta de escavações arqueológicas e respectiva publicação dos resultados nesta área, foram um factor essencial para considerarmos o trabalho que seguidamente apresentaremos uma primeira tentativa de sistematização dos dados até hoje conhecidos e uma tentativa de levantar ideias, sugestões e criar interesse nos investigadores de realizarem estudos nesta área que tanta informação apresenta em todas as áreas e/ou épocas da nossa história.

Com um trabalho baseado essencialmente na pesquisa bibliográfica e na prospecção do terreno, cabe-nos fazer uma pequena crítica dos estudos consultados e apresentar a metodologia adoptada na constituição do catálogo realizado.

No que se refere à bibliografia consultada, podemos dividi-la em três vertentes uma mais geral sobre a romanização e Alta Idade Média na Península Ibérica, outra sobre estudos históricos e arqueológicos para a região em estudo e outra, ainda, para estudo comparativo de materiais. Se para o primeiro caso existem bastantes estudos o que nos levou a seleccionar bibliografia, para o segundo tal já não se verifica. A selecção bibliográfica não obedeceu a nenhum critério científico, mas sim pela limitação humana de ler tudo o que existe

publicado sobre o tema da romanização e da Alta Idade Média. Assim, foram consultados alguns dos mais recentes trabalhos de autores portugueses e espanhois e alguns trabalhos mais antigos que continuam a ser uma referência. O local mais citado pela bibliografia é sem dúvida *Caliabria*, o nosso Monte do Castelo (13). Os estudos realizados para este local são, no entanto, repetitivos e com algumas falhas. Destacamos nestes trabalhos as obras do P. Henrique Florez (FLOREZ, 1786), Fidel Fita (FIDEL FITA, 1913), Javier Simonet (JAVIER SIMONET, 1897/1903), Pierre David (DAVID, 1947), Almeida Fernandes (FERNANDES, 1968; 1997; 1999), Dinis Cabral (CABRAL, 1962; 1963; 1964) e Jorge de Alarcão (ALARCÃO, 2000).

Sobre a arqueologia desta zona salientamos, os trabalhos de levantamentos de sítios de Sá Coixão (COIXÃO, 2000), Manuel de Andrade Maia (MAIA, 1974/77), Michael Mathias (MATHIAS, 1995), Júlio António Borges (BORGES, 1989; 1993; 1999) e as intervenções arqueológicas, por serem as únicas, dos arqueólogos do Parque Arqueológio do Vale do Côa (AUBRY, 1998: 23-34) para a época pré-histórica, de Helena Frade na Torre de Almofala (FRADE, 1990: 91-101; 1998: n.º 266), as nossas intervenções em Aldeia Nova Olival dos Telhões (COSME, 1996[a]: 278-279; 1996[b]; 1998[a]: 63-68; 1998[b]: 209-214; 2000: 159-170; 2001) para a época romana e as intervenções de Michael Mathias em Castelo Melhor para a época medieval (MATHIAS, 2000: 35-46).

Quanto ao catálogo foi atribuído um número a cada sítio ou estrutura de interesse, ex: N.º 5 – Santa Bárbara; N.º 57 – Ponte de Escalhão. A denominação foi atribuída pelos topónimos ou nome pelo qual são conhecidas as estruturas referenciadas. A sua localização foi caracterizada pela freguesia, concelho, número da Carta Militar de Portugal 1:25.000 do Instituto Geográfico do Exército, com a atitude, latitude e longitude de cada sítio[1].

[1] A ficha de inventário N.º 84 – Farelos, não está localizada, pois não conseguimos encontrar o local inventariado por Manuel Andrade Maia. Não quisemos, no entanto, deixar de o referir, pois o autor merece-nos toda a consideração apesar do seu critério de classificação de sítios poder ser discutível. Não aparecerá também o N.º 84 nos mapas gerais nem nas localizações e fotografias de sítios.

Para cada ficha tentámos uma classificação ou tipo[2] de estrutura ou sítio e atribuída a respectiva cronologia.

Indicamos também para cada ficha de inventário o número da estampa que lhe corresponde com a implantação do sítio ou estrutura na Carta Militar de Portugal 1:25.000 do Instituto Geográfico do Exército e em alguns casos de fotografia associada à ficha. O número de estampa é apresentado em romano, ex: Estampa XII, para Aldeia Nova/Olival dos Telhões.

Foram também caracterizados os vestígios de superfície detectados durante as nossas prospecções aos locais, bem como outro espólio já referenciado pela bibliografia.

Procedemos a uma descrição sumária dos locais, caracterizando a sua implantação na paisagem e classificando, quando possível a sua funcionalidade e cronologia.

Abrimos ainda um parâmetro, que consideramos fundamental, para a bibliogafia disponível sobre os sítios. Quando não é conhecida bibliografia sobre um local, classificamo-lo como inédito.

Ao longo do texto, as fichas de inventário serão designadas pelo seu número de inventário entre parêntises, ex: Fonte da Torre (5).

As referências a autores, sempre que sejam referentes ao texto serão incluídas no mesmo; quando forem referências paralelas serão remetidas a notas de rodapé assinaladas com numeração em expoente.

Será ainda apresentado um mapa geral de implantação da área de estudo na Península Ibérica, bem como mapas gerais de localização dos sítios apresentados no catálogo e dos prováveis traçados dos caminhos antigos associados aos vestígios de calçadas, pontes e topónimos.

Apresentar-se-á também algumas estampas com fotografias de estruturas e de materiais de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, bem como de plantas dessas estruturas da Zona I, Zona II e forno da zona I.

Sobre os sítios com sepulturas escavadas na rocha, apenas fazemos referência aos locais associados a vestígios materiais e/ou a povoados romanos.

---

[2] Sobre esta tentativa de classificação dos sítios ver o nosso Capítulo 5.1. – Estruturas e Tipologias de Povoamento.

Não apresentamos sítos como a Mimosa, uma das necrópoles maiores do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, pois não detectámos materiais romanos na zona. Apesar de termos visitado e ajudado no levantamento gráfico de quase todas as sepulturas visíveis[3], não as apresentamos neste trabalho pois são alvo do estudo que está sendo elaborado e brevemente apresentado como dissertação de Mestrado em Arqueologia à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, por Isabel Alexandra Lopes.

[3] Dizemos "quase" pois o termo "todas" parece-nos muito. Estarão com certeza muitas mais por encontrar, fora as que estão enterradas e que localizámos, mas não era nosso objectivo escavá-las e sim limpar e desenhar as que se encontravam visíveis.

2. Caracterização geográfica

Nenhum lugar pode ser devidamente compreendido quando considerado isoladamente; é sempre indispensável encará-lo através das relações mais ou menos intensas que mantém com os espaços que o circundam, próximos ou distantes (DAVEAU, 1995: 9).

A geografia tem uma grande importância e influência na condução do povoamento e nos tipos de povoamento. É em emergências rochosas que na Idade do Ferro se constrói, o cimo de montes são verdadeiras defesas naturais[4]. Atendendo a condições priveligiadas como uma veiga fértil regada por um rio ou ribeiro ou por um filão de minério, os romanos instalam-se numa *villae* de vale dedicada à agricultura ou num povoado de altura de forma a explorar e controlar a exploração mineira. Assim sendo, reconhecendo a nossa falta de bases no estudo geográfico, baseámo-nos essencialmente em autores que escreveram sobre a geografia do país em geral, como Orlando Ribeiro (RIBEIRO, 1987) ou Suzanne Daveau (DAVRAU, 1995), ou mais especificamente sobre a região como é o caso de Carlos Alberto Marques (MARQUES, 1995). Consultámos ainda as Cartas Geológicas de Portugal n.ºs 15-A, 15-B, 15-C e 15-D e respectivas folhas explicativas, do Departamento de Geologia do Instituto Geológico e Mineiro.

Administrativamente, a área que ocupa este nosso estudo integra duas freguesias do concelho de Vila Nova de Foz Côa: Almendra e Castelo Melhor e todas as freguesias do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo: Algodres, Almofala, Castelo Rodrigo, Cinco Vilas, Colmeal, Escalhão, Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo, Freixeda do Torrão, Mata de Lobos, Penha de Águia, Quintã de Pero Martins, Reigada, Vale de Afonsinho, Vermiosa, Vilar de Amargo e Vilar Torpim.

---

[4] Armando Coelho Ferreira da Silva ao falar-nos do povoamento na Idade do Ferro "...elemento decisivo terão sido sempre as condições naturais de defesa propiciadas por posições mais ou menos elevadas habitualmente relacionadas com linhas de água, que se tornavam solidariamente úteis para a defesa e subsistência das comunidades." (SILVA, 1986: 23).

2. 1. Hidrologia e morfologia

A delimitação da área de estudo foi fortemente influenciada pela hidrografia da região. Assim se compreende a importância dos rios, ribeiras e suas bacias hidrográficas, neste trabalho. A área compreendida entre dois afluentes da margem esquerda do rio Douro, o Côa e o Águeda, a Norte limitado pelo rio Douro, a Este o rio Águeda e ribeira de Tourões, a Oeste e a parte da fronteira Sul, o rio Côa, serviu-nos de base de trabalho.

Como linhas de água secundárias mais importantes temos a ribeira de Aguiar, a ribeira de Avelal, ribeira do Carrascal ou ribeirinha de Almendra.

Apesar de se poder falar das bacias hidrográficas do Côa e do Águeda, o certo é que podemos incluir esta zona de estudo numa infíma parte da grande bacia do Douro. Rio com um "...curso fluvial, historicamente unido a feitos de bravura, naturalmente é rude e sanhudo." (MONTEIRO, 1998: III). E como refere Gaspar Martins Pereira: "É certo que factores naturais demarcam bem este espaço, onde o encaixe profundo do Douro e dos seus afluentes, a natureza acidentada do relevo, o solo xistoso, o clima e a vegetação mediterrânicas, criaram uma paisagem original que contrasta vivamente com as terras vizinhas transmontanas e beirãs." (PEREIRA, 1991: 12). É neste rio que vão estar centradas as condicionantes económicas, religiosas e administrativas.

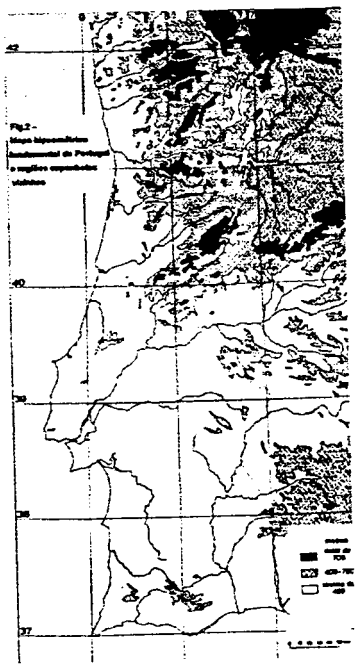
Todos os rios, ribeiras ou simples linhas de água são afluentes do Côa, do Águeda ou das principais ribeiras, e estas por sua vez, do Douro.

Todas estas bacias, a do Douro na zona que estudamos, estão integradas no planalto central da Meseta Ibérica, datada da era primária (MARQUES, 1995: 24). A situação morfológica pode caracterizar-se de uma forma geral num planalto por toda a bacia do Côa, apenas interrompido pela serra da Marofa, ocupando as bacias da ribeira de Aguiar e do rio Águeda e continuando-se pela Espanha com o nome de planalto da Castela-a-Velha (MARQUES, 1995: 47).

O rio Côa corre sempre em território português, nasce na fronteira oriental do nosso país, na serra das Mesas, a uma altitude de 1060 m., atravessa o distrito da Guarda, primeiramente na direcção E-W e depois e por

mais espaço no sentido S-N, desaguando por um estreito e profundo vale a SE de Vila Nova de Foz Côa a uma altitude de 180 m. Faz um percurso de quase 140 Km. e é alimentado em parte por vários afluentes, medindo a área das terras que fornecem água a este rio cerca de 1000 Km2.

As altitudes médias desta zona oscilam entre os 620 e os 750 m., atingindo a sua maior expressão no cume da serra da Marofa, com os seus 977 m., e a menor em Barca de Alva com 142 m.. Trata-se de uma zona essencialmente planática à excepção da cadeia de elevações da Marofa e das vertentes abruptas dos vales do Douro, Côa e Águeda. Do sistema montanhoso destaca-se o Cabeço de Castelo Rodrigo, com 821 metros, a serra da Nave Redonda com 776 metros, o monte de Castelo Melhor com 447 m., o monte de São Gabriel com 581 m. e o Monte do Castelo com 508 m..



Sob o ponto de vista geológico[5], a natureza das rochas e a constituição dos terrenos da bacia hidrográfica do Côa são pouco variáveis, consistindo em terrenos graníticos, primários, que se estendem desde a serra das Mesas até ao rio Douro, entremeando-se, alargando-se ou encaixando-se, abundando, no entanto, o granito e tendo reduzidos afloramentos de quartezito; com xistos argilosos, cristalinos e piçarras completa-se o panorama geológico.

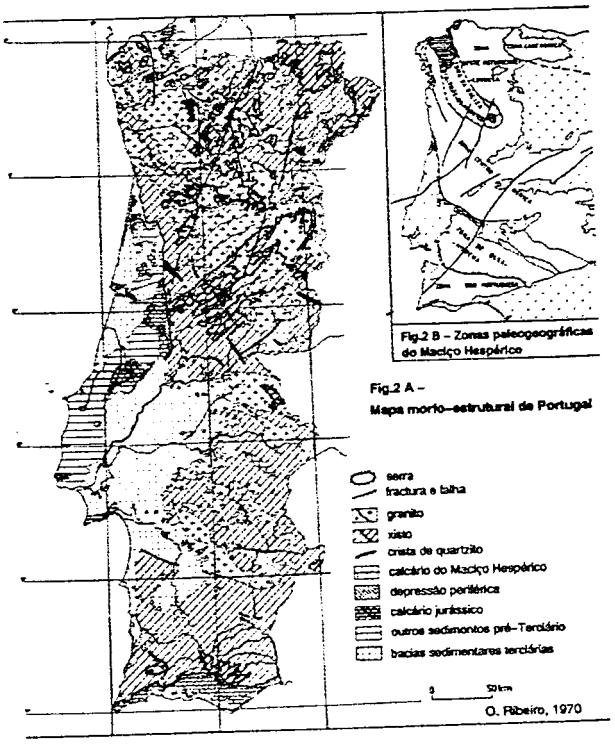
De SW da Reigada até Cinco Vilas encontramos uma extensa camada de granitos, com pequenos afloramentos de xisto argiloso; desta camada de granitos envolta em xistos é exemplo o sítio do Barrocal (47), em Cinco Vilas.

Em Penha de Águia, Freixeda do Torrão e Figueira de Castelo Rodrigo, seguindo depois a linha limite oriental da bacia do Côa até ao Sul de Vilar Torpim para ir morrer ao Sul de Pinhel, estão os terrenos câmbricos da Marofa, de xistos. No cimo das quatro maiores elevações da Marofa, encontramos

[5] Os mapas apresentados neste capítulo foram retirados do *Portugal Geográfico* de Suzanne Daveau, p. 43, 95 e 139.

afloramentos quartezíticos, que por vezes se espalham pela encosta. O monte onde assenta Castelo Rodrigo é semeado de quartezitos brancos e róseos (MARQUES, 1995: 23).

Supõe-se que os granitos que formam a serra da Marofa, sejam o resultado de erupções do período carbonífero e que, portanto, tenham acidentado e movimentado o território na mesma altura dos deslocamentos e pregas hercínicas (MARQUES, 1995: 26).



O resto da bacia do Côa até à foz é formada pelas rochas xistosas, em grandes camadas, ligando-se às altas e abruptas encostas do Douro.

O rio Águeda nasce em território espanhol, e inicia o seu percurso na fronteira portuguesa junto a Escarigo, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, indo desaguar em Barca de Alva, freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

A ribeira de Aguiar que ao longo do seu percurso conhece três designações, ribeira de Alvercas, rio Seco e ribeira de Aguiar, atravessa este nosso território de estudo no sentido SE-NW e desagua em Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa.

A ribeira de Tourões é um afluente do rio Águeda e faz fronteira a Sudeste do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, com a visinha Espanha, desaguando no rio Águeda em Escarigo.

A ribeira do Avelal é afluente do rio Côa e desagua, entre Monforte (52) e o Milheiro Velho (55), na freguesia do Colmeal (53).

A ribeira do Carrascal ou ribeirinha de Almendra é afluente do rio Côa, atravessa as freguesias de Freixeda do Torrão, Algodres e Almendra, indo desaguar na Penascosa, em frente à Quinta da Barca.

Podemos encontrar águas minero-medicinais em Almofala, nas nascentes das Fontaínhas e Fonte Santa, que são hipossalinas, carbonatadas, sódicas e frias. Parece poderem ser utilizadas no tratamento de doenças de estômago e de anemias. (SILVA, 1992: 471). Há ainda quem refira as fontes de Vale de Cavalos, junto ao Convento de Santa Maria de Aguiar, no sopé da encosta de Castelo Rodrigo e a Fonte da Bispa, em Escarigo, como fontes de águas com características semelhantes às primeiras.

2. 2. Clima, fauna e vegetação

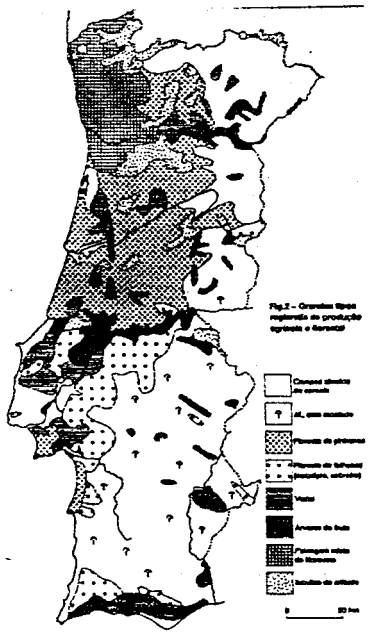
A bacia hidrográfica do Côa está incluída no sub-tipo climático «temperado com estação fria», como a classifica E. de Martonne citado por Carlos Alberto Marques (MARQUES, 1995: 35). A latitude, a altitude, o afastamento do mar, a natureza do solo, o relevo e a vegetação desta zona oriental do nosso país, assim o determinam.

Tratando-se de um território continental, de planalto, as oscilações térmicas diárias e anuais são grandes. Os verões são tórridos, assistindo-se frequentemente a trovoadas secas e os invernos rigorosos, com geadas, gelo e neve. Ventos frios vindos do anticiclone do planalto de Castela-a-Velha e pouco chuvosos.

A pluviosidade, nesta área, é bastante fraca; o grau pluviométrico não chega a atingir os 600 mm.

Com as características morfológicas que apresentámos no ponto anterior de terrenos xistosos e graníticos, aliados a um clima rigoroso, o solo apresenta-se pobre e pouco profundo e o *húmus* castanho muito claro mistura-se com o cascalho xistoso ou granítico.

O climo mediterrâneo não é, em si, favorável à vida vegetal e, portanto, à agricultura. A não coincidência do calor e da chuva desfavorece o crescimento das plantas. Apenas sobrevivem naturalmente as mais resistentes, com longas raízes e crescimento lento, logo de fraco produto, como a oliveira, o sobreiro e a vinha (DAVEAU, 1995: 25).



Em termos de vegetação encontramos o negrilho ou olmeiro, o pinheiro (*Pinus pinea* L.) está quase em extinção nesta zona, devido à desflorestação por meio de incêndios e por causa da agricultura, apesar de ainda podermos detectá-lo em alguns pontos. O sobreiro (*Suberariu*) também faz a sua aparição por estas zonas. Em Penha de Águia encontramos alguns castanheiros (*Castanea sativa*). Em alguns locais abundam as moitas de carrascos ou abrunheiro bravo, carvalhos (*Quercus pedunculata*) e giestais (*Genista comum*). Mas as espécies mais vistas nesta área, e em termos de aproveitamento agrícola, são as espécies habitualmente classificadas para climas mediterrânicos como são o caso da oliveira (*Olea europaea sativa*), amendoeira (*Amendoeira comum*), figueira (*Figus carica*) e vinha (*Vitis vinifera*).

De entre as espécies da flora comuns nesta zona destacamos algumas citadas por Gonçalo Sampaio para a zona de Vila Nova de Foz Côa, Escalhão e vale do Douro. Entre Barca de Alva e Escalhão vamos encontrar uma espécie *Asphodelus cerasiferus*, nos monte e na margem da estrada; trata-se de uma espécie de gamões que se diferencia das outras portuguesas pelas cápsulas subglobolosas e grandes com 12 a 22 mm. (SAMPAIO, 1906: 68). Esta espécie deu nome à calçada que referimos no catálogo, Calçada do Gamão (61). Na margem do rio Douro em Barca de Alva este autor encontra ainda uma espécie com frutificação adiantada, a *Astragalus stella* (SAMPAIO, 1901: 4) e em Escalhão recolheu *Rubus heycarpus* (SAMPAIO, 1901: 6)

Em Foz Côa existem nos campos, a *Fumriáceae Fumária parviflóra* (SAMPAIO, 1895: 16), em terrenos cultos e incultos a *Brassicáceae Alyssum campéstre* (SAMPAIO, 1895: 24), em terrenos cultivados a *Brassicáceae Néslia paniculáta* (SAMPAIO, 1895: 35), em campos e terrenos arenosos a *Diantháceae Holósteum umbellátum* (SAMPAIO, 1895: 56).

Nas margens do Douro a *Brassicáceae Mathióla trístis* em terrenos incultos (SAMPAIO, 1895: 20), a *Brassicáceae Árabis hirsúta* em muros sebes e

ribadas (SAMPAIO, 1895: 23), a *Brassicáceae Alyssum hispidum* em terrenos arenosos (SAMPAIO, 1895: 24).

O cereal foi desde épocas remotas o principal produto agrícola desta zona, perdendo importância para o azeite, para o vinho e para a amêndoa.

Com a demarcação da zona vinhateira do Douro, pelo Marquês de Pombal no século XVIII, iniciou-se um maior interesse pelo Alto Douro, ainda que só a partir da segunda década do séc. XIX, se conjugam factores possibilitadores do aparecimento de Quintas como a do Silho, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo (PEREIRA, 1991: 26-27). Parte da zona que estudamos ficou desde então a pertencer à Zona Demarcada do Douro, o que por um lado impunha certas regras de conduta agrícola, por outro regulamentava e incentivava a produção da vinha. Fazem parte da zona demarcada as freguesias de Castelo Melhor e Almendra, no concelho de Vila Nova de Foz Côa e a freguesia de Escalhão, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Assim parte do produto das vinhas iria directamente para a produção do Vinho do Porto.

Em termos faunísticos temos a lebre (*Lepore*), o coelho (*Oryctolagus cuniculus*), a perdiz (*Perdix cinera*), o javali (*Jabali montês*) e a raposa (*Canis vulpes*) como espécies mais abundantes em estado selvagem e a ovelha (*Ovicula*), a cabra (*Capra hircus*) e a vaca (*Vacca*) como espécies domésticas e muito ligadas à agricultura. A utilização do burro ou macho (*Burru*) é também muito vista nestas zonas, principalmente como meio de transporte pelos caminhos de terra batida que levam aos terrenos agrícolas mais distantes dos povoados.

Há ainda a referir no Côa a presença de lontras (*Lutra vulgaris*) e de abutres do Egipto (*Vultur monachus*). No Águeda e junto a Santo André podemos admirar a maior colónia de grifos (*Vultur fulvo*) da Península Ibérica.

3. Catálgo

1 - Castelo

Freguesia: Algodres Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo:Povoado Calcolítico/Castelo roqueiro Cronologia: Calcolítico/Medieval

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 531m Lat.: 40°57'58" Long.: 7°02'42"

Estampa I

Vestígios: Cortes na rocha. Vestígios cerâmicos. Foram recolhidos em prospecção em Novembro de 2000, 13 fragmentos de cerâmica comum medieval, 15 fragmentos de cerâmica comum calcolítica, um deles com decoração e 1 fragmento de barro de barrear, em princípio calcolítico.

Descrição: A dois mil e quinhentos metros para Oeste da Fonte da Torre, situa-se um pequeno alto granítico designado por Castelo de Algodres, que, presentemente, é ocupado por uma cisterna de abastecimento de água, cuja construção alterou o relevo do local. Observaram-se alguns cortes na rocha, denunciadores da actividade humana passada, assim como abundam, no sopé, fragmentos cerâmicos. Foram realizadas sondagens arqueológicas pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Bibliografia: AUBRY, 1998: 32.

2 - Fonte do Cabeço

Freguesia: Algodres Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Fonte/*Villa* Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 516m Lat.: 40°57'30" Long.: 7°03'14"

Estampa II

Vestígios: Foram recolhidos em prospecção em Novembro de 2000, 1 fragmento de rocha férrica, 5 fragmentos de *tegulae* com rebordo, 4 fragmentos de telha, 1 fragmento de pança de *dolium*, 19 fragmentos de panças de peças de cerâmica comum romana, 1 fragmento de bordo de cerâmica comum romana, 1 fragmento de vidrado de chumbo moderno com pasta alaranjada e vidrado acastanhado na parte interna da peça.

Descrição: Olival junto à Fonte do Cabeço num nível superior à estrada. Situa-se junto a uma linha de água, mais precisamente no lado Este da ribeira do Carrasqueiro ou Ribeirinha de Almendra, a Norte da povoação de Algodres. Trata-se de uma encosta de declive suave até à ribeira no sopé Oeste do monte de Santa Bárbara.
A Fonte do Cabeço é de origem romana ou medieval, na qual, posteriormente foram gravadas as armas reais portuguesas, invertidas.

Bibliografia: BORGES,1997: 51; CABRAL, 1967: 24.

3 - Castelo

Freguesia: Algodres — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Castelo — Cronologia: Medieval/Moderno
C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.:522m — Lat.: 40°57'11" — Long.: 7°03'23"

Estampa III

Vestígios: Vestígios de uma muralha de pedra miúda. Em prospecção realizada em Novembro de 2000, foram encontrados 1 fragmento de jarro trilobado alto-medieval, em cerâmica, com arranque de asa e de gargalo, 2 fragmentos de panças de peças cerâmicas comuns medievais.

Descrição: Afloramento granítico, dentro da freguesia, sobre o qual se edificaram construções habitacionais recentes, mantendo-se apenas o topónimo Castelo, do que teria sido uma torre ou castelo roqueiro durante a época medieval e mais tarde durante as Guerras da Restauração. Em 1751, o P. Luís Cardoso afirma que no centro da localidade existiu um Castelo. Em 1873, Pinho Leal refere uma atalaia e um reduto.

Bibliografia: BORGES, 1999: 52-53; CABRAL, 1967: 22; CARDOSO, 1751; LEAL, 1873: 128.

4 - Santa Bárbara

Freguesia: Algodres Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado de altura/ *Vicus*(?) Cronologia: Idade do Ferro/Romano

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 549m Lat.: 40º57'32" Long.: 7º03'28"

Estampa IV

Vestígios: *Tegulae*, um feto fossilizado e uma moeda romana do imperador Juliano (o Apóstata).

Descrição: Situado numa elevação a Nordoeste da povoação de Algodres, trata-se de um local com boa visibilidade, embora sem defesas naturais acentuadas, o que justificaria a construção de muralhas, que no caso de existirem, não são visíveis em prospecção. Devido à construção da capela de Santa Bárbara, datada de 1877, procedeu-se ao aplanamento do monte o que poderá ter destruído algumas estruturas do castro lusitano romanizado. Capela de Sta. Bárbara, datada de 1877. Vistas para Castelo Rodrigo, Monte do Castelo e São Gabriel.

Bibliografia: BORGES, 1997: 51.

5 - Fonte da Torre

Freguesia: Algodres — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 551m Lat.: 40°57'58" Long.: 7°01'25"

Estampa V

Vestígios: Cerâmica comum romana, *sigillata* hispânica tardia com grafito, *tegulae* e cerâmica medieval.

Descrição: Na confluência das freguesias de Almendra, Vilar de Amargo e Algodres, cerca de sete quilómetros para Sul do Monte do Castelo, visitámos o local designado como "Fonte da Torre" e, localmente, por "Tapada da Torre", onde a prospecção efectuada num campo lavrado, permitiu recolher abundantes amostras de cerâmica e material de construção; entre estes materiais existem alguns que poderão ser identificados como romanos.
Situada numa zona praticamente plana, entre três linhas de água, com vestígios de pedra de um edíficio, ao qual chamam torre.

Bibliografia: COSME, 1996[b].

6 – Cova da Moura

Freguesia: Algodres — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 151 Alt.:550m Lat.: 40°57'57" Long.: 7°01'52"

Estampa VI

Vestígios: Cerâmica romana e medieval, duas sepulturas escavadas na rocha.

Descrição: A Sudoeste da Fonte da Torre, duas sepulturas medievais escavadas na rocha. E no terreno a sudoeste das sepulturas foram encontrados muitos materiais, essencialmente medievais, mas alguns romanos e fragmentos de *tegulae*.

Bibliografia: BORGES, 1997: 51; CABRAL, 1967: 24. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

7 - Quinta do Andrade

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Casal — Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.: 436m — Lat.: 41°00'11" — Long.: 7°03'36"

Estampa VII

Vestígios: Segundo, Sá Coixão aparecem vestígios de *tegula*, *imbrex* e *dolium* e, nos muros das propriedades, pedras aparelhadas em granito.

Descrição: Localiza-se a Norte do adro da igreja matriz, num terreno com oliveiras e de semeadura. Durante a nossa visita ao local apenas se detectaram materiais modernos e telha de meia cana. A localização atribuída por Sá Coixão para este local situa-se a Norte do caminho que leva ao sítio da Tapada da Penascosa, a Sudoeste da Ribeira das Figueiras e junto a uma linha de água afluente desta ribeira. Local com uma vista sublime sobre a Ribeira de Figueiras ou Ribeiro do Picão, nome que a mesma ribeira assume nos últimos dois a três quilómetros ao desaguar no rio Côa.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 250.

8 - Senhora do Campo

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Casal — Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.:200m — Lat.: 41º00'46" — Long.: 7º01'03"

Estampa VIII

Vestígios: *Tegulae, imbrex*, cerâmica comum incluindo um peso de tear e uma faca em ferro. Cisterna, localizada junto a um muro, no lado Sul fronteiro à capela de Nossa Senhora do Campo, estando cavada no vale até grande profundidade e hoje coberta por um grande silvado. Fronteira à fonte que ali existe e para Nascente, ficavam as portas do povoado, denominadas de Portas do Sol, as quais já não existem, mas que conservam na toponímia a prova da sua existência.

Descrição: Localiza-se no terreno a nascente da capela; hoje terreno de horta.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 295; CABRAL, 1962: 8; CABRAL, 1963: 23-24; SOUSA, 1993: 22.

9 - Garrocho

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Casal — Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 141 — Alt.: 274m — Lat.: 41º01'13" — Long.: 7º00'26"

Estampa IX

Vestígios: *Tegulae, imbrex*, cerâmica comum.

Descrição: Não muito distante de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, caminhando para o Douro e do lado esquerdo, numa plataforma elevada, vestígios de materiais utilizados no período de ocupação romana. Muito provavelmente este local será um anexo da *villa* de Aldeia Nova/Olival dos Telhões.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 295.

10 - Quinta da Olga

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: Casal — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 141 — Alt.: 186m — Lat.: 41°02'07" — Long.: 7°00'09"

Estampa X

Vestígios: Alguns silhares nas paredes das casas existentes que dizem terem vindo do Monte do Castelo e alguns materiais romanos.

Descrição: Pequeno platô no sopé Nordeste do Monte do Castelo e sobre o Douro, hoje é uma quinta abandonada mas ainda nos anos 90 era habitada por um casal de idosos. É o local mais próximo da passagem a vau no Douro que servia o Monte do Castelo.

Bibliografía: SAA, 1960: 319.

11 - Quinta de S. Lourenço

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: *Villa* — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.: 515m — Lat.: 40°59'04" — Long.: 7°01'56"

Estampa XI

Vestígios: *Tegulae, imbrex*, cerâmica comum, *sigillata*, vidros e fustes.

Descrição: Vestígios de muros e de cerâmica romana na Quinta de S. Lourenço, no local de implantação da capela e nos terrenos circundantes. De realçar os fustes integrados no aparelho da capela e a vista sobre as estações de Aldeia Nova/Olival dos Telhões e do Monte do Castelo. Este local tem sido objecto de algumas destruições por parte da Associação de Caça da Almendra que resolveu limpar o terreno circundante da capela com uma retro-escavadora, mas que para além das silvas, tem levantado estruturas de muros e posto a descoberto os mais variados materiais de época romana.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 296.

12 - Aldeia Nova/Olival dos Telhões

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: *Villa* — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 141 Alt.: 272m — Lat.: 41º01'06" Long.: 7º00'23"

Estampa XII

Vestígios: Construções romanas e alto-medievais, cerâmica comum, *sigillatae*, vidros, objectos metálicos incluindo duas fíbulas e uma pequena asa de sítula, osteologia animal, madeiras, *tegulae* com marcas e numismas romanos; cerâmicas comuns alto-medievais e *sigillatae* paleocristãs.

Descrição: Estaremos com alguma segurança perante uma *villa* tardo romana com posterior ocupação alto-medieval. Apesar da área escavada ser ainda reduzida em relação à área de dispersão de materiais, pensamos ter escavado parte da *pars fructuaria* da *villa* e parte de uma casa de construção maior de época alto-medieval.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 54; CABRAL, 1963: 20; COIXÃO, 2000: 248; COSME, 1996[a]; COSME, 1996[b]; COSME, 1998[a]; COSME, 1998[b]: 209–213; COSME, 2000; COSME, 2001; SAA, 1960: 318.

13 - Monte do Castelo

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Povoado de altura — Cronologia:Pré-História/Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 141 Alt.: 508m Lat.: 41º01'51" Long.: 7º00'50"

Estampa XIII

Vestígios: Muralha circundante que envolveria uma superfície de 60.000 m2, grandes silhares, alguns almofadados, restos de pedras de possíveis construções, moedas, *tegulae*, tijolos, mosaicos e sepulturas.

Descrição: Monte com 508 m. de altitude, circundado a Oeste e a Sudoeste pela ribeira de Aguiar e pela ribeira do Castelo, a Norte o rio Douro. Situação previligiada de controle de povoados e vias fluviais e terrestres. Foi castro, possível civitas romana, com continuada ocupação até à Alta Idade Média, sendo sede de bispado na época visigótica, continuando a ser referida durante a ocupação mozárabe.

Bibliografia: ALARCÃO, 1998[b]: 53; ALARCÃO, 2000: 53; BORGES, 1997: 52; BORGES, 1999: 84; CABRAL, 1962: 138-158; CABRAL, 1963; COIXÃO, 2000: 336-337; COSME, 1996; COSME, 1996; COSME, 1998[a]; COSME, 1998[b]; COSTA, 1929: 788; FITA, 1913: 173-182, 269-275; FLOREZ, 1786: 37-50; JAVIER SIMONET, 1983: 120, 808, 809, 812; NETO, 1975: 94, 103-107; SAA, 1960: 303, 317-325; SILVA, 1992: 125-127; SOUSA, 1993: 7-25; UEIREDO, 1895: 243; VILLA MAIOR, 1876: 199-202.

14 - Tapada de Penascosa

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: *Villa* — Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 225m — Lat.: 41º00'24" — Long.: 7º04'51"

Estampa XIV

Vestígios: Cerâmica comum romana, *dolium*, *sigillata* e um objecto em ferro. Quatro fragmentos de pança de dolium, um fragmento de pança de panela cinzenta/beje, um fragmento de fundo de pote, dois fragmentos bordos de tijelas, sete fragmentos de panças de formas indeterminadas, uma asa com fragmento de bordo de panela cinzenta/beje, um fragmento de asa de *sigillata* beije/alaranjada, um fragmento de bordo de *sigillata* alaranjado, um fragmento de pança de sigilata com engobe interior vermelho e pasta de cor rosa escuro, dois pequenos fragmentos de panças em *sigillata* castanha. Tratando-se de *sigillata* hispânica tardia. Dois fragmentos de escória férrica, duas tachas de ferro e uma placa de ferro com chumbo. Os materiais encontrados em prospecção encontram-se depositados no Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Descrição: Local situado entre a ribeira do Picão e a base da vertente Sul da Penascosa, que localmente recebe o nome de Tapada da Penascosa.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 306.

15 – Calçada da Ribeirinha

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 420 — Lat.: 40º59'15" — Long.: 7º04'20"

Estampa XV

Vestígios: Dois troços de calçada.

Descrição: Local situado junto à Fonte do Olmo, dois troços de calçada, que se encontram, um que vem seguindo a Ribeirinha desde a jusante e se encontra neste local, uma outra calçada que vem de Este, passa a ribeirinha num pontão e segue para Oeste.

Inédita.

16 - Barrocas do Farto

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: Casal — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.: 424m — Lat.: 40º59'15" — Long.:7º04'13"

Estampa XVI

Vestígios: Dois troços de calçada. Dois fragmentos de *tegulae*, um de *imbrex*, um fragmento de fundo e dois de paça de potes, um fragmento de pança de panela, um fragmento de pança de pote com pasta semelhante à das ânforas e um fragmento lítico com minério parece pedra pomes mas mais pesada.

Descrição: Local situado junto à Fonte do Olmo.

Inédita.

17 – Calçada de Almendra

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 151 — Alt.: 490m — Lat.: 40º59'45" — Long.: 7º04'02"

Estampa XVII

Vestígios: Vestígios de uma calçada com grandes lages de granito, com cerca de três metros de largura e cerca de 400m., em relativo bom estado de conservação.

Descrição: Situada no extremo Sudeste da aldeia, parte da rua do cemitério, passa a Sudoeste do Prado Grande e sobe em direcção à Quinta de São Lourenço. Foi recentemente alcatroada.

Inédita.

18 - Prado Grande

Freguesia: Almendra Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: *Villa* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 467m Lat.: 40°59'51" Long.: 7°02'49"

Estampa XVIII

Vestígios: Cerâmica romana comum, *sigillatae* e *tegulae*, vestígios de um amontoado de pedras miúdas formando um círculo de cerca de 200m. de diâmetro.

Descrição: Num terreno com plantação de árvores de fruto, pertencente ao Eng. José Trabulo, praticamente dentro da povoção de Almendra, passa-lhe a Calçada de Almendra a Sudoeste em direção a São Lourenço.

Inédita.

19 - Tapada do Matos

Freguesia: Almendra Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Necrópole Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 207m Lat.: 41°00'42" Long.: 7°00'45"

Estampa XIX

Vestígios: Não encontrámos qualquer tipo de material à superfície quando visitámos o local, pois este encontrava-se com bastante erva.

Descrição: Hoje uma área cercada com oliveiras. Conta-se que, quando plantaram as ditas oliveiras, foram encontradas sepulturas humanas com ossadas, feitas com grandes tijolos, possivelmente *tegulae*.

Inédita.

20 - Ponte

Freguesia: Almendra Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Ponte Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000:151 Alt.: 200m Lat.: 41°00'45" Long.: 7°01'10"

Estampa XX

Vestígios: Ponte com grandes silhares graníticos, muitos deles encontram-se siglados. A ponte apresenta dois arcos de volta perfeita, parece-nos ter sido de cavalete, mas com o alargamento do tabuleiro, a ponte sofreu grandes alterações, apresenta talha-mares triangulares. Uma das pedras encostadas às aduelas de um arco, virado a Nordoeste, apresenta um fragmento de uma inscrição invertida que não nos foi possível ler. Parece-nos um [C O...].

Descrição: A ponte encontra-se sobre a ribeira de Aguiar, junto à capela de Nossa Senhora do Campo, e deveria servir o Caminho Velho, antes da abertura da estrada actual nos inícios do século XX. O que nos resta da ponte parece-nos da época medieval, talvez dos séculos XV/XVI, o que nos leva a supor da existência de uma ponte mais antiga naquele local, que necessitou de reparações. É que em época medieval não se justificava a construção de uma ponte daquela envergadura, que levava apenas até à capela da Senhora do Campo, a não ser o facto da tradição de uma ponte naquele lugar.

Bibliografia: COSME, 1996[b].

21 - Caminho Velho

Freguesia: Almendra Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Via Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 225-490m Lat.: 41°00'09" Long.: 7°02'08"

Estampa XXI

Vestígios: Vestígios de alguma calçada de lages de xisto, embora na maior parte da sua extenção, hoje seja apenas um caminho de pé posto.

Descrição: Caminho que da Cruz da Anelha, na estrada que vem de Vila Nova de Foz Côa para Almendra, junto ao cruzamento que segue para a Estação de Caminhos de Ferro de Almendra, hoje desativada, segue pelo lado esquerdo dessa estrada, Estrada Municipal n.º 332, em direcção à ponte junto à capela da Senhora do Campo. Parte das lages de xisto da antiga calçada foram aproveitadas para muros de contenção de terras das propriedades vizinhas ou para esteios de videiras.

Bibliografia: COSME, 1996[b].

22 – Caminho dos Mouros

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Via — Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 388m Lat.: 40º00'41" Long.: 6º59'10"

Estampa XXII

Vestígios: Caminho de terra batida.

Descrição: Conta-se que os mouros faziam este caminho desde o Poio da Serra, passando pela Quinta da Serra, com pedras para a construção de *Caliábria*, no Monte do Castelo. Dizem as pessoas mais antigas da povoação, que quando novas e andavam para aqueles lados a plantar cereal, este não crescia na zona do caminho do mouros, por estar tão pisado. Este caminho vinha da Quinta de Boais, passava em Aldeia Nova/Olival dos Telhões e dirigia-se ao Monte do Castelo.

Bibliografía: SAA, 1960: 319.

23 – Calçada de Almendra

Freguesia: Almendra — Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 422m Lat.: 40º59'07" Long.: 7º04'27"

Estampa XXIII

Vestígios: Um troço de calçada.

Descrição: Troço de calçada que passaria junto ao Fumo e que entronca com a calçada da Ribeirinha.

Inédita.

24 - Cabeço da Prata

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 677m Lat.: 40°51'18" Long.: 6°52'05"

Estampa XXIV

Vestígios: *Tegulae, imbrex* e mós manuais recolhidas em prospecção por Manuel Andrade Maia (M.A.M.).

Descrição: Dista 4 Km para Sudoeste da povoação de Almofala. Implantada a cerca de 500 m da margem direita da ribeira de Aguiar, região onde tradicionalmente se cultiva o trigo. M.A.M, classifica-a de *villa* rústica. Devido à fraca ocorrência de materiais e da proximidade, com a estação de Cabeço da Recta e com a Torre de Almofala, pensamos tratarem-se de dois casais de características agrícolas e/ou mineiras de apoio ao *vicus* de Torre de Almofala.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 57; BORGES, 1999: 92; MAIA, 1974/77[b]: 212-213; SILVA, 1992: 30.

25 - Cabeço da Recta

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 652m Lat.: 40°51'47" Long.: 6°52'34"

Estampa XXV

Vestígios: *Tegulae.*

Descrição: Fica numa pequena elevação fronteira à Torre de Almofala, dista 4 Km para Oeste da povoação de Almofala e a 2 Km para Norte do sítio de Cabeço da Prata e 2 Km para Sul do Templo de Almofala. Como se referiu para o Cabeço da Prata, devido à fraca ocorrência de materiais e da proximidade com a Torre de Almofala, pensamos tratar-se de um casal de características agrícolas de apoio ao *vicus* de Torre de Almofala.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1999: 92; MAIA, 1974/77[b]: 213; SILVA, 1992: 32.

26 - Santo André

Freguesia: Almofala — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado de altura — Cronologia: Idade do Ferro/Romano

C.M.P. 1:25000: 162 — Alt.: 556m — Lat.: 40°53'06" — Long.: 6°50'01"

Estampa XXVI

Vestígios: Muralha em pedra granítica de pequenas dimensões, em alguns troços bastante destruída pela acção do tempo e do Homem, que se serve da sua pedra para a construção de casas e muros de divisão de propriedade. Cerâmica da Idade do Ferro e duas esculturas zoomórficas foram encontradas no Olival que hoje povoa este local. Grande número de materiais de construção da época romana: silhares, colunas, fragmentos de cerâmica grosseira e de cerâmica comum (*dolium*, urnas e vasos) e alicerces de construções confirmam a romanização deste povoado. Uma capela dedicada a Santo André que embora deva ser do séc. XVI, emprega no seu aparelho construtivo pedras

almofadadas e fustes de coluna reutilizados. Uma inscrição que se encontra hoje na sede da Junta de Freguesia de Almofala, foi datada do século I d.C..
Foram recolhidos em prospecção realizada em Novembro de 2000, 2 fragmentos de *tegulae* com rebordo, 1 seixo, 16 fragmentos de panças de cerâmica comum romana, 3 fragmentoss de panças de cerâmica comum romana xistosa, 1 frag. de bordo de cerâmica comum romana, 1 fragmento de fundo de cerâmica comum romana e 1 fragmento de cerâmica cinzenta romana, um fragmento de cerâmica comum com marcas de uma folha fossilizada, um fragmento de bordo com arranque de asa, uma asa de cerâmica comum romana.

Descrição: Povoado Proto-Histórico e Romano no local onde, em 1909, foi construída a actual capela de Santo André. Trata-se de uma elevação sobre o Águeda, controlando uma vasta área de território. É sem dúvida o povoado indígena de maior importância na região, com estruturas mais relevantes e que na nossa opinião podería ter sido escolhido para capital de *civitates* dos *Cobelci*. Manuel Andrade Maia supõe ter havido aqui um santuário Proto-Histórico devido à presença dos berrões. Ainda segundo o mesmo autor, a inscrição encontrada no local, é datada do século II d.C. e cujo nome da mulher está ligado à profissão de oleiro.
Transcrição:
"D(iis).M(anibus)./Julio Ve/geto Ann(orum) V/Julio/Avitiano/Ann(orum) XXV C(aios)/Julius Avi/ Tus Pat/Annia Re/ burrina/ Mater/F(aciendum). C(uraverunt)".
Tradução: (Consagrada aos Deuses Manes). "A Julio Vegeto de cinco anos e a Julio Avitiano de vinte e cinco anos, fizeram o pai Caio Julio Avito e a mãe Annia Reburrina".

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; ALMEIDA, 1966: 531-354; BORGES, 1997: 54-55, 60-61; BORGES, 1989: 14; BORGES, 1999: 90-92; SILVA, 1992: 32-34.

27 - Torre de Almofala

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Vicus* com Templo Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 655m Lat.: 40°52'11" Long.: 6°52'58"

Estampa XXVII

Vestígios: *Podium* de um templo romano reconstruído e adaptado nos séculos XVI e XVII. Adriano Vasco Rodrigues refere que o templo teria sido erigido no séc.II, "inspirado no Templo de César, no *fórum* de Roma".

Segundo Helena Frade, estaremos perante um templo de planta clássica, com *cella* rectangular; o monumento teria 16,30m de comprimento por 8,15m de largura e assentava sobre um *podium* com pouco mais de 2,5m de altura, sobre o qual ainda se erguem o que resta das arruinadas paredes. O acesso fazia-se por uma escada situada do lado Nascente. Outros achados têm sido postos a descoberto, como pedaços de calçadas e de muros, que teriam a função defensiva na época em que a Torre foi adaptada a atalaia. Algumas fiadas de placas de xisto seriam os alicerces de um *fórum*. Da época romana também foram encontradas uma fíbula, uma pulseira em bronze, uma moeda do séc. IV, assim como vários tipos de cerâmicas, incluindo *sigillatae*. Uma mão esquerda em mármore, segurando uma caixa que pertenceria a uma estátua feminina, com cerca de três metros de altura que apresentava anéis nos dedos. José Hermano Saraiva diz pertencer à deusa Juno, a quem seria dedicado o templo. Em 1997, foi detectada uma ara, que segundo Helena Frade, que dirige os trabalhos arqueológicos, foi "encontrada na horizontal, com o campo epigráfico virado para cima, e estava dentro da área do *forum*, a cerca de 20m. a nascente do templo e a 2m. a poente da colunata do *forum*". É datada dos inícios do século I d.C..

Transcrição: IOVI . OPTVMO / MAXVMO / CIVITAS / COBELCORVM

Tradução: A Júpiter Óptimo Máximo – a cidade dos Cobelcos.

Descrição: A Torre de Almofala situa-se num pequeno planalto numa colina ladeada pela ribeira de Rodelos a Norte e pela ribeira de Aguiar a Oeste e a Sul. Tem acesso por um caminho de terra batida a partir do lado esquerdo da estrada que liga Figueira de Castelo Rodrigo a Almofala. Os terrenos que rodeiam este local encontram-se hoje ocupados por vinhas, pomares ou para cultivo de cereais. O imóvel foi declarado Monumento Nacional em 29 de Setembro de 1977 por Decreto n.º 129/77. A Torre de Almofala é também conhecida por *Turris Aquilaris*, Casarão da Torre, Torre de Aguiar, Torre das Águias ou Torre dos Frades. Na época medieval e relacionando-a com o Convento de Aguiar é denominada de *Turris Aquilaris*.
Foi talvez um *vicus* com um templo na época romana, dependendo de Santo André.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; ALARCÃO, 2000: 53-53; BORGES, 1997: 55, 59-60; BORGES, 1998: 17; BORGES, 1999: 85-90; CABRAL, 1965: 425-432; FRADE, 1990: 91-101; FRADE, 1998: 266; GARCIA, 1965: 223-233; MAIA, 1971: 471-473; MAIA, 1972; MAIA, 1974/77[b]: 212-213; RODRIGUES, 1965: 431-435; SILVA, 1992: 213-217.

28 - Vale das Louras

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Lagar Cronologia: Romano/Medival/Moderno (?)
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 580m Lat.: 40º53'07" Long.: 6º51'17"

Estampa XXVIII

Vestígios: Lagar escavado no granito.

Descrição: Junto a uma casa de tijolo, um lagar escavado na rocha, granítica, um tanque quadrangular com um orifício de escoamento para um tanque

quadrangular mais pequeno e a uma cota inferior. Encontra-se sujo, com alguma terra e lixo. Os acessos fazem-se por um caminho de terra batida que parte de Almofala. O terreno foi-nos mostrado pelo presidente da Junta de Freguesia de Almofala, o Sr.º Mário Almeida Figueiredo.

Inédito.

29 - Vale das Louras

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Lagar Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 510m Lat.: 40º53'27" Long.: 6º50'40"

Estampa XXIX

Vestígios: Lagar escavado na rocha.

Descrição: Um lagar escavado num bloco de rocha, granítica, um tanque quadrangular com um orifício de escoamento para uma zona rebaixada, onde se colocaria uma vasilha, não tem tanque de recepção de líquido. Apresenta outros entalhes no bloco que serviriam de apoio a uma estrutura de madeira. Os acessos fazem-se por um caminho de terra batida que parte de Almofala e depois a pé pois o caminho existente encontra-se em muito mau estado e nem um veículo de todo o terreno lá vai. O terreno foi-nos mostrado pelo presidente da Junta de Freguesia. De salientar a magnífica vista sobre as arribas do Águeda e para Santo André. Perto do lugar do lagar e num platô ligeiramente a baixo foi encontrada *tegulae*.

Inédito.

30 - Vale das Louras

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 480m Lat.: 40º53'24" Long.: 6º50'35"

Estampa XXX

Vestígios: *Tegulae.*

Descrição: Os acessos fazem-se por um caminho de terra batida que parte de Almofala e depois a pé pois o caminho existente encontra-se em muito mau estado e nem um veículo de todo o terreno lá vai. De salientar a magnífica vista sobre as arribas do Águeda e para Santo André. Perto do lugar do lagar e num platô ligeiramente a baixo foi encontrada *tegulae.*

Inédito.

31 - Colmeal das Olas

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 630 Lat.: 40º52'40" Long.: 6º51'16"

Estampa XXXI

Vestígios: Perto de duas sepulturas antropomórficas (Colmeal das Olas I) e num terreno hoje plantado de oliveiras, foram encontrados vários fragmentos de cerâmica. Um outro núcleo de sepulturas denominado Colmeal das Olas II, com mais duas sepulturas com as seguintes coordenadas: Lat. 40º52'45" e Long. 6º51'22" e a uma Alt. de 610m.

Descrição: Neste local existiu até meados do séc. XVII, uma pequena Freguesia, o «Colmeal», mais conhecido como o Colmeal das Olas. Foi completamente arrasada em Outubro de 1642, quando as forças espanholas invadiram a região, no decurso da Guerra da Restauração. Visitando o lugar, ainda se descobrem bastantes vestígios de casas e de uma capela, cujo orago seria Santa Madalena. Dois núcleos de sepulturas escavadas na rocha, Colmeal das Olas I e Colmeal das Olas II, cada núcleo com duas sepulturas.

Bibliografia: BORGES, 1997: 56; SILVA, 1992: 511. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

32 - Cabreiriças

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 644m Lat.: 40º52'42" Long.: 6º51'14"

Estampa XXXII

Vestígios: Foram recolhidos em prospecção realizada em Novembro de 2000, 1 fragmento de *tegula*, 3 fragmentos de vidrado de chumbo moderno, 2 fragmentos de cerâmica comum moderna (1 frag. de bordo e 1 frag. de pança), 6 fragmentos de panças de cerâmica comum romana e 1 fragmento de pança de cerâmica comum romana ou alto/medieval com decoração muito interessante e pouco comum com linhas incisas paralelas e diagonais rodeadas de circunferências estampilhadas.

Descrição: Numa encosta de declive suave e junto a uma linha de água, um campo com oliveiras onde se detectaram materiais cerâmicos.

Bibliografia: SILVA, 1992: 511. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

33 - Cabeço do Milreiro

Freguesia: Almofala Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 649m Lat.: 40º52'46" Long.: 6º51'02"

Estampa XXXIII

Vestígios: Duas sepulturas e materiais cerâmicos romanos e medievais.

Descrição: Perto de duas sepulturas antropomórficas e num terreno hoje plantado de oliveiras, foram encontrados vários fragmentos de cerâmica.

Inédita - Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

34 - Castelo Melhor

Freguesia: Castelo Melhor Concelho: Vila Nova de Foz Côa
Tipo: Castelo Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 141 Alt.: 447m Lat.: 41º01'26" Long.: 7º03'56"

Estampa XXXIV

Vestígios: Em 1998, num terreno situado a Norte do Castelo, entre o caminho de acesso e a torre, apareceram alguns fragmentos de *tegulae*. O proprietário encontrou, há uns anos atrás, sepulturas neste local.

Descrição: Monte com cerca de 450 m. de altitude, a Sul da actual povoação de Castelo Melhor. Castelo do séc. XIII, provavelmente assente em povoado anterior, talvez da Alta Idade Média, datação provável das sepulturas com *tegulae* encontradas na encosta Norte do Castelo.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 377-378; MATHIAS, 2000: 35-46.

35 - Prado

Freguesia: Castelo Melhor Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: *Villa* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 141 Alt.: 391m Lat.: 41º03'46" Long.: 7º05'23"

Estampa XXXV

Vestígios: Cerâmica comum romana, incluindo *dolium*, *sigillatae*, um fragmento de vidro e muita *tegulae*.

Descrição: A Este de uma linha de água e a Oeste das casas do lugar. Num terreno, hoje de lameiro. Sería muito díficil de realizar uma prospecção no local, devido à àgua existente e às ferruginosas aí plantadas. Apenas num quintal pertensente a uma habitante do Orgal e devido a umas pequenas valas que o marido tinha aberto para desviar a água, nos foi possível detectar materiais. Aí encontrámos cerâmica comum romana, *sigillatae*, um fragmento de vidro e muita *tegulae*.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 244.

36 - Calçada do Côa

Freguesia: Castelo Melhor Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Calçada Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 141 Alt.: 150-200m Lat.: 41°04'41" Long.: 7°06'16"

Estampa XXXVI

Vestígios: Calçada executada com grandes lajes de xisto.

Descrição: Subindo o Côa para o Orgal, pelo caminho velho e quem se encontrar sobre a ponte que atravessa o Côa, na estrada que liga Vila Nova de Foz Côa a Almendra, na margem direita do Côa, em direcção ao Douro, encontra parte da Calçada que sobe a encosta em direcção à Quinta das Tulhas.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 257.

37 – Calçada da Penascosa

Freguesia: Castelo Melhor Concelho: Vila Nova de Foz Côa

Tipo: Calçada Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 150-180m Lat.: 41°00'18" Long.: 7°06'03"

Estampa XXXVII

Vestígios: Calçada coberta com grandes lages de xisto.

Descrição: Localiza-se junto ao rio Côa e servia a *villa* da Tapada da Penascosa.

Bibliografia: COIXÃO, 2000: 293.

38 - Marofa

Freguesia: Castelo Rodrigo — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado de altura — Cronologia: Idade do Ferro/Romano

C.M.P. 1:25000: 162 — Alt.: 976m — Lat.: 40º51'55" — Long.: 6º59'27"

Estampa XXXVIII

Vestígios: Quando em Junho de 1946, os trabalhadores abriam as fundações para a capela de Nossa Senhora da Marofa, erguida no alto da serra da Marofa, encontraram uma ara epigrafada romana. Feita em granito, apresenta uma altura de 40cm, por 23cm. A parte superior da ara está decorada com volutas, apresentando uma meia lua ao centro.

Desta inscrição várias leituras se fizeram:

Cabral: COMIN[VS] / PATEX / V (otum) MATR/IS A(nimose) P(erssolvit)

Pondo a hipótese de ser dedicada às *Matres* (às Mães).

Maia: Co(RI)na (?) / Pat(ricia?) Ex / V(otum) PATR / I S(uo). A(nimo) P(osuit).

Pondo a hipótese de ser dedicada a Júpiter.

Curado: CORVAE / PAT(ernus?) . EX / V(oto) . PATR/IS . A(ram) . P(osuit)

Com a seguinte tradução: "Pelo voto do pai, Paterno (?) erigiu a ara a Córua."

Descrição: No cume mais alto da serra da Marofa, com uma visibilidade extraordinária para todo um território envolvente, teria existido um castro com defesas naturais, formadas por rochedos escarpados e ladeiras íngremes, dispostas em redor do cume da serra. Provavelmente tería sido um *vicus* na época romana. O acesso faz-se pelo lado nascente por uma via que ligava a Castelo Rodrigo.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1989: 14; BORGES, 1999: 92-93; CABRAL, 1969: 3-11; CURADO, 1985/7: 650-651; MAIA, 1974/77: 172-175; SILVA, 1992: 17.

39 - Santa Maria de Aguiar

Freguesia: Castelo Rodrigo — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Inscrição — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 — Alt.: 665m — Lat.: 40º52'43" — Long.: 6º56'20"

Estampa XXXIX

Vestígios: Na sacristia do mosteiro, uma ara na qual, segundo F. Curado se deve ler "[Fla]cilla", Manuel Andrade Maia sugere que a inscrição tenha vindo da Torre de Almofala.

Descrição: Da inscrição resta apenas uma linha gravada num pedaço de mármore branco, com cerca de meio metro de altura por 40cm de largura, ornamentado por um friso de olivas e dardos (séc.I/II, segundo Fernando Curado) com a seguinte inscrição segundo os autores:
Maia: CILLA M.
Curado: [...FLAC] CILLA. [...]

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 68-69; BORGES, 1999: 92; CABRAL, 1969: 3-11; CURADO, 1985/7: 651-652; MAIA, 1974/77: 175-176; SILVA, 1992: 129-189.

40 - Fonte da Vila/Quinta do Souto

Freguesia: Castelo Rodrigo — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Fonte — Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 162 — Alt.: 690m — Lat.: 40º52'51" — Long.: 6º58'14"

Estampa XL

Vestígios: Fonte.

Descrição: No sopé Oeste do monte onde está implantado Castelo Rodrigo e junto à via que passava no vale formado por este monte e pelo da Marofa e que ligava à *villa* do Cemitério de Figueira de Castelo Rodrigo.

Bibliografia: BORGES, 1997: 62-63; BORGES, 1999: 93; SILVA, 1992: 90-91.

41 - Castelo Rodrigo

Freguesia: Castelo Rodrigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Povoado de altura Cronologia: Idade do Ferro/Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 828m Lat.: 40º52'43" Long.:6º57'42"

Estampa XLI

Vestígios: Mosaicos, cerâmica de construção, moedas (CABRAL, 1961: 735-736). É duvidoso se estes achados foram feitos em Castelo Rodrigo ou em Figueira de Castelo Rodrigo; provém daqui um fragmento de mosaico existente no Museu da Figueira da Foz (SANTOS ROCHA, 1905: 158).

Descrição: Povoado com ocupação romana, vê em 1209, D. Afonso IX, conseder-lhe os primeiros foros e construir ou reconstruir as muralhas que circundam o povoado. Não sabemos se o povoado romano teria muralhas sem escavações arqueológicas. Em 1297, D. Dinis procede à restauração do castelo. Quando D. Fernando atribui foral a Castelo Rodrigo volta a mandar reparar o pano de muralhas.

Bibliografia: BORGES, 1997: 61-63; BORGES, 1989: 14; CABRAL, 1961: 735-736; SANTOS ROCHA, 1905: 158; SILVA, 1992: 219-272.

42 - S. Marcos da Palumbeira/Barroco Sabugo

Freguesia: Cinco Vilas — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/*Vicus* — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 — Alt.: 690m — Lat.: 40º56'42" — Long.: 6º57'13"

Estampa XLII

Vestígios: *Tegulae* e *imbrex* (MAIA: 1974/77) e em prospecção, um fragmento de fundo de *dolium*, um fragmento de *tegulla*, cinco fragmentos de panças de cerâmica comum romana/medieval e um fragmento de bordo de uma peça de vidrado de chumbo com pasta alaranjada e verniz castanho alaranjado.

Descrição: Situada a Sudoeste da povoação de Cinco Vilas e no caminho que desta se dirige à Palumbeira. Fragmentos de *tegulae* próximo da capela de S. Marcos. Vestígios de época romana do lado esquerdo do caminho, sobre uma colina de cota pouco elevada a norte da capela de S. Marcos. Zona rica em mineral. Exploração de cassiterite (minério de estanho). O terreno granítico e muito pobre do ponto de vista agrícola apenas produz centeio.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 57; BORGES, 1997; BORGES, 1999: 95; MAIA, 1974/77: 210; SILVA, 1992: 30.

43 - Ponte Velha do Côa

Freguesia: Cinco Vilas — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Ponte — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 171 — Alt.: 400m — Lat.: 40º47'15" — Long.: 7º00'33"

Estampa XLIII

Vestígios: Prosseguindo ao longo da margem direita do Côa e ultrapassando a Quinta da Rabaça, deparamos com a pequena barragem onde é bombeada a água para Pinhel. Daqui se avista a ponte de Cinco Vilas ou ponte Velha do Côa.

Descrição: Devia ter 100m, aproximadamente, de comprimento, dela restam 43m de tabuleiro, 3,70m de largura com guardas de 0,31m de espessura. Ainda se podem ver 3 dos 6 arcos existentes, dois de volta perfeita e 1 ogival de menores dimensões. Apresenta pedras sigladas no arco ogival até à quinta aduela. O primeiro arco, o leste, apresenta as seguintes medidas: vão - 5, 90m; flecha - 1, 50m. As dimensões do segundo arco, o central, são as seguintes: vão - 9, 15m; flecha - 4, 65m. O arco ogival, de menores dimensões, tem as seguintes medidas: vão - 3,25m; flecha - 1,80m.
Segundo Manuel Andrade Maia, os dois arcos de volta perfeita seriam de origem romana enquanto o arco ogival é de feição gótica.
A ponte foi destruída, em parte, por uma cheia no ano de 1907.

Bibliografia: BORGES, 1997: 73; BORGES, 1999: 83-84, 93-94; MAIA, 1974/77ª; SILVA, 1992: 30.

44 - Barrocal

Freguesia: Cinco Vilas — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 171/172 Alt.: 684m Lat.: 40º48'32" Long.: 6º58'24"

Estampa XLIV

Vestígios: Troços de calçada.

Descrição: Zona de grandes afloramentos graníticos, onde ainda se podem observar alguns troços de calçada. Devido à natureza pedregosa do terreno em muitos locais a calçada não existe por não ser necessária.

Bibliografia: MAIA, 1974/77ª: 216-217.

45 - Fontanares

Freguesia: Cinco Vilas Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 706m Lat.: 40°56'06" Long.: 6°57'09"

Estampa XLV

Vestígios: Duas sepulturas escavadas na rocha e alguns materiais, essencialmente materiais medievais, se bem que apareça alguma *tegulae*.

Descrição: Zona com muita água, trata-se de um vale aberto, situado entre São Marcos da Palumbeira e o monte da Palumbeira.

Bibliografia: BORGES, 1997: 72; BORGES, 1999: 95. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

46 - Palumbeira

Freguesia: Cinco Vilas Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Minas (?) Cronologia: Pré-História/Romano (?)
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 706m Lat.: 40°56'06" Long.: 6°57'09"

Estampa XLVI

Vestígios: Foram encontrados apenas materiais Calcolíticos e da Idade do Ferro.

Descrição: O nome de "Palumbeira" deriva do termo latino *plombo*, que os romanos usavam para designar os minérios de chumbo e estanho. M.A.M. supõe que esse topónimo indicaria a exploração de minas de cassiterites, uma vez que "pela natureza lítica da região, não haver possibilidade de existir neste local minério de chumbo".

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999: 95; MAIA, 1974/77[b]; SILVA, 1992: 30.

47 - Estrada de França

Freguesia: Cinco Vilas — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 171/172 Alt.: 661m Lat.: 40º47'22" Long.: 6º58'08"

Estampa XLVII

Vestígios: Calçada.

Descrição: Troços de uma antiga calçada a Norte de Cinco Vilas.

Bibliografia: BORGES, 1997: 73; BORGES, 1999: 84; MAIA, 1974/77[b]: 219.

48 - São Julião do Pereiro

Freguesia: Cinco Vilas — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Convento — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 651m Lat.: 40º47'28" Long.: 6º57'35"

Estampa XLVIII

Vestígios: *Tegulae* e lajes enterradas no solo, um fragmento de *dolium* e um fragmento de pança de cerâmica comum medieval.

Descrição: Perto do cemitério, numa vinha pertencente ao Sr.º Jacinto Alverca, encontram-se pelo chão muitos pedaços de telha grosseira, em tudo semelhantes à *tegulae*, de origem romana. Uma ou outra pedra aparelhada, à mistura com as que compõem o muro da propriedade, indicam que, em tempos a sua função seria bem diferente da que actualmente exercem. Segundo a tradição, seria aqui que se situava o antigo convento de S. Julião do Pereiro.

Bibliografia: BORGES, 1997: 72-73; BORGES, 1999; CABRAL, 1965: 341; SILVA, 1992: 198-212.

49 - Luzelos

Freguesia: Colmeal Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 570m Lat.: 40°50'50" Long.: 7°03'16"

Estampa XLIX

Vestígios: Muitos materiais romanos: cerâmica comum, *sigillata*, escória, uma mó, com uma disperção de cerca de 5.000m^2.

Descrição: Localiza-se na encosta a Norte de Luzelos, a Sudoeste do Monte de São Marcos, numa encosta suave, coberta de vestígios romanos e ainda de um forno de cerâmica, possivelmente medieval, encontrando-se totalmente coberto de silvas. Junto à estação arqueológica existe uma nascente de água.

Bibliografia: BORGES, 1997: 79; BORGES, 1999: 95.

50 – Luzelos

Freguesia: Colmeal — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Necrópole — Cronologia: Medieval

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 530m Lat.: 40º50'32" Long.: 7º03'26"

Estampa L

Vestígios: Cinco sepulturas escavadas no xisto.

Descrição: Junto a uma linha de água a Sudoeste da povoação de Luzelos.

Inédita – Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

51 - Monforte

Freguesia: Colmeal — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado de altura — Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 171 Alt.: 480m Lat.: 40º48'52" Long.: 7º01'36"

Estampa LI

Vestígios: Lanços de muralhas da fortaleza, vestígios do que seria uma possível torre de menagem e diversas construções intra-muros. Vários troços de calçadas da estrada militar que, vinda da Guarda, passava por Pinhel, cruzava o rio Côa na ponte de Cinco Vilas subia à fortaleza pela encosta do Bizarril, e prosseguindo para Norte pela ponte ainda existente sobre a ribeira de Aguiar, passava por Escalhão e ia transpor o Douro em Barca d'Alva.

FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA
PORTO

Descrição: Os vestígios existentes situam-se na zona da Quinta do Ruivo, aqui encontra-se o castelo de Monforte a que chamam o castelo dos Mouros. A fortaleza ergue-se num afloramento granítico, na margem direita do Côa, num alto sobranceiro à confluência deste rio com a ribeira da Canada.
O castro existente neste local já teria sido aproveitado pelos romanos para aqui edificarem uma fortaleza afim de proteger a estrada romana que ligava Pinhel a Lumbrales. O General João de Almeida, em "Monumentos Militares Portugueses" e citado por José J. Silva, refere-se a esta hipótese, dizendo: " Os romanos, a avaliar pelos vestígios, tão patentes e numerosos, da sua ocupação, efectuada por ordem de Júlio César, no ano de 60 a.C., teriam transformado o castelo lusitano em fortaleza de grande valor, constituída por uma forte cidadela e cerca amuralhada envolvendo a povoação".

Bibliografia: BORGES, 1997: 78-79; BORGES, 1999: 95; SILVA, 1992: 404.

52 – Senhora de Monforte

Freguesia: Colmeal — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Capela — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 171 — Alt.: 300m — Lat.: 40°49'05" — Long.: 7°01'36"

Estampa LII

Vestígios: Capela de Nossa Senhora de Monforte e alguns materiais romanos e medievais.

Descrição: Platô a baixo do Castelo de Monforte que possivelmente teria alguma construção de apoio ao Castelo; caso contrário, os materiais detectados serão de escorrimento.

Bibliografia: BORGES, 1997: 78-79; BORGES, 1999.

53 - Colmeal

Freguesia: Colmeal Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 450m Lat.: 40°51'23" Long.: 7°00'54"

Estampa LIII

Vestígios: Algumas *tegulae* e materiais medievais.

Descrição: Vale fértil com bastante água e abrigado pelos montes da Marofa.

Bibliografia: BORGES, 1997: 76-77; BORGES, 1999; SILVA, 1992: 399-403.

54 – Cova da Moura/São Martinho

Freguesia: Colmeal Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Necrópole Cronologia: Medieval

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 650m Lat.: 40°51'16" Long.: 7°00'46"

Estampa LIV

Vestígios: 2 sepulturas.

Descrição: Penhasco em xisto a Nordoeste da povoação do Colmeal, onde se encontram as duas sepulturas, estando a de São Martinho mesmo coberta por uma saliência na rocha.

Inédita Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

55 - Barroca-Milheiro Velho

Freguesia: Colmeal Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 171 Alt.: 366m Lat.: 40º49'08" Long.: 7º03'35"

Estampa LV

Vestígios: No local da Barroca há vestígios de um antigo povoado. Restos de construções do que teria sido uma povoação medieval. No vale a Oeste deste monte encontram-se alguns fragmentos de cerâmica comum e *tegulae* romanas.

Descrição: Pequeno monte planáltico sobranceiro ao Côa, com boa visibilidade para o vale.

Bibliografia:BORGES, 1997: 79; BORGES, 1999; SILVA, 1992: 408.

56 - Vale Tedão

Freguesia: Escalhão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 152 Alt.: 330m Lat.: 41º00'02" Long.: 6º57'13"

Estampa LVI

Vestígios: *Tegulae* e *opus signinum*, tampa de sepultura e algumas mós manuais, segundo Manuel Andrade Maia. Nós apenas detectámos muita *tegulae* e alguns fragmentos de cerâmica comum.

Descrição: Localiza-se a cerca de 10 Km. para Noroeste de Escalhão e 6 Km. para Sudoeste de Barca de Alva. A sua localização só foi possível, depois de termos lido um relatório de trabalhos arqueológicos realizados em 1982, por jovens de O.T.L., integrados na Casa do Povo de Escalhão; procurámos então por um desses jovens, que felizmente nos foi indicar o local (Emilio Augusto Caçote Gabriel) e que, apesar de já não se lembrar do sítio exacto das sondagens nos indicou o local da estação arqueológica. Pelo relatório acima referido, as sondagens realizadas em 1982 não foram muito produtivas pois encontraram rocha-base, sem detectarem quaisquer estruturas, apesar de terem chegado a uma profundidade de 1 metro a 1,70 m. nas sondagens realizadas. Fazem uma descrição sumária das camadas encontradas, e quanto aos materiais exumados, não nos fazem referência, mas ficámos com a impressão de que detectaram mais materiais à superfície que na escavação. A dispersão de materiais é de cerca de 2.000 m^2.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 55; BORGES, 1999: 98; MAIA, 1974/77[b]: 213; SILVA, 1992: 32.

57 - Ponte de Escalhão

Freguesia: Escalhão — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Ponte — Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 152 — Alt.: 650m — Lat.: 40°55'28" — Long.: 6°56'12"

Estampa LVII

Vestígios: Ponte sobre a ribeira de Aguiar.

Descrição: Sustentada por dois arcos. O arco Sul mede 6,60m de vão e 3,30m de flecha. O arco Norte mede 6,70m de vão e 4,10m de flecha. O tabuleiro tem 44m de comprimento e 3,90m de largura total. As guardas têm 0,35m de espessura e uma altura de 1,05m. Ausência de pedras sigladas nas bases dos arcos. Estas bases são encimadas por uma moldura com 3,70m de comprimento e que ressalta da base 20cm. A sua situação sobre a via Imperial de Egitânia a Astorga, leva a crer que esta ponte medieval tenha origens romanas.
É Monumento Nacional por decreto n.º 8224 de 4 de Janeiro de 1922.

Bibliografia: BORGES, 1997: 86-87; BORGES, 1999: 83-84, 95-96; MAIA, 1974/77ª; SILVA, 1992: 30.

58 - Calçada de Escalhão

Freguesia: Escalhão — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 152 — Alt.: 650m — Lat.: 40º55'32" — Long.: 6º56'21'

Estampa LVIII

Vestígios: Algumas dezenas de metros de calçada de um e outro lado das margens da ribeira de Aguiar, junto à Ponte de Escalhão.

Descrição: Calçada em lages de granito ou aproveitando os blocos aí existentes desta rocha e faziam a ligação entre Egitânia e Astorga, pela chamada Via Imperial Egitânia-Astorga.

Bibliografia: BORGES, 1997: 86-87; BORGES, 1999: 95; MAIA, 1974/77ª.

59 - Quinta da Pedriça

Freguesia: Escalhão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Ville* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 142 Alt.: 200m Lat.: 41º01'36" Long.: 6º56'47"

Estampa LIX

Vestígios: Moedas de cobre.

Descrição: Na quinta da Pedriça, pertencente ao Sr. Dr. Rui Bordalo Machado, médico em Lisboa, trabalhadores rurais que andavam a apanhar pedra miúda para a construção da ponte sobre o Douro acharam apreciável quantidade de moedas de cobre, que se devem encontrar na posse desses mesmos trabalhadores.

Pensamos que a inscrição que se encontra na capela de Santo Cristo em Barca de Alva terá vindo do mesmo local, sendo a Quinta da Pedriça a "Aldeia Nova" que vários autores localizam em Aldeia Nova/Olival dos Telhões, em Almendra.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 55; BORGES, 1999: 98; FRADE, 1998; HIPÓLITO, 1960/61: 57; S.A., 24-12-1953, "Achado de moedas". *Diário de Notícias*. p. 9.

60 - Barca de Alva

Freguesia: Escalhão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Capela/Inscrição Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 142 Alt.: 170m Lat.: 41º01'36" Long.: 6º56'30"

Estampa LX

Vestígios: Inscrição CIL II 433, revista por Curado.

Descrição: Encontra-se do lado direito da frontaria da capela de Santo Cristo, em Barca de Alva. A pedra tem cerca de 73cm de comprimento por 35,5cm de altura. Manuel Andrade Maia, data a inscrição da época de Augusto, refere ainda que a tribo *Galeria* foi muito difundida na região da Egitânia.

Alarcão menciona o seu achado em Aldeia Nova, Freguesia de Castelo Melhor, numa capela com a mesma invocação: a de Santo Cristo.

Viterbo: MODESTVS AVIRATI F CO/BEL . AN LX . CORNIIIA / GENSVLIA . AN L . H . S . S . S . / V . T . L . C . AVIMIVS MOD/STINVS PATRI . FIRMVS / MODESTI . LIB . PATRO

Hübner: completa CORNELIA; corrige para ANIMIVS; e completa PATRO(no)

Cabral: segue a leitura de Hübner;

Maia: corrige AMBATI; ignorando o O incluso no C, interpreta a abreviatura COBEL como G(aleria tribu?) BEL(ax); e corrige AMMIVS;

Curado: MODESTVS AMBATI F(ilius) . CO/BEL(us) . AN(norum) LX (sexaginta) . CORNELIA / GENSVLIA . AN(orum) L (quinquaginta) . H(ic) . S(iti) . S(unt) . S(it). / V(obis) . T(erra) . L(evis) . C(aius) . AMMIVS MODE/STINVS . PATRI . FIRMVS / MODESTI . LIB(ertus) . PATRO(no)

Transcrição:

"Modestus Ambati F(ilio) G(aleria) (?) (Tribo) /
Bel(ax) (?) an(orum) LX, Corniiia (Cornélia?) /
Censulia, an(orum) LH(ic) S(iti) S(unt) S(it) /
V(abis) T(erra) L(evis) C(aius) Ammius Mode /
stinus Patri Firmus /
Modesti Lib(erto) Patro(no)".

Tradução:

"Modesto Filho de Ambato da tribo Galeria o Belicoso, de sessenta anos, Cornélia Gensulina de cinquenta anos aqui jazem que a terra lhes seja leve. Ao pai fez (este monumento) Avino Modesto e ao patrono o liberto Firmo modesto".

Como iremos referir ao longo do texto pensamos que a inscrição tenha vindo da Quinta da Pedriça.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 54; BORGES, 1997: 88; BORGES, 1999: 96-97; CABRAL, 1962; CABRAL, 1963.

61 - Calçada do Gamão

Freguesia: Escalhão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Calçada Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 152 Alt.: 316m Lat.: 40º58'49" Long.: 6º55'34"

Estampa LXI

Vestígios: Vestígios de calçada.

Descrição: Alguns quilómetros para Norte, próximo já de Barca d'Alva, tornamos a encontrar troços de calçada, que aqui, toma o nome de Calçada do Gamão devido ao nome do local onde ela se encontra: Vale de Gamão. Segue junto da estrada nacional n.º 221 que, em parte, a destruiu.

Bibliografia: BORGES, 1997: 87; BORGES, 1999: 83; MAIA, 1974/77[a]; SILVA, 1992.

62 - Castelo

Freguesia: Escalhão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Castelo/*vicus* (?) Cronologia: Idade do Ferro/Romano

C.M.P. 1:25000: 152 Alt.: 620m Lat.: 40º57'03" Long.: 6º55'29"

Estampa LXII

Vestígios: Hoje apenas resta o topónimo.

Descrição: Parte mais elevada de Escalhão onde dizem ter existido um castelo. Devido ao fenómeno urbanístico, não nos foi possível detectar materiais.

Bibliografia: BORGES, 1997: 82; SILVA, 1992.

63 - Tapada da Praça

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000:162 Alt.: 597m Lat.: 40°51'25" Long.: 6°49'55"

Estampa LXIII

Vestígios: Cerâmica e vidros (séc. IV/VII).

Descrição: Intervenção arqueológica realizada na Tapada da Praça, rua Dr.º Garcia de Andrade.

Bibliografia: Martins, 2000.

64 - Carrascal

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Via Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 600m Lat.: 40°50'31" Long.: 6°49'51"

Estampa LXIV

Vestígios: Vestígios de calçada.

Descrição: Ainda se podem ver vestígios de um troço de calçada romana, no lugar conhecido como «Carrascal». Partindo da aldeia e seguindo o caminho a que dão o nome de "Caminho da Quelha", vamos ter a este lugar. A 50m da Calçada do Carrascal encontra-se a Capela de São Simão, de onde se pode admirar um vasto e belo panorama.

Bibliografia: BORGES, 1997: 92; BORGES, 1999: 84; MAIA, 1974/77[a]; SILVA, 1992.

65 - Fortaleza

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado/Fortaleza Cronologia: Idade do Ferro/Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 561m Lat.: 40º50'45" Long.: 6º48'47"

Estampa LXV

Vestígios: Vestígios de uma pequena fortaleza.

Descrição: No cimo de um cabeço, perto do local onde se junta a ribeira de Escarigo à de Tourões, existem os vestígios de uma pequena fortaleza. Dada a sua situação, supõe-se ter sido, primitivamente, um castro lusitano que, mais tarde, os romanos aproveitaram para defesa da travessia da ribeira de Tourões. Guardava a estrada militar ligando Ciudad Rodrigo a Castelo Rodrigo e entroncando na via imperial unindo a cidade da Guarda a Astorga.

Bibliografia: BORGES, 1997: 90; BORGES, 1999; SILVA, 1992.

66 - São Simão

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Povoado de Altura/ *Villa* Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 630m Lat.: 40°50'22" Long.: 6°49'42"

Estampa LXVI

Vestígios: Dois fragmentos de bordo, um fragmento de bordo com arranque de asa, sete fragmentos de panças de cerâmica comum e dois fragmentos de *tegulae*.

Descrição: Trata-se de um terreno, plantado de oliveiras a sul da capela de São Simão; é um povoado que controla todo o vale de Escarigo e o vale da Ribeira de Tourões.

Bibliografia: BORGES, 1997: 92; BORGES, 1999; SILVA, 1992.

67 - Tapada da Machada

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 660m Lat.: 40°47'19" Long.: 6°49'19"

Estampa LXVII

Vestígios: Sepulturas e materiais romanos e medievais.

Descrição: Junto à ribeira de Tourões, numa veiga fértil.

Inédita - Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

68 – Ponte de Escarigo

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Ponte Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 560m Lat.: 40°550'36" Long.: 6°49'54"

Estampa LXVIII

Vestígios: Ponte sobre a ribeira de Alinguel.

Descrição: Ponte com dois arcos, tem uma dimensão reduzida tanto em altura como em largura. Não tem guardas.

Inédita.

69 - Campo do Veloso

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 540m Lat.: 40°50'32" Long.: 6°49'48"

Estampa LXIX

Vestígios: Seis fragmentos de panças e um fragmento de fundo de bilha de cerâmica medieval e um fragmento de asa de vidrado de chumbo com pasta alaranjada e verniz castanho alaranjado.

Descrição: Localiza-se num vale junto à ribeira de Alinguel, em terrenos de quintal de uma casa de Escarigo, onde devido à intensão da Junta de Freguesia realizar obras de construção de um Centro de Dia para idosos se realizaram sondagens avaliativas de emergência sob a direcção de António Sá Coixão.

Bibliografia: BORGES, 1997: 89.

70 - Talegre Velho

Freguesia: Escarigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Povoado de altura Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 705m Lat.: 40º49'42" Long.: 6º49'13"

Estampa LXX

Vestígios: Treze fragmentos de cerâmica comum romana/medieval e três fragmentos de *tegulae*. Amontoado de pedras pequenas de granito.

Descrição: Restos do que terá sido uma torre ou atalaia de controle de fronteira, assente provavelmente num casal romano.

Inédita.

71 - Cemitério

Freguesia: Figueira de Castelo Rodrigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 625m Lat.: 40º54'34" Long.: 6º54'02"

Estampa LXXI

Vestígios: Mosaicos romanos, assentes sobre tijolos, uma panela com moedas romanas e uma grande lápide com inscrição, para além de alguns compartimentos e uma cozinha soterrados.

Descrição: Quando a 29 de Fevereiro de 1888 se procedia às obras de terraplanagem para a construção do nova cemitério, cerca de 300 metros a

Norte da igreja matriz, foram encontrados mosaicos romanos, assentes sobre tijolos.

No mesmo local foi encontrada uma panela com moedas romanas e uma grande lápide com inscrição, para além de alguns compartimentos e uma cozinha soterrados. Tudo desapareceu, nada restando desse precioso achado, na sua maior parte destruídos pelos trabalhadores da obra.

Hoje, devido ao factor urbanístico, apenas com sondagens arqueológicas em futuras obras na zona se poderão confirmar estes dados.

Bibliografia: BORGES, 1997: 92-93; BORGES, 1999: 98; SILVA, 1992.

72 - Quinta da Vila

Freguesia: Figueira de Castelo Rodrigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 600m Lat.: 40°53'43" Long.: 6°55'00"

Estampa LXXII

Vestígios: Cerâmica comum romana, *sigillatae*, *tegulae* e *imbrex*.

Descrição: Entre as casas da Quinta e a ribeira de Aguiar, uma vasta zona de dispersão de materiais romanos. É uma estação que deverá estar relacionada com a da Fonte da Vila/Barreira. Hoje os campos encontram-se semeados de pasto para os animais.

Bibliografia: BORGES, 1999; SILVA, 1992.

73 – Barreira/Fonte da Vila

Freguesia: Figueira de Castelo Rodrigo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Villa*/Necrópole Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 610m Lat.: 40º53'43" Long.: 6º55'15"

Estampa LXXIII

Vestígios: Uma sepultura no local da Barreira. Vestígios de cerâmica comum romana, bem como materiais de construção nomeadamente, *tegullae*.

Descrição: A sepultura encontra-se num muro de divisão de propriedade de uma vinha. São nestes campos de vinha que se detectaram os materiais. Pensamos tratar-se da mesma estação da Quinta da Vila, mas tratar-se de edifícios em cota mais elevada.

Bibliografia: BORGES, 1999; SILVA, 1992. Ver desenho e descrição da sepultura na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

74 - Ribeira do Carrascal/Quinta da Pereira

Freguesia: Freixeda do Torrão Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Casal/necrópole Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.:550m Lat.: 40º55'24" Long.: 7º02'34"

Estampa LXXIV

Vestígios: Sepulturas e materiais cerâmicos medievais e alguma *tegulae*.

Descrição: Na margem direita da ribeira do Carrascal e entre esta e a Quinta do Pereira situa-se, no cimo de uma pequena elevação um núcleo de sepulturas escavadas nas fragas graníticas. O melhor acesso para o local é por Algodres.

Bibliografia: BORGES, 1997; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

75 - Patela

Freguesia: Mata de lobos — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* — Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 600m Lat.: 40º54'57" Long.: 6º52'20"

Estampa LXXIV

Vestígios: Concavidades numa rocha. *Tegulae, dolium,* cerâmica comum e *sigillata.*

Descrição: No lugar da Patela na zona da Coelheira, Michael Mathias e Júlio António Borges, em Agosto de 1993, tendo visitado o lagar escavado na rocha e encontrarm *tegula* à superfície. Trata-se de uma *villa* de planalto, com uma vista estratégica sobre o Águeda e com uma dispersão de materiais considerável.

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999: 98; MAIA, 1974/77[b]; SILVA, 1992.

76 – Barrocal/Santo Antão

Freguesia: Mata de Lobos — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole — Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 624m Lat.: 40º54'17" Long.: 6º53'42"

Estampa LXXVI

Vestígios: Capela e sepulturas escavadas na rocha.

Descrição: Capela cujo orago era Santo Antão e que hoje está transformada em palheiro. Com uma sepultura escavada na rocha, deviam existir mais, mas foram destruídas ou encontram-se por baixo das casas.

Bibliografia: BORGES, 1997: 102; BORGES, 1998: 18; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

77 - Capela de Santa Marinha/Cemitério

Freguesia: Mata de Lobos Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 616m Lat.: 40°54'34" Long.: 6°54'02"

Estampa LXXVII

Vestígios: Capela, estelas e lagareta.

Descrição: Foram feitas escavações na capela. Pedra de lagar, encontrada junto ao cemitério, hoje encontra-se junto à Junta de Freguesia, em completo abandono. Na parte interior da pedra, com cerca de um metro de diâmetro, há um rebordo concêntrico que está ligado a uma bica que dava saída ao líquido. Foram encontradas estelas de sepulturas, com desenhos variados, junto à Capela; hoje encontram-se na posse de particulares.

Bibliografia: BORGES, 1997: 102-104; BORGES, 1998: 19, 21; SILVA, 1992.

78 - Sanca

Freguesia: Mata de Lobos Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Povoado/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 700m Lat.: 40º54'17" Long.: 6º55'03"

Estampa LXXVIII

Vestígios: Antigo lagar, com sepulturas escavadas na rocha e materiais romanos num ponto plano mais elevado em relação às sepulturas de Sanca I, (duas sepulturas) e mais a baixo que as de Sanca II (sete sepulturas).

Descrição: Situa-se na margem direita da ribeira de Aguiar, junto a uma necrópole de sepulturas antropomórficas. Manuel Andrade Maia, citado por Júlio António Borges, afirma ter encontrado "...aquilo que nos parece ter sido um castro."

Bibliografia: BORGES, 1997: 108-109; BORGES, 1998: 14, 17; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

79 - Vale de Moinhos

Freguesia: Mata de Lobos Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 162 Alt.: 580 Lat.: 40º54'44" Long.: 6º52'00"

Estampa LXXIX

Vestígios: Sepulturas escavadas na rocha e materiais cerâmicos comuns romanos e alguma *tegulae*.

Descrição: Platô planáltico sobre o Águeda, hoje terreno de árvores de fruto, figueiras e oliveiras.

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

80 - Santa Marinha

Freguesia: Penha de Águia Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 660m Lat.: 40º52'28" Long.: 7º03'47"

Estampa LXXX

Vestígios: Foram recolhidas *tegulae*, cerâmicas comuns romanas alguns fragmentos de *sigillatae*, bem como, escórias.

Descrição: Vale de mais de 1 Km2 de dispersão de materiais. Hoje, esta área encontra-se, maioritariamente cultivada por oliveira, o resto é ocupado por vinha ou incultivado. A área da estação ocupa os dois lados da estrada Quintã de Pero Martins/Penha d'Águia, pouco a baixo das sepulturas para Este, atravessando a estrada e prolongando-se para Oeste até próximo da Quinta de Vilares. Quer pela área de dispersão de materiais quer pela qualidade dos mesmos, estamos em crer, estar na presença da maior *villa* da zona.

Inédita

81 - Santa Marinha

Freguesia: Penha de Águia Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa*/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 670m Lat.: 40°52'22" Long.: 7°03'45"

Estampa LXXXI

Vestígios: Foram detectadas 11 sepulturas escavadas na rocha e alicerces da antiga capela de Santa Marinha e algumas *tegulae*.

Descrição: Noutros tempos, segundo fontes orais, a aldeia de Penha de Águia situava-se mais a baixo, numa colina chamada "Santa Marinha " ou "Santo Marinho", cerca de um quilómetro para Sul da Quinta dos Vilares. Ainda há vestígios da capela, apenas com as paredes. Perto, estão onze túmulos antropomórficos, dois dos quais foram, posteriormente, adaptados para lagariças. Por aqui foram encontradas algumas *tegulae*.

Bibliografia: SILVA, 1992: 512. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

82 - Casa do Florindo

Freguesia: Penha de Águia Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 457m Lat.: 40°50'55" Long.: 7°06'10"

Estampa LXXXII

Vestígios: *Tegulae*.

Descrição: Junto da Faia do Guerra, na Freguesia de Penha de Águia. Fica na margem direita do Côa, sobre uma arriba que cai quase na vertical sobre o rio, e perto da Quinta da Póvoa. O terreno, extremamente declivoso, não permite qualquer tipo de agricultura. Apenas a pastorícia poderia ser a actividade

económica dos habitantes deste povoado, a menos que se dedicassem à lavagem das areias do rio Côa, recolhendo o ouro ou que explorassem as cassiterites que surgem em abundância nesta região.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 111; BORGES, 1999: 98; MAIA, 1974/77[b]: 210; SILVA, 1992.

83 - Quinta da Póvoa

Freguesia: Penha de Águia Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 500m Lat.: 40º51'31" Long.: 7º05'59"

Estampa LXXXIII

Vestígios: *Tegulae.*

Descrição: Localiza-se a 2Km. para Norte da Casa do Florindo. A 500m para Norte da Quinta da Póvoa, perto do rio Côa. A agricultura é aqui mais fácil de se realizar e é possível ter existido alguma actividade mineira.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 111; BORGES, 1999: 98-99; MAIA, 1974/77[b]: 211; SILVA, 1992.

84 - Farelos

Freguesia: Quintã de Pero Martins Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: ? Lat.: ? Long.: ?

Vestígios: Fragmentos cerâmicos.

Descrição: Segundo informação recolhida por Manuel Andrade Maia, num ponto situado a cerca de 7 Km. Para Norte de Quintã de Pero Martins e a 3 Km. Para Leste do Olival de S. Paulo, haveria grande número de fragmentos cerâmicos que não tivemos possibilidade de confirmar e localizar, por ninguém na aldeia conhecer o local exacto do sítio referido pelo arqueólogo.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 111; BORGES, 1999: 99; MAIA, 1974/77[b]: 211; SILVA, 1992.

85 - Telhões

Freguesia: Quintã de Pero Martins Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Villa* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 388m Lat.: 40°52'45" Long.: 7°06'35"

Estampa LXXXIV

Vestígios: *Tegulae*, cerâmica comum, *dolium*.

Descrição: Situada a 6 Km. para Oeste da povoação de Quintã de Pero Martins, a meia encosta de uma colina, no sopé da qual, na face oposta, corre o rio Côa. Acesso difícil. Fragmentos de cerâmica comum. Exploração mineira junto ao povoado, na base da colina, minas de cassiterite.

Alarcão situa este local na Freguesia de Azevo, com certeza uma falha de correcção, pois Figueira não tem nem nunca teve uma freguesia ou lugar com este nome.

Na base da colina do povoado mais precisamente nas águas do Côa recolhia-se o ouro de aluvião. Exploração mineira a cerca de 500 m., minas de cassiterite que presentemente, são apenas dois buracos cavados na rocha granítica, tendo a entrada completamente obstruída por mato e pedras. Desobstruída a entrada,

observa-se uma espécie de câmara de onde sai parte de uma galeria que se inclina a partir da entrada. A existência de cassiterite entre o entulho classifica a mina como sendo de estanho.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1997: 111; BORGES, 1999: 99; MAIA, 1974/77[b]: 211; SILVA, 1992.

86 - Olival de S. Paulo

Freguesia: Quintã de Pero Martins Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 300m Lat.: 40°52'56" Long.: 7°06'10"

Estampa LXXXV

Vestígios: Telhas de rebordo.

Descrição: Colinas e vales apertados, a cerca de 8 Km. para Noroeste da povoação de Quintã de Pero Martins, onde segundo informações dadas ao arqueólogo manuel Andrade Maia, existiria um grande número de telhas de rebordo. Tem mais aspecto de local de mineração do que de povoado, a atestá-lo a existência de galerias e os terrenos pouco dados à agricultura.

Bibliografia: ALARCÃO, 1988[b]: 56; BORGES, 1999: 99; MAIA, 1974/77[b]: 211; SILVA, 1992.

87 – Quinta de Vilar Tomé

Freguesia: Reigada Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 707m Lat.: 40°48'01" Long.: 6°53'48"

Estampa LXXXVI

Vestígios: Sepulturas escavadas na rocha, vestígios de uma capela e materiais medievais com alguma *tegulae*.

Descrição: Quinta que hoje se localiza junto a uma barragem e na qual encontram sepulturas escavadas na rocha atrás da antiga capela transformada em barracão de arrumos; existe um outro núcleo de sepulturas junto às casa de habitação.

Bibliografia: BORGES, 1997: 116; BORGES, 1999; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

88 - Chão da Torre

Freguesia: Reigada — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Casal/Torre — Cronologia: Romano/Moderno
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 650m Lat.: 40º48'30" Long.: 6º56'43"

Estampa LXXXVII

Vestígios: Cerâmicas comuns romanas e medievais e *tegulae*.

Descrição: Dentro da sede de freguesia e num quintal atrás da igreja.

Bibliografia: BORGES, 1997: 112; BORGES, 1999: 84; SILVA, 1992.

89 – Calçada de Vale Afonsinho

Freguesia: Vale Afonsinho — Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada — Cronologia: Romano/Medieval (?)

C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 480m Lat.: 40°54'42" Long.: 7°04'23"

Estampa LXXXVIII

Vestígios: Alguns troços de calçada em pedra pequena de granito.

Descrição: Troços de calçada em pedra pequena de granito que passam junto a duas fontes adossadas, hoje totalmente cobertas de silvas. Aparentemente uma calçada que não leva a lugar algum, no entanto, outrora serviría uma passagem do Côa de barca ou a vau para Cidadelhe.

Inédita.

90 – Fonte de Vale Afonsinho

Freguesia: Vale Afonsinho Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Fonte Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 161 Alt.: 499m Lat.: 40°54'39' Long.: 7°04'35"

Estampa LXXXIX

Vestígios: Duas fontes adossadas.

Descrição: Duas fontes adossadas, hoje completamente cobertas de silvas, no entanto a população continua a chamar a uma delas romana, deve ser uma fonte de mergulho medieval. Ficam situadas junto a uma calçada.

Inédita.

91 - Vale de Olmos

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Villa* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 670m Lat.: 40º49'53" Long.: 6º51'36"

Estampa XC

Vestígios: Fragmentos de cerâmica, moedas, duas colunas de calcário, as bases de colunas e materiais de construção apareceram quando se procedia à plantação da vinha.

Descrição: Freguesia de Vermiosa, de cuja povoação dista cerca de 1 Km. para leste, zona de vinhedos, conhecido como "Sítio das Vinhas", muito destruída e com materiais à superfície. Aquando da plantação das vinhas apareceram algumas moedas de bronze, entre as quais M.A.M. classificou uma como sendo de Vespasiano, bases de colunas de granito e de calcário branco, que não existe na região.

Bibliografia: BORGES, 1997: 116; BORGES, 1999: 100; MAIA, 1974/77[b]; SILVA, 1992.

92 - Vale de Olmos

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Villa*/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 670m Lat.: 40º49'32" Long.: 6º51'25"

Estampa XCI

Vestígios: Fragmentos de cerâmica, moedas, duas colunas de calcário, as bases de colunas e materiais de construção apareceram quando se procedia à plantação da vinha.

Seis fragmentos de cerâmica comum romana. Uma sepultura.

Descrição: Zona de olival e carrascos. Freguesia de Vermiosa, de cuja povoação dista cerca de 1Km. para leste, zona de vinhedos, conhecido como "Sítio das Vinhas", muito destruída e com materiais à superfície. Aquando da plantação das vinhas apareceram algumas moedas de bronze, entre as quais Manuel Andrade Maia classificou uma como sendo de Vaspasiano, bases de colunas de granito e de calcário branco, que não existe na região.

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999: 100; MAIA, 1974/77[b]; SILVA, 1992. Ver desenho e descrição da sepultura na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

93 - Raposeira

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa*/Necrópole Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 716m Lat.: 40°48'08" Long.: 6°54'17"

Estampa XCII

Vestígios: Sepulturas, materiais romanos e medievais numa extensão razoável, mas que estamos em crer que parte terá ficado submerso pela barragem.

Descrição: Sepulturas, materiais romanos e medievais numa extensão razoável, mas que estamos em crer que parte terá ficado submerso pela barragem. Esta estação estaria ligada com Quinta de Vilar Tomé antes da construção da barragem.

Bibliografia: BORGES, 1997: 116; SILVA, 1992. Ver desenhos e descrições das sepulturas na dissertação de Mestrado em Arqueologia de Isabel Alexandra Lopes a apresentar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

94 - Ponte da Vermiosa

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Ponte Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 640m Lat.: 40º49'50" Long.: 6º52'11"

Estampa XCIII

Vestígios: Ponte.

Descrição: Ponte sobre a ribeira de Aguiar, composta por três arcos. Sofreu várias alterações à sua traça original. Com um comprimento total de 20,70m e uma largura máxima de 3,35m, as guardas têm 0,22m de espessura, o arco Oeste mede 4m de vão e 1,70m de flecha, o arco central tem 5,60m de vão e 2,20m de flecha, o arco Leste tem 4m de vão e 1,90m de flecha. Apresenta um baixo relevo românico, reaproveitado, no seu aparelho.
A sua orientação é no sentido Oeste/Este e integrava-se na antiga via romana que seguia para Lumbrales. A este via, conhecida por "Via de Leste", vinha encontrar a "Via da Prata", oriunda da região das Astúrias e se dirigia para "*Hispalis*". Por ela era escoada a prata retirada das minas do Nordeste e conduzida para os portos do mediterrâneo, com destino a Roma.

Bibliografia: BORGES, 1997: 119; BORGES, 1999: 84, 99-100; MAIA, 1974/77[a]; SILVA, 1992.

95 - Ponte de Pedra/Veigas

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Ponte Cronologia: Romano
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 650m Lat.: 40º48'03" Long.: 6º51'48"

Estampa XCIV

Vestígios: Ponte em granito.

Descrição: Trata-se de um único arco em pedra de granito apoiada em dois penedos. Não apresenta tabuleiro nem guardas. Não serve para passar nenhuma ribeira, mas sim uma linha de água junto à ribeira de Aguiar, que neste local se chama rio Seco. Tratava-se de um caminho paralelo à dita ribeira.

Bibliografia:
BORGES, 1997; BORGES, 1999; SILVA, 1992.

96 – Calçada da Vermiosa

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 640m Lat.: 40º49'56" Long.: 6º51'30"

Estampa XCV

Vestígios: Restos de uma calçada.

Descrição: Calçada que vinha da ponte da Vermiosa, parte está hoje coberta pela estrada que liga a Escarigo e voltamos a encontrar troços dela paralela à dita estrada a norte da estação de Vale de Olmos.

Bibliografia:

97 - Fonte do Arco

Freguesia: Vermiosa Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Fonte Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 655m Lat.: 40º49'37" Long.: 6º52'33"

Estampa XCVI

Vestígios: Fonte.

Descrição: Fonte de mergulho em granito, junto à estrada e completamente alterada, foi coberta a cimento e tapada com portas de ferro.

Bibliografia: BORGES, 1997; SILVA, 1992.

98 - Quinta de Boais

Freguesia: Vilar de Amargo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: *Villa* Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 152 Alt.: 420m Lat.: 40º58'07" Long.: 6º58'07"

Estampa XCVII

Vestígios: Cerâmicas comuns romanas e *tegulae*.

Descrição: Perto da Quinta de Boais havia uma povoação dos mouros. Estes pensaram mudá-la para Castelo *Calabre*, situado perto da Senhora do Campo, em Almendra, fazendo lá uma cidade. Dizia-se que santo Apolinário a não deixou construir, pois o que eles construíam de dia, ele destruía-o de noite.

Bibliografia: BELCHIOR, 1988: 121.

99 - Rodo do Castelão

Freguesia: Vilar de Amargo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Povoado de altura Cronologia: Idade do Ferro/Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 450m Lat.: 40°56'08" Long.: 7°00'03"

Estampa XCVIII

Vestígios: Materiais castrejos e romanos e medievais.

Descrição: Grande afloramento granítico com vestígios de edificações: cortes na rocha e restos de muros. Notam-se ainda os emparcelamentos de terrenos de cultivo. Dois mil e quinhentos metros a Sudeste de Vilar de Amargo, localiza-se o "Rodo do Castelão", um maciço em granito alongado, formando, por vezes, patamares onde se podem observar nítidos vestígios de ocupação humana, que segundo uma fonte oral vem até época recente, tais como, cortes na rocha, restos de paredes, notando-se ainda muros divisórios de terrenos de cultivo, ocorrendo geralmente no sopé.

Bibliografia: BELCHIOR, 1988: 121.

100 - Fonte da Pereira

Freguesia: Vilar de Amargo Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: Fonte Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 151 Alt.: 590m Lat.: 40°56'31" Long.: 7°00'33"

Estampa XCIX

Vestígios: Fonte no lugar da Pereira.

Descrição: Fonte de mergulho, no lugar da Pereira em Vilar de Amargo, fica situada junto a um caminho.

Bibliografia: BORGES, 1997: 121; BORGES, 1999: 100; SILVA, 1992.

101 – Redregais/Espinheirinho

Freguesia: Vilar Torpim Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo

Tipo: *Villa* Cronologia: Romano

C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 655m Lat.: 40º49'14" Long.: 6º56'38"

Estampa C

Vestígios: Pedras aparelhadas, objectos de metal, um peso de tear, mós manuais e pedaços de cerâmica espalhados por uma grande área.
Tegulae, *imbrex* e um *pondus*.

Descrição: Situa-se a cerca de 3 Km. para sudoeste da povoação de Vilar Torpim e a igual distância para Nordeste da povoação de Reigada. Apesar de estar situada no planalto encontra-se inserida hoje numa zona de minifúndio, o que dificulta enormemente qualquer trabalho de escavação que aqui se pretende realizar. A área em que se localiza este povoado, é uma das mais ricas de todo o concelho do ponto de vista agrícola. Aqui cresce o trigo, a vinha e existem bons pastos que alimentam grandes rebanhos de gado ovino.
A plantação de uma vinha destruiu parte da construção. As peças encontradas durante a plantação da vinha estão na Museu de Pinhel: 2 bases e 1 fuste de coluna, cerâmicas comuns (*dolia*) T.S.H. (fragmento de uma taça 24/25 possivelmente da segunda metade do séc. II; peça da forma Drag. 18/31 de fabrico tardio e materiais de construção (*tegulae*).
Os materiais arqueológicos estendem-se numa área superior a 8 hectares. Este local é constituído por três colinas que formam um anfiteatro, aberto para Sul. Somente existem vestígios na base da colina virada a Leste, ou seja, no vale formado por esta elevação e pela que lhe é fronteira, na que se situa a Norte, ainda que dispersos, existem fragmentos de cerâmica quase até ao topo. Nesta colina encontrou M.A.M. um *pondus* de barro. A colina Oeste, como o vale, é a área onde os vestígios são mais abundantes e variados. Na vertente Oeste desta elevação encontrou alguns fragmentos dispersos de *tegulae* e *imbrex*.

Durante a prospecção Manuel Andrade Maia, recolheu peças líticas (uma base de coluna e algumas mós manuais) e cerâmicas (*dolia*, *sigillata* e urnas). As *sigillatae* foram classificadas pelo arqueólogo como sendo: dois fragmentos de uma peça Lamb. A6, possivelmente do séc. II, um fragmento de vaso hemisférico Drag. 37, que se pode datar de finais do séc. III, inícios do IV; uma peça de *sigillata* Clara C, forma 35 com uma cronologia da segunda metade do séc. III; duas peças de *sigillata* Clara D, ambas com uma cronologia dos finais do séc. IV, sendo possível identificar uma delas como pertencendo a um prato de forma 51 A.

Bibliografia: BORGES, 1997: 124; BORGES, 1999: 100-101; MAIA, 1974/77[b]; SILVA, 1992.

102 – Calçada de Pedregais

Freguesia: Vilar Torpim Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Calçada Cronologia: Romano/Medieval (?)
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 655m Lat.: 40º49'14" Long.: 6º56'29"

Estampa CI

Vestígios: Calçada com pedras pequenas de granito.

Descrição: Calçada com pedras pequenas de granito, que passa a noroeste da estação de Pedregais.

Bibliografia: BORGES, 1997: 124; BORGES, 1999; SILVA, 1992.

103 - Pontão do Lagar de Água

Freguesia: Vilar Torpim Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Ponte Cronologia: Romano/Medieval

C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 610m Lat.: 40°49'27" Long.: 6°57'30"

Estampa CII

Vestígios: Pontão com dois arcos.

Descrição: Pontão com dois arcos, que possivelmente teve origem no período romano sofrendo várias alterações ao longo dos tempos.

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999: 83-84; SILVA, 1992.

104 - Fonte de St.º António

Freguesia: Reigada Concelho: Figueira de Castelo Rodrigo
Tipo: Fonte Cronologia: Romano/Medieval
C.M.P. 1:25000: 172 Alt.: 635m Lat.: 40°49'36' Long.: 6°56'58"

Estampa CIII

Vestígios: Fonte de Santo António.

Descrição: Fonte de mergulho, dentro da aldeia de Vilar Torpim e junto ao caminho que leva a Pedregais.

Bibliografia: BORGES, 1997; BORGES, 1999: 101; SILVA, 1992.

4. Rede Viária

A zona que agora estudamos não fazia parte das rotas principais, traçadas pelos romanos. Não são conhecidas vias principais nos Itinerários descritos pelos autores da época[6], vestígios de calçadas típicas de grandes vias não são detectadas e marcos miliários não foram encontrados, até ao momento, para esta área.

O que nos resta para o estudo das vias de comunicação nesta zona do império, são os vestígios de calçadas, caminhos velhos ou caminhos dos mouros, topónimos relacionados com vias, pontes ou pontões, todos estes vestígios não são com certeza romanos, poderiam ter tido uma origem romana mas isso seria necessário aclarar com um estudo mais aprofundado destes traçados.

A estes vestígios juntamos os estudos mais ou menos credíveis sobre estes vestígios e sobre os itinerários que ligariam as capitais certas ou prováveis dos povos citados na inscrição do arco da ponte de Alcântara.

Apesar de termos presente que todos estes vestígios de calçada tiveram já grandes alterações ao longo dos tempos e como já referimos, provavelmente nenhuma terá chegado aos nossos dias inteiramente como os romanos as deixaram, usamo-las como objecto de estudo por serem os traçados mais antigos, pela sua implantação na paisagem, por passarem junto a povoados e os interligarem, pela proximidade de fontes e pelas passagens através de rios e ribeiras quer por pontes, barcas ou a vau. Neste estudo a toponímia foi imprecindível. Sabemos, no entanto, que calçadas como as que apresentamos por si só não poderão ser consideradas sinal de romanidade, quer pelo seu desgaste quer por falta de levantamentos de aparelho e escavações destas estruturas como nos referiu Carlos Alberto Ferreira de Almeida durante as maravilhosas aulas que nos deu e mais recentemente Vasco Gil Mantas volta a alertar-nos parta o facto do cuidado a ter com as atribuições cronológicas das estruturas, sem um estudo mais aprofundado das mesmas (MANTAS, 1996: 25-28).

---

[6] O Itinerário de Antonino ou os relatos de Ptolomeu.

Falar das vias de comunicação para esta zona na época romana sem falar na ponte de Alcântara, que fazia a ligação Mérida a Astorga, e na Via da Prata, que ligava Astorga a Sevilha, não faria sentido. Apesar de nenhuma delas se enquadrar neste espaço geográfico foram pontos chave das comunicações com esta zona do império.

Sobre esta inscrição da ponte de Alcântara já muito se falou, já muito se disse entre a comunidade científica[7]. Construída na cidade espanhola de Alcântara, sobre o rio Tejo, junto à fronteira actual de Portugal, foi construída no século I da nossa era, em território lusitano, da colónia romana de Norba Caesaris, nela participando onze povos lusitanos entre o Tejo e o Douro, como nos informa a inscrição nela inserida (CIL, II: 760).

Falamos, ainda, da ligação que nos interessa e que partindo desta grande via de comunicação, a Via da Prata, passava por Zamora e por Formoselhe e dirigia-se a *Calabria* e a Lamego ao longo do Douro (GARCÍA MORENO, 1997: 118)

Mário Saa na sua obra *As grandes vias da Lusitania*, para além de apontar a zona que estudamos como zona onde habitavam os *Colarnos*, refere-nos alguns possíveis traçados, fala-nos do Caminho dos Mouros (SAA, 1960: 319), do caminho que do Monte do Castelo a Marialva, descia a Castelo Melhor, passando o Côa na Quinta da Barca (SAA, 1960: 324).

Júlio António Borges fala-nos de quatro vias que atravessavam esta zona: Egitânia-Astorga; Variante à via Egitânia-Astorga; Via de Leste e Via Colimbriana (BORGES, 1999: 83-84).

Assim, iniciamos esta nossa apresentação dos traçados de vias e ou caminhos antigos com vestígios visíveis ou que deles nos dêem conta a informação escrita ou oral, [*Vide* Estampa CVI].

Começando pela zona mais a sul e porque é a que mais se aproxima da capital da província, Mérida Augusta, temos quatro entradas principais.

Uma que atravessa a vau a ribeira de Tourões, junto ao Pinhal da Sacristia, freguesia de Malpartida, concelho de Almeida, segue junto à dita

---

[7] Entre eles destacamos das nossas leituras Mário Saa (1960) e mais recentemente Jorge de Alarcão (1988ª, 1990).

ribeira, pela Tapada da Machada (67), São Simão (66), onde se detecta uma calçada denominada Calçada do Carrascal (64) com cerca de 200 a 300 metros de comprimento em relativo bom estado. Esta calçada foi coberta com areia e gravilha pela Junta de Freguesia de Escarigo, de forma a proteger a calçada e facilitar o acesso à capela de São Simão[8]. Após descermos, pela Calçada do Carrascal, de São Simão, entramos em Escarigo, onde esta via, tem um ramal que volta a atravessar a ribeira de Tourões ou a vau ou por uma ponte que tivesse existido. Dentro da freguesia, a via passava pelo Campo do Veloso (69), pela Tapada da Praça (63), atravessa a ribeira do Alinguel pela Ponte de Escarigo (68) e segue para Almofala e Mata de Lobos por um caminho paralelo ao Rio Seco que após a ponte Nova de Almofala adquire o nome de ribeira de Aguiar, nome que conservará até desaguar no Douro junto ao sopé Oeste do Monte do Castelo (13). Ao passar por Almofala, passa junto à Capela de São Sebastião, passando a Este das estações de Cabeço da Prata (24), Cabeço da Recta (25) e Torre de Almofala (27). De Almofala segue outro traçado que se dirige a Santo André (26), passando pela capela de Santa Bárbara. De Santo André, quem olha para as arribas do rio Águeda pensa que serão intransponíveis, mas o certo é que temos o topónimo Muros do Poço da Barca, Vau e a tradição oral ainda nos refere que durante a ditadura atravessavam pessoas e mercadorias por corda de um lado para o outro da fronteira materializada no rio Águeda. A partir da Fonte Santa um outro caminho circundando o Monte da Caldeireira por Este, dirige-se ao Colmeal das Olas (31), Cabeço do Milreiro (33), passando junto a um lagar escavado na rocha, que denominámos Vale das Louras (29) e seguindo para o povoado de Vale das Louras (30), com outro lagar escavado num bloco granítico, Vale das Louras (29). Esta via passava na zona denominada Marrotes, atravessava a ribeira do Colmeal a vau e seguia para Mata de Lobos.

Outra entrada neste território, por Sul, seria a que se fazia pelo caminho que passa junto à Fonte da Nave da Calçada, passa por Malpartida, continua pela Nave da Calçada, passando junto a Queimados, ainda na freguesia de

[8] Agradecemos as informações prestadas pela Junta de Freguesia de Escarigo, na pessoa do seu presidente, o Sr. Cândido Amável Monteiro Vieira, nomeadamente na cedência de fotografias dos trabalhos de cobertura da Calçada do Carrascal.

Malpartida, onde se detectaram dois lagares escavados na rocha, bem como uma necrópole de sepulturas também elas escavadas no granito. O caminho atravessa a ribeira das Alvercas, num ponto junto à Ponte de Pedra (95), na zona das Veigas, já freguesia de Vermiosa. Esta Ponte de Pedra de um só arco atravessa uma linha de água afluente da ribeira das Alvercas e assenta em dois penedos graníticos. A via dirige-se a Vermiosa; aqui, atravessa a ribeira das Alvercas que após a Ponte da Vermiosa (94), passa a denominar-se rio Seco. Desde a Ponte da Vermiosa e durante uns 500 metros é possível detectar vestígios de calçada (96) que circundam por Norte a estação de Vale de Olmos (91) e Vale de Olmos (92) dirigindo-se a Escarigo.

Outra entrada atravessaria a ribeira da Caldeira, passaria na Palumbeira (46), Fontanares (45), Barroco Sabugo (42), a Norte da capela de São Marcos da Palumbeira e seguia para Reigada. De Fontanares seguia outro caminho, para Cinco Vilas e mais precisamente para São Julião do Pereiro (48), seguindo também ele para Reigada, esta via na aldeia de Cinco Vilas é conhecida pelo nome de Estrada de França (47) e teria sido, pelo menos durante a idade média, muito usada pelos almocreves que vinham de Coimbra e pelos peregrinos que íam para Compostela (BORGES, 1997: 73; SILVA, 1992: 396), poderia também durante a época romana ter sido usada para ligações a cidades como *Aeminium* ou *Conimbriga*. Em Reigada, passava pelo Chão da Torre (88) e seguia para Pedregais (101), onde vestígios de calçada (102) são detectados a Este da estação arqueológica, seguindo depois para Vilar Torpim. Entre estes dois caminhos falta-nos fazer referência à via que liga Reigada à Vermiosa, passando pela Quinta de Vilar Tomé (87) e a Tapada da Raposeira (93), passando pela Fonte da Calçada, junto à ribeira da Devesa.

Outra via de acesso a este território e a que normalmente se atribui maior importância, chamada de "Via Imperial Guarda-Astorga" (BORGES, 1997: 73) é a que entrava pela Ponte Velha do Côa (43) ponte destruída em 1909 por uma grande cheia no rio Côa, é uma ponte medieval mas apresenta vestígios de ter uma origem anterior, seguia pela Calçada do Barrocal (44), zona de grandes afloramentos graníticos, onde, aqui e além, se podem ainda observar alguns troços de calçada. A natureza pedregosa do terreno, porém, não obriga

a uma construção típica, e ía por Vilar Torpim, onde atravessava a ribeira do Lagar de Água, pelo Pontão do Lagar de Água (103), seguía a Castelo Rodrigo (41), à zona do Cemitério (71) em Figueira de Castelo Rodrigo e continuava para Norte. Ainda da Ponte Velha do Côa (43), partia um caminho para Monforte (51), ainda há referências à calçada que seguia da única entrada do Castelo de Monforte para a Ponte Velha do Côa. O general João de Almeida afirma que o castelo de Monforte foi construído de modo a dominar a via que, para Leste, se dirigia a Lumbrales, localidade situada no trajecto para a Via da Prata e que uma calçada romana, partindo da única porta da fortaleza, seguindo na direcção do Bizarril, definem a ligação dela à estrada militar que vinha da Guarda, seguia para Castelo Rodrigo (citado por BORGES, 1997: 79).

Um outro percurso, possível de traçar, é o que passando na Patela (75), entra em Mata de Lobos, na capela de Santa Marinha (80), segue pelo Sul da Sanca (81), passa a ribeira de Aguiar, num pontão, e segue deixando a Quinta da Vila (72), à sua esquerda e a Fonte da Vila ou Barreira (73) à sua direita. Este traçado segue para o Convento de Santa Maria de Aguiar (39), Castelo Rodrigo (41), Fonte da Vila (40) na Quinta do Souto, passa a Norte da Marofa (38), segue para Sul e depois para Oeste, passando pelas sepulturas da Cova da Moura e de São Martinho (54), pelo Colmeal (53) e respectiva ribeira do Colmeal. Segue o caminho pela encosta Sul da Serra da Marofa, passando por Luzelos (49). Aqui, em Luzelos (49), encontramos um traçado Sul-Norte, que vindo de Milheiro Velho (55), onde seria fácil atravessar o Côa a vau, seguia para Norte, passando por Luzelos (49), seguindo para Penha de Águia e Santa Marinha (80) e Santa Marinha (81). De Santa Marinha partiam caminhos para a Casa do Florindo (82) e para a Quinta da Póvoa (83). Passando pelo Sul de Quintã de Pero Martins. De Santa Marinha partiam, ainda, caminhos para os Telhões (85) e para o Olival de São Paulo (86). Ainda de Santa Marinha, podemos traçar o caminho que segue ao longo das margens da ribeira do Carrasqueiro, passando a Oeste da Quinta da Pereira (74) e seguindo para Algodres, passando entre o Monte de Santa Bárbara (4) e a Fonte do Cabeço (2).

Na freguesia de Vale de Afonsinho, foi detectado um troço de calçada (89), passando junto a duas fontes (90), uma delas poderá ser de origem romana, que se encontram completamente tapadas por silvas. Estes troços pertenceriam a uma ligação entre a via que ligava Telhões (85), Santa Marinha (80), Fonte do Cabeço (2) e o Monte de Santa Bárbara (4), em Algodres.

Da *villa* no sítio do Cemitério (71), em Figueira de Castelo Rodrigo partiam três vias. Uma dirindo-se a Escalhão, passando a ribeira de Aguiar, na Ponte Velha de Escalhão (57), em ambas as margens existem ainda algumas dezenas de metros de calçada (58). Esta via passa em Escalhão, no chamado Castelo (62), e segue para Barca de Alva por uma calçada que ainda se encontram vestígios junto ao Gamão, daí se chamar neste local a Calçada do Gamão (61) e depois seguindo o traçado da actual Estrada Nacional n.º 221, que em parte a destruiu (BORGES, 1999: 83). Em Barca de Alva, passaria pela Quinta da Pedriça (59) e atravessaria a vau o rio Douro, passando já a Norte deste rio no povoado de Alva e seguindo pela Calçada de Alpajares dirigia-se a Freixo de Espada à Cinta. Sande Lemos, apenas refere o "Carril Mourisco" ou "Estrada Mourisca", mas fazendo-o passar o Douro no Povoado de Alva, pela Calçada de Alpajares, a alguns quilómetros do Monte do Castelo (13) (LEMOS, 1993: 157, 173-174). Outro dos caminhos que saía de Figueira de Castelo Rodrigo, passaria a vau ou por um pontão, a ribeira de Aguiar junto à Quinta da Veiga, passaria a Este da Quinta de Boais (98), junto ao Vale Tedão (56), passando também junto á Quinta da Pedriça (59). Neste caminho entre a Quinta de Boais e o Vale Tedão, seguia uma outra calçada, conhecida pelo Caminho dos Mouros (22) e que se dirigia a Aldeia Nova/Olival dos Telhões (12) e seguidamente ao Monte do Castelo (13), passando o Douro a vau. As passagens a vau, mais conhecidas nesta zona do Douro, que nos interessam para este estudo, são as junto à estação de Almendra, a 1500 m acima da estação, no Braço dos Leais (Quinta do Douro), óptimo vau que precede o de Barca de Alva, e este, defronte dos vestígios do povoado de Alva, na margem direita do rio Douro (SAA, 1960: 323). Ainda de Figueira de Castelo Rodrigo partia um caminho que passava a Noroeste do Rodo do Castelão (99), seguia a Vilar de Amargo, onde hoje apenas encontramos a Fonte do Pereira (100) e

seguia à Fonte da Torre (5). Da Quinta de Boais (98), vinha um caminho, que passava na Fonte da Torre (5). Da Fonte da Torre (5) seguia uma via para a Fonte do Cabeço (2) e outra que partia a Este da Fonte da Torre (5) seguia pela Quinta de São Lourenço (11), passava num troço de calçada (17) ainda há pouco tempo visível, mas que foi alcatroada recentemente, junto à sede de freguesia de Almendra. Este troço de calçada passa a Sul do Prado Grande (18). Do Prado Grande (18), segue um caminho, para o Monte do Castelo, conhecido pelo Caminho Velho (21), atravessando a ribeira de Aguiar, hoje numa ponte medieval (20), mas que poderia ter origens romanas, ponte que sofreu várias obras, entre as quais, a mais recente em 1967, quando alargaram o tabuleiro e fizeram as guardas da ponte. Por baixo de um tabuleiro coberto a alcatrão, deparamos com uma ponte medieval de dois arcos, com talha-mar triangular, de uma construção perfeita, com siglas e uma inscrição, numa pedra virada a montante. A ponte fica situada junto à capela de Nossa Senhora do Campo (8), passando na Tapada do Matos (19), em Aldeia Nova/Olival dos Telhões (12), Garrocho (9) e seguindo ao Monte do Castelo (13) e à Quinta da Olga (10), contorna a Canada do Armazém, passando junto ao Douro no único local onde, em certas alturas, é possível atravessá-lo a pé. Ainda hoje há memória de passar o Douro a pé ou a cavalo na zona da ilha[9].

Ainda saindo do Prado Grande (18), seguia uma calçada pela margem direita da ribeirinha, a Calçada da Ribeirinha (15), que se entroncava com a Calçada de Almendra (23) junto a um pontão nas Barrocas do Farto. Aqui, a caçada entroncava na margem direita da Ribeirinha, onde se situa a estação das Barrocas do Farto (16). Também a Fonte do Cabeço (2), tinha caminho que a ligava às Barrocas do Farto (16). Este local servia de ligação à passagem no Côa junto à Quinta da Barca[10], já na margem esquerda do rio e como o nome indica a passagem seria feita por barca, ou ponte de barcas, em direcção a Longroiva e à Meda. A outra ligação que partia do Prado Grande (18), seguia

[9] Agradecemos as valiosas informações da Dr.ª Maria Clara de Sousa Leite.

[10] Na Quinta da Barca, mais precisamente na elevação a norte da quinta foram detectadas duas sepulturas antropomórficas escavadas no xisto e no vale entre as sepulturas e a Quinta da Barca virado ao Côa uma estação romana com muito material cerâmico comum, incluíndo *dolium* e um peso de tear e *tegulae*. As sepulturas foram desenhadas e serão apresentadas na tese de mestrado de Isabel Alexandra Lopes a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

pela Quinta do Andrade (7), passava na Tapada da Penascosa (14), seguia pela Calçada da Penascosa (37), onde ainda se podem ver vestígios dela, passava a vau ou de barca, junto à Quinta de Santa Maria de Erva-Moira[11], já do lado esquerdo do rio Côa, em direcção a Longroiva e à Meda. Da Calçada da Penascosa seguia um ligação a Castelo Melhor (34) e seguia outra junto ao Côa, pelo Prado (35), no Orgal, e já na foz do rio Côa, voltamos a encontrar vestígios de calçada, aqui denominada Calçada do Côa (36) e que atravessaria este rio com direcção a Vila Nova de Foz Côa, Freixo de Numão e Numão.

Assim, como assinalámos, todos os troços de calçada referidos no catálogo e apresentados ao longo deste capítulo, apesar das dúvidas já referidas, bem como, todos os outros traçados são vias hipotéticas baseadas em dados como a toponímia, a localização de pontes, de fontes e de povoados. Topónimos como o Poio do Salto, Carril, Barca de Alva, Quinta da Barca, Vau, Passadeiro, Passagem do Cavaleiro foram de grande ajuda na determinação de alguns lugares de passagem no Côa e no Águeda. Se estes traçados hipotéticos, com um estudo mais aprofundado se tornarem reais, podemos dizer que, apesar de não existirem vias principais durante a Época Romana ou durante a Alta Idade Média, esta tratava-se de uma zona bem servida de vias secundárias com ligações entre povoados de altura e povoados de planície, entre povoados aglomerados e povoados unitários.

[11] Estação arqueológica intervencionada por Gonçalves Guimarães, que a classifica como uma *mutatio* com um taberna, construções dos inícios do século IV da nossa era, que estaria nas rotas entre civitas como *Aravoca* (Castro de São Jurjo- Meda), *Longogriga* (Longroiva) e *Caliábria* (Monte do Castelo, em Almendra). O autor considera ainda que durante o século V esta *mutatio* se transformou em *villa rustica*, e no século VI se construiu uma basílica. A presença de uma *tegula* com a marca de um *crismon*, leva o autor a suportar esta teoria. (GUIMARÃES, 1996: 263-265)

5. Povoamento

Foi a acção do Homem que fez a geografia do Alto Douro como nos refere Vergílio Taborda "...pode afirmar-se ter sido a vinha, o fabrico e comércio do vinho do Porto que fizeram o Alto Douro. Acima das diferenças que separam as populações de uma e de outra margem, e do que pode uni-las, por um lado às vizinhas do Alto Trás-os-Montes, por outro às da Beira, paira o vínculo desta forma especial de ocupação do solo e da solidariedade económica" (TABORDA, 1932: 5).

É através dos vestígios deixados pelo homem pretérito que se pretende dar um pequeno passo no conhecimento da acção por ele realizada sobre a paisagem.

5.1. Estruturas e tipologias de povoamento

Após os trabalhos de levantamento bibliográfico, de propecção não sistemática no terreno, a análise dos materiais encontrados à superfície e a cartografia dos locais inventariados, ficamos com primeiras impressões que foram a base para o critério de classificação dos sítos. Se os pressupostos são correctos embora sempre discutíveis, pois o ser humano é um interpretador e não existem dois iguais, já os resultados são muito discutíveis e ainda bem que o são. Assim, critérios como a área de dispersão de materiais, a quantidade e qualidade desses materiais, a existência de estruturas vísiveis, a implantação da estação, nomeadamente a sua proximidade a vias terrestres ou fluviais, a existência de água nas proximidades, a existência de minério, a qualidade dos solos a visibilidade entre povoados tudo foi equacionado para chegarmos a uma tipologia de sítios o mais fiável possível.

Um trabalho desta natureza acarreta problemas vários, nomeadamente a escassez de trabalhos arqueológicos, principalmente a nível de escavações em povoados da Idade do Ferro, da Época Romana e da Época Medieval; como tal, este trabalho baseou-se primeiramente em trabalhos bibliográficos. Como já foi referido, na sua introdução, os estudos elaborados são essencialmente de cariz

histórico e monográfico elaborado por historiadores e curiosos locais. Trabalhos realizados por arqueólogos para esta zona são proporcionais aos trabalhos de escavações, isto é, poucos.

A análise das cartas militares de 1:25.000 do Instituto Geográfico do Exército com os números: 141, 142, 151, 152, 161, 162, 171, 172 e das cartas geológias do Instituto Geológico de Portugal com os números: 15-A, 15-B, 15-C e 15-D bem como as suas folhas explicativas foram uma base essencial para este estudo e principalmente uma base de trabalho para a prospecção no terreno.

Incidimos, assim, os nossos trabalhos na prospecção do terreno que não foi sistemática, visto que limitá-mo-nos a visitar os locais referidos pela bibliografia e mais alguns que a população nos ia mencionando. Aliando este facto aos problemas levantados pela prospecção, como a visibilidade de materiais e estruturas, dependentes de condições naturais e antrópicas sobre os terrenos: a cobertura vegetal, o factor urbanístico, as actividades agrícolas ou simplesmente um trabalho menos atento por parte do arqueólogo que, como sugere Sónia Gutiérrez "...se tiende a sobrevalorar el material significativamente cronológico en detrimento del que no es." (GUTIÉRREZ LLORET, 1996: 221), pode alterar substancialmente a caracterização de um local. Referindo ainda os problemas de datação de um sítio quando o único material à superfície é *tegullae.* Sabendo que esta perdurou no tempo por toda a Alta Idade Média e segundo Carlos Alberto Brochado de Almeida na sua investigação sobre a Quinta do Paço Velho (Facha), alargará o período de fabrico e utlização da *tegullae* até ao final do séc. XIII (BROCHADO de ALMEIDA, 1996: vol.7, 322), a datação destes locais terá de ser confirmada com intervenções arqueológicas.

Como estruturas de povoamento resolvemos, após várias leituras que nos levavam a caracterizar locais com vestígios de povoamento como simples habitat ou povoados, o que pensámos tratar-se de uma definição muito redutora apesar de confortável, pois o grau de erro de classificação tornár-se-ia práticamente nulo, bem como a outras que nos levavam a uma divisão tão

extensa e pormonorizada que nos levaría a um grau de erro muito grande, a seguir um critério intermédio de que daremos conta de seguida.

Povoados de altura. Classificámos desta forma povoados de altura, com povoamento concentrado, construídos em lugares de difícil acesso e protegidos pelas próprias condições de natureza morfológica e topográfica ou com muralhas construídas, com ocupação de época proto-histórica, romana e medieval. Preferimos este termo por ser mais abrangente e menos redutora que *castrum* ou *castellum*. Também o facto de alguns locais, por destruição de vestígios devido ao estado actual de desenvolvimento urbanístico, pelas condições de revestimento vegetal ou por difícil caracterização dos materiais arqueológicos detectados, ser difícil de assegurar com fiabilidade as características económico-administrativas e a cronologia desses mesmos locais.

Estes aglomerados, que têm na sua maioria uma ocupação anterior ao período romano, nem todos foram ocupados durante a romanização e alguns apresentam continuidade de povoamento durante a Alta Idade Média, apresentando-se mesmo alguns povoados até aos nossos dias. Seriam locais, onde dependendo do tamanho e da posição geográfica teríam tido diferentes tipos de importâcia na sociedade. Normalmente, em elevações proeminentes de controle de vias terrestres e/ou fluviais, estes locais tinham a maior importância de controle de pessoas e bens. Podemos encontrar neles castelos, aldeias, *vici* ou *civitas*, dependendo dos factores antes mencionados.

Povoados de planície. Estes povoados foram caracterizados pela sua implantacão a meia encosta ou planície com povoamento concentrado. Apesar de os podermos classificar como *vici* ou aldeias, vamos falar mais dos *vici* pois apesar se para esta zona de estudo apenas termos classificados um sítio, como aldeia não nos atrevemos a classificar nenhum, por falta de dados mais concretos. Assim, *Vici*, foi atribuído a povoados de planície, com tamanho e conjunto de materiais suficientes para designar uma aldeia, isto é um conjunto significativo de estruturas de habitações e materiais em maior número que o que sería de supôr para uma *villa* mas de qualidade inferior ao desta. Por este motivo lhe chamamos *vicus* e não aldeia, parece-nos que o termo aldeia é normalmente atribuído a povoados aglomerados de mais fracos recursos

económicos e consequentemente sociais. Um *vicus* é normalmente caracterizado pela sua finalidade de prestação de serviços e situa-se normalmente perto de uma *civitas*. Pelo facto de atribuirmos esta classificação a povoados de planície, não quer dizer que não existam de altura e como referimos para o caso dos povoados de altura, mencionámos o facto de os poder haver com essa classificação. Jorge de Alarcão classifica-os de aglomerados urbanos de segundo nível, atribuíndo às aldeias a terceira ordem de posição dos povoados aglomerados (ALARCÃO, 1988: 91-92).

Villae. Atribuiu-se este termo a locais de povoamento disperso, onde a área dispersão de materiais era superior a 5.000 m^2, e as suas características apresentavam uma qualidade superior, característica de riqueza e prestígio. Podemos atribuir a designação *villa* quando nos aparecem termas, mosaicos, tijoleira, elementos de colunas, aras, cerâmicas de excelência. Estes elementos podem não surgir em conjunto e em prospecção é dificil de encontrar mais que cerâmicas importadas e com alguma sorte elementos de coluna. Como veremos quer o tamanho quer a riqueza das *villae* desta zona diferem muito das do sul do país e de outras zonas do império. Vemos a *villa* como uma unidade de produção agro-pastoril, com uma casa mais ou menos abastada do proprietário, *pars urbana*, anexos de alojamento de criados e escravos, *pars rustica*, locais com edificios ligados à produção (lagar, forno, forja...) e armazenamento (adega, estábulos, celeiros...) de produtos criados no espaço produtivo da *villa*, o *fundus*, composto normalmente por campos cultivados, pastos e bosques, o mesmo será dizer: *agri*, *saltus* ou *silva*.

Quanto à dimensão do *fundus* de cada *villa* ele pode variar. A área dos *fundi* numa região sem centuriação, pode ser muito variável, dependendo do rendimento das terras (ALARCÃO, 1980: 174). Os *fundi* das *villae* têm uma área entre os 250/300 hectares (GORGES, 1988: 92). Para a nossa área de estudo sería com toda a certeza menor talvez numa base mais semelhante à apresentada para a zona do Vale do Massueime, assim para o Vale do Massueime, os *fundi* das *villae* foram definidos com uma área de 100/200 hectares (PERESTRELO, 2000: 100).

O termo *villa* é normalmente associado ao que hoje se chama "quinta". Sobre este tema, já falaram, entre outros, Jorge Alarcão (ALARCÃO, 1988: 93) e Ricardo Teixeira sob outra perspectiva, comparando as *villae* romanas com as actuais quintas rurais do Douro, dedicadas também elas à agricultura: à vinha ou à produção animal (TEIXEIRA, 1998[b]: 85-97). Não me repugna o termo, e então para esta zona do país onde a quinta está tão enraizada, poderemos dizer que a Quinta do Douro tornou-se mais especializada, enquanto a *villa* era quase auto-suficiente em termos agrícolas.

Alberto Sampaio correlacionou o termo Quinta da medieval Quintã e ainda da romana *villa*, propondo o autor uma forma de agrimensura agrária para o termo Quintã (SAMPAIO, 1903: 62).

Ao lermos o recente trabalho de Natália Fauvrelle sobre as Quintas do Douro, parece-nos estar a caracterizar uma *villa* romana com pequenos ajustes funcionais e tecnológicos. Ao falar-nos da Quinta caracteriza-nos o *fundus* romano e a casa de habitação do proprietário, embora sem mosaicos e *sigillatae*, continua a ser quase sempre a maior construção da quinta (FAUVRELLE, 2001: 23).

Como refere Fermín Perez Losada a implantação das *villae* depende de factores como: "qualidade dos solos; terra cultivável, abundante e fértil; proximidade de vias de comunicação; a casa não se deveria localizar numa área próxima da estrada" (LOSADA, 1987: 98-99). E se há autores que fazem depender a existência mais acentuada de *villae* da proximidade de grandes cidades como Jean-Gérard Gorges que nos diz que: "As *villae* prodominam em regiões com forte urbanização e estão geralmente concentradas ao redor das cidades (GORGES, 1979: 87). Nesta zona do país as cidades, pelo menos criadas de raíz pelos romanos não são conhecidas pelas fontes escritas e os vestígios de romanização podem apontar para um cenário com duas *civitas* de pequenas dimensões e com origens indígenas, ora a opinião de Gorges teria, para esta zona, de sofrer pequenas alterações.

No entanto, admitimos com alguma segurança a veracidade da opinião de Philippe Leveau quando vê a emergência das *villae* "...como consequência da romanização dos campos com estruturas sólidas, bem definidas, não

perecíveis, com uma função agrícola bem definida e uma dimensão rasoável" (LEVEAU, 1983: 923).

Várias teorias têm sido lançadas, sobre o tipo de classificação a atribuir a cada um dos povoados baseando-se na caracterização tipológica de materiais que aparecem à superfície e na área de dispersão dos mesmos.

Se para o Sul do país a presença de mármores, *sigillatae* e principalmente de mosaicos são sinónimo de *villae* (ALARCÃO, 1980: 175; 1988: 118), para o Norte do país, e em especial para esta zona que estudamos, ficaríamos reduzidos a duas ou três *villae* e estas apenas com referências escritas ao aparecimento de mosaicos, que hoje não podemos confirmar no terreno a não ser através de escavações. Não podemos ver então, o critério da não presença de mosaicos como inibidor da presença de uma *villa*.

Casal. Caracterizado como uma unidade de exploração rural, intergrado num tipo de povoamento disperso, dependente da *villa* ou do *vicus*, a sua funcionalidade pode estar ligada a qualquer actividade agro-pastoril, normalmente o seu utilizador não habita no casal, pelo menos não permanentemente, ficando a morar lá ocasionalmente ou sazonalmente dependendo do ritmo funcional do casal ou das condições climáticas. Alarcão propõe este termo, para locais com uma dispersão de materiais inferior a 1.000 $m^{2,}$ ou seja, para a pequena propriedade rural (ALARCÃO, 1998: 94). Ainda segundo o mesmo autor, o facto da difícil percepção deste tipo de povoamento, trata-se da utilização de técnicas construtivas com materiais perecíveis como a madeira e o colmo (ALARCÃO, 1980: 176).

5.2. Povoamento Romano

Quando teriam chegado a esta zona da península características de romanização?

Para a época pré-histórica existem agora condições para se elaborarem estudos sobre o povoamento desta zona com a criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa, devido às descobertas das gravuras neste vale. Já a Idade do Ferro, é muito menos conhecida e como tal menos estudada.

Armando Coelho Ferreira da Silva, no seu trabalho sobre a Cultura Castreja no Noroeste de Portugal, não abrange a nossa área geográfica de estudo mas se extrapolarmos as conclusões do autor sobre a baixa frequência de castros na zona do planalto de Viseu e sobre as características do Vale do Douro mais precisamente, iremos conseguir uma caracterização aproximada do que se passaría nesta zona. Referindo-se às Terra Fria, Terra Quente e Douro transmontanas "...com condições favoráveis para a produção de determinadas culturas cerealíferas, designadamente o trigo, e para o desenvolvimento da actividade pecuária, e o vale do Douro mais desfavorecido relativamente a essas condições naturais mas optimizado do ponto de vista estratégico." (FERREIRA da SILVA, 1986: 25). Estamos em crer que o nosso espaço de estudo teve, também ele, essencialmente um caracter estratégico de controle de vias fluviais e terrestres e um carácter ritual muito assentuado.

Através dos levantamentos feitos pelo Centro Nacional de Arte Rupestre, e publicados até ao momento, podemos referir, para a margem direita do Côa, alguns locais de gravuras da Idade do Ferro: Quinta das Tulhas, Broeira, Canada da Moreira, Meijapão, Canada do Amendoal, Canada do Arrobão e Penascosa na freguesia de Castelo Melhor (BAPTISTA, 1999: 19) e Aldeia Nova/Olival dos Telhões (14), na freguesia de Almendra. Apesar de tantos vestígios de arte da Idade do Ferro, os locais de povoamento, são pouco conhecidos, talvez por falta de interesse do estudo desta época nesta região pelos investigadores que se dedicam a estudos neste período, pelo facto da geografia não ser propícia à criação de castros como acontece essencialmente no Norte do país e os povoados desta época, neste local, terem assumido

outras formas, com materiais mais perecíveis. Enfim, com materiais de Idade do Ferro encontrados na prospecção, por nós realizada, apenas quatro locais foram detectados: Monte do Castelo (13), Castelo (1), Rodo do Castelão (99) e Santo André (26), apesar de alguns autores atribuírem ocupação da Idade do Ferro a sítios como Monte de Santa Bárbara (4), Castelo Rodrigo (41), Marofa (38), Sanca (78), Monforte (51), Escarigo (BORGES, 1998: 15 ; SILVA, 1992) e Fumo, em Almendra (ALMEIDA, 1995: 26), necessitaremos da sua confirmação através da realização de sondagens arqueológicas.

Como principais locais de povoamento da Idade do Ferro, estamos em crer que seriam, o Monte do Castelo (13), Rodo do Castelão (99) e Santo André (26), quer pela posição estratégica que ocupam, quer pelos materiais aí encontrados. De salientar os dois berrões encontrados em Santo André (26), também chamados «verracos» que segundo Armando Coelho Ferreira da Silva eram "...utilizados para marcar pontos de referência visual na paisagem, assinalando os pastos dos vales e as fontes de água mais próximas, simbolizariam desta forma, relações com prosperidade e fecundidade" (FERREIRA da SILVA, 2001, 348). E se no Monte do Castelo (13) em Santo André (26) e no Rodo do Castelão (99), vamos encontrar vestígios de romanização, já no Castelo (1), não foram encontrados materiais de época romana, mas sim de época medieval.

Para nós, hoje, é-nos completamente impossível confirmar ou não as teses que apontam para todos os outros locais com ocupação da Idade do Ferro sem realização de sondagens arqueológicas como já referimos; não sendo visíveis quaisquer vestígios de estruturas ou materiais à superfície, fica-nos as opiniões mais ou menos seguras de alguns historiadores e a esperança que em breve se realizem trabalhos no sentido de esclarecer este problema.

Estes povoados encontram-se distribuídos ao longo do curso dos principais rios Côa, Águeda, Douro e da ribeira de Aguiar, confirmando a importância de controle da vias fluviais e estiveram na génese do fenómeno urbano romano como nos dá conta Álvarez-Sanchís "el fenómeno urbano de los *oppida* podría considerarse resultado directo de la intensificación del comercio a

raíz de la creciente necesidad de Roma de materias primas y mano de obra (ÁLVAREZ-SANCHÍS, 2001: 275).

A entrada dos romanos nesta zona da Península Ibérica não será datada com precisão, pois não temos informações escritas ou dados arqueológicos seguros para o fazer. No entanto, estamos em crer que durante meados do séc.II a.C., com os avanços significativos das tropas romanas na Beira Interior, até à pacificação definitiva do território na época de Augusto, isto se se poder falar de pacificação definitiva, esta zona foi sendo romanizada, mesmo que, não com ocupação efectiva de espaço geográfico, político, administrativo e religioso, mas através das ideias culturais, económicas e religiosas que foram preparando o caminho para a integração política e administrativa. Pensamos terem sido as características inovadoras a nível cultural e económico que seduziram os povos indígenas, mais que a força das armas. De facto, contra a força das armas podemos encontrar formas de combater, mas contra a força das ideias as armas são mais díficeis de obter resultados satisfatórios a curto e médio prazo.

Os romanos, nesta zona, conquistaram pelos seus conhecimentos de técnicas agrícolas, de construção de casas, de pontes, de estradas, pela língua que unificava todo o império. Conquistaram pela ciência, pois os povos indígenas não seriam muitos, nem muito poderosos a nível bélico, apesar das gravuras do Vale do Côa, nomeadamente na Rocha 3 da Vermelhosa, surgirem guerreiros com cinturões largos, dardos de arremesso e pequenos escudos circulares, que António Martinho Baptista vê mais como um carácter ritual ou mitológico, que uma característica acentuada das sociedades proto-históricas (BAPTISTA, 1999: 165). Esta sería, então, uma zona periférica, que na época romana se manteve assim, como uma zona menos rica e a consequência disso, são os povoados mais modestos, o que no nosso ver não significa uma área menos aculturada.

A zona tem poucos povoados de altura, tinha o Monte do Castelo que controlava o Douro até Barca de Alva, Santo André que controlava o Águeda, Monforte que controlava o Côa a Sul, talvez o Fumo que controlasse o Côa mais a Norte e a Marofa que controlava toda uma vasta área a Norte e a Sul de planalto. Não seriam com certeza locais suficientemente fortes para enfrentar

um exército romano. Nem os romanos teríam necessidade de gastar as energias dos seus soldados numa zona que não seria especialmente povoada e especialmente rica. A sua maior importância seria a posição estratégica de controle das vias fluviais, algumas minas de chumbo, cassiterite, alguns aluviões de ouro nas águas do Douro, e alguma prata e pirites. O caso do Monte do Castelo que controlava a actividade mineira[12] no Monte da Senhora do Castelo, em Urros, do lado norte do Douro.

Assim, parece-nos mais provável que tivessem subjugado os povoados de altura, mantendo ou fazendo pequenas derivações dos nomes dos *populi* indígenas do interior, mantendo estes nomes nas suas *civitates*[13]. Ao nível agrícola, se bem que os romanos vão encontrar algumas veigas férteis, durante a época anterior estas não teriam sido muito aproveitadas, tendo os seus habitantes dedicado-se preferencialmente à pastorícia.

Com a divisão da Península, em províncias, nos finais de século I a.C. por Otávio César Augusto, esta zona ficou dentro da província da Lusitânia.

Esta província teria a sua fronteira a Norte delimitada pelo rio Douro e a sua capital era a cidade de Mérida. Só em finais do século III da nossa era se consolida a divisão administrativa com a divisão das províncias em conventos, ou seja, em circunscrições judiciais (ALARCÃO, 1990: 383-384). Ficamos então a pertencer à província da Lusitânia e ao convento de Mérida.

Cada Convento estaria dividido por *populi*. Uma capital de *civitates* deveria funcionar como uma capital de *populi*, que poderia ter uma ou mais *civitates* a ela subordinada, principalmente por características específicas culturais, mas consequentemente por características e necessidades políticas e administrativas. Estas *civitates* poderiam ser criadas de raíz pelos romanos, ou então aproveitar, locais de importância estratégica com ocupação indígena.

Como já referimos para esta zona que estudamos não são conhecidas, pela literatura ou por vestígios arqueológicos, *civitates* de grande envergadura,

---

[12] Desde 2000 que se têm realizado sondagens neste local, dirigidas por Carla Martins e das quais já se deu a conhecer alguns dos resultados na sua comunicação "A exploração mineira de época romana na Castro de Sr.ª do Castelo, Urros", apresentada no Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro em Beja, 2001.

[13] Opinião já defendida por Jorge ALARCÃO, na *Nova História de Portugal*. Lisboa: Presença. 1990. Vol. I, 489.

com elementos arquitectónicos característicos de *civitates* como por exemplo Aquae Flaviae. Surgiu, no entanto, em 1997 na Torre de Almofala[14], uma ara com uma inscrição relativa à *civitas* dos Cobelcos. Diz a inscrição que é dedicada a Júpiter Óptimo Máximo pela cidade dos Cobelcos[15] (FRADE, 1998: 266). Sabendo, no entanto que estamos perante um templo romano, o que podemos concluir é que a *civitas* dos Cobelcos ofereceu a Júpiter aquela ara, agora onde ficava a *civitas* dos Cobelcos e se teria sido a capital de *civitates* ou qualquer outra *civitas* deste *populi* a ofertar a ara, isso continuaremos sem saber. Poderemos no entanto, conjecturar. Sabemos que o termo *Cobelci* é uma designação de um povo ídigena[16], um *cognomen* ou indicação de *origo*[17].

Não concordamos totalmente com Helena Frade, quando afirma: "Os cobelcos são, pois, o povo pré-romano que vivia na zona da Figueira de Castelo Rodrigo e que, na época romana, tinha o seu centro político-administrativo na colina onde se ergue a Torre de Almofala" (FRADE, 1998: n.º 266).

A primeira parte da afirmação, não nos causa grande perplexidade: Os Cobelcos são um povo pré-romano.

Quanto a habitarem a zona de Figueira de Castelo Rodrigo é provável que o tenham feito, com a inscrição votiva da Torre de Almofala, a inscrição funerária que se encontra em Barca de Alva (60) (CIL, II: 433; CURADO, 1985: 643-645 = Hep, 2: 793), ambas encontradas no actual concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, as outras duas referências a Cobelcos, conhecidas, uma encontra-se relativamente perto, em Marialva (CURADO, 1985: n.º46 = AE, 1985: 526) do outro lado do Côa, e a outra, embora mais longe

---

[14] Intervenção arqueológica que vem sendo desenvolvida pela Dr.ª Helena Frade, do Instituto Portugês do Património Arquitectónico da Região Centro e que sobre o resultado das mesmas pouco se tem sabido. Não se conhecem estudos sobre os materiais encontrados durante as intervenções.

[15] Leitura realizada pela arqueóloga responsável pelos trabalhos de escavação, que não nos parece duvidosa até porque a inscrição é de fácil leitura e não apresenta, quaisquer pontos de controvérsia.

[16] Conhecem-se até ao momento três testemunhos de *Cobelci*: Modestus, Ambati filius, na inscrição que se encontra hoje na parede frontal da capela de Santo Cristo, em Barca de Alva, freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Sobre esta ara ver mais informações na Ficha de Inventário N.º 63; em Marialva (Meda), o dedicante de uma ara votiva, cujo nome desapareceu, mas que é filho de *Flaccus*. Ver CURADO, 1985: n.º 46; em Mérida, *Martialis, Oclati filius*. Ver HEp 3, 95.

[17] Sobre este assunto ver Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 332, s. v. «Cobelcus».

geograficamente, encontra-se no mesmo espaço administrativo e judicial romano a que pertenceria a zona de Figueira de Castelo Rodrigo: na sua capital de província e capital de *conventus*: Mérida.

No que diz respeito ao facto de a colina onde se ergue a Torre de Almofala ter sido, na época romana, o centro político-administrativo dos *Cobelci*, parece-nos ser mais inverosímil, pelos aspectos que passaremos a enunciar:

1 - Os sítos com povoamento indígena mais acentuado, nesta zona, como já referimos são o Monte do Castelo, Marofa, Santo André, Rodo do Castelão, Castelo, Santa Bárbara, Monforte e possivelmente o Fumo.

2 - A Torre de Almofala parece-nos ter uma ocupação apenas a partir do séc. I d.C..

3 - Os vestígios detectados até ao momento, e apesar de não se conhecerem estudos sobre os materiais exumados nas campanhas de trabalhos arqueológicos, pela quantidade são escassos e pela qualidade são fracos. As estruturas, há excepção do *podium* do templo, são de fraca qualidade de aparelho construtivo, para uma possível sede de *civitas* construída de raíz, como nos quer fazer crer a autora.

O que temos, portanto, é um possível *vicus* rural com um templo romano, dedicado possivelmente a Juno ou a Júpiter e a quem a *civitas* dos Cobelcos, que pensamos ser em Santo André pelos motivos atrás citados, dedicou naquele templo uma ara a Júpiter.

Em definitivo, esta comarca teria sofrido um processo evolutivo mais lento que outras regiões situadas em áreas com melhores comunicações da Lusitânia. Indícios desse atraso e marginalidade serião, entre outros, a falta de testemunhos da presença de membros das ordens superiores da sociedade romana, senadores e cavaleiros. Tudo isto indica até que ponto a municipalização dos *populi* da região, por Vespasiano, teria sido mais teórica que real.

Que povos habitavam esta região? Serião uma única entidade étnica, politica e cultural, com uma ou mais civitas de um único *populi*, ou estaria

dividida em mais que uma *civitates* de *populi* diferentes com entidades étnicas, políticas e culturais diferentes?

Ao longo da história sobre esta zona, diversas teorías se elaboraram, delas fizemos um pequeno resumo, por ordem cronológica:

Em 1960, Mário Saa diz-nos: "Em Marialva, onde se bifurca de novo a via que vinha da ponte de Alcântara, ía uma por Longroiva e Vila Nova de Foz Côa, o ramo *interamniense*, enquanto o Colarno, propriamente dito, corta as águas do Côa e projecta-se no Douro onde foi a cidade ou «*oppidum*» *Colarnum.*" E continua: "O país dos Colarnos, velha comarca portuguesa de Riba-Côa, ficava compreendido entre o Côa, o Douro e o Águeda, que serve de fronteira a Portugal. Os Colarnos utilizavam a ponte de Alcântara para as suas ligações com Mérida. A mais notável cidade do cantão jazia numa alta montanha sobre o Douro, entre este rio e o Aguiar ou rio Seco, que delimita por Sudoeste e a separa de Castelo Melhor; e, na linha férrea do Douro, entre as estações ferroviárias de Castelo Melhor e Almendra" (SAA, 1960: 317).

Em 1974/77, Manuel Andrade Maia refere-nos o seguinte: a inscrição de Alcântara menciona um outro povo que se localizava na mesma área: os Interannienses, que segundo este autor significaria, um grupo que viveria entre rios, e assim nestes seus artigos do Arqueólogo Português este autor em 1974/77, chama aos seus trabalhos publicados no Arqueólogo Português "Vilas romanas do território *interanniense*" e "Vias romanas do território dos «interannienses»", sem nos explicar porque considera o seu espaço de estudo dentro do território dos *Interamnienses*, apenas referindo que do ponto de vista geográfico, "a região em causa constitui uma mesopotâmia limitada a Leste pelo rio Águeda, a Oeste pelo Côa e a Norte pelo Douro, de que aqueles são afluentes" (MAIA, 1974/77[a]: 216). Não nos refere a sua fronteira a sul, e para norte fica-nos a impressão que o seu trabalho excluiu freguesias como Algodres, Vilar de Amargo, Almendra e Castelo Melhor, freguesias que se incluem no espaço que ele descreve como pertencente ao território dos Interamnienses. Ainda em relação ao estudo este autor há a referir a divisão que faz de "*villas* de ladeiras" e "*villas* de planalto" (MAIA, 1974/77[b]: 209).

Em 1988 Fernando Curado observa que "o nome antigo do rio Côa seria *Cola* e não *Cuda*" (CURADO, 1988: 216).

Em 1993 Machado considera "Cola dos documentos medievais um falso latinismo" (MACHADO, 1993: voc. Côa).

Em 1998, Alarcão diz-nos que: "A norte, os *Lancienses Transcudani* confrontavam com *Aravi* e *Cobelci*, embora não possamos propor uma linha muito provável (ALARCÃO, 1998).

Em 1999 Júlio António Borges, diz-nos o seguinte: "Os Interannienses seriam os ancestrais dos povos que habitaram a região de Riba Côa. Cunhavam moeda e tinham leis próprias, mas pagavam um tributo ou renda, aos romanos. Apesar de o território interanniense estar incluído na Província Romana da Lusitânia, situada a Norte do rio Tejo, integrados no *Conventus Scalabitanus*, o seu povo não deve ter tido nenhuma ligação cultural com os lusitanos, antes pertencendo à área cultural dos Galaicos (Norte do Douro) ou, mais provavelmente, às dos Vetões (região de Salamanca) (BORGES, 1999: 77).

Em 2001 Alarcão afirma que "É também incerta a raia oriental, bem como a localização da capital desta civitas, capital que poderá corresponder à tutela do Parochiale Suévico" (ALARCÃO, 2001).

Em 2001 Alarcão discorda de Machado quanto a este considerar "Cola" um falso latinismo (ALARCÃO, 2001: 297).

Após este pequeno resumo bibliográfico, onde assistimos a um sem número de teorías sobre os povos que habitaríam esta zona, passaremos a apresentar uma outra, pensamos com mais alguns fundamentos, mas não verdade absoluta. Apenas, pensamos que com os conhecimentos sobre zona no estado em que se encontram, esta já merecia um estudo mais global. Apesar de amanhã podermos mudar de opinião, hoje é assim que vemos esta região na época romana.

O que nos parece é que esta área que estudamos sería durante a época romana uma unidade em termos políticos, com duas possíveis *civitates*: Monte do Castelo (13) com a possível denominação de *Civitas Caliabrisense* e Santo André (26) com a denominação de *Civitas Cobelcorum*, pertencentes a um único *populi* os *Cobelci*. Isto devido ao aparecimento de um cobelco em Barca

de Alva. Teria então Santo André na época romana mais importância administrativa que o Monte do Castelo. O porquê da sua alteração na época alto-medieval veremos nos capitulos 5.4. e 5.5..

Como verificámos se as *civitates* foram criadas a partir de povoados indígenas podemos afirmar que as inovações romanas a nível de povoamento foram a crição de *villae* e casais anexos. O povoamento rural sofreu um grande desenvolvimento e vamos encontrar *villae* espalhadas por toda a área de estudo. Com uma forte componente agrícola, situadas em terrenos férteis, junto a linhas de água este sistema de povoamento perdurou durante a Alta Idade Média e poderemos ainda encontrar semelhanças nas actuais quintas do Douro, como já referimos. Destacamos as *villae* de Santa Marinha (80), Telhões (85), Fonte da Vila (73), Vale de Olmos (91), Patela (75), Pedregais (101), Quinta da Pedriça (59), Fonte da Torre (5), Prado Grande (18), Tapada da Penascosa (14), Quinta de São Lourenço (11) e Aldeia Nova/Olival dos Telhões (12), como as maiores *villae* da zona.

Classificados como *povoados de altura*, que poderiam ser castelos, *vicus* e/ou *civitates*, atribuímos quinze sítios, nem todos com as mesmas características: 1- Castelo (castelo); 3 – Castelo (castelo); 4 – Santa Bárbara (*vicus*?); 13 - Monte do Castelo (*civitas*); 26 – Santo André (*civitas*); 34 – Castelo Melhor (*vicus*?/castelo); 38 – Marofa (*vicus*?); 41 – Castelo Rodrigo (*vicus*?/castelo); 46 – Palumbeira (castro/*vicus*)? 51 – Monforte (*vicus*?/castelo); 62 – Castelo (castelo); 65 – Fortaleza (castelo); 70 – Talegre Velho; 78 – Sanca (*vicus*?); 99 – Rodo do Castelão (*vicus*?/castelo).

Atribuímos ainda a classsificação de *vicus* a um povoado de planície, o n.º 27 – Torre de Almofala.

Atribuímos a classificação de *villa* a povoados como: 2 – Fonte do Cabeço; 5 – Fonte da Torre; 11 – Quinta de São Lourenço; 12 – Aldeia Nova/Olival dos Telhões; 14 – Tapada da Penascosa; 18 – Prado Grande; 35 – Prado/Orgal; 42 – São Marcos da palumbeira/Barroco Sabugo; 49 – Luzelos; 59 – Quinta da Pedriça; 66- São Simão; 71 – Cemitério; 73 – Fonte da Vila; 75 – Patela; 80 – Santa Marinha; 83 – Quinta da Póvoa; 85 – Telhões; 91 – Vale de Olmos; 98 – Quinta de Boais; 101 – Pedregais.

Atribuímos a classificação de casais a edificações unitárias, sejam anexos de *villae* ou *mansio* a sítios como: 6 – Cova da Moura; 7 – Quinta do Andrade; 8 – Senhora do Campo; 10 – Quinta da Olga; 16 – Barrocas do Farto; 24 – Cabeço da Prata; 25 – Cabeço da Recta; 30 – Vale das Louras; 31 – Colmeal das Olas; 33 – Cabeço do Milreiro; 39 – Santa Maria de Aguiar; 45 – Fontanares; 48 – São Julião do Pereiro; 52 – Senhora de Monforte; 53 – Colmeal; 55 – Barroca/Milheiro; 56 – Vale Tedão; 63 – Tapada da Praça; 67 – Tapada da Machada; 69 – Campo do Veloso; 74 – Ribeira do Carrascal; 76 – Barrocal/Santo Antão; 77 – Capela de Santa Marinha/Cemitério; 79 – Vale de Moinhos; 81 – Santa Marinha; 82 – Casa do Florindo; 84 – Farelos; 86 – Olival de São Paulo; 87 – Quinta de Vilar Tomé; 88 – Chão da Torre; 93 – Raposeira.

Locais com vestígios de calçada ou caminhos antigos detectámos os seguintes: 15 – Calçada da Ribeirinha; 17 – Calçada de Almendra; 21 – Caminho Velho; 22 – Caminho dos Mouros; 23 – Calçada de Almendra; 36 – Calçada do Côa; 37 – Calçada da Penascosa; 44 – Barrocal; 47 – Estrada de França; 58 – Calçada de Escalhão; 61 – Calçada do Gamão; 64 – Carrascal; 89 – Calçada de Vale Afonsinho; 96 – Calçada da Vermiosa; 102 – Calçada de Pedregais.

Foram inventariadas 7 pontes que poderão ter tido origens romanas: 20 – Ponte da Senhora do Campo; 43 – Ponte Velha do Côa; 57 – Ponte de Escalhão; 68 – Ponte de Escarigo; 94 – Ponte da Vermiosa; 95 – Ponte de Pedra/Veigas; 103 – Pontão do Lagar de Água.

Resolvemos ainda integrar neste inventário algumas fontes de mergulho: 2 – Fonte do Cabeço; 40 – Fonte da Vila/Quinta do Souto; 90 – Fonte de Vale Afonsinho; 97 – Fonte do Arco; 100 – Fonte da Pereira; 104 – Fonte de Santo António [*Vide* Estampa CV].

5.3. O caso de Aldeia Nova/Olival dos Telhões

O estudo desta estação arqueológica surge, no âmbito dos trabalhos propostos pelo grupo de medieval do, então recente formado, Grupo de Estudos da História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto (GEHVID). Este grupo de estudos sediado na Faculdade de Letras do Porto e financiado pela FNCT e pelo Instituto do Vinho do Porto (IVP), tinha como pricipais objectivos estudar a história da vinha e do vinho na região e, em particular, as rupturas e continuidades do povoamento do Alto Douro, com vista a realizar uma História do Douro Vinhateiro o mais completa possível. O GEHVID tinha, na altura, a presticiosa coordenação do Professor Doutor Gaspar Martins Pereira. É, assim, neste grupo de trabalho que se integra o Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo e que esteve na origem deste trabalho que agora apresentamos. Este projecto propunha-se a realizar um estudo do território envolvente do Monte do Castelo com vista à localização da cidade de *Caliábria*, sede do bispado visigótico e compreender a estrutura político-económica do território. Bem cedo começámos a sentir as dificuldades que este trabalho nos iria levantar, inicialmente em termos logísticos o que nos levou a iniciar os trabalhos não no Monte do Castelo, como estava previsto, mas em Aldeia Nova/Olival dos Telhões.

A estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões situa-se na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa. Quem segue a Estrada Municipal n.º 332, em direção à Estação de Caminhos de Ferro de Almendra, hoje desactivada, entre os quilómetros 4 e 3, encontra os vestígios do que foi um povoado da época romana. Dizemos um "povoado da época romana" pois, para quem visita o local pela primeira vez, é essa a conclusão a que chega. Quando em 1995, na companhia dos colegas Rosário Marques e Pedro Baére de Faria, nos deslocamos ao local, a prospecção revelou-nos abundância de materiais, quer de construção, quer cerâmicos (*sigillatae* tardias, *dolia*, cerâmica comum de pasta clara) de época romana e parte de um dormente de uma mó manual. Esta identificação é reforçada pelo achado de um fragmento de *opus signinum* e pela presença de um fuste granítico

recentemente desenterrado e levantado no mesmo local, ficando parcialmente enterrado. Registe-se ainda o facto de se terem encontrado escórias, o que vem confirmar a informação historiográfica de que aí teriam existido actividades metalúrgicas. Podemos ainda aperceber-nos de restos de estruturas de habitações nos cortes da estrada. Quando esta foi aberta, em inícios do século XX, destruiu parte significativa da estação arqueológica. Fala-se dos materiais que daí resultaram, "um punhal e outros objectos de ferro muito curiosos" (CABRAL, 1963: 20), mas não se sabe o paradeiro dos mesmos, certamente ficaram na posse dos trabalhadores que procediam às obras de abertura da estrada.

Este local apresenta-se morfologicamente como uma encosta suave a descer para uma linha de água, afluente da margem direita da ribeira de Aguiar. Esta linha de água que, hoje, apenas é perceptível no Inverno ou no Verão através de de uma mina. A estação encontra-se a cerca de um quilómetro a Oeste da ribeira de Aguiar e a cerca de um quilómetro e meio do Monte do Castelo. Estamos perante um local cuja rocha predominante é o xisto, hoje plantado de oliveiras. A rocha-base está quase à superfície na maior parte da área de estudo, não tendo por isso, e apesar da presença de água, um terreno abundante e fértil para a agricultura a não ser para o cereal, vinha, oliveira, amendoeira e figueira, produtos tipicamente mediterrânicos. Geralmente chove muito pouco e quando acontece é através de trovoadas, provocando grandes enchurradas e derramamentos de terras, devido à pouca arborização e ao tipo de solo. É um local abrigado de ventos, no Verão as temperaturas sobem quase aos 40^{oc} e no Inverno temos muito frio, mas um frio seco.

E foi assim que, após um trabalho de recolha bibliográfica e de prospecção (COSME, 1996), se iniciaram os trabalhos de sondagens arqueológicas, em Setembro de 1996, na estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões.

As referências a este local são um tanto confusas e talvez por isso a nossa indecisão inicial na denominação do local.

Em 1798, Viterbo ao referir-se à inscrição hoje encontrada na capela de Santo Cristo em Barca de Alva (60) diz-nos que foi encontrada: "Em Aldeia Nova, a uma légua de Castelo Melhor, já no termos de Almendra, na comarca de Riba Côa; hoje encontra-se na capela de Santo Cristo, naquele mesmo lugar, na esquina do lado direito, e da parte de fora" (FIDEL FITA, 1913: 178).

Pinho Leal, fala-nos de "um descampado que é tradição ter sido uma grande povoação, a 2,5 Km da foz do Aguiar e mesmo no ângulo que formam o Douro e o Águeda" (LEAL, 1874).

Em 1963, Dinis Cabral, faz-nos um ponto dos conhecimentos a respeito deste assunto, continuando a atribuir o aparecimento da inscrição numa capela de Santo Cristo, hoje complectamente destruída, no local de Aldeia Nova, situada num descampado a meia légua da foz da ribeira de Aguiar dizendo ainda o seguinte: "A poucos passos andados do sopé do Monte do Castelo Calabre, a caminho de Espanha, em vale pouco profundo, no lugar hoje denominado «Olival dos Telhões» (por ali haver bastantes tijolos e telhas de construções antigas), se situava a povoação de Aldeia Nova" (CABRAL, 1963: 20, nota 1).

Alarcão, fala-nos de Aldeia Nova, na freguesia de Castelo Melhor, no concelho de Vila Nova de Foz Côa. Numa capela dedicada ao Santo Cristo, a inscrição CIL, II: 433, depois transferida para outra capela da mesma invocação em Barca de Alva, freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo (ALARCÃO, 1988[b]: 54).

Também nós já referimos este problema da dupla toponímia para este local (COSME, 1996), no entanto, hoje chamar-lhe-íamos apenas Olival dos Telhões, nome pelo qual é conhecido pela população, até conhecermos o nome pelo qual era conhecido na época que estudamos. Pensamos que a Aldeia Nova, referida pelos autores acima citados, seria a Quinta da Pedriça em Barca de Alva onde há referências ao aparecimento de um tesouro monetário, fica próxima da capela de Santo Cristo onde hoje se encontra a incrição e perto do monte composto pelos pedregulhos tão referidos por todos os autores como sendo resultado da actividade mineira no local. Parece-nos, ainda, difícil que, se a inscrição tivesse aparecido na freguesia de Almendra, tivesse ido parar à

freguesia de Escalhão, depois, não há referências a nenhuma igreja de Santo Cristo em Almendra ou Castelo Melhor, nem escritas nem orais.

Por outro lado, há referências a uma Capela de Santa Maria de Aldeia Nova, mas a sua localização continua a ser desconhecida. Quanto a locais de enterramento na zona de Aldeia Nova/Olival dos Telhões, apenas existem referências ao Monte do Castelo e à Tapada do Matos e nem um nem outro têm as características apontadas pelos autores ao local em que se encontrou esta lápide sepulcral: não se encontram no ângulo que formam o Douro e o Águeda, nem a dois quilómetros e meio da foz da ribeira de Aguiar, nem se encontram próximos de "pedregulhais".

Quanto ao teor da inscrição ver o n.º 60 do catálogo e a estampa LX. Continuaremos, no entanto, a chamar ao Olival dos Telhões, Aldeia Nova/Olival dos Telhões, pois todos os materiais exumadas das intervenções arqueológicas, bem como, as fotografias e diapositivos têm a referência a Aldeia Nova.

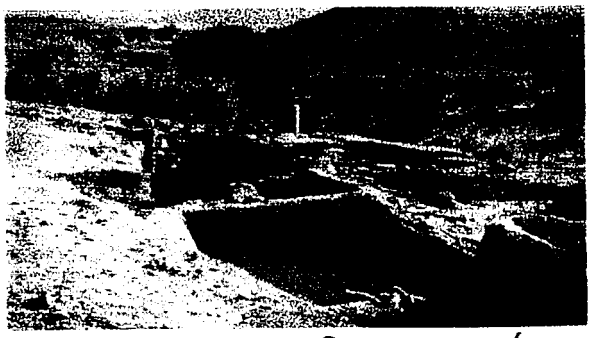
Foram realizadas sondagens arqueológicas durante vinte e duas semanas entre os anos de 1996 e 2001. Estes trabalhos tiveram a co-direcção, em 1996 de Maria do Rosário Marques e entre 1998 e 2001 de Carla Martins. Participaram ainda dos trabalhos, estudantes universitários de arqueologia e de outras áreas, portugueses e espanhóis e ainda jovens de Almendra, através do programa de Ocupação de Tempos Livres do Instituto Português da Juventude.

Iremos então apresentar uma síntese dos resultados destes trabalhos, apresentando a caracterização das estruturas encontradas, por zonas de escavação e que dividímos por Zona I e Zona II, apresentadas nos mapas em anexo, a caracterização dos materiais exumados e alguns estudos mais aprofundados a alguns deles nomeadamente às cerâmicas e aos metais e finalmente a conclusão destes estudos.

Caracterização das zonas de intervenção:

Zona I – Com uma área escavada de 170m^2, entre os paralelos 150420 e 150446 e os meridianos 94680 e 94695, [*Vide* Estampa CXIII].





Zona II – Com uma área escavada de 65m^2, entre os paralelos 150425 e 150434 e os meridianos 94652 e 94662, [*Vide* Estampa CXIV].

Na zona I, vamos encontrar um conjunto de muros com um aparelho em pedras de xisto, apresentando um deles um cunhal em granito. Estes muros têm aproximadamente 45cm de largura.

Estrutura U.E.8 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com apenas uma fiada de pedras sobre a rocha base, devido à sua cota quase à superfície o muro encontra-se bastante destruído, destruição essa provocada pelas sucessivas lavragens do terreno com arados e tractores. A sua largura é de cerca de 60cm. e o comprimento máximo é de 5m.

Estrutura U.E.11 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com 60cm. de largura por 10m. de comprimento, com um altura máxima de 1, 30m. Este muro está encostado ao U.E.11 e parece-nos serem contemporâneos. Está assente na rocha, [*Vide* Estampa CVII: Fig. 1].

Estrutura U.E.24 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com 45cm. de largura por 3,45m. de comprimento, apresenta um cunhal com duas pedras de granito e assenta na rocha. No seu lado interno virado a Oeste apresenta uma pequena estrutura integrada no muro, um pequeno muro com 45cm. de largura por 40cm. de comprimento e com uma altura de aproximadamente 50cm [*Vide* Estampa CVII: Fig. 2].

Estrutura U.E.25 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, adossado ao U.E.24, com 45cm. de largura por 1,40m. de comprimento, com uma altura máxima de cerca de 50cm. [*Vide* Estampa CVII: Fig. 3].

Estrutura U.E.27 – canalização, romana dos séculos III/IV, encostada à estrutura U.E.11, composta por três pedras de xisto. Esta canalização tem um comprimento de 3,20m., uma largura máxima de 20cm. e cerca de 20cm. de profundidade [*Vide* Estampa CVII: Fig. 5].

Estrutura U.E.29 – muro de xisto, romano dos séculos III/IV, com 45cm. de largura por 3,25m. de comprimento encostado à U.E.11., apresenta apenas uma a duas fiadas de pedras e assenta directamente sobre a rocha.

Estrutura U.E.44 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com 45cm. de largura por 6m. de comprimento, apresenta uma altura máxima de 80cm. e assenta na rocha [*Vide* Estampa CVII: Fig. 4].

Estrutura U.E.45 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com 45cm. de largura por 5,65m. de comprimento, apresenta uma altura máxima de 70cm. Este muro faz parte da mesma estrtura das U.Es. 24 e 44. Também ele assenta na rocha.

Estrutura U.E.72 – caixa da canalização, romano dos séculos III/IV, U.E.27, feita em *tegulae* com uma largura de 45cm. e um comprimento de 1m.. Esta estrutura não foi escavada no seu interior. Encosta também ela à U.E. 11.

Estrutura U.E.74 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com cerca de 5m. de comprimento a sua largura não é possível aferir com segurança na medida em que apenas temos a sua face interna, que encosta à rocha que foi cortada para a sua colocação, a fiada superior como se encontra a uma cota superficial foi afectada pelas lavras do terreno. Este muro encontra-se em perigo de derrocada junto à sua união à U.E.11 [*Vide* Estampa CVII: Fig. 6].

Estrutura U.E.78 – forno, alto-medieval dos séculos VI/VII, sobreposto ao derrube do telhado de *tegula* correspondente à edificação ou à área de edificação escavada. Este nível estava formado por uma superfície composta de cinzas, carvões e terras negras, produto da actividade metalúrgica, que estava claramente associada a um forno de redução ou fundição de mineral. Trata-se de um forno de estrutura semi-circular, constituída por lajes de xisto,

com um leito de placas de xisto, revestida a argila e grandes blocos de argamassa circular, escavado na terra. Uma parte desta estrutura, a conservada em planta, corresponde à área destruída na última fornada para extrair a massa composta pelos óxidos de ferro reduzidos. A outra parte, a integrada no corte, parece conservar-se em bom estado, devendo estar oculta a parte do forno em que entrava o ar através de um fole de couro [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 1 e Estampa CXV].

Estrutura U.E.90 – tanque I, romano dos séculos III/IV, com muros de xisto e tijolo revestidos a argamassa e com cerca de 0,40m. de largura. O tanque tem 0,75m. de largura, 2,15m. de comprimento e 0,70m. de profundidade (1,13m^3 ou 1130 litros). Encontra-se adossado à U.E.44. Este tanque apresenta uma depressão ao centro, para uma mais fácil recolha do produto armazenado [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 4].

Estrutura U.E.91 – tanque II, romano dos séculos III/IV, U.E.91, com muros de xisto e tijolo revestidos a argamassa e com cerca de 36cm. de largura. O tanque tem 1,80m. de largura, 3m. de comprimento e cerca de 50cm. de profundidade (1,98m.^{3} ou 1980 litros, pelo menos). Este tanque apresenta uma depressão junto à sua parede Norte, para uma mais fácil recolha do produto armazenado [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 3].

Estrutura U.E.98 – estrutura circular, romano dos séculos III/IV, forrada de argamassa côr de rosa igual à dos tanques acima referidos, tem um diâmetro de cerca de 1m e na parte mais preservada cerca de 20cm de altura, não deveria ter muito mais, no entanto, nunca o saberemos ao certo, pois todo o possível piso de ocupação foi destruído, esta é uma zona de grande declive e em alguns locais a rocha base está quase à superfície. Encontra-se na área compreendida entre as U.Es. 44 e 45 [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 2].

Estrutura U.E.136 – degrau forrado a reboco róseo, romano dos séculos III/IV, com 3,40m. de comprimento entre a saliência mencionada na estrutura U.E.24 e a estrutura U.E.137. Tem uma altura de cerca de 20cm..

Estrutura U.E.137 – muro em xisto, romano dos séculos III/IV, com 45cm. de largura por 1,45m. de comprimento, apresenta apenas uma a duas

fiadas com uma altura máxima de cerca de 30cm.. Está em conecção com as estruturas U.Es. 136 e 24 [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 5].

Na zona II, vamos encontrar um conjunto de muros com um aparelho em pedras de xisto, apresentando alguns seixos de granito, tanto no aparelho como na vala de construção de um deles. Estes muros têm aproximadamente 45cm de largura, embora apresentem características quer de aparelho quer de fundações completamente diversas das da zona I.

Estrutura U.E.138 – muro em xisto, alto-medieval dos séculos VI/VII, com face exterior virada a Sudeste, apresenta 8,25 de comprimento desde a pedra com perfuração para poste até à esquina de cunhal, deste ponto para nordoeste e até ao limite de escavaçãomede de comprimento 85cm., de largura tem cerca de 45cm., a sua altura máxima é de cerca de 50cm.; este muro apenas tem face virada a Sudeste pois para o seu interior apresentava uma pedas maiores mais saliente à largura média dos 45cm. Após outra campanha de escavações ficámos a perceber o motivo, é que, esta estrutura tinha outra interna com uma largura de 45cm., U.E.147, com face interna , encontrando-se entre estas duas estrutura pedra miúda de enchimento. Entre as faces externa da estrutura U.E.138 e a face interna da estrutura U.E.147 temos uma largura de 1,60m. Apesar do cunhal estar muito junto ao nosso limite de escavação, podemos dizer que o muro que se prolonga para Nordoeste deve ter uma largura de 1m.. Ambas as estruturas têm apenas uma a duas fiadas de pedras. Foi detectada a vala de construção da U.E.138, cujo enchimento era composto por pedras de xisto e alguns godos grandes de rio. Esta vala era cortada em terra e o muro assente também ele em terra, bem como a U.E.147 [*Vide* Estampa CIX: Fig. 1].

Estrutura U.E.139 – muro em xisto, alto-medieval dos séculos VI/VII, com 45cm. de largura por 4,80m. de comprimento, encosta à estrutura U.E.140, não sendo paralela a nenhuma das estruturas deta zona. Apresenta um cunhal, que o seu seguimento esse sim parece ser paralelo à continuação para Nordoeste da U.E.138.. Devido ao nosso limite de escavação apenas detectámos cerca de 1m. de comprimento desde o cunhal e para Nordoeste. Também esta estrutura tem apenas uma a duas fiadas de altura, não tendo

mais de 30cm. de altura máxima e também ele assenta em terra, não tendo sido detectada qualquer vala de fundação [*Vide* Estampa CIX: Fig. 2].

Estrutura U.E.140 – muro em xisto, alto-medieval dos séculos VI/VII, com cerca de 65cm de largura que liga desde a pedra de cunhal perfurada da U.E.138 para-Nordoeste, devido a encontrar-se quase à superfície e ao limite de escavação apenas detectámos cerca de 1m. de comprimento desta estrutura, como as anteriores também tem apenas uma fiada de pedras com altura máxima de cerca de 20cm. e também assentam em terra [*Vide* Estampa CIX: Fig. 3].

Estrutura U.E.141 – muro em xisto, alto-medieval dos séculos VI/VII, isolado dos restantes com cerca de 90cm. de largura por 1,20m. de comprimento e com uma altura máxima de 30cm., também ele assenta em terra. Esta estrutura pode não ser um muro, mas qualquer outra estrutura de apoio às construções anteriormente referidas [*Vide* Estampa CIX: Fig. 4].

Estrutura U.E.147 – muro em xisto, alto-medieval dos séculos VI/VII, referido na descrição da estrutura U.E.138, com 45cm de lagura, apresentando 1,40 de comprimento estando depois destruído, tem cerca de 30cm de altura máxima [*Vide* Estampa CIX: Fig. 5].

Materiais Exumados

Cerâmicas

- cerâmicas comuns de diversas, tipologias e funcionalidades: cerâmica cinzenta fina decorada com brunidos, panelas, potes e *dolia*, decorados com incisões e estampilhados, jarros trilobados e uma ânfora, possivelmente de fabrico local ou regional e com uma cronologia tardia. A maioria dos fragmentos são produto de uma cozedura oxidante [Estampa CX: Fig. 1; 4; 5; 6; 8; 9 e 11]. As pastas pretas ou cinzentas são uma percentagem mínima. Das quais destacamos um pote em cerâmica comum, com pasta muito grosseira e uma decoração no nível superior da pança com ondulados incisos dentro de uma banda de linhas incisas [*Vide* Estampa CX: Fig. 2] e uma panela de pasta cinzenta, com vestígios de ter ido ao fogo [*Vide* Estampa CX: Fig. 3].

- *Sigillatae* hispânicas [*Vide* Estampa CX: Fig. 10] das quais destacamos uma taça hispânica tardia decorada (Forma 37) séc.IV/V. Apresenta um friso em pontas de seta ou ângulos, para delimitar a zona decorada. Bezares é um dos centros produtores que frequentemente usa este tipo de decoração (GARABITO GOMEZ, 1978: 500). Esta peça apresenta ainda um grafito com um H e um E inclusos [*Vide* Estampa CX: Fig. 7].

Materiais de construção

- *tegulae* com marcas de oleiro e com marcas de pegadas de animais. *Tegulae* com marcas de oleiro [E B] [*Vide* Estampa CXI: Fig. 1].

Metais

- duas fíbulas com aro e secção circulares, com os extremos coroados por molduras anelares e com fusilhão de aro., são datadas de inícios do séc. I a.C. a finais do século IV. Tipologia Ponte B51.2a (PONTE, 2001: 71, 458-474), [*Vide* Estampa CXI: Fig. 6],
- panela ou pote em ferro com remento numa liga de cobre, [*Vide* Estampa CXI: Fig. 2],
- ganchos e argolas para suporte do pote sobre o fogo, as denominadas lares,
- pregos de várias formas, tamanhos e funcionalidades, [*Vide* Estampa CXI: Fig. 4 e Fig. 5],
- escórias,
- asa de sítula com as extremidades em forma de cabeça de serpente, apresenta uma altura de 3,5 cm. e uma largura de 7,5 cm. semelhante ao n.º 124 – 32641 do Catálgo do Musée des Antiquités Nacionales (TASSINARI, 1975: 55) [*Vide* Estampa CXI: Fig. 3].

Vidros

- Vidro, onde destacamos um bordo de uma jarra em vidro feito através de molde, de cor verde, apresentando restos de pintura.

O seu estado de conservação merece-nos alguns cuidados [*Vide* Estampa CXII: Fig. 6].

Numismas

- uma moeda cunhada entre 353-355 pelo imperador *Magnentius*, cujo centro emissor é Lyons [*Vide* Estampa CXII: Fig. 4 e Figura 5].
- duas moedas do século IV.
- Uma moeda, do séc. IV, com imagem feminina: Fausta, mulher de Constantino I, Filha de Maximinus e irmã de Magnentius, ao qual pertencia a primeira moeda encontrada nesta estação, como a moeda ainda não está completamente limpa ainda não foi possível ver o centro emissor. É em bolhão, SALVS REIPVBLICAE datada entre 324-327/326-328 e pode ler-se no Anv: FLAV MAX-FAVSTA AVG, com o busto à direita, no Rev: SALVS REI-PVBLICAE. Tem Salus em pé, de frente, olhando para a esquerda, cabeça velada, segurando duas crianças nos seus braços. O exergo não foi possível identificar. Tem um Peso: 2.71 gr; Módulo: eixo vertical (18.87 mm); eixo horizontal (19.13 mm); Eixo: 6. (RIC: VII), [*Vide* Estampa CXII: Fig. 7].
- A outra moeda com figura masculina radiada à direita é de Galianus Augustus (253-268), apresentando um veado no reverso. É em bolhão; Galieno; 253-268 e apresenta a seguinte leitura: Anv: (GALIENVS)-AVG; Cabeça radiada à direita; Rev: DIANAE CONS (AVG); Veado à esquerda; Exergo: Γ com um Peso: 2.92 gr; Módulo: eixo vertical (18.34 mm); eixo horizontal (19.37 mm); Eixo: 12 (Cohen, V, n.º 165, p. 363)[18].

Líticos

- três fragmentos de fuste de coluna, um capitel [*Vide* Estampa CXII: Fig. 3], uma pedra de granito de soleira de porta [*Vide* Estampa CXII: Fig. 2], com

[18] Agradecemos ao Filipe Teixeira a leitura destas duas moedas.

cerca de 1,80m. de comprido por cerca de 45cm de largura e entre 30 a 40cm. de altura, várias mós [*Vide* Estampa CXII: Fig. 1] e fragmentos de mós,

Madeiras

- fragmentos de troncos de madeira carbonizados

Ossos

- um alfinete de cabeça, um cabo de objecto perfurado, e mutos fragmentos de ossos de animais.

Caracterização das estruturas

Forno, [*Vide* Estampa CVIII: Fig. 1 e Estampa CXV]

Foi detectado um nível de ocupação industrial, um forno, sobreposto ao derrube do telhado de *tegula* correspondente à edificação ou à área de edificação escavada. Este nível estava formado por uma superfície composta de cinzas, carvões e terras negras, produto da actividade metalúrgica, que estava claramente associada a um forno de redução ou fundição de mineral.

Este forno tem características similares à maior parte dos achados no NW da Península Ibérica, particularmente os encontrados no Norte de Portugal, Zamora e Astúrias. Trata-se de um forno circular, escavado na terra, cujas paredes foram realizadas com argilas refractárias, claramente rubefactárias pela actividade industrial. Uma parte desta estrutura, a conservada em planta, corresponde à área destruída na última fornada para extrair a massa composta pelos óxidos de ferro reduzidos, toda vez que o seu arrefecimento produziria uma inversão do processo de redução e, portanto, um ferro rígido e pouco amoldável. A outra parte, a integrada no corte, parece conservar-se em bom estado, devendo estar oculta a parte do forno em que entrava o ar através de um fole de couro.

As escórias localizadas correspondem a todos os tipos que se conhecem noutras estações com produção de ferro, havendo, assim, escórias de cordão, escórias ferrosas de interior de forno, escórias de fundo de forno, etc.. Do

mesmo modo, convém indicar que parece lógico um aproveitamento de outros metais associados às minerações da zona como o estanho, cobre ou de metais nobres, como o ouro e a prata, associados aos chamados " chapéus de ferro", pois algumas das escórias encontradas parecem poder relacionar-se com a transformação de minerais não férricos.

De acordo com as características identificadas noutras estações relacionados com a produção de ferro, é previsível o aparecimento, numa área próxima ao forno, de outras estruturas metalúrgicas, como fornos de aquecimento dos metais, depósitos de minério, combustível, fundentes e materiais de construção para os fornos; fossas para a lavagem do mineral, áreas de moagem do mineral com moinhos de mão ou pisões, etc..

Assim mesmo, parece lógico pensar na presença próxima, da estrutura de uma oficina de ferro. Seria necessário, para a interpretação e compreensão destas estruturas, a escavação em área da zona, o que até ao momento ainda não se realizou, assim como a realização de análises das escórias e minério, tanto da composição mineralógica, como química, seja esta por difracção de raios X ou por fluorescência de raios X. Seria, igualmente, interessante realizar uma análise metalográfica dos objectos localizados, com o objectivo de relacioná-los ou não, com o nível de ocupação industrial referido, e de, identificar a técnica de produção de acordo com as suas características técnicas. Algumas destas análises foram realizadas para a elaboração de um trabalho conjunto com Carla Martins, apresentado ao III Congresso de Arqueologia Peninsular (COSME, 2001) e que aqui destacamos as principais conclusões.

Se bem que neste momento é difícil estabelecer, com a pouca extensão de terreno escavado, uma datação exacta para este nível de ocupação industrial, há que considerar o interesse que pressupõe a existência, em outras partes da Europa, de uma metalurgia realizada, durante os séculos VI e VII, sobre níveis de ocupação tardo-romanos, seja em *vilae* ou em *civitae*, como é este nosso exemplo que se encontra sobre o derrube do telhado da construção do séc.III/IV.

O material estudado é resultante do espólio recolhido nas campanhas de sondagens arqueológicas desde 1996 a 1999. Este estudo apoiou-se em análises de pregos encontrados num derrube de um telhado de *tegulae*, tardo romano.

Este derrube era constituído por *tegulae* praticamente inteiras, surge-nos sob dois derrubes de pedras, a que estavam associados fragmentos de madeira, possivelmente pertencentes ao travejamento do telhado, bem como uma panóplia de pregos.

De salientar a existência singular de uma *tegula* com uma perfuração circular, que outrora teria ostentado um prego que a sustentasse.

Para identificar a caracterização química das peças em questão - pregos e escórias, encontradas na área de escavação (sensivelmente 5-8 Kg.), procedeu-se a uma técnica analítica - Microscopia Electrónica de Varrimento, SEMIEDS. Este processo, efectuado no CEMUP, permite-nos quantificar as amostras permitindo-nos problematizar certas questões quanto à origem do minério de ferro e quanto ao método de fabrico.

Se tivermos em conta os contactos comerciais da época, e o grande interesse na exploração de minério, como uma importante base económica, poderemos pressupor que o minério de Fe utilizado em Olival dos Telhões será proveniente da região de Moncorvo, dado que a caracterização química das suas escórias é idêntica às nossas. De estranhar no entanto, a ausência de óxidos de manganês e magnésio.

A elevada percentagem de Fe nas nossas escórias, superior às de Nogueirinha (Carviçais), Stª Bárbara I (Felgar) e S. Pedro (Mós) (CUSTÓDIO, 1984: 42), é então denunciadora de uma técnica de obtenção de Fe metálico bastante rudimentar.

De facto, tendo em conta que os fornos de antigamente não ultrapassavam os 1200/1300º C, resulta que o ferro não fundia (1530º C), mantendo-se altas percentagens de sílica e silicatos (CAVALHEIRO, 1989: 132).

Porém, se analisarmos os resultados das análises dos pregos, verificamos que a percentagem de Fe é demasiado elevada e a da sílica muito baixa, estando perante um ferro puro.

Se o processo de obtenção do Fe metálico não nos permite obter tais teores, resta concluir que tal resulta do processo de transformação do Fe metálico através do forjamento (CAVALHEIRO, 1989: 132).

É certo que através do forjamento a elevadas temperaturas se obtém um ferro puro. Este terá então propriedades mais maleáveis, permitindo um melhor trabalho do mesmo.

De extrema importância para este estudo, foi o facto de ter aparecido uma estrutura semi-circular constituída por lajes de xisto, com um leito de placas de xisto, revestida a argila e grandes blocos de argamassa. Associada a esta estrutura apareceu uma grande quantidade de cinzas e uma observação macroscópia revela que a argila foi sujeita a elevadas temperaturas.

Descrições semelhantes, nomeadamente numa propriedade do Carvalhal, Moncorvo (CUSTÓDIO, 1984: 30), são comuns, retratando um determinado tipo de fornos romanos.

Assim sendo, estamos perante uma pequena oficina metalúrgica de ferro de carácter artesanal, com um trabalho do ferro extremamente peculiar tendo em conta os resultados das análises e a quantidade de objectos em ferro. A ausência de escórias associadas a este forno poderá ser resultante da grande mobilidade destes fornos e de um possível reaproveitamento das escórias esfriadas para uma nova fusão. Do derrube de um telhado, para além de *tegulae* praticamente inteiras, foram detectados 32 pregos e pedaços de madeira do travejamento em relativo bom estado de conservação.

Lagar [*Vide* Estampa CV]

Na campanha de escavação de Agosto de 1999, resolvemos alargar a escavação para Sul. Até ao eixo X-246.30, continuando a escavação entre os eixos X-342.30 ao X-244 iniciada no ano anterior. Após a camada de terras de revolvimento, causada pelo arado, com cerca de 10 a 15cm de expessura, surge um primeiro derrube composto de pedras de xisto pequenas, que depois da sua remoção fez surgir uma argamassa côr de rosa junto ao ao muro (UE-

44), esta argamassa revestia o que se viria a revelar dois tanques de armazenamento de produtos líquidos, com toda a certeza vinho.

As terras que se encontravam dentro dos tanques eram castanhas amareladas com pedra e *tegulae*, dentro da UE-90, as terras foram retiradas com o n.º de UE-92 e dentro da UE-91 encontra-se a UE-93. Nestas unidades destaca-se como material mais significativo um badalo com respectivo guizo.

Na parte de fora dos tanques várias camadas de derrube, após a UE-85, derrube de pedra miúdas, a UE-94 a UE-103 a UE-104 a UE-103, é um derrube de *tegulae*, e UE-104 uma camada de derrube de pedras e *tegulae*, envolto e assente em terra cinzenta. Destes derrubes destacamos um movente, um dormente, um fragmento de fuste e um capitel toscano em granito. Após estes derrubes uma camada de terra amarela compacta um possível piso, UE-107.

Dentro da parte interior do muro UE-44 e após o derrube de pedra miúda UE-86, uma outra camada de derrube UE-96 sob a qual foi detectada uma estrutura circular. A esta estrutura foi atribuída a UE-98. É forrada de argamassa côr de rosa igual à dos tanques acima referidos, tem um diâmetro de cerca de 1m e na parte mais preservada cerca de 20cm de altura, não deveria ter muito mais, no entanto, nunca o saberemos ao certo, pois todo o possível piso de ocupação foi destruído, esta é uma zona de grande declive e em alguns locais a rocha base está quase à superfície.

Para tentarmos compreender este espaço, e já que não queríamos arrancar a oliveira que não nos deixava ver a forma completa do tanque II, resolvemos alargar a sondagem para sul entre os eixos. Este alargamento resultou infrutífero, visto que, sob a camada de revolvimento UE-102 encontrava-se um derrube de pedra miúda, UE-106, e sob ele a rocha base.

Realizámos um outro alargamento, este para norte. Nesta área, delimitou-se o muro, UE-29, que já havia sido detectado em 1998. Assim, e após a camada de revolvimento UE-84, um derrube de pedras, UE-88, e sob este uma camada não uniforme acinzentada, com alguns carvões e pedra miúda, sobre uma terra amarela compacta, sob esta, a rocha base onde assenta o muro UE-29. Na UE-88 destacamos uma pedra de xisto com gravuras da Idade de Ferro, talvez pertencente a um painel maior mas que deveria ter

sido reaproveitada para a construção dos muros. Esta pedra vai ser disponibilizada aos especialistas do Centro de Arte Rupestre do PAVC, para um estudo mais pormonorizado.

Após esta descrição física das estruturas e estratigrafia passamos à sua caracterização funcional. As descobertas deste ano, vieram confirmar as nossas idéias anteriores de que estamos a intervir na *pars frutuária* do povoado.

Pensamos poder afirmar com alguma segurança estar perante um lagar de vinho de características tipicamente mediterrânicas, com duas áreas de tanques impermeabilizados com argamassa e com escoadores destinados a facilitar a recolha do líquido, com uma capacidade de pelo menos 3 mil litros, visto ainda não conhecermos a capacidade total do tanque II. A estrutura circular trata-se de um equipamento associado que ainda não conseguimos detectar a sua funcionalidade, mas que podería ser um primeiro recepiente, antes da passagem do líquido para os tanques maiores. Não encontrámos ainda a zona da pisagem da uva. Um lagar semelhante apareceu na *villa* de Freiria, que os arqueólogos responsáveis pela intervenção classificam como se fosse de azeite (CARDOSO, 1999: 391-401). Ora para ser um lagar de azeite necessitaria de condutas de água, pois um lagar de azeite sem água não funciona. Para além deste exemplo, por todo o Mediterrâneo, encontramos paralelos para esta nossa estrutura, ver o nosso trabalho apresentado ao II Simpósio Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho – A vinha e o vinho na Cultura da Europa (COSME: 2001[b]).

Quanto a recipientes de armazenamento, e apesar do material cerâmico, desta campanha ainda não estar estudado, o dos anos transatos mostram-nos várias formas de *dolia*. As ânforas são objectos raros nas várias escavações realizadas nesta zona. Surgiu-nos uma tipologia de ânfora tardia e talvez de produção local. O facto desta ausência de ânforas pode ter três explicações: a falta de escavações de lagares de vinho romanos; a ausência de comércio de vinho com esta zona do império; a existência de uva e de lagares suficientes na zona que não justificassem esse comércio.

O facto de a rocha base aqui, ser o xisto, pode ser a causa para a construção deste tipo de lagares e assim se justificar a quase ausência de

lagares escavados na rocha, o que não era sinónimo da falta de produção vínica da região.

De qualquer forma, o certo é que, o interior Norte do país tem essencialmente falta de conhecimentos arqueológicos para podermos realizar um estudo mais aprofundado sobre a vitivinicultura da região durante a antiguidade tardia. Escavações arqueológicas rareiam, os lagares que se conhecem são essencialmente de prospecção, a maioria dos ditos lagares romanos escavados na rocha, não são romanos e na maioria dos casos não são realizadas escavações junto dos mesmos, limitando-se a limpezas das lagaretas para fotografia e ou desenho, sendo, assim, ainda difícil podermos esclarecer dúvidas.

A verdade é que neste povoado se produzia vinho, e numa quantidade significativa, durante a antiguidade tardia. Pretendemos realizar agora uma maior intensificação da prospecção na região e começar a tentar estabelecer territórios de produção da vinha.

Estudo de cerâmicas

Foi realizado um estudo do espólio cerâmico baseado, principalmente, num estudo de formas, cor e textura das pastas, visto não ter sido possível um estudo mais profundo ao nível de análises de pastas (COSME, 2000: 159-170). A datação é baseada fundamentalmente em paralelos formais de materiais arqueológicos conhecidos.

Foram distinguidos grandes grupos tecnológicos, resultado de observações macroscópicas, forma das peças e seus acabamentos. Na observação macroscópica valorizou-se a textura da pasta, a dureza, características e distribuição dos elementos não plásticos, cor e aspecto das superfícies e dos cernes. Quanto à cor foi usada a tabela sugerida por Methuen. Quanto a nomenclatura das peças, preferiu-se adoptar termos usados hoje em dia, assim, aos *dolia* chamamos talhas. Entre as panelas e os potes, surgiram algumas dúvidas, pois se os agrupamos segundo um critério funcional, verificamos que alguns potes apresentam marcas de terem ido ao fogo, assim

como, com certeza muitas panelas teriam servido de armazenagem de alimentos, secos e/ou líquidos.

De um universo de 990 fragmentos de cerâmica comum, verifica-se que existem muitos fragmentos que nos permitem conhecer a forma. Temos, portanto 110-frag. de bordos, 57 frag.de fundos, 8 asas, 3 testos e 722 frag. de colos e panças, etc.

Após esta contagem, verificou-se que a maioria dos fragmentos são produto de uma cozedura oxidante. As pastas pretas ou cinzentas são uma percentagem mínima. Obtámos pelo critério, mais fácil, de fazer grandes grupos de pastas e assim, obtivémos quatro grandes grupos: pastas alaranjadas/rosadas; pastas acastanhadas/beje; pastas cinzentas; outras. Neste caso, as Outras, são grupos maispequenos, mas talvez os mais interessantes. Incluímos aqui, as cerâmicas claras de paredes finas, as cerâmicas xistosas avermelhadas e 2 fragmentos que, apesar das dúvidas, parece-nos terra *sigillata* Paleocristã.

Destes fragmentos desenháveis foram seleccionados alguns para desenho. Estes objectos são todos de uso doméstico e dividem-se principalmente em recipientes de cozinha (panelas, tigelas e pratos côncavos) e de armazenagem (potes e talhas e bilhas). Assim, valorizaram-se grandes categorias forma/função.

Realizou-se paralelamente um estudo das *sigillatae*, que eram essencialmente hispânicas, mas de muito boa qualidade (COSME, 2000: 162-164).

5.4. Povoamento Alti-Medieval

A marginalidade e relativo atraso que sempre se atribuiu a esta zona da Península poderia pressupôr uma tardia introdução do Cristianismo em Riba Côa. Pois os principais vectores da nova religião nas terras lusitanas eram o exército, as colónias de judeus e outros comerciantes orientais. Por tudo isto pensa-se que esta nova religião teria entrado por Este, desde o grande eixo estratégico e comercial que era a Via da Prata, onde em meados do séc. III se documentam fortes comunidades cristãs nos seus pontos extremos de Sevilha, Mérida e León (M. Sotomayor citado por GARCÍA MORENO, 1997: 118).

Em meados do séc. VI, graças ao famoso documento eclesiástico conhecido como *Divisio Theodemiri* ou "Paroquial Suévico", que se pode datar de finais do séc. VI, conhecemos a organização da Igreja nestas terras lusitanas. Esta ordenava-se em torno dos bispados de Coinimbriga, Viseu e Idenha. O primeiro deles foi criado, sem dúvida, antes de meados do séc. V, ainda que não antes de finais do séc. IV. Pode ser que os outros dois se tenham criado mais ou menos nas mesmas datas, quando houve uma febre de criação de bispados em todo o quadrante norocidental peninsular. Em todo o caso a plena estruturação eclesiástica em Riba Côa viria pela criação do bispado de Caliabria (GARCÍA MORENO, 1997: 118).

Em todo o caso, esta elevação a sede episcopal da igreja de *Caliabria* deveria relacionar-se com um novo interesse estratégico, para a monarquia de Toledo, das terras setentrionais do Vale do Côa nos princípios do séc.VII. Do qual existem notáveis testemunhos numismáticos. (GARCÍA MORENO, 1997: 119).

Nos termos setentrionais da comarca do Côa documentam-se duas dioceses visigóticas: uma em *Caliabria* e outra um pouco mais a noroeste, já passando o Douro, em *Vallearitia*. Esta última localiza-se na actual Vilariça de Moncorvo, devendo-se identificar com a igreja citada na Paroquial Suévico, como dependente do Porto. De acordo com os testemunhos que chegaram até nós, ambas as dioceses seriam as menos activas do reino de Toledo, em termos

de cunhagem de moeda, as únicas conhecida são pertença de um único monarca, Witerico (603-609) (GARCÍA MORENO, 1997: 119).

Parece verificar-se porém, segundo Jorge de Alarcão, que os Suevos não alteraram substancialmente a toponímia, como sugere o *Parochiale* Suévico: as paróquias suévicas têm, na quase totalidade, nomes romanos ou pré-romanos. Nem Suevos nem Visigodos alteraram a religião e a língua (ALARCÃO, 2001: 323).

O *Parochiale* suévico é um texto do séc. VI, redigido entre 572 e 582, que regista as dioceses do reino suévico e, dentro destas, as respectivas paróquias e os *pagi* (ALARCÃO, 2000: 29). A melhor edição do pariquial suévico é a de Pierre David (DAVID,1947), todavia sem qualquer tentativa de localização das paróquias e dos *pagi*. No Arquivo do Alto Minho, Vols. 14 (1965), 15 (1967), 16 (1968), A. de Almeida Fernandes publicou um trabalho, no qual procurou localizar essas divisões religiosas, em 1997 reeditou o trabalho com algumas correcções (FERNANDES, 1997), embora critério toponímico por ele adoptado nem sempre tenha sido feliz, como refere Jorge de Alarcão (ALARCÃO, 2000: 29-30). O que nos interessa mais neste trabalho são as paróquias, que segundo o Parochiale suévico pertenceriam à diocese de Viseu e mais concretamente *Caliabrica* e *Coleia*. Por tudo o que já se disse não parece levantar dúvidas que *Caliabrica* sendo paróquia no séc. VI, foi sede episcopal na época suévica, se a sua localização pode levantar algumas dúvidas, é quase certo que se localizaria na actual na freguesia de Almendra, concelho de Vila Nova de foz Côa (CABRAL, 1963:) mais precisamente no Monte do Castelo (13). Pierre David citando o documento de Fernando II de Leão que em 1171 fez uma doação deste lugar ao bispo de Ciudad Rodrigo : *do vobis etiam civitatem dictam Caliabriam quae iacet inter Coam et Agadam* (DAVID, 1947: 74). Quanto a *Coleia*, que Almeida Fernandes identifica como Gouveia (FERNANDES, 1997: 85), Jorge de Alarcão propõe a sua identificação com Almofala, no concelho de Figueira de Castelo Rodrigo (ALARCÃO, 2000: 52-53). Esta opinião do autor levanta-nos algumas dúvidas. Como já referimos anteriormente pensamos que a localização da *Civitas Cobelcorum* seja o povoado de Santo André (26) e não a Torre de Almofala (27). Se o autor quer

ver o termo *Cobelcorum* numa fase posterior derivar para *Coleia* como paróquia do bispado de Viseu, essa paróquia seria Santo André. A não ser que vestígios arqueológicos provêm que Santo André ao perder importância religiosa durante os finais da época romana, tenha no séc. VI passado esse poder religioso para a Torre de Almofala com o nome de *Coleia*. Não nos parece provável, pois não são visíveis, à excepção de dois sarcófagos escavados no granito encontrados na zona da Torre de Almofala[19], vestígios de estruturas de índole religiosa da época alto-medieval, em contrapartida Santo André tem uma capela embora com caraterísticas do séc. XV, apresenta pedras almofadadas, poderia ali ter existido um templo da Alta Idade Média. Consideramos assim, possível atribuir uma importância religiosa e ritual a Santo André na Época do Ferro, ideia sustentada pela presença de dois berrões, na Época Romana teria conquistado poderes económicos e administrativos tendo transferido o seu poder religioso para a Torre de Almofala com o seu templo dedicado a Jupiter, recuperando o seu poder religioso no séc. VI se *Coleia* se vier a verificar ser uma derivação de *Cobelci.* Na época alto medieval os povoados mais importantes administrativamente seriam Almofala, a Torre de Almofala (27) e o Colmeal das Olas (31). Estes dois foram perdendo importância administrativa em relação a Almofala, mas Santo André continua a ser um pólo de importância religiosa importante. Se durante o séc. VI, existiam pelo menos duas paróquias dependendo do bispado de Viseu, nesta zona, podemos ver a emergência do Monte do Castelo ou *Caliabria* a sede de bispado no séc. VII como fruto da sua importância estratégica de controle de vias do Monte do Castelo associado a um desenvolvimento económico baseado na agricultura e no controle da mineração realizada em Urros, bem como, uma menor pressão administrativa, religiosa e fiscal romana.

[19] Um encontra-se no Museu de Pinhel e o outro num quintal de uma casa em Almofala,e devem ser do séc. X/XI, estando ambos referenciados na dissertação de Mestrado sobre sepulturas escavadas da rocha de Isabel Alexandra Lopes a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

5.5. O caso do Monte do Castelo/Calábria

Muitos foram os historiadores que desde as épocas mais recuadas se debruçaram sobre o estudo de *Caliábria*, destes estudos resultou um conjunto de informações nem sempre rigorosas, por vezes, contraditórias ou mesmo imprecisas.

Da bibliografia consultada expomos alguns dados fundamentais para uma melhor compreensão da investigação que estamos a desenvolver, deixando, no entanto, a confirmação destes para os historiadores que a ela se dedicam[20].

Da tradição popular advém a convicção de que a ocupação do Monte do Castelo é do "tempo dos mouros" e que de lá vieram, monte abaixo, as pedras de cantaria que ajudaram à construção de edificações mais recentes, na área baixa envolvente do monte, como acontece na Quinta da Olga (10), situada a pouco mais de um quilómetro para Este do Monte do Castelo.

Da tradição histórica advém a convicção de que o Monte do Castelo sofreu, desde muito cedo, ocupação humana; a historiografia refere-se a este local como "castro" ou "cividade", atribuindo-lhe uma ocupação pré-romana e chamando-lhe "Cividade Proto-Histórica de Caliábria" (SOUSA, 1993: 5; CABRAL, 1963: 15 ; ALARCÃO, 1988[b]: 53). Da ocupação romana da "...*civitas* vetustissima, in Lusitania Hispaniae..." ou da "...*Oppidani Calabre*..." (TAMAYO de SALAZAR, 1659: 359) ter-se-iam aí encontrado mosaicos, bem como três sepulturas feitas de grandes e finos tijolos, que foram destruídas (LEAL, 1874: 47-48 ;CABRAL, 1963: 18-19; VITERBO, 1966: 61-63).

Nas actas do concílio de Lugo, refere-se *Calabria* como sendo paróquia do bispado de Viseu, adiantando que este local passou a ser sede episcopal no tempo dos "Godos" (DAVID, 1947: 37; ALMEIDA, 1967: 63; COSTA, 1979: 788), englobando um considerável lote de igrejas do território de Riba Côa. O

---

[20] Agradece-se a colaboração prestada por José Ignácio de la Torre, membro investigador do GEHVID, que embora incida o seu estudo numa época mais recente, após o Tratado de Alcanices, nos ía facultando dados e bibliografia sobre o tema que estudamos.

Padre Francisco Vaz chama-lhe "Mãe da Fé" (VAZ, 1993: 37). A reconstituição do bispado de *Caliabria* tem-se mostrado problemática, sendo ainda vigente a polémica acerca da verdadeira *Caliabria,* que alguns autores querem que seja uma cidade homónima, situada em Espanha[21].

O *Parochiale* Suévico refere a paróquia de *Caliabrica* situada dentro do bispado de Viseu, tendo um escriba posterior acrescentado "...quae apud Gothos postea sedes fuit..." (FLOREZ, 1786). Na divisão dos bispados, atribuída ao rei Vamba, *Caliábria* confina com Lamego e Viseu por Sorta e com Salamanca por Albena.

É a Vitérico, que reinou de 603 a 610 a quem, provavelmente, se deve a criação da diocese de *Caliábrica*, desmembrando-a da de Viseu, tendo sido também nesse período que aí se cunhou moeda, das quais apenas se conhece um exemplar, que se encontrava no Museu Arqueológico de Madrid com o N.º 312. Estava partida em três pedaços e incompleta (MATEO Y LLOPIS, 1979: 8; CABRAL, 1963: 60-61). Desapareceu durante um incêndio na Guerra Civil Espanhola por informação da actual directora do museu.

García Moreno ao falar do exemplar cunhado em *Caliabria* e no exemplar cunhado em *Vallearitia*, que atribui à Vilariça do lado Norte do Douro, caracteriza as duas moedas de Witerico como pertencentes a dois tipos algo distintos, no que se refere à maneira de estar representado o busto de frente do soberano. O triente cunhado em *Caliabria* pertence ao chamado 5d do catálogo de Miles, enquanto o cunhado em *Vallearitia* ao 5n do mesmo catálogo (Gil Farrés, O., 1955 citado por Garcia Moreno). Esta diferença entre os tipos monetários de ambos os espécimes permitiria pensar na existência de uma clara fronteira administrativa nesses primeiros anos do séc. VII entre as duas localidades onde se cunharam, marcada pelo curso do Douro, assim como uma relação entre *Caliabria*, a cabeça da região do Côa, e a vizinha Salamanca, pelo menos nos aspectos monetários e militares (GARCÍA MORENO, 1997: 119).

Henrique Florez é de opinião que *Caliabria* foi tornada sede episcopal no reinado do godo Suintila que começou a governar a Península Ibérica em 621

---

[21] PINHARANDA, J. Gomes, *História da Diocese da Guarda*, Braga, 1891, referido em VAZ: 1993, p. 37.

(FLOREZ, 1786: 45). O primeiro bispo de *Caliabria* aparece-nos nos registos do IV Concílio de Toledo com o nome de *Servus Dei*, surgindo em n.º 30 com mais 32 bispos a baixo dele, se levarmos em conta a opinião do autor acima mencionado para a ordem de antiguidade dos bispos ser a sequência apresentada nos concílios, deduziremos que este bispo já estaría à algum tempo à frente do bispado (FLOREZ, 1786: 46). García Moreno chama-lhe Servodeo (GARCÍA MORENO, 1997: 118). No Concílio VI de Toledo, em 638, volta-nos a aparecer o bispo Servus Dei, desta feita em n.º 23, surgindo em n.º 18 no VII Concílio de Toledo em 646 (FLOREZ, 1786: 47-48).

Em 653, no VIII Concílio de Toledo, surge-nos um outro bispo Calabriense de nome Celedonio com o n.º 44 e com apenas oito bispos a baixo dele, fazendo crer que tería ocupado o lugar de *Servus Dei* à pouco tempo (FLOREZ, 1786: 48). Dinis Cabral faz referência ao X Concílio de Toledo, em 656, onde esteve presente o bispo Celedonio (CABRAL, 1963: 37).

Em 666, no Concílio Emeritense e ocupando o último lugar da lista de bispos presentes, como bispo mais recente, encontramos Aloario como bispo Calabriense (FLOREZ, 1786: 48-49). Em 675, no XI Concílio de Toledo um novo bispo de Caliabria, Andrês, esteve presente segundo Dinis Cabral (CABRAL, 1963: 37), já que Florez não o refere. Em 688, no XV Concílio de Toledo surge-nos Ervigio, bispo Calabriense em n.º 13 com 48 bispos mais novos e no XVI Concílio de Toledo, em 693, o mesmo Ervigio surge-nos em n.º 10, sendo o terceiro bispo após os prelados das metrópoles (FLOREZ, 1786: 49).

Podemos concluir que esta diocese teve períodos de alguma acalmia e estabilidade no que conserne a duração de bispados e frequência nos concílios.

Os Bispos de *Caliabria* figuram nos Concílios de Toledo desde 633 até 693, deixando de existir, segundo alguns autores, após a invasão árabe, sendo *Caliabria* arrasada pelos invasores (FLOREZ, 1786: 50; VIVES GATELL, 1963).

A sede episcopal passa, na restauração das Hespanhas, para Ciudad Rodrigo (FLOREZ, 1786: 50).

Em 1171, D. Fernando II de Leão doou as ruínas da cidade "civitatem dictam Caliabriam quae jacet inter Coam et Agadam" com outras propriedades à Catedral de Cidade Rodrigo, cujo primeiro Bispo usou o título de "Episcopus

Caliabriensis" enquanto o Papa não reconheceu a criação da nova diocese, o que veio a suceder em 1175 (CINTRA, 1959: 32-33).

Na carta de foral concedida, em 1171, por D. Afonso Henriques a Urros, na margem norte do Douro, ao delimitar o seu termo refere-se "a la cabeça de Caliabria... et inde per foz de Cola".

Em 1209 encontramos *Caliábria* fazendo parte do termo de Castelo Rodrigo (CABRAL, 1968).

Em 1659 Tamayo de Salazar afirma que *Caliábria* é uma "... civitas vetustissima in Lusitania Hispaniae, situava-se supra Dorium fluvium in vertice montis excelsi sita, quam hodie Oppidani Calabre vocitant in Território Almendra. Nunc ejus ruinae visuntur et murorum strues, licet temporum anfractibus intercise diruta, qua et in ejus terminis inscriptiones sepulchrales, romanis litteris in cisae, plurimae reperiuntur, urbis antiquitatem praeferunt et canitiem manifestant" (citado por FIDEL FITA, 1913: 175-176).

Em 1172, quando foi consedido o foral a Urros, castelo e vila do outro lado do Douro, fez-se mensão da alta montanha da cidade dos *Colarnum*, como já vimos erradamente, mas sob a designação de Cabeça de *Calabria*. Nas suas encostas sobre o meio-dia, há vestígios de habitações romanas, com profusa dispersão de *tegulae* e *imbrex*, mós manuais, alicerces, moedas, etc. Chamam ao local da encosta Telhões, ou ainda Aldeia Nova. O Monte do Castelo é um espaçoso planalto, fortificado, com altitude de 510 metros, acima das águas do mar e cerca de 100 metros acima das águas do Douro. Domina o horizonte de perto e de longe. A muralha envolvente, hoje com altura de 70 cm a 1 metro, por 2,2 metros de largura, é toda de xisto ou piçarra e pode conter uma superfície de 60.000 metros quadrados. No recinto vêem-se montículos de pedras, correspondentes a habitações demolidas. Houve edifícios feitos por sobreposição de grandes blocos de granito, aparelhados, como torres e outros redutos defensivos (SOUSA, 1993: 21).

O granito em que talharam os silhares ou cantarias, não é local, mas foi para ali levado do Poio da Serra, montanha na margem direita do Aguiar, distante do Monte do Castelo 7 Km para Sudeste, e a ele ligado por antiga serventia, conhecida nestes sítios por «Caminho dos Mouros» (22) (SAA, 1960:

319). Estes blocos têm sido ultimamente postos a rolar do alto, pelas encostas íngremes do Castelo, até ao Douro, a fim de servirem como material de construção em edifícios modernos como a estação de caminhos de ferro de Almendra e os edifícios da Quinta da Olga (10), mais antiga que a estação.

Informou Pinho Leal que ao Castelo dão o nome de *Calavre* e à cidade dentro dos seus muros Ravena. É certo porém que hoje se dá o nome de Monte do Castelo. Intra-muros da alta cidade têem sido postas a descoberto sepulturas romanas, bordejadas de fina telharia, provavelmente *tegulae*. Extra-muros, as habitações, ao sítio dos Telhões ou Aldeia Nova, foram evidenciadas pelas trincheiras abertas para a estrada nacional n.º 332, entre a capela da Senhora do Campo e a Estação de Almendra. Verificam-se os destroços do povoado a 7 Km de Almendra e a 4 Km da Estação (LEAL: 1874, 47-48).

Segundo as trasncrições de Javier Simonet, *Caliabria*, aparece ainda como *civitate*, sede episcopal da Lusitania, no Códice Ovetense del Escorial, escrito em 780 (JAVIER SIMONET, 1983: 808) e ainda segundo o mesmo autor, volta a aparecer no Códice Mozárabe, do século IX, que se encontra na Biblioteca Nacional de Madrid, onde *Caliabria* surge como pertencente ao Arcebispado de Mérida (JAVIER SIMONET, 1983: 809). Já no Código Conciliar da Biblioteca Nacional de Madrid, e apesar do autor pensar tratar-se de uma transcrição do Códice anterior, o certo é que *Caliabria* volta a constar da lista de sedes pertencentes à metrópole de Mérida (JAVIER SIMONET, 1983: 812). Nesta lista é acrescentada a cidade de Badajoz. Se *Caliabria* já não existisse como sede episcopal, porque não foi retirada do rol se houve alterações para acrescentar Badajoz?

Normalmente, o que acontecia é que, apesar do bispo abandonar da sua sede episcopal por força das circunstâncias instáveis, as populações continuavam a habitar os locais durante mais algum tempo e se um novo modelo de povoamento vingava, o local permanecia povoado, se não o local era abandonado. Pensamos que teria sido esta a situação de *Caliabria*, o Bispo teria abandonado a sua diocese e como não vingou um novo modelo de povoamento a cidade foi sendo abandonada e transferida a população para Almendra e Castelo Melhor.

Hoje, quem olha "Monte Calabre" da estrada que leva à estação de caminho-de-ferro de Almendra vê uma elevação dominante, erguida no xisto da região, cujo topo forma uma longa e vasta planura, contornada a Leste e a Norte pelo rio Douro e a Oeste pela Ribeira de Aguiar.

O caminho que conduz ao topo do monte é tão somente um caminho de pastor, íngreme, sobretudo no seu último troço, tornando a subida bastante difícil.

O planalto com que se depara no cimo do monte resulta de dois planos inclinados, descendo um de nascente e outro de poente, confluindo numa linha que se orienta entre Noroeste e Sudoeste, sendo o declive Este mais suave do que o de Oeste.

A "Tapada de Calabre", como lhe chamam em linguagem popular, encontra-se a Sudeste, ocupada por um amendoal ainda hoje explorado. Na restante área predomina a vegetação rasteira, sobretudo giesta e, esporadicamente, algumas carvalheiras. Na zona de confluência dos dois planos inclinados que formam o planalto, notam-se traços da existência de uma linha de água, que ali correrá em época de maior abundância, como refere aliás a informação oral.

No decorrer da prospecção efectua, desde logo se tornou evidente uma muralha, de datação imprecisa, como o vestígio mais significativo da presença humana no local, a qual é nitidamente visível a partir da meia encosta.

Esta muralha contorna todo o perímetro do planalto, numa extensão de aproximadamente mil e duzentos metros. Construída em xisto, sem recorrer ao uso de qualquer argamassa, subsiste apenas ao nível das suas fundações, sendo boa parte do "pano" Noroeste apenas adivinhável pela existência de um talude.

Dos troços de muralha que subsistem, há que considerar possíveis alterações do aparelho, levadas a cabo, ao longo do tempo, pelos habitantes da região, nomeadamente, pelos pastores que frequentemente por ali passam, como se pode comprovar pelos abrigos e outras estruturas, certamente associadas ao pastoreio, que abundam no interior do recinto muralhado. Não se

encontram quaisquer vestígios de portas, torres ou baluartes que confirmem a sua função defensiva.

Só com uma limpeza e sondagem junto à muralha a poderemos descrever e datar com segurança.

A prospecção levada a efeito na área cercada permitiu detectar dois silhares, um dos quais almofadado, que se encontram junto a uma vala de sondagem aberta por Nelson Rebanda[22], que revelou uma potência estratigráfica mínima, não permitindo fazer uma leitura de corte que traga novas informações sobre a ocupação do local.

E ainda uma ara, descontextualizada, aparentando vestígios de inscrição de difícil leitura, fracturada ao nível do capitel, que aguarda a atenção dos epigrafistas. A par destes exemplos mais evidentes de ocupação humana, foram encontrados fragmentos de granito, inexistente na região.

A nível de vestígios cerâmicos, recolheram-se materiais de construção, muito fragmentados e alguns materiais cerâmicos, romanos comuns, de cor clara, de pequena dimensão e muito erosionados, através dos quais não é possível reconstituir formas, registando-se, para ambos os casos a fraca ocorrência.

Nem a denominação nem a localização de *Caliábria* são pacíficas como constatámos através da bibliografia. No início deste trabalho que tinha como principal objectivo esclarecer a existência no Monte do Castelo de uma ocupação humana muitas questões se nos levantaram: qual o seu tipo e quais as suas relações com a área circundante; seria um reduto defensivo?; um santuário?; o povoado situava-se aqui ou na zona baixa?; era realmente aqui *Caliábria* ou num outro local?; quem e quando o terá povoado?; quais as causas do seu abandono?. Havia ainda a esclarecer a escassez de materiais e de estruturas dentro do perímetro de muralhas, o que não será tarefa fácil, dada a pequena potência estratigráfica da área, como se referiu anteriormente.

Hoje podemos dizer que avançámos um pouco nas investigações e podemos responder a algumas das questões levantadas.

---

[22] Não foram publicados quaisquer estudos resultantes desses trabalhos de sondagens arqueológicas.

O Monte do Castelo apresenta ocupação pré-histórica, Calcolítica e talvez da Idade do Ferro. Aquando da ocupação romana estaria ocupada por Cobelcos como toda a região entre Côa e Águeda, tornada *civitas* pelas suas características e importância estratégica, dependeria administrativamente da *Civitas Cobelcorum*, situada no castro de Santo André. No século VI, era paróquia de Viseu, bem como Coleia que sugerimos ser localizada em Santo André. Por razões que já enumerámos, veremos o Monte do Castelo no século VII ganhar importância tornando-se sede de bispado visigótico. Os seus bispos figuram em alguns concílios de Toledo e num em Mérida e perde-se o rasto dos bispos ainda no séc. VII. Voltando a encontrar-se referências no séc. VIII a *Caliabria*, já sob o domínio árabe, como sede episcopal da Lusitânia, no Códice Ovetense del Escorial. No séc. IX, no Códice Mozárabe, volta a surgir como sede de bispado pertencente ao arcebispado de Mérida.

Pensamos que durante os séculos X e XI terá entrado em decadência, primeiro política e religiosa e consequentemente económica com o abandono das *villae*, a paragem da mineração em Urros e o surgimento de vilas novas como Almendra e Castelo Melhor.

O título de bispo *calabriense* passa, no séc. XII, para Ciudad Rodrigo, encontrando-se hoje na posse do actual Cardial Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo.

5.6. Continuidade e/ou ruptura nas formas de povoamento

Sobre continuidade ou não de povoamento podemos abordar o tema sobre diversas vertentes. Primeiro interessa-nos saber se o mesmo espaço foi ocupado tanto na época romana como no período que se lhe seguiu. Isso podemos verificar pela presença de estruturas e/ou materiais de ambas as épocas ou por informação documental. Se realmente houve uma continuidade do povoamento no mesmo local, convém tentar saber se a tipologia de povoamento se manteve ou se sofreu alterações. Se verificarmos que existiu uma alteração na tipologia de povoamento há que tentar uma explicação para o facto, que poderá ter a ver com aspectos políticos, religiosos ou com uma questão de recursos económicos.

Se como frisámos no capítulo do povoamento romano, este povo chegou e baseou o seu povoamento em aspectos culturais e inovações de técnicas agrícolas e modelos de povoamento característicos, a chegada de Suevos, Visigodos e Moçarabes implantaram-se baseados num sistema religioso, não descurando os aspectos agrícolas.

Na época romana o território estava unificado por um *populi* , os *Cobelci*, que se distribuíam por esta zona em 2 *civitates*: *Caliabrisense* e *Cobelcorum*, sendo a *Cobelcorum*, muito provavelmente, a capital de *civitates*, por algumas aldeias ou *vicus* e diversas *villae* e casais. Toda a zona pertencia à província da Lusitania, com a sua capital em Mérida e mais tarde com a divisão jurídica em *conventus* passou a estar incluída no *Conventus Emeritense*. A ocupação do território com as características romanas, mantiveram-se até inícios/meados do século VI, altura em que o território sofreu a ocupação sueva e visigoda durante o final do século VI aos ínicios do século VIII e sabemos também que após meados do Século VIII e até ao século IX esta região se encontrava sobre o domínio moçárabe. As alterações sentidas em termos de povoamento não foram muito significativas. As alterações políticas fizeram-se sentir mais no aspecto inovador da religião.

Passou a existir a divisão do território em bispados e estes por sua vez em paróquias. Se a estes bispados correspondiam as áreas de influência das

antigas capitais de *civitas* ou se às paróquias correspondiam a área dos *vicus*, isto é, se se mantiveram as fronteiras físicas das antigas divisões administrativas, para as divisões religiosas da Idade Média é um aspecto interressante de reflexão.

O que sabemos e pensando que os nossos pressupostos estarão correctos, é que o centro administrativo e religioso que vigorou durante a Época Romana, foi durante a Idade Média transferido de Santo André e da Torre de Almofala respectivamente, para *Caliabria* (Monte do Castelo).

As formas de povoamento não se alteraram durante a transição da Época Romana à Alto- Medieval, continuamos a ver povoados como o Monte do Castelo e Santo André, com uma importância fundamental na organização do território se bem que viram as suas importâncias alteradas, as *villae* continuam a ser ocupadas como confirmámos no caso de Aldeia Nova/Olival dos Telhões. Pensamos que a verdadeira alteração de povoamento de irá dar aquando da criação de vilas novas, já durante o período da reconquista.

6. Considerações finais

Após a análise do estudo realizado verificámos que esta zona durante a época romana, encontrar-se-ia unificada pelo *populi Cobelci*, dividido em duas *civitates: Caliabrisense e Cobelcorum*, sendo esta última a sua capital.

Localizámos a capital dos *Cobelci* em Santo André e assistimos durante o período de ocupação visigótica à transferência de poderes religiosos e possivelmente políticos e administrativos de Santo André para o Monte do Castelo, onde durante o século VII, se instalou a sede de bispado visigótica de *Caliabria.* Esta importância ter-se-ia mantido até ao século IX, já durante a ocupação árabe, tendo decaído durante os séculos X e XI, por contigências políticas e económicas que teríam deixado esta área num completo abandono até à emergência de vilas novas como Almendra, Castelo Melhor e Castelo Rodrigo nos séculos XI e XII.

Verificou-se a continuidade de povoamento no Monte do Castelo, bem como, na maioria das *villae*, durante a Alta Idade Média. No caso das *villae*, comprovou-se essa continuidade através de sondagens arqueológicas em Aldeia Nova/Olival dos Telhões. O caso de Torre de Almofala, um possível *vicus* na época romana, essa continuidade também está bem patente através de documentação e de escavações realizadas no local. Quanto aos outros casos a presença de cerâmicas e de sepulturas medievais nas proximidades leva-nos a confirmar uma continuidade de povoamento.

Sendo este um trabalho em início de estudo, fica-nos a noção do muito que ainda há a fazer.Tendo em conta que com uma prospecção sistemática o nosso catálogo sofra um aumento significativo de estações romanas e com povoamento Alto-Medieval, que com um estudo mais pormenorizado de pontes e de calçadas, o nosso capítulo de vias seja mais concludente e que investigações, arqueológicas e documentais, futuras vejam as nossas teorias mais consolidadas ou então que as alterem de forma a tornar a história desta zona o mais correcta possível, fazemos deste trabalho um trampolim para essas futuras investigações.

7. Bibliografia

ACUNHA, D. Rodrigo de - *Monografia Eclesiástica de Braga com as vidas dos arcebispos e varões santos e eminentes do Arcebispado de Braga*, cap. VI, fl. 167 – 1ª parte.

ALARCÃO, Jorge de (1973) - *Portugal Romano*. Lisboa: Verbo.

ALARCÃO, Jorge de (1974) - "Cerâmica Comum, local e regional de Conímbriga". Suplemento de *Biblios*. Coimbra. N.º 8.

ALARCÃO, Jorge de (1975) - "La ceramique comune locale et régionale". In *Fuilles de Conimbriga*. Paris: Mission Archéologique Francaise au Portugal. Musée monographique de Conimbriga: Jorge Alarcão et Robert Etienne. Vol. V.

ALARCÃO, Jorge de (1976) - "Sobre a economia rural do Alentejo na época romana". Separata da *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia. N.º 24, vol. XV, p. 1-40.

ALARCÃO, Jorge de (1980) - " Os problemas de origem e da sobrevivência das villae romanas do norte do país". In *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*. Guimarães. Vol. III, p.171-179.

ALARCÃO, Jorge de (1988[a]) - *O Domínio Romano em Portugal*. 3ª Edição. Mem Martins: Publicações Europa-América. (Forum da História).

ALARCÃO, Jorge de (1988[b]) - *Roman Portugal*. Gazetter. Warminster: Aris e Phillips Ltd. Vol. II, fasc. I, p. 53-57.

ALARCÃO, Jorge de (1988[c]) - "Identificação das Cidades da Lusitânia Portuguesa e dos seus Territórios". Table Ronde Internacionale du CNRS. *Les Villes de Lusitanie Romaine*. p. 21-34.

ALARCÃO, Jorge de (1989) - "Geografia política e religiosa da civitas de Viseu". In *Actas do I Colóquio Arqueológico de* Viseu. Viseu, Governo Civil do Distrito de Viseu. p. 305-314.

ALARCÃO, Jorge de (1990) - "O Domínio Romano". In SERÃO, Joel e MARQUES, A. H. De Oliveira (eds.), *Nova História de Portugal.* Lisboa: Editorial Presença. *Portugal das Origens à Romanização.* Vol. I, p. 345-489.

ALARCÃO, Jorge de (1997) - "A tecnologia agrária romana". In – *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais.* Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 137-148.

ALARCÃO, Jorge de (1998[a]) - "A Paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal". *Conímbriga.* Coimbra: Instituto de Arqueologia. N.º 37, p. 89-119.

ALARCÃO, Jorge de (1998[b]) - "On the *civitates* mentioned in the inscription on the bridge at Alcântra". In *Journal of Iberian Archaeology.* Porto. Vol. 0, p. 143-157.

ALARCÃO, Jorge de (1999) - "Os arredores das cidades romanas em Portugal". In *Archivo Español de Arqueologia.* Madrid: CSIC. N.º 72, p. 31-37.

ALARCÃO, Jorge de (2000) - "As Paróquias Suévicas do Território Actualmente Português". *Religión, Lengua y Cultura Prerronas de Hispania,* Separata. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca. p. 29-59.

ALARCÃO, Jorge de (2001) - "Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos)". *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 4, n.º 2, p. 293-349.

ALCAZAR HERNÁNDEZ, Eva María (1998) - "Un modelo de investigación histórica sobre el concejo de Jaén en la Baja Edad Madia". In *Arqueologia Espacial*, 19-20 – *Arqueologia del Paisaje*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses. p.79-89.

ALDEA VAQUERO, Quintin; MARIN MARTINEZ, Tomas; VIVES GATELL, Jose (1972) - *Dicionário de Historia Eclesiastica de España*. Madrid: Instituto Enrique Florez. Vol. 1.

ALMARGO-GORBEA, Martín ; BENITO-LÓPEZ, José Enrique (1993) - "Evaluación de rendimientos y optimización de resultados en prospección arqueológica: El Valle de Tajuña". In *Inventarios y cartas* arqueológicas. Valladolid. p. 151-158.

ALMARGO-GORBEA, Martín (1998) - "La Protohistória de Riba Côa". In *O Tratado de Alcanices e a importância histórica das terras de Riba Côa*. Lisboa: Universidade Católica Editora. p. 81-105.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1987) - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*. Porto.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1992/1993) - "O passado arqueológico de Carlão – Alijó". *Portugalia*, Nova Série, 13-14. Porto.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1996[a]) - *Povoamento romano do litoral minhoto entre o Cávado e o Minho*. Porto. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1996[b]) - "O cultivo da vinha durante a antiguidade clássica na região demarcada do douro. Ponto da situação". *Douro: Estudos & Documentos*. Porto: GEHVID. N.º 2, p. 21-30.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de (1999) - "Lagares escavados na rocha: uma reminiscência do passado na tradição da técnica vinícola no vale do Douro". *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 2, n.º 2, p. 97-103.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1968) - *Vias medievais entre Douro e Minho.* Dissertação para licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1993) - "Arqueoloxía tardorromana e germánica no NW peninsular". In *Galicia: da romanidade á xermanización. Problemas históricos e culturais.* Actas do encontro científico en homenaxe a Fermín Bouza Grey (1901-1973), Santiago de Compostela, Outubro de 1992. Santiago de Compostela: Instituto de Estudios Galegos "P. Sarmiento" - Museu Pobo Galego – Universidade de Santiago de Compostela. p.191-200.

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1989) - "Castelos e cercas medievais - Séculos X a XIII". In *Portugal no Mundo - História das Fortificações Portuguesas no Mundo.* Lisboa: Publicações Alfa. p. 38-54.

ALMEIDA, D. Fernando de (1956) - *Egitânia, História e Arqueologia.* Lisboa.

ALMEIDA, D. Fernando de (1974/77) - "Notas sobre moedas visigóticas II". *O Arqueólogo Português.* Lisboa. Série III, vol.VII-IX, p. 383-388.

ALMEIDA, Fortunato (1967-1971) - *História da Igreja em Portugal,* 2ª ed. dirigida por Damião Peres. Porto: Portucalense Editora. Vol I, p. 63.

ALMEIDA, General João de (1945) - *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses.* Lisboa: Edição do Autor.

ALMEIDA, General João de - *Livro das Fortalezas e Monumentos Militares Portugueses*, Tomo I.

ALMEIDA, Justino Mendes de; FERREIRA, Fernando Bandeira (1966) - "Varia Epigraphica". *Revista de Guimarães*. Guimarães: Comp.ª Ed. do Minho. N.º 76, p. 351-354.

ALMEIDA, Maria José de Melo Henriques (2000) - *Ocupação rural romana no actual concelho de Elvas*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Texto policopiado.

ALONSO, Ángela; CERRILLO, Enrique; FERNÁNDEZ, José María (1994) - "Tres ejemplos de poblamiento rural romano en torno a ciudades de la Vía de la Plata: Augusta Emerita, Norba Caesarina y Capara". In *Les campagnes de Lusitanie romaine*. Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez - Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 67-87.

ÁLVAREZ-SANCHÍS, Jesús R. (2001) - "Los vettones". In Celtas y Vettones. Ávila: Excma. Diputación Provincial de Ávila.

AMARAL, Paulo (1993) - *O povoamento romano no vale superior do Tâmega – Permanências e mutações na humanização de uma paisagem*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Texto policopiado.

ANTUNES, João Viana; FARIA, Pedro Baére (1997) - "Estações romanas na Região Demarcada a Sul do Douro". *Douro. Estudos & Documentos*. Porto: GEHVID. N.º 3, p. 11-16.

ARGOTE, D. Jerónio Contador de (1732/1734/1744) - *Memórias para a História Eclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*. Lisboa. Tomo I, 1732; Tomo II, 1734; Tomo III, 1744.

AUBRY, Thierry e CARVALHO, A. M. Faustino de (1998) - "O povoamento pré-histórico no Vale do Côa – Síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997)". In *Côavisão - Cultura e Ciência*. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 0, p. 23-34.

AZEVEDO, D. Joaquim de (1878) - História Eclesiástica da Cidade e Bispado de Lamego. Porto.

AZEVEDO, Pedro A. (1896) - "Extratos archeológicos das Memórias Parochiais de 1758". In *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Vol. II, p. 185.

AZEVEDO, Pedro A. (1897) - "Extratos archeológicos das Memórias Parochiais de 1758". *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Vol. III, p. 283; 195.

AZEVEDO, Pedro A. (1898) - "Extratos archeológicos das Memórias Parochiais de 1758". *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Vol. IV, p. 142.

AZEVEDO, Ruy de (1934) - "Fronteiras entra Portugal e Leão em Riba-Côa, antes do tratado de Alcanices (1297)". *Biblos*. Coimbra. N.º 10, p. 154-166.

BARRAL I ALTET, X. (1976) - *La circulation de monnais suèves et visigothiques*. Munique.

BARROCA, Mário Jorge (2000) - "Aspectos da evolução da arquitectura militar da Beira Interior". In *Actas Beira Interior História e Património*. Guarda. p. 215-238.

BELCHIOR, Eurico (1988) - *Monografia de Vilar de Amargo*. Porto: Ed. da Junta de Freguesia de Vilar de Amargo.

BELTRAN, F. - "Especifismo histórico. Las "organizaciones gentilicias" hispanicas". In *Actas I Congresso Peninsular de História Antiqua.* Santiago de Compostela. p. 263-269.

BELTRÁN LLORIS, Miguel (1990) - *Guía de la cerámica romana.* Zaragoza: Libros Pórtico.

BENITO ALVAREZ, José Manuel; MARTÍN BENITO, José Ignácio (1989) - " La romanización de Ciudad Rodrigo". In *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu.* Viseu. p. 469-483. (Colecção Ser e Estar; 2).

BIGOTTE, P. José Quelhas (1948) - *De Nossa Senhora na Diocese da Guarda.* Guarda.

BLANCO, A. (1977) - *El puente de Alcantara en su contexto historico.* Madrid.

BLAZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria (1978) - *Economia de la Hispania Romana.* Bilbao: Ediciones Najera.

BORGES, Júlio António (1989) - *Monografia de Mata de Lobos.* Figueira de Castelo Rodrigo: Ed. da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

BORGES, Júlio António (1993) - *Figueira de Castelo Rodrigo, Roteiro turístico do concelho.* Figueira de Castelo Rodrigo: Ed. da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

BORGES, Júlio António (1999) - "A Romanização do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo". Revista *Beira Alta*, Vol. LVIII, n.º1 e 2. Viseu.

BOUHIER, A. (1979) - *La Galice. Essai geografique d'analyse et d'interpretation d'un vieux complexe agraire.* La Roche-Sur-Yon.

BRICHARD, Catherine (2000) - "Occupation romaine entre le Douro et le Tage, la Serra da Estrela et la Frontière espagnole: outils de synthèse". In *Actas Beira Interior História e Património*. Guarda. p. 121-137.

BUGALHÃO, Jacinta (1998) - "O povoamento rural romano no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 1, n.º 2, p. 123-136.

CABRAL, A. A. Dinis (1962) - "Algumas notas sobre o castro de «Castelo Calabre», em Almendra". *Studium Generale*. N.º 9 (1), p. 138-158.

CABRAL, A. A. Dinis (1963) - *História da cidade de Calábria, em Almendra - subsídios*. Porto: Ed. da Casa da Beira Alta.

CABRAL, A. A. Dinis (1964) - "Castelo Rodrigo, sua incorporação no território português". Separata da *Beira Alta*. Viseu. N.º 12 - IX.

CABRAL, A. A. Dinis (1965[a]) - " A Ordem Militar de Cavalaria de São Julião do Pereiro". *Beira Alta*. Viseu. N.º 24 (3), p. 325-342.

CABRAL, A. A. Dinis (1965[b]) - "A Torre de Aguiar ou "Turris Aquilaris"". *Beira Alta*. Viseu. N.º 24 (4), p. 425-432.

CABRAL, A. A. Dinis (1967) - *Algodres*. Figueira de Castelo Rodrigo: Edição da Liga dos Amigos do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.

CABRAL, A. A. Dinis (1968) - "Carta de Foros da Vila de Castelo Rodrigo (1209-1508)". *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*. Coimbra. Vol. XXIII, p. 147-150.

CABRAL, A. A. Dinis (1969) - "A ara votiva do Castro da Marofa". *Beira Alta*. Viseu. N.º 28, p. 3-11.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José de (1999) - "Economia agrícola da região de Olisipo – O exemplo do lagar de azeite da villa romana de Freiria". In *Économie et territoire en Lusitanie romaine.* Collection de la Casa de Velázquez. Casa de Velázquez. Vol. 65, p. 391-401.

CARDOSO, P.e Luís (1748) - *Diccionario Geographico.* Lisboa

CARDOZO, Mário (1968) - "Os Lusitanos". *Anais Portugueses de História.* N.º 17.

CARVALHEIRA, Ana Margarida (1998) - " O mosteiro cisterciense de Santa Maria de Aguiar". In *Terras do Côa da Malcata ao Reboredo, valores do Côa.* Guarda: Estrela-Côa – Agência de desenvolvimento territorial da Guarda. p. 117-132.

CAVALHEIRO, José (1989) - "O ferro na antiguidade". *Arqueologia.* Porto: GEAP N.º 19.

CINTRA, L. F. Lindley (1959) - *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo.* Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. p. 22-23.

COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1995) - *Por terras do concelho de Foz Côa - Subsídios para a sua história, estudo e inventário do seu património.* Vila Nova de Foz Côa: Ed. da Câmara de Vila Nova de Foz Côa. p. 143-189.

COIXÃO, António do Nascimento Sá (1996) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa.* Vila Nova de Foz Côa: Ed. da Câmara de Vila Nova de Foz Côa. p. 126-127; 202-203.

COIXÃO, António do Nascimento Sá; TRABULO, António Alberto Rodrigues (1998[a]) - "Romanização na área do actual concelho de Foz Côa". *Côavisão – Cultura e Ciência.* Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 0, p. 49-56.

COIXÃO, António do Nascimento Sá; ENCARNAÇÃO, José d' (1998[b]) - "Foz Côa Romana – Notas epigráficas". *Côavisão – Cultura e Ciência.* Vila Nova deFoz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 0, p. 79-83.

COIXÃO, António do Nascimento Sá (2000) - *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa.* Vila Nova de Foz Côa: Ed. da Câmara de Vila Nova de Foz Côa.

CORTEZ, Fernando Russell (1951) - "As escavações arqueológicas do Castello da Fonte do Milho. Contributo para a Demogenia Duriense". Separata dos *Anais do Instituto do Vinho do Porto.* Porto: Instituto do Vinho do Porto.

COSME, Susana Rodrigues; MARQUES, M.ª do Rosário; FARIA, Pedro Baère de (1996[a]) - "Monte Calabre. Rupturas e continuidades do povoamento do Vale do Douro durante a Idade Média - Primeira notícia". *Douro: Estudos & Documentos.* Porto: GEHVID. N.º 1, p.278-279.

COSME, Susana Rodrigues; MARQUES, M.ª do Rosário (1996[b]) - "Monte Calabre. Rupturas e continuidades do povoamento do Vale do Douro durante a Idade Média". In *Actas do II Congresso Internacional do Rio Douro.* Vila Nova de Gaia. (no prelo).

COSME, Susana Rodrigues (1998[a]) - "Aldeia Nova - Resultados de uma Primeira Sondagem". *CôaVisão, cultura e ciência.* Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 0, p. 63-68.

COSME, Susana Rodrigues (1998[b]) - "Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte do Castelo (Almendra)". In *Terras do Côa da Malcata ao Reboredo, os valores do Côa.* Guarda: Estrela-Côa - Agência de desenvolvimento territorial da Guarda. p. 209-214.

COSME, Susana Rodrigues; MARTINS, Carla (2000) - "O contributo do espólio cerâmico na interpretação da estação arqueológica de Aldeia Nova/Olival dos Telhões". In *Actas Beira Interior, História e Património.* Guarda. p. 159-170.

COSME, Susana Rodrigues; MARTINS, Carla (2001) - "Monte Calabre- "Estudo analítico do espólio metalúrgico de Aldeia Nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)". In *Actas do III Congresso de Arqueologia Peninsular.* Porto: ADECAP. Vol. 9 (no prelo).

COSME, Susana Rodrigues (2001) – "O lagar romano de Aldeia nova/Olival dos Telhões (Almendra, Vila Nova de Foz Côa)". In *Actas do II Simpósio Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho – "A Vinha e o Vinho na Cultura da Europa".* Porto: GEHVID, (no prelo).

COSTA, Américo (1934) - *Diccionário Chorographico de Portugal Continental e Insular.* Vila do Conde. Vol. IV, p. 787-790.

COSTA, M. Gonçalves (1979) - *História do Bispado e Cidade de Lamego.* Braga. Vol. I, p. 18-82; 18-345; 407-421;555-557

COUTO, João (1927) - O Convento de Santa Maria de Aguiar em Riba Côa.

CURADO, Fernado Patrício (1985) - "Epigrafia das Beiras (Notas e correções)". *Beira Alta.* N.º 44 (4), p. 643-645; 650-652.

CUSTÓDIO, Jorge (1984) - "O Minério de Moncorvo como charneira da História Industrial Portuguesa". In *O Ferro de Moncorvo e o seu aproveitamento através dos tempos.* Moncorvo: Edição Ferrominas EP. p. 28-34.

DAVEAU, Suzanne (1995) - *Portugal Geográfico.* Lisboa: Edições João Sá da Costa.

DAVID, Pierre (1947) - *Études historiques sur la Galice et le Portugal du VIe au XIIe siècle.* Coimbra-Paris. p. 37, 45.

DIAS, Lino Tavares (1996) - "Contributo para a análise do ordenamento romano do território marginal do rio Douro". *Douro: Estudos & Documentos.* Porto: GEHVID. N.º2, p. 31-56.

DIAS, Lino Tavares (1997) - *Tongobriga.* Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

DIAS, Pablo C. (1994) - "Propriedad y explotación de la tierra en la Lusitania tardoantigua". In *Les campagnes de Lusitanie romaine.* Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez - Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 297-309.

DOMÍNGUEZ BOLAÑOS, Alonso; NUÑO GONZÁLEZ, Jaime (1997) - "Reflexiones sobre los sistemas defensivos tardoantigos en la Meseta norte. Apropósito de la muralla de El Cristo de San Esteban, Muelas del Pan (Zamora)". In *Congresso Internacional La Hispania de Teodosio.* Vol. 2, p. 435-568.

ENCARNAÇÃO, José d' (1972) - "Vestígios do culto aos Lares em território português". *Revista de Guimarães.* Guimarães. N.º 82 (1-2), p. 91-104.

ENCARNAÇÃO, José d' (1974) - *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal.* Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

ENCARNAÇÃO, José d' (1990) - "O Domínio Romano: A Religião". In SERÃO, Joel e MARQUES, A. H. De Oliveira (eds.), *Nova História de Portugal,* Lisboa: Editorial Presença. *Portugal das Origens à Romanização.* Vol. I, p. 442-461.

ENCARNAÇÃO, José d'; CARDOSO, Guilherme (1994) - "A villa romana de Freiria e o seu enquadramento rural". In *Les campagnes de Lusitanie romaine.* Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez – Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 203-217.

FABIÃO, Carlos (1992) - História de Portugal. Lisboa: . Vol. I, p. 186.

FABIÃO, Carlos (1998) - "O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico". *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol. 1, n.º 1, p. 169-198.

FAUVELLE, Natália (2001) - "Quintas do Douro- As Arquitecturas do Vinho do Porto". Cadernos da Revista *Douro – Estudos & Documentos.* Porto: GEHVID. N.º 8.

FERNANDES, A. de Almeida (1968) - "Paróquias suevas e dioceses visigóticas". Separata do *Arquivo do Alto Minho.* Viana do Castelo. Vols. 14-16.

FERNANDES, A. de Almeida (1997) - *Paróquias suevas e dioceses visigóticas.* Arouca.

FERNANDES, A. de Almeida (1999) - *Censual da Sé de Lamego (Século XVI).* Arouca: Associação de Defesa do Património Arouquense.

FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen (1983/1984) - "Poblamento rural en Asturias durante la época romana". Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste. In *Portugália,* Nova Série. Porto. N.ºs 4-5, p. 321-234.

FERNÁNDEZ OCHOA, Carmen (1988) - "El impacto romano sobre el habitat del Noroeste (estado de la cuestión sobre los fenómenos de trasición y articulación del território)". In *Actas do I Congresso Peninsular de História Antigua.* Santiago de Compostela: G. Pereira Menaut, ed.. N.º 2, p. 345-362.

FERREIRA, J. A. Pinto (1967/68) - "Achado de uma pedra singular na estação arqueológica de Numão". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol. 20 (3-2), p. 376-380.

FIGUEIRAL, Isabel Maria A. C. R. (1990) - *Le Nord-Ouest du Portugal et les modifications de l'ecosysteme du Bronze Final à l'époque romaine, d'aprés l'anthracoanalyse de sites archéologiques.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Montpellier. Texto policopiado.

FIGUEIREDO, A. Mesquita de (1895) - "34. Fonte e «Castello» de Almendra (Beira)". *O Arqueólogo Português.* Lisboa. Vol. I, p. 243.

FIGUEIREDO, Moreira de (1953) - *Subsídios para o Estudo da Viação Romana das Beiras.* Viseu.

FITA, S. J. Fidel (1913[a]) - "Caliábria Romana". *Boletín dde la Real Academia de la História.* Cap. LXII. p. 173-182.

FITA, S. J. Fidel (1913[b]) - "Caliábria y Ciudad Rodrigo". *Boletín de la Real Academia de la História.* Cap. LXII, p. 264-270.

FITA, S. J. Fidel (1913[c]) - "Don Domingo, obispo de Caliábria em 1172". *Boletín de la Real Academia de la História.* Cap. LXII, p. 270-275.

FLOREZ, Pe. Henrique (1786) - *España Sagrada.* Madrid. Cap. XIV; XIX, Ap. II, Tratado XLIII, p. 36-55; 364-376.

FRANCISCO, J. De (1989) - *Conquista y Romanización de Lusitania.* Salamanca. p. 248-251.

FRADE, Helena (1990) - "O Templo Romano de Almofala, novos elementos". Separata da Revista *Conímbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. N.º 29, p. 91-101.

FRADE, Helena (1998) - "Ara a Júpiter da civitas Cobelcorvm". *Ficheiro Epigráfico,* suplemento de *Conímbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. N.º 58, n.º 266.

FRANKLIM, Francisco Nunes (1932) - *Memória para servir de índice dos forais das terras do reino de Portugal e seus Domínios.* Póvoa do Varzim: Edição anotada por Baptista de Lima. Tipografia Camões. p. 114-116.

GARABITO GOMEZ, Tomas (1978) - *Los Alfares Riojanos - Producción y comercialización.* Madrid.

GARCIA, José Maria (1965) - "Torre das Águias em Almofala". Revista *Beira Alta.* Viseu: Junta Distrital de Viseu. Vol.XXIV, fasc. II, p. 223-233.

GARCIA MORENO, Luis A. (1993) - "Iglesia y cristianización en Portugal en la Antiguedad (siglos III-V)". In *Actas do Congresso Internacional de História: "Missionação portuguesa e encontro de culturas".* Braga. Vol. I, p. 227ss.

GARCIA MORENO, Luis A. (1998) - "Riba Côa en el Periodo Visigodo". In *O Tratado de Alcanices e a importância histórica das terras de Riba Côa.* Lisboa: Universidade Católica Editora. p. 115-130.

GARCIA VILLADA - *História Eclesiástica de España.* Vol. II, 1ª parte, p. 207-216.

GIRÃO, A. Amorim (1955) - "Uma cidade desaparecida". *Almanaque de Santo António.* p. 269-270.

GONÇALVES, Artur (1992) - *Figueira de Castelo Rodrigo, A Região.*

GONÇALVES, Iria (1969) - "Privilégios de Estalajadeiros Portugueses (séc XIV e XV)". Revista da *Faculdade de Letras.* Lisboa.

GONZALEZ, Julio ( ) - "Repoblacion de la "Extremedura" leonesa". p. 195-273.

GORGES, Jean-Gérard (1979) - *Les villas hispano-romanes. Inventaire et problématique archéoligique.* Paris: Publications du Centre Pierre Paris. (De Boccard; n.º 4).

GORGES, Jean-Gérard (1988) - "Villes et villas de Lusitanie (Interactions-changes-autonomies)". In *Table Ronde Internationale du CNRS - Les Villes de Lusitanie Romaine.* p. 91-113.

GUERRA, Amilcar (1999) - "Fontes para a História Antiga Peninsular". *Al-madam.* Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª Série, n.º 8, p. 127-132.

GUIMARÃES, Gonçalves (1996) - "A estação arqueológica da Erva Moira - Muxagata, V. N. de Foz Côa". Revista *Douro-Estudos e Documentos.* Porto: GEHVID. N.º 1, p. 263-265.

GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (1996) - *La cora de Tudmìr de la antigüedad tardía al mundo islámico – poblamiento y cultura material.* Madrid – Alicante: École des Hautes Études hispaniques – Casa de Velázquez, Instituto de cultura "Juan Gil-Albert" – Disputación Provincial de Alicante. (Collection de la Casa de Velázquez; 57)

HAYES, J. W. (1972) - *Late Roman Pottery.* London: The British School at Rome.

HERCULANO, Alexandre - "Foral de Urros". In *Portugaliae Monumenta Historica.* p. 424-426. -

KORNERUP, A. e WANSCHER, J. H. (1963) - *Methuen Handbook of Colour.* London: Methuen & Co Ltd.

HIPÓLITO, Mário de Castro (1960/61) - "Dos tesouros de moedas romanas em Portugal". *Conimbriga.* Coimbra: Universidade de Coimbra. Vol. 2-3, p. 57.

HÜBNER, Emil (1869) - *Corpus Inscriptiorum Latinarum.* Berlim. Vol. II.

HÜBNER, Emil (1871) - "Notícias Arqueológicas de Portugal". *Memória da Real Academia das Ciências de Lisboa.* Lisboa. Vol. IV, p. 67.

ISNARD, Hilbert (1982) - *O espaço geográfico.* Coimbra: Livraria Almedina. p. 44-45.

JAVIER SIMONET (1983) - *História de los Mozárabes de España.* Madrid: Ediciones Turner. Tomo I, II, III e IV.

JORGE, Vitor Oliveira (1998) - "O Património Arqueológico da região de Foz Côa, da pré-história à época romana – sua promoção local e global, aos níveis científico, cultural e turístico". *Côavisão – Cultura e Ciência.* Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 0, p. 11-21.

LARRÉN IZQUIERDO, Hortensia (1989) - " Materiales cerámicos de la cabeza: Navasangil (Ávila)". Boletín de *Arqueología Medieval.* Madrid: Asociación Española de Arqueología Medieval. N.º 3, p. 53-74.

LEAL, Pinho (1874) - *Portugal Antigo e Moderno.* Lisboa. Vol. II, p. 47-48.

LEMOS, F. de Sande (1993) - *Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental.* Braga: Ed. Universidade do Minho. Vol. I – b, p. 315-316.

LEVEAU, Ph. (1983) - "La ville Antique et L'Organisation de L'Espace Rural: Villa, Ville, Village". *Annales.* N.º 38 (4), p. 920-942.

LEVEAU, Philippe; SILLIÈRES, Pierre; VALLAT, Jean-Pierre (1993) - *Campagnes de la Méditerranée romaine.* Bibliothèque d'Archéologie. Baume-les-Dames: Hachette.

LE ROUX, Patrick (1994) - "Vicus et castellum en Lusitanie sous l'Empire". In *Les campagnes de Lusitanie romaine.* Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez – Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 151-160.

LOSADA, Fermím Perez (19987) - "Sobre concepto de *villa* no mundo romano". *Cadernos de Arqueologia.* Braga. Série II, Vol.4, p. 79-110.

MAIA, Manuel Maria da Fonseca Andrade (s.d.) - *Subsídios para a Carta Arqueológica do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.*(Trabalho manuscrito que se perdeu o rasto).

MAIA, Manuel Maria da Fonseca Andrade (1974/77[a]) - "Vias Romanas no Território dos «Interannienses»". *Arqueólogo Português.* Lisboa. Série III, Vol. VII a IX.

MAIA, Manuel Maria da Fonseca Andrade (1974/77[b]) - "Vilas Romanas do Território Interanniense". *Arqueólogo Português.* Lisboa, Série III, Vol. VII a IX.

MAYET, Françoise (1975) - *Les céramiques a parois fines dans la Péninsule Ibérique.* Paris: Diffusion E. de Boccard.

MANTAS, Vasco Gil (1986) - "A implantação rural romana em torno da *villa* de S. Cucufate (Vidigueira)". *Arquivo de Beja.* 2ª Série, Vol.VIII, p. 199-214.

MANTAS, Vasco Gil (1996) – *A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga.* Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra. Texto policopiado.

MARQUES, Carlos Alberto (1995) - *A Bacia Hidrográfica do Côa.* Lisboa: Assírio & Alvim.

MARTINS, Carla Maria Brás (2000) - "Relatório da intervenção Arqueológica em Escarigo", apresentado ao IPA em Março de 2000. Texto policopiado.

MARTINS, Manuela (1990) - "O povoamento Proto-Histórico e a Romanização da Bacia do Curso Médio do Cávado". *Cadernos de Arqueologia.* Monografias. Braga. N.º 5.

MATEO y LLOPIS, Felipe (1938) - *Catalogo de las Monedas Previsigodas y Visigodas del Gabinete Numismática del Museo Arqueológico Nacional.* Madrid.

MATEO y LLOPIS, Felipe (1979) - "Gothorum Reges in Caliabri". *Nummus.* Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática. 2ª série, vol.II, p. 7-13.

MATEUS, José Eduardo (1996) - "Arqueologia da Paisagem e Paleoecologia". *Al-madam.* Almada: Centro de Arqueologia de Almada. IIª série, n.º 5, p. 96-108.

MATHIAS, Michael (1995) - "Elementos para o estudo do povoamento medieval do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda". In Actas VII do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia.* Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol. XXXV, Fasc.3, p. 495-501.

MATHIAS, Michael (2000) - "O Projecto: O Castelo de Castelo Melhor, Vila Nova de Foz Côa, distrito da Guarda – Investigação Arqueológica e Estudo de Conservação/Recuperação". *Côavisão – Cultura e Ciência.* Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. N.º 2, p. 35-46.

MONTEIRO, Manuel (1998) - *O Douro.* Porto: Edições Livro Branco, Lda. Fac – Simile da Edição de 1911 de Emílio biel & Cª – Editores.

NETO, Joaquim Maria (1975) - *O Leste do Território Bracarense.*Torres Vedras. p. 17-18; 83-95; 103-107.

NOGUEIRA, José Artur Anes Duarte (1982) - *Riba-Côa e a sua ligação histórica ao reino de Portugal.* Braga: Livraria Cruz. (Colecção Scientia Iuridica).

NOLEN, Jeannette U. Smit (1994) - *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares – Balsa.* Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura. Instituto Português de Museus.

NOZAL CALVO, Miguel; PUERTAS GUTIÉRREZ, Fernando (1995) - "La terra sigillata paleocristiana gris en la villa romana de La Olmeda". *Studia Archaeologica.* Valladolid: Universidad de Valladolid. N.º 83.

OLIVEIRA, Francisco de (1994) - "Lusitânia rural em Plínio o Antigo". In *Les campagnes de Lusitanie romaine.* Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez – Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 31-44.

OLIVEIRA, Pe Miguel de (1950) - *As paróquias rurais portuguesas.* Lisboa. p. 53-54.

PACHECO, Pe. José Caetano Pinto (1815) - "Memória shistóricas àcerca da cidade de Caliábria". *Jornal de Viseu.* Viseu.

PEREIRA, Gaspar Martins (1991) - *O Douro e o Vinho do Porto de Pombal a João Franco*. Porto: edições Afrontamento.

PERESTRELO, Manuel Sabino; Ferreira, Maria do Céu Crespo (2000) - "Povoamento romano na bacia da ribeira de Massueime (Guarda) - Alguns Subsídios". In *Actas Beira Interior História e Património*. Guarda. p. 97-120.

PÉREZ SÁNCHEZ, Dionisio (1994) - "Sociedad y relaciones de dependencia en la Lusitania tardorromana y visigoda". In *Les campagnes de Lusitanie romaine*. Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez - Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 311-323.

PLÍNIO - História Natural. IV, p. 118.

POLICARPO, D. José da Cruz (1998) - "A cidade romana e a Diocese de Caliábria". In *Tratado de Alcanices e a sua importância histórica nas terras de Riba Côa*. Lisboa: Universidade Católica Edições. p. 109-114.

PONTE, Salete da (2001) - *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas, Portugal*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Textopolicopiado.

REIS, António Matos (1991) - *Origens dos Municípios Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte. N.º 36.

RESENDE, André de (2001) - *As Antiguidades da Lusitânia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Edição com introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. p. 74-89; 125-131; 213-220.

ROCHA, António Santos (1905) - "O Museu Municipal da Figueira da Foz". In *Catálgo Geral*. Figueira da Foz. p. 158.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1958) - "O Culto da Ganadaría ao Sul do Douro". *Revista de Guimarães*. Guimarães. N.º LXVIII.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1960[a]) - *Arqueologia da Península Hispânica*. Porto: Porto-Editora.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1960[b]) - "Subsídios numismáticos para o estudo da dominação suévico-visigótica na região da Guarda - Elementos inéditos". *Bracara Augusta*. N.º IX. p. 5-9.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1961) - *Necrópole de Civitas Aravorum, Marialva, Meda*. Porto.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1962) - "Missão de estudo arqueológico na região da Vilariça-Moncorvo". *Studium Generale*. N.º 9, p. 336-351.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1965) - "O Templo Romano de Almofala. Nova interpretação sobre o Casarão da Torre". Revista *Beira Alta*. Viseu. N.º 24(4), p. 433-435.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1981) - "O Tratado de Alcanizes e as Terras de Riba Côa". *Altitude*. 2.ª Série, Ano II, n.º 3.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) - *Terras da Meda, Natureza e Cultura*. Meda: Edição da Câmara Municipal da Meda. p. 60; 87; 88; 102.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1992) - "Segredos da História de Castelo Rodrigo". *Ecos da Marofa*, de 25 de Junho de 1992. Figueira de Castelo Rodrigo.

RODRIGUES, Maria da Assunção Carqueja (1962) - "Subsídios para o estudo das ferrarias da Reboreda - Moncorvo". *Lucerna*. N.º 2, p. 3-32.

RODRIGUES, Nuno Simões (1998) - "O vinho e a economia agrícola romana (séculos III a.C.-I d.C.)". *Douro: Estudos & Documentos*. Porto: GEHVID. N.º 6, p. 161-174.

RODRIGUEZ-GONZÁLEZ, Julio (1998) - "As legiões romanas no vale do Douro na época de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia (31 a. C. - 68 d. C.)". *Douro: Estudos & Documentos*. Porto: GEHVID. N.º 5, p. 29-48.

ROLDAN HERVAS, J. M. (1968/69) - "Fuentes Antigas para el Estudio de los Vetones". In *Zephyrus*. Salamanca. N.º XIX-XX, p. 73-106.

ROLDAN HERVAS, J. M. (1971) - *Iter ab Emerita Asturicam. El Caminho de la Prata*. Salamanca. p. 91.

RUSSEL CORTEZ, F. (1951) - "As escavações arqueológicas do castellum de Fonte do Milho – contributo para a demogenia duriense". *Anais do Instituto do Vinho do Porto*. Porto: Instituto do Vinho do Porto. Vol. 1, p. 19-88.

SAA, Mário (1960) - *As grandes vias da Lusitânia*. Lisboa. Livro X, Tomo III, p.317-324.

SALINAS de FRÍAS, Manuel (1990) - "Las ciudades de Lusitania oriental. Su papel en la transformación del território y la sociedad indígenas". In *Les villes de Lusitanie romaine*. Paris: Hiérarchies et térritoires.

SALINAS de FRÍAS, Manuel (1994[a]) - "Unidades organizativas indígenas y administración romana en el valle del Duero". In *Las estructuras sociales indígenas del norte de la Península Ibérica*. Vitória. p. 167-179.

SALINAS de FRÍAS, Manuel (1994[b]) - "El poblamiento rural antiguo de la provincia de Salamanca: modelos e implicaciones históricas". In *Les campagnes*

de Lusitanie romaine. Madrid-Salamanque: Casa de Velázquez - Ed. Universidade de Salamanca. N.º 47, p. 177-188.

SAMPAIO, Gonçalo (1895) - "Flora Duriense". In *Quadro Dichotomico para a determinação das Familias.* Porto: Typ. Da Empreza Literaria e Typographica.

SAMPAIO, Gonçalo (1901) - "Plantas Novas para a Flora de Portugal". *Annaes de Sciencias Naturaes.* Porto: Typ. De A. F. Vasconcelos, Succ.. Vol. VII, 2ª Série.

SAMPAIO, Gonçalo (1906) - "Notas Criticas sobre a Flora Portugueza". Separata dos *Annaes de Sciencias Naturaes.* Porto: Typ. De A. F. Vasconcelos, Succ. Vol. I.

SILLIÉRS, Pierre (1988) - "Voies romaines et limites de provinces et de cités en Lusitanie". In *Table Ronde Internationale du CNRS - Les Villes de Lusitanie Romaine.* p. 73-88.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal.* Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Sitânia de Sânfins.

SILVA, Armando Coelho Ferreira da (2001) - "Los pueblos lusitano-galaicos". In *Celtas y Vettones.* Ávila: Excma. Diputación Provincial de Ávila.

SILVA, José Joaquim da (1992) - *Monografia do Concelho de Figueira de Castelo Rodrigo.* Figueira de Castelo Rodrigo: Edição da Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo.

SOEIRO, Teresa (1984) - "Apontamentos para a ocupação entre Sousa e Tâmega na época romana". *Boletim Municipal de Cultura.* Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel. 3ª Série, 1.

SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e (1993) - *Subsídios para o levantamento do Património Construído de Almendra.* Porto: Ed. da Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

TABORDA, Virgílio (1932) - *Alto Trás-os-Montes. Estudo geográfico.* Coimbra.

TAMAYO DE SALAZAR, Juan (1659) - *Amamnesis, sive commemoratio omnium sanctorum Hispanorum.* Lyon. Vol. IV, p. 359.

TASSINARI, Suzanne (1975) - "La vaisselle de bronze romaine et provinciale au Musée des Antiquités Nationales". In *Gallia.* Paris: Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. XXIXe supplément, p. 55.

TAVARES, J. A. Abrunhosa (1942^{a}) - "História e Arqueologia. Por terras da Meda". *Altitude.* N.º 2 (12), p. 111-116.

TAVARES, J. A. Abrunhosa (1942^{b}) - "Arqueologia, história e lendas. Marialva "Cara de Rosas". *Altitude.* N.º 2 (12), p. 328-335.

TEIXEIRA, Ricardo (1996) - *De "Aquae Flaviae" a Chaves., Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (texto policopiado)

TEIXEIRA, Ricardo (1998^{a}) - "Elementos para o estudo da ocupação romana no Alto Douro: bacia hidrográfica dos rios Varosa e Balsemão". *Douro: Estudos & Documentos.* Porto: GEHVID. N.º 5, p. 11-28.

TEIXEIRA, Ricardo (1998^{b}) - "O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente". In *Terras do Côa da Malcata ao Reboredo, valores do Côa.* Guarda: Estrela-Côa – Agência de desenvolvimento territorial da Guarda. p. 85-99.

TORRE RODRIGUES, José Ignácio de la (1996) - "A comarca de Ribacôa no tratado de Alcañices". *Douro: Estudos & Documentos*. Porto: GEHVID. N.º 1, p. 17-25.

TORRES, Casimiro (1977) - *Galicia Sueva*. Fundacion Pedro Barrie de la Maza, conde de Fenosa. Galicia Histórica. Instituto "P. Sarmiento" de Estudios Galegos.

TRANOY, Alain (1981) - La Galice romaine. Paris.

TRANOY, Alain (1988) - "L'Organization urbaine dans le *Conventus Scallabitanus*". In *Table Ronde Internationale du CNRS – Les Villes de Lusitanie Romaine*. p. 11-20.

VASCONCELOS, José Leite de (1888) - *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: I.N.C.M..

VASCONCELOS, José Leite de (1896) - "Inscrições romanas de Moncorvo". *O Arqueólogo Português*. Vol. 2, p. 134-135; 168-172.

VASCONCELOS, José Leite de (1902) - "Um acheólogo esquecido. Manuel de Queiroga Carneiro de Fontaura". *O Arqueólogo Português*. Vol. 7, p. 1-14.

VASCONCELOS, José Leite de (1917) - *O Arqueólogo Português*. Vol. 12. p. 20; 168; 303.

VAZ, Pe. Francisco (1993) - *Santa Maria de Riba Côa*. Lisboa: Ed. Do Autor.

VEIGA, Francisco António (1856) - *O Castelo de Calábria*. Coimbra.

VEGAS, Mercedes (1973) - *Cerámica Común Romana del Mediterráneo Occidental.* Barcelona: Instituto de Arqueología y Prehistoria. Universidade de Barcelona.

VIEIRA, Maria Afonso (2000) - *Alto Paiva, Povoamento nas épocas romana e alto-medieval.* Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. (texto policopiado)

VILLA MAIOR, Visconde de (1876) - *O Douro Ilustrado.* Porto: Livraria Universal de Magalhães & Muniz, Editores. p. 5-7; 79-80; 88-89; 199-202.

VILLANUEVA ZUBIZARRETA, Olatz (1992) - *La ceramica visigoda en el interior peninsular. Antecedentes y perduraciones.* Trabalho policopiado de doutoramento.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa (1965-6) - "Calábria". In *Elucidário das Palavras, Termos e Frases.* Porto: Livraria Civilização. Vol. II, p. 61-63.

VIVES GATELL, Jose, MARIN MARTINEZ, Tomas, MARTINEZ DIEZ, Gonzalo - *Concilios visigóticos e hispano-romanos.* Barcelona-Madrid: Instituto Enrique Florez.

8. Apêndices

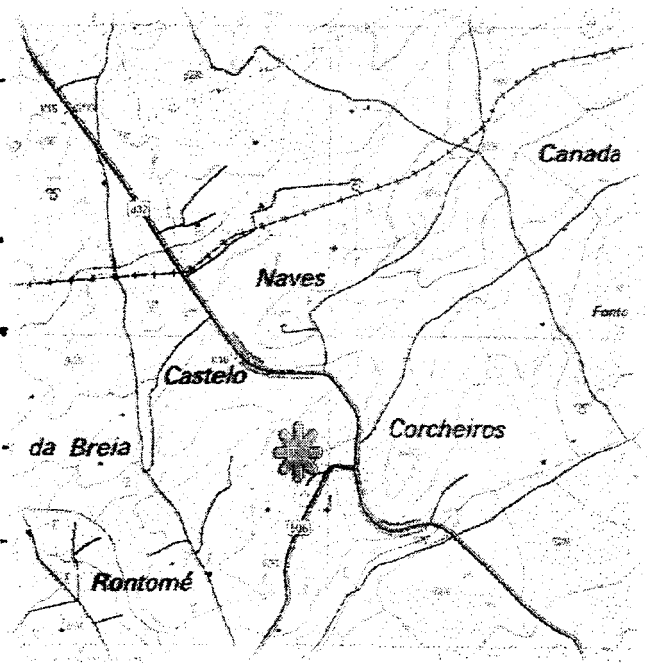
8.1. Mapas e fotografias do catálogo

8.2. Mapas gerais

8.3. Fotografias de estruturas e materiais.

8.4. Plantas de Aldeia Nova/Olival dos Telhões

N.º 1 - Castelo



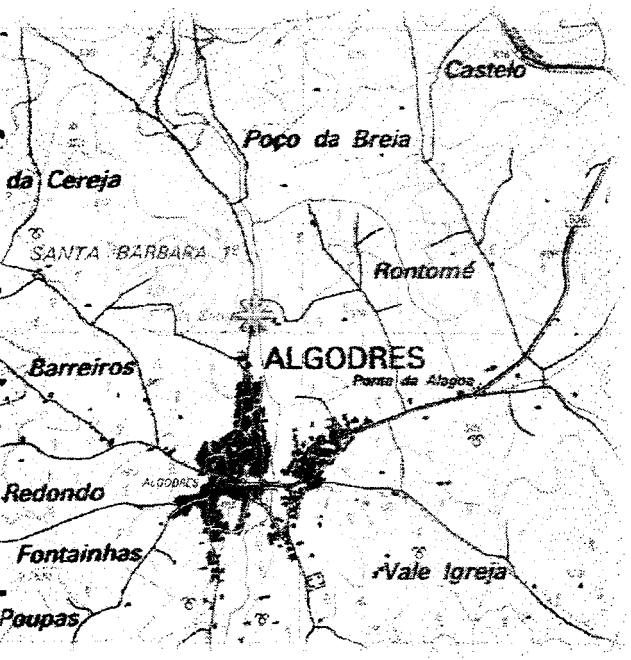
Localização do Castelo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto do Castelo, em Algodres

Estampa I

N.º 2 - Fonte do Cabeço



Localização da Fonte do Cabeço
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º151



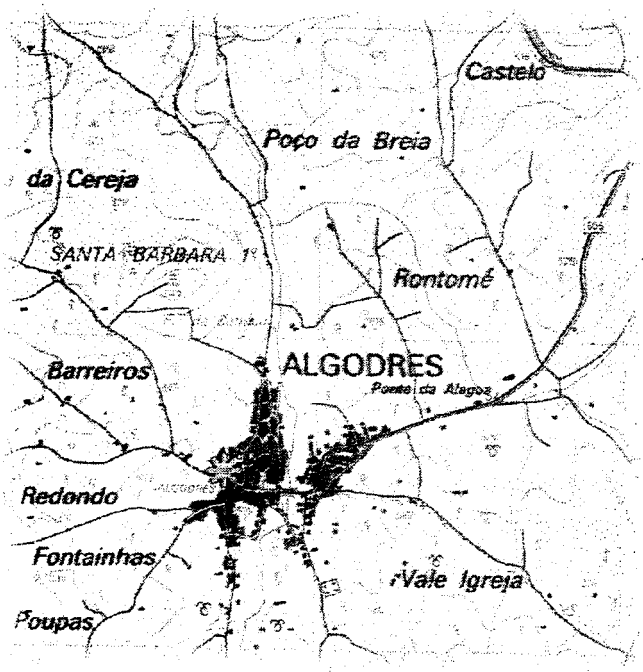
Olival junto à Fonte do Cabeço

Fonte do Cabeço



Estampa II

N.º 3 - Castelo

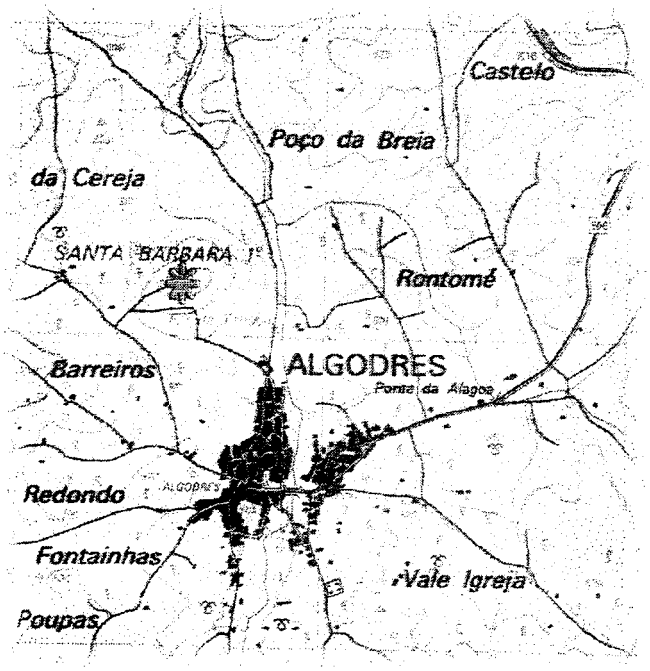


Localização do Castelo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto do massiço granítico, onde teria assentado o Castelo

N.º 4 - Santa Bárbara



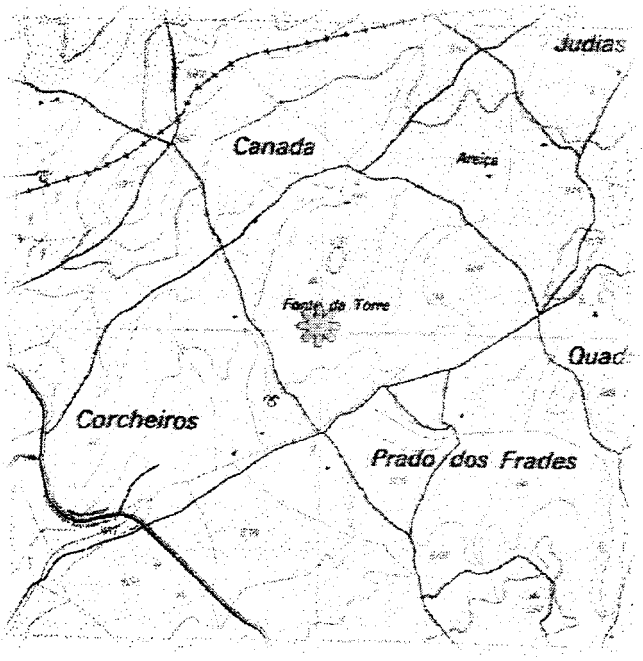
Localização de Santa Bárbara
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto da capela de Santa Bárbara

Estampa IV

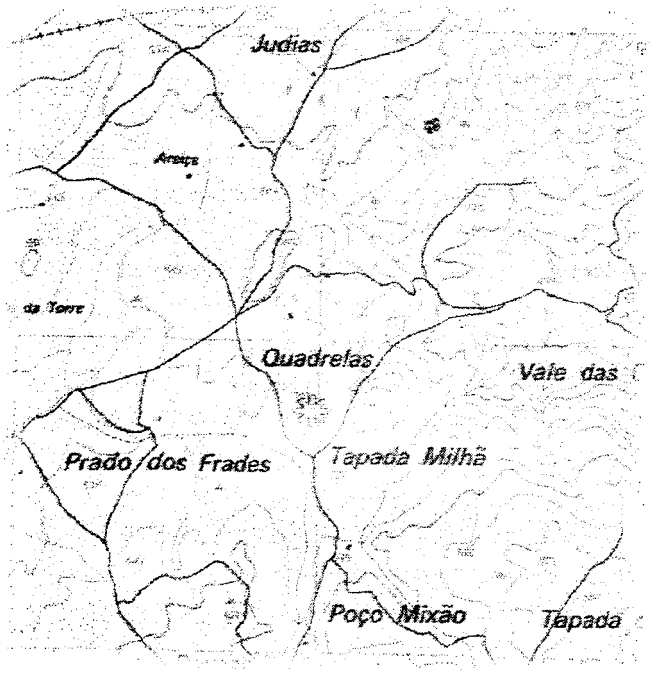
N.º 5 - Fonte da Torre



Localização da Fonte da Torre
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151

Estampa V

N.º 6 - Cova da Moura

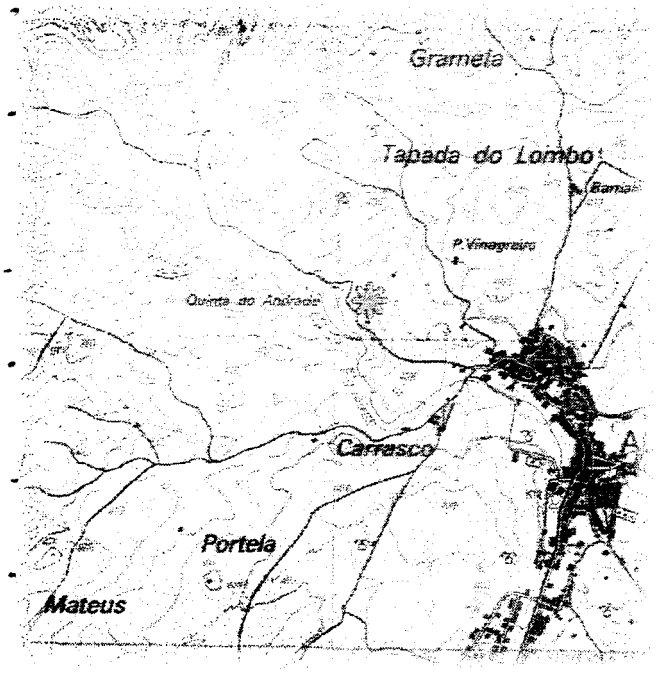


Localização da Cova da Moura
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto da Cova da Moura

Estampa VI

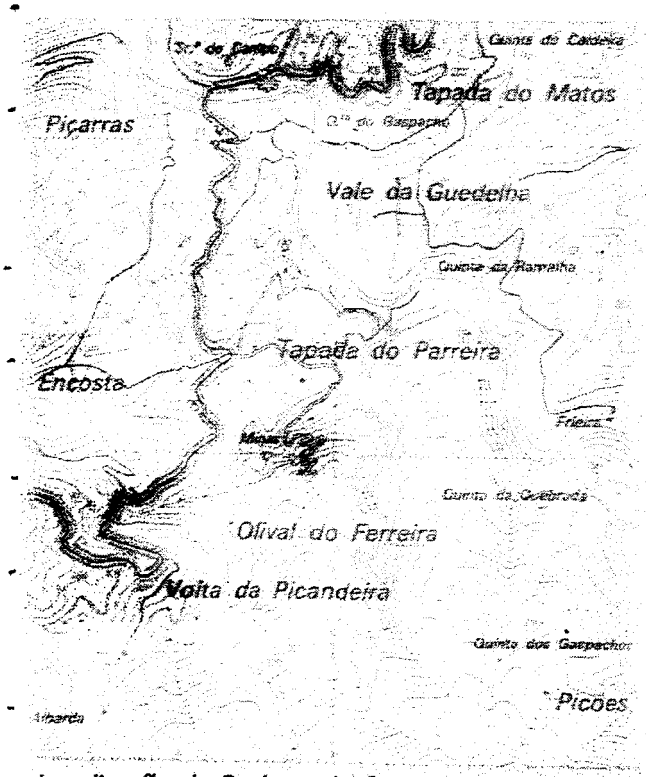


Localização da Quinta do Andrade
Carta Militar de Portugal 1:25.00, n.º 151

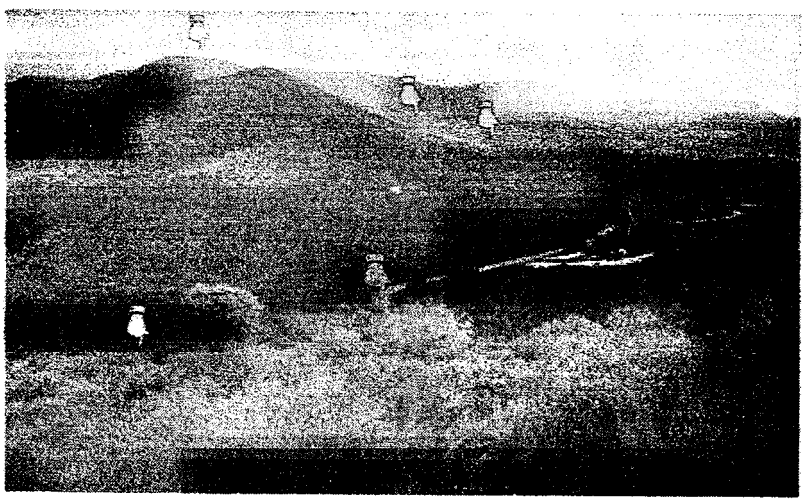
N.º 7 - Quinta do Andrade

Estampa VII

N.º 8 - Senhora do Campo



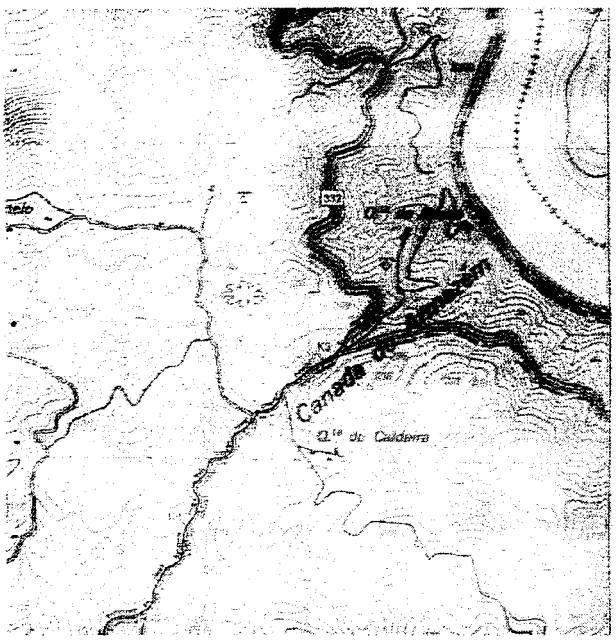
Localização da Senhora do Campo
Carta Militar de Portuga 1:25.000, n.º 151I



Senhora do Campo Aldeia Nova/Olival dos Telhões
Garrocho Monte do Castelo Ponte
Caminho Velho

Estampa VIII

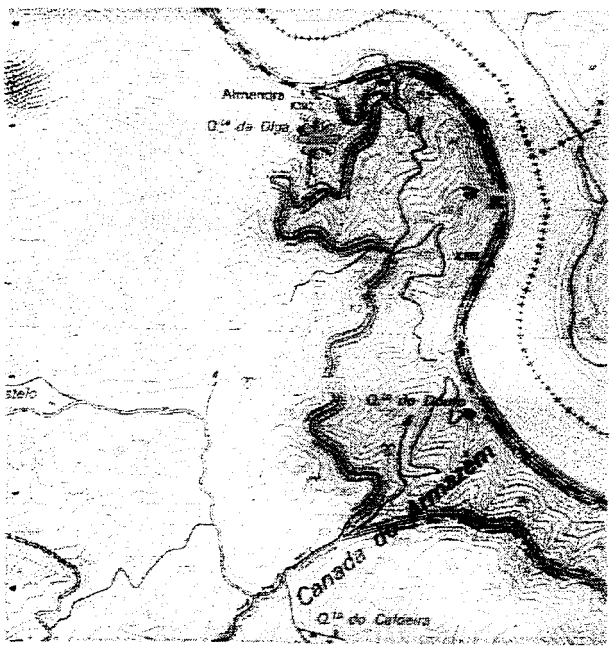
N. 9 - Garrocho



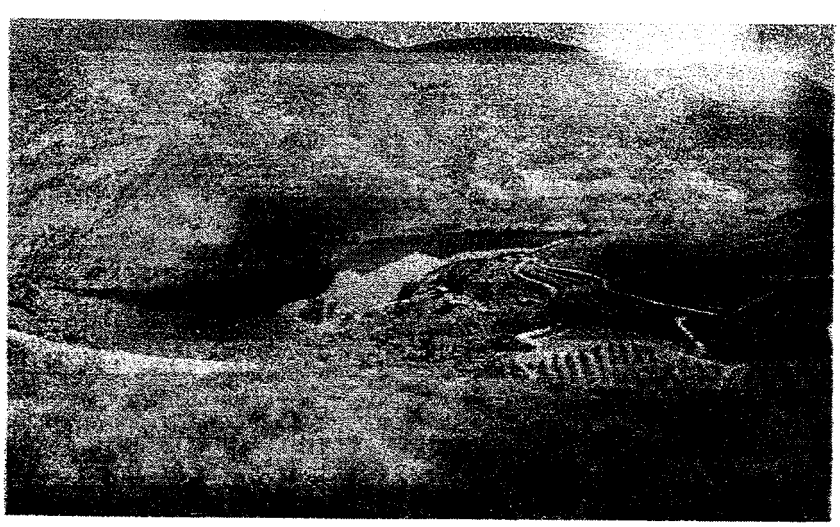
Localização do Garrocho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141

Estampa IX

N.º 10 - Quinta da Olga



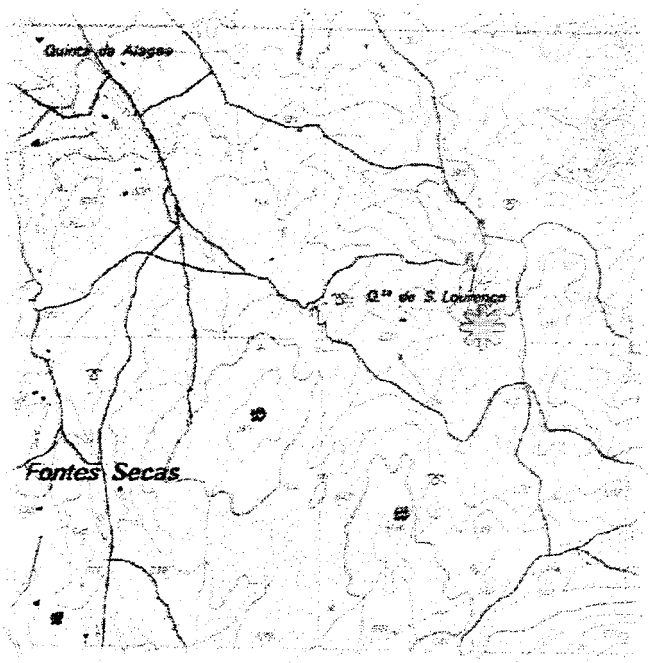
Localização da Quinta da Olga
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



Aspecto da Quinta da Olga, vista do Monte do Castelo

Estampa X

N.º 11 - Quinta de São Lourenço



Localização da Quinta de São Lourenço
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151





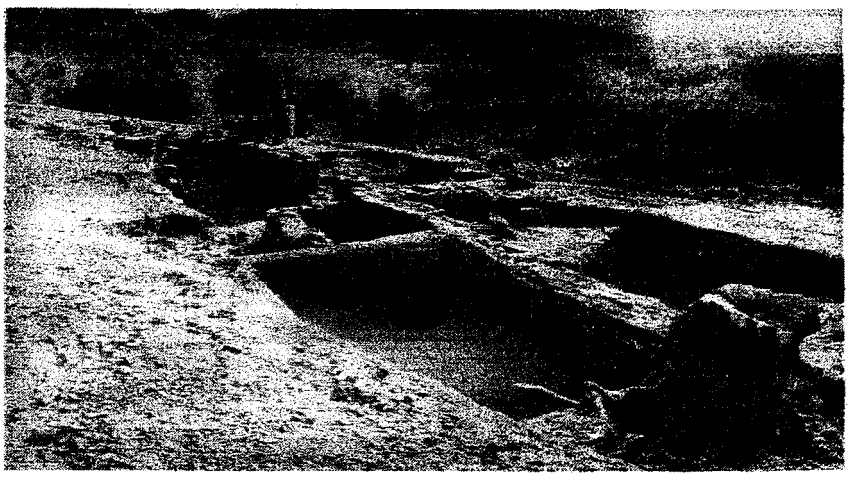
Aspectos da capela de São Lourenço

Estampa XI

N.º 12 - Aldeia Nova/Olival dos Telhões



Localização de Aldeia Nova/Olival dos Telhões
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



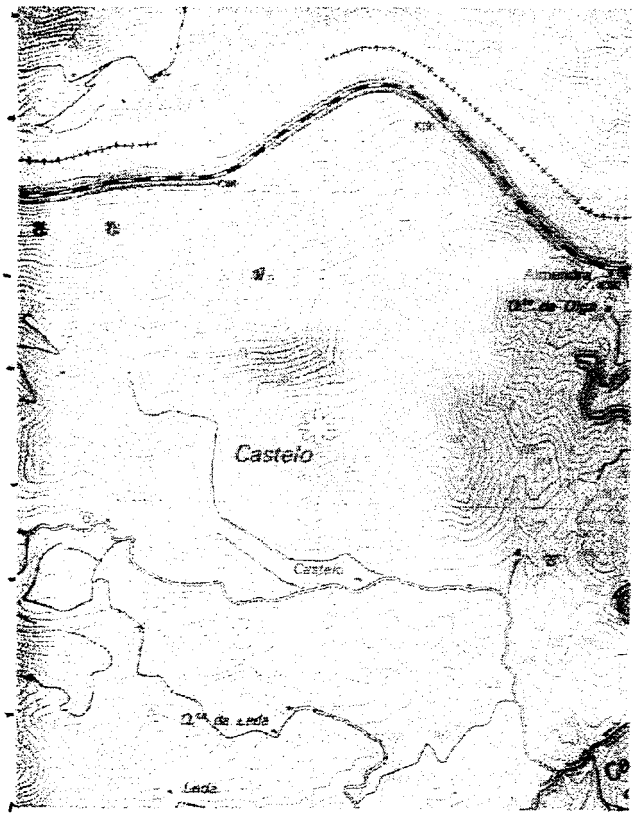
Aspecto dos tanques na Zona I



Local da intervenção arqueológica

Estampa XII

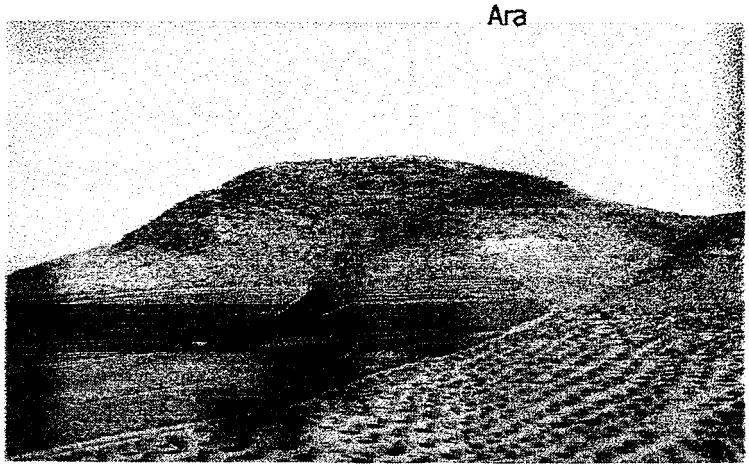
N.º 13 - Monte do Castelo



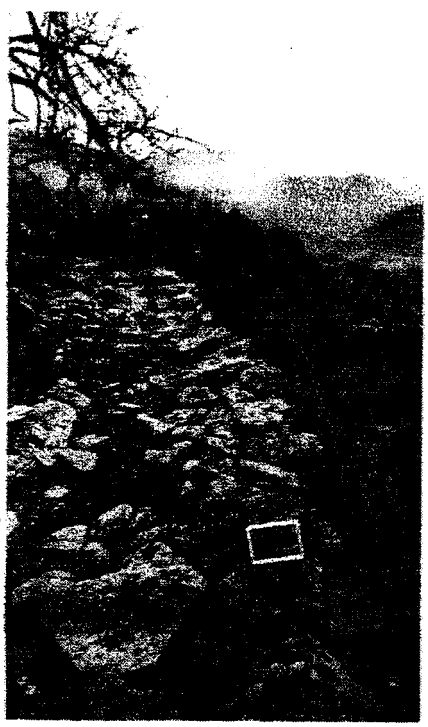
Localização do Monte do Castelo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



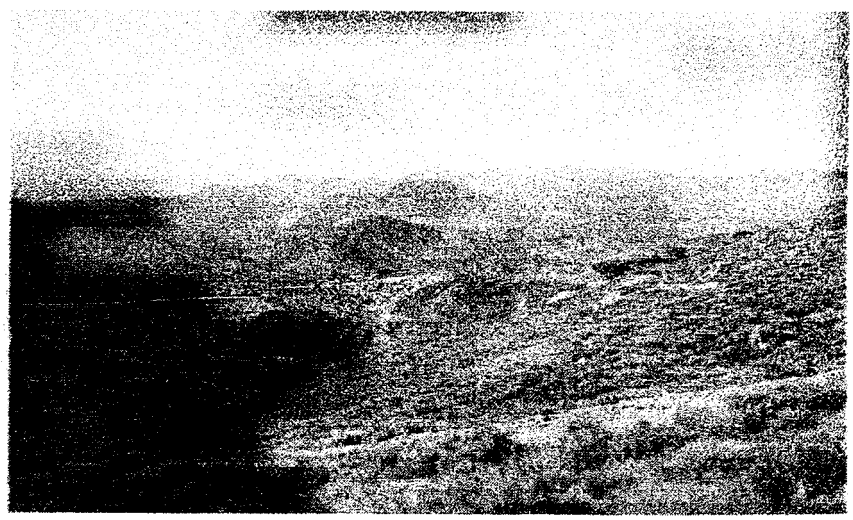
Ara



Monte do Castelo

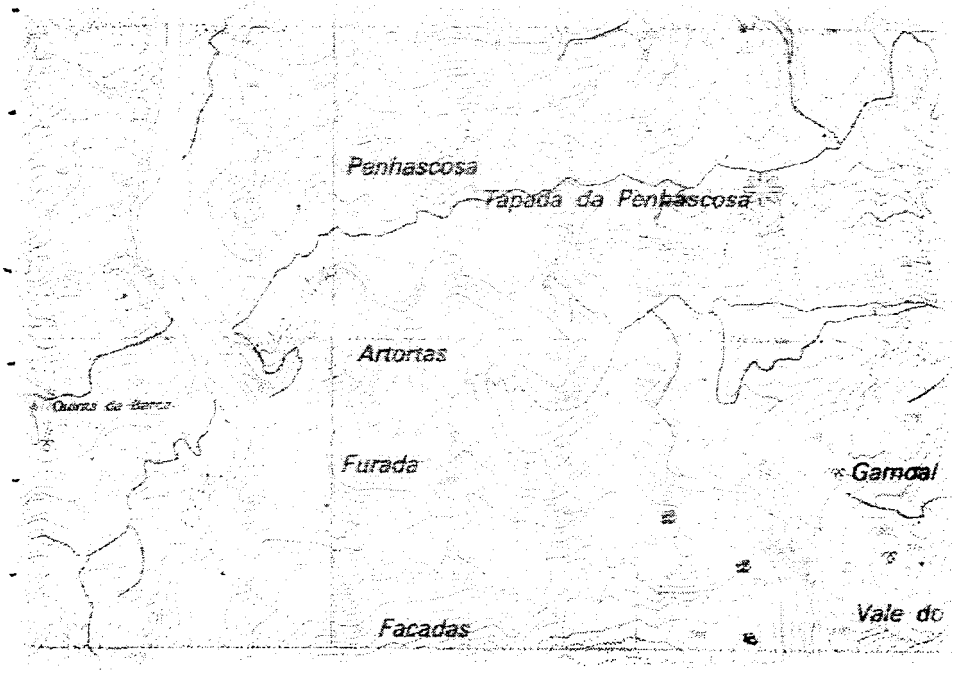


Aspecto da muralha



Implantação do Monte do Castelo

N.º 14 - Tapada da Penascosa

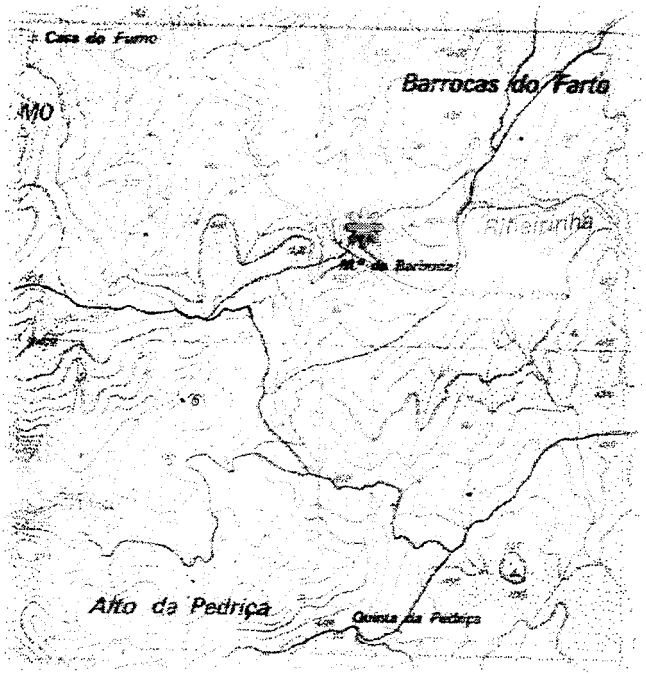


Localização da Tapada da Penascosa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Implantação da Tapada da Penascosa

N.º 15 - Calçada da Ribeirinha



Localização da Calçada da Ribeirinha
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151

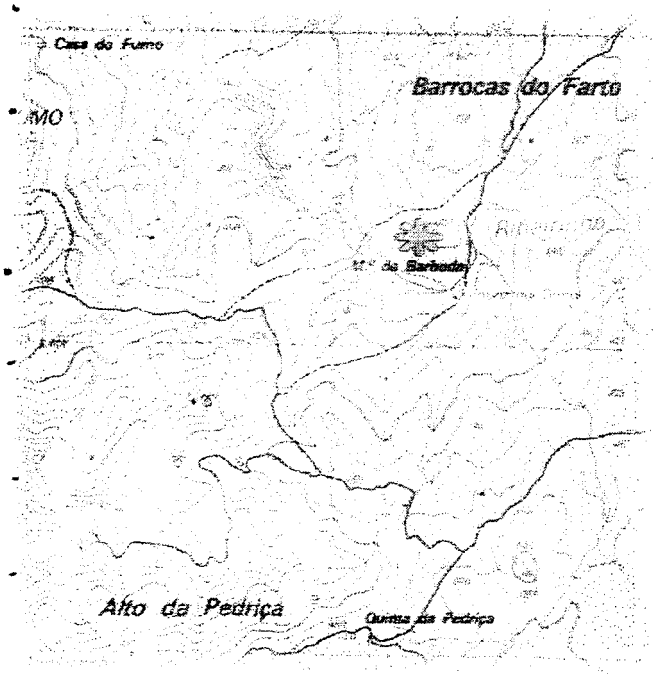


Aspecto da calçada junto às Barrocas do Farto



Aspecto de parte do troço da Calçada da Ribeirinha

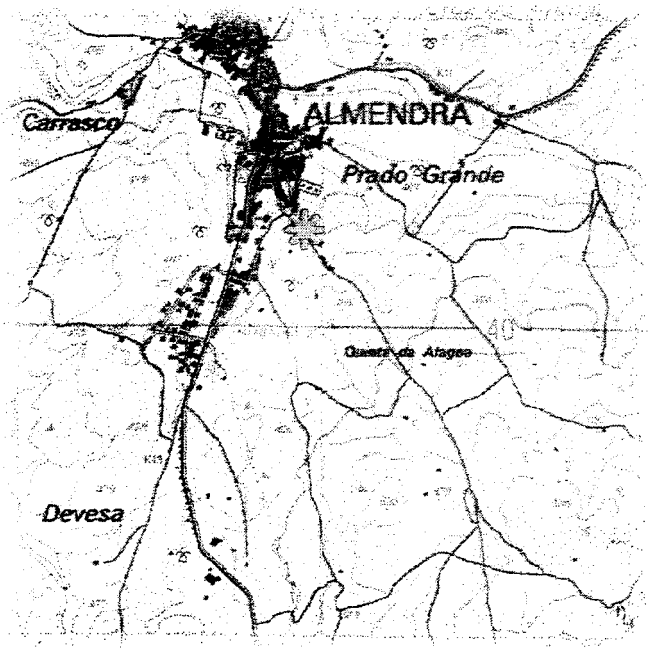
Estampa XV



Localização das Barrocas do Farto
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151

N.º 16 - Barrocas do Farto

N.º 17 - Calçada de Almendra



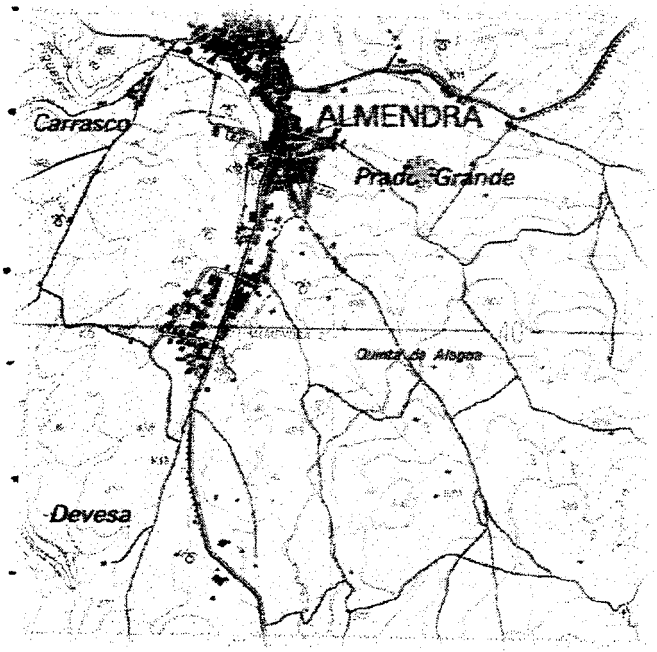
Localização da Calçada de Almendra
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto de parte do troço da Calçada de Almendra

Estampa XVII

N.º 18 - Prado Grande



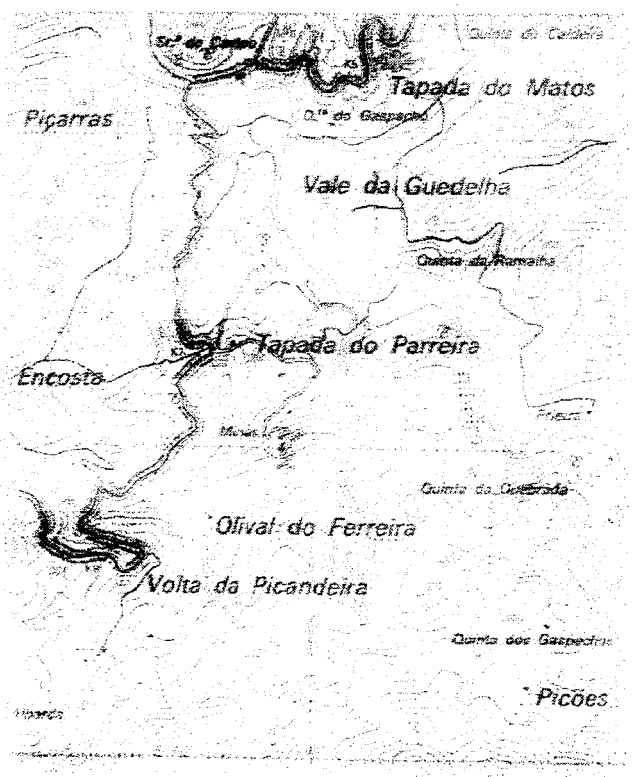
Localização do Prado Grande
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



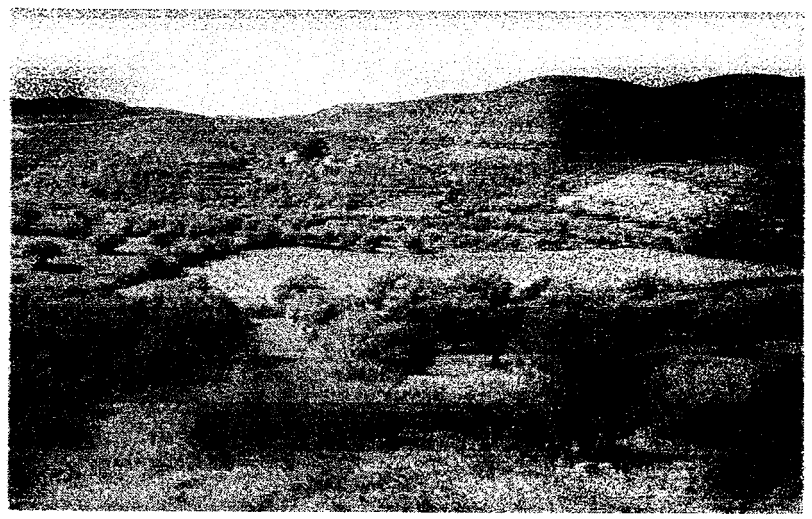
Vista do Prado Grande

Estampa XVIII

N.º 19 - Tapada do Matos



Localização da Tapada do Matos
Carta militar de portugal 1:25.000, n.º 151



Tapada do Matos

Estampa XIX

N.º 20 - Ponte



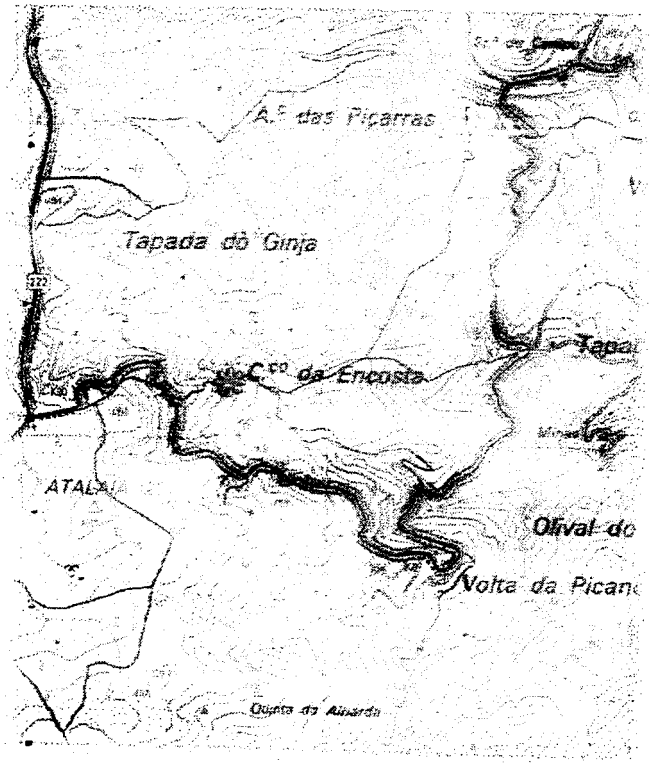
Localização da ponte
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto do talha-mar da ponte

Estampa XX

N.º 21 - Caminho Velho



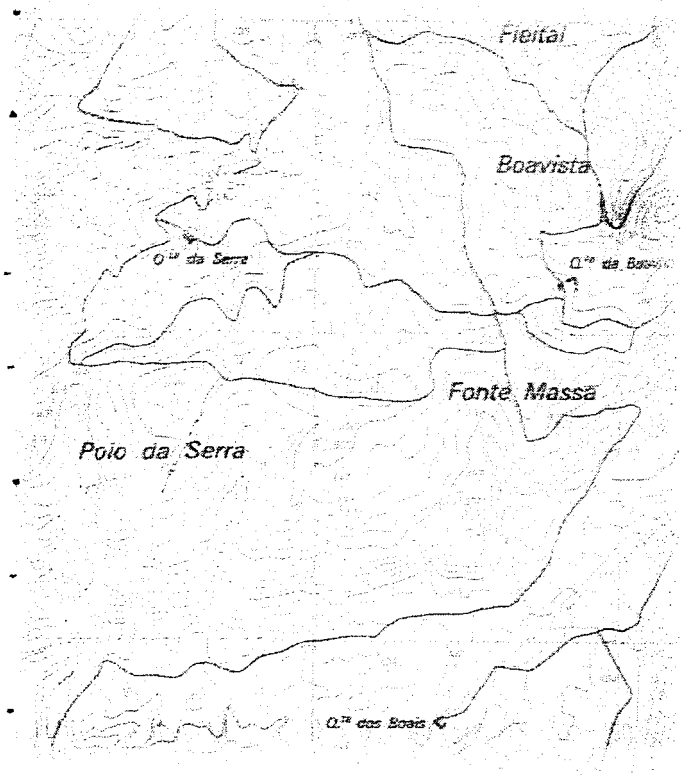
Localização do Caminho Velho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto do Caminho Velho quase a chegar à Ponte e à Sr.ª Do Campo

Estampa XXI

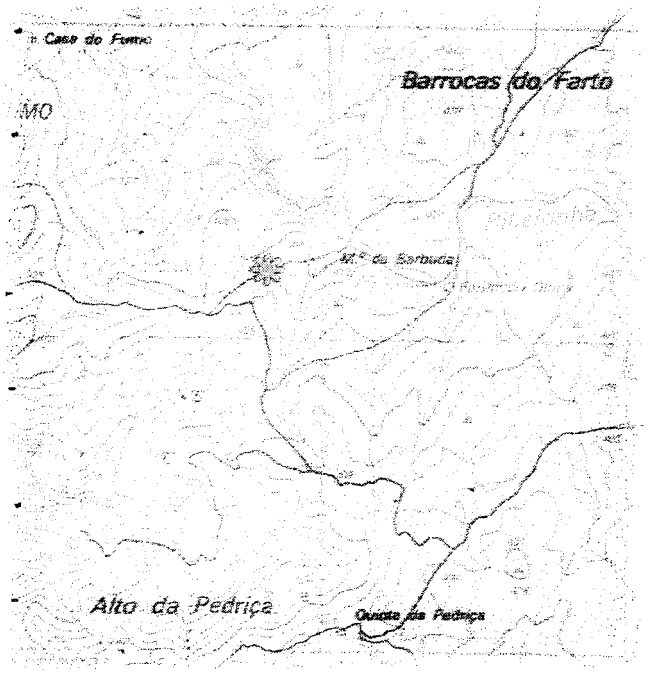
N.º 22 - Caminho dos Mouros



Localização do Caminho do Mouros
Carta Militar de Portugal 1:25.00, n.º 152

Estampa XXII

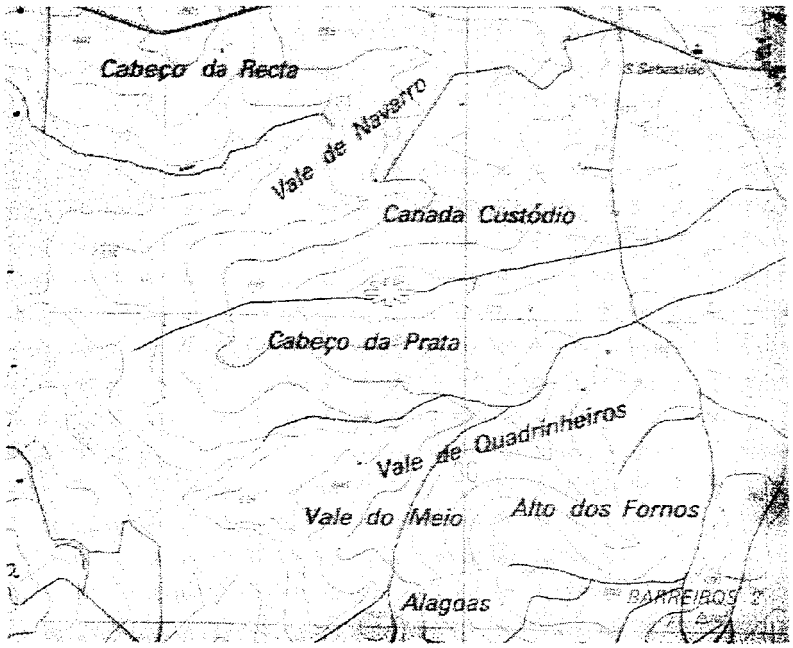
N.º 23 - Calçada de Almendra



Localização da Calçada de Almendra
- Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto da Calçada de Almendra

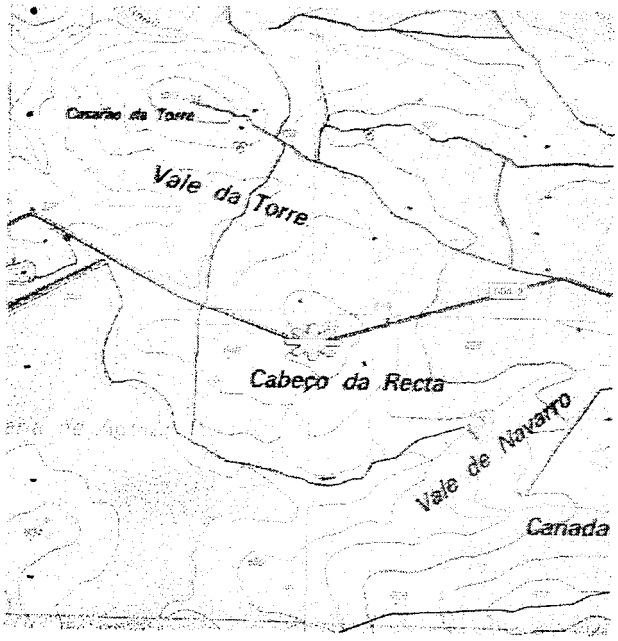


Localização do Cabeço da Prata
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

N.º 24 - Cabeço da Prata

Estampa XXIV

N.º 25 - Cabeço da Recta

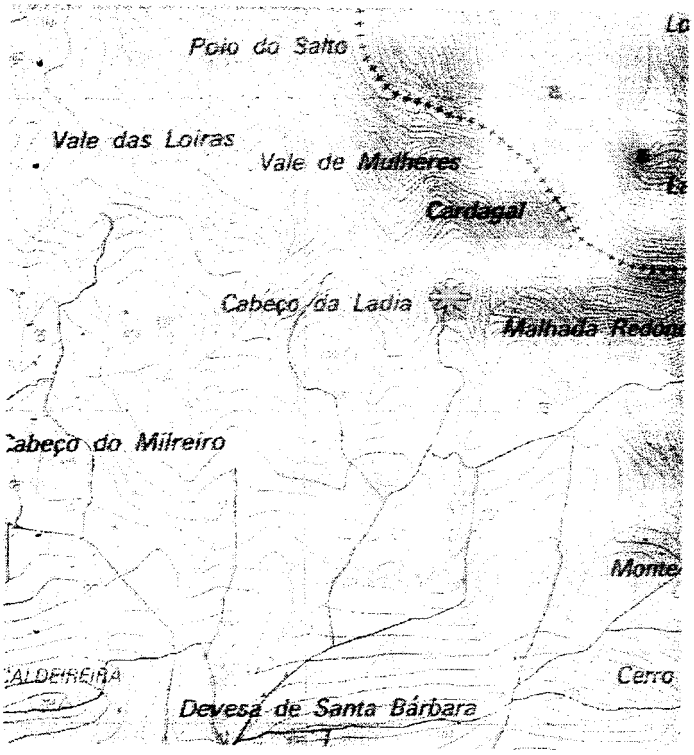


Localização do Cabeço da Recta
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

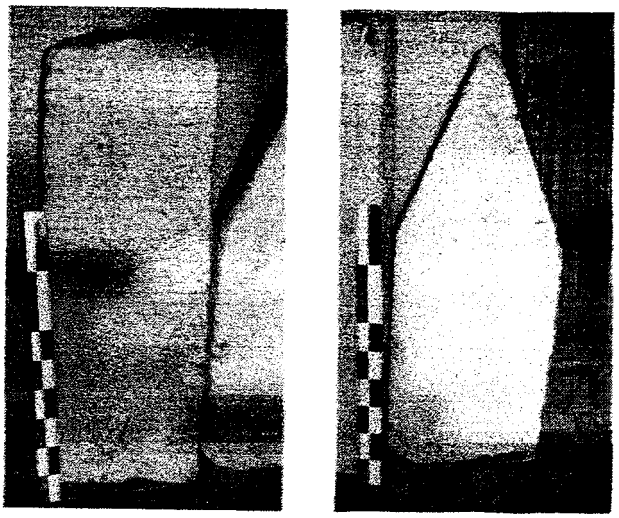


Aspecto do Cabeço da Recta com a Torre de Almofala ao fundo

Estampa XXV



Localização de Santo André
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Ara encontrada em Santo André, hoje encontra-se na Junta de Freguesia de Almofala



Muralha de Santo André



Entrada para Santo André, com os dois berrões

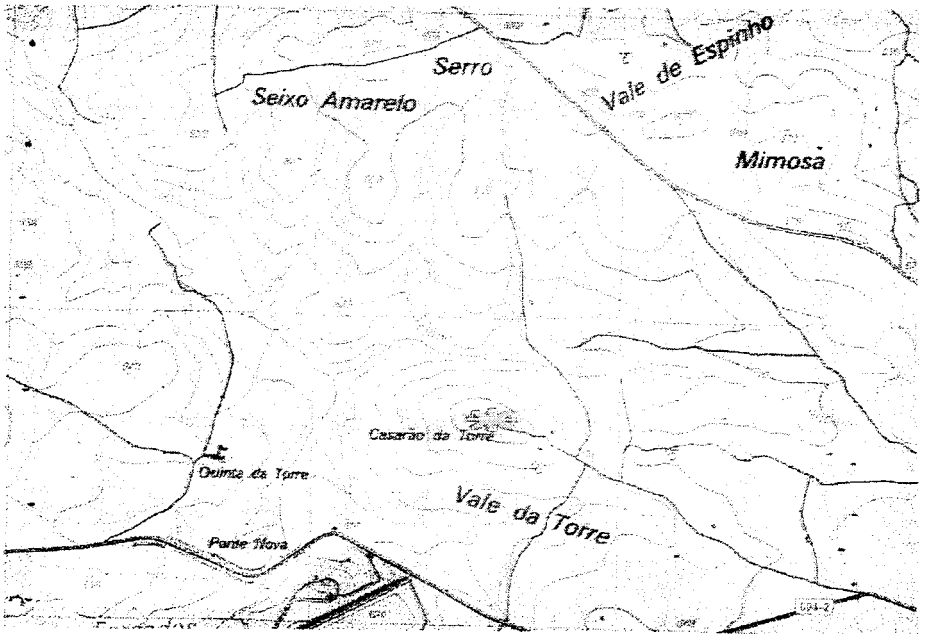


Pedra almofadada num canto da antiga capela de Santo André

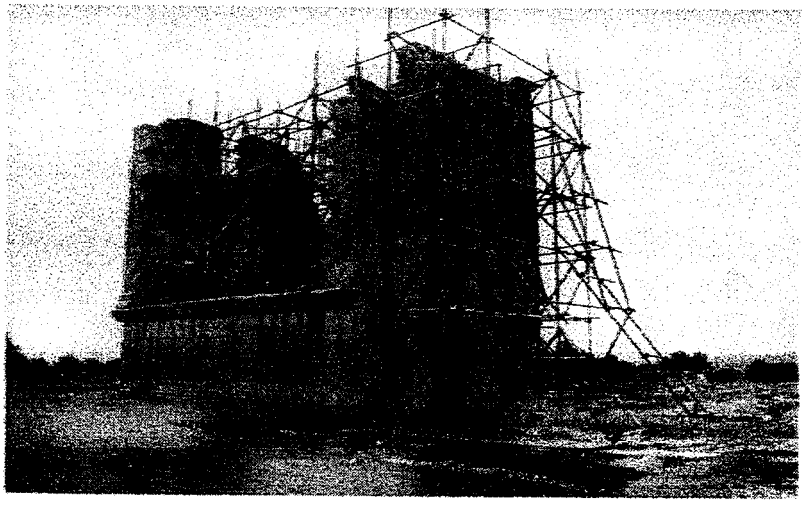


Antiga Capela de Santo André

N.º 27 Torre de Almofala



Localização da Torre de Almofala
Carta militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Aspecto da Torre de Almofala com o seu podium do templo romano

Estampa XXVII

N.º 28 - Vale das Louras



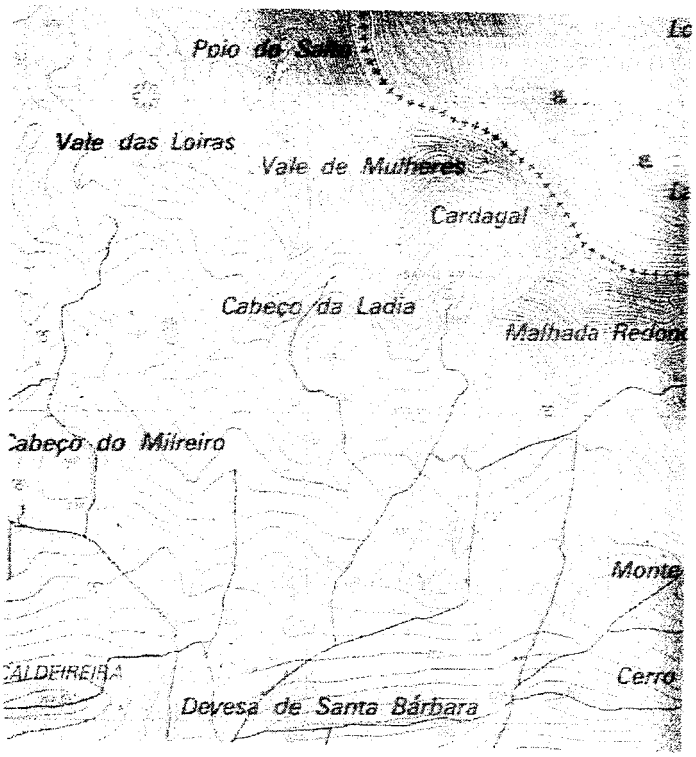
Localização do Lagar I de Vale das Louras
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Aspecto do Lagar I de Vale das Louras, entulhado

Estampa XXVIII

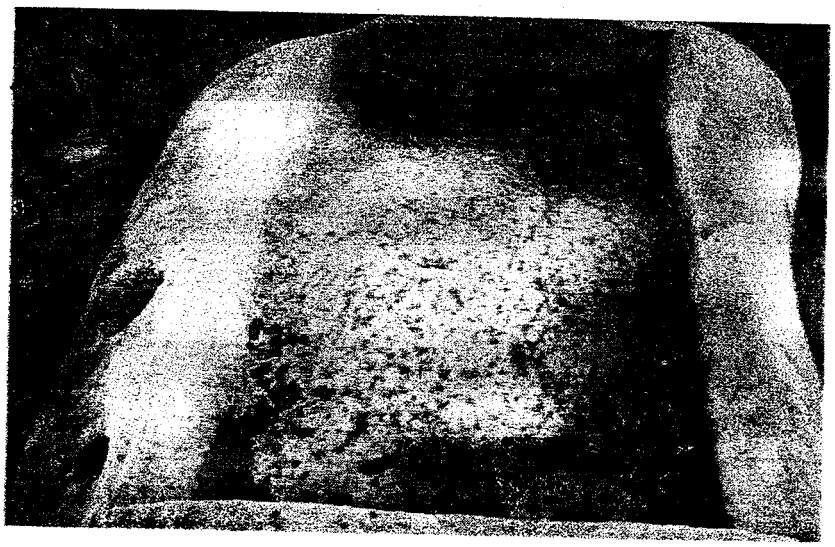
N.º 29 - Vale das Louras



Localização do lagar II de Vale das Louras
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



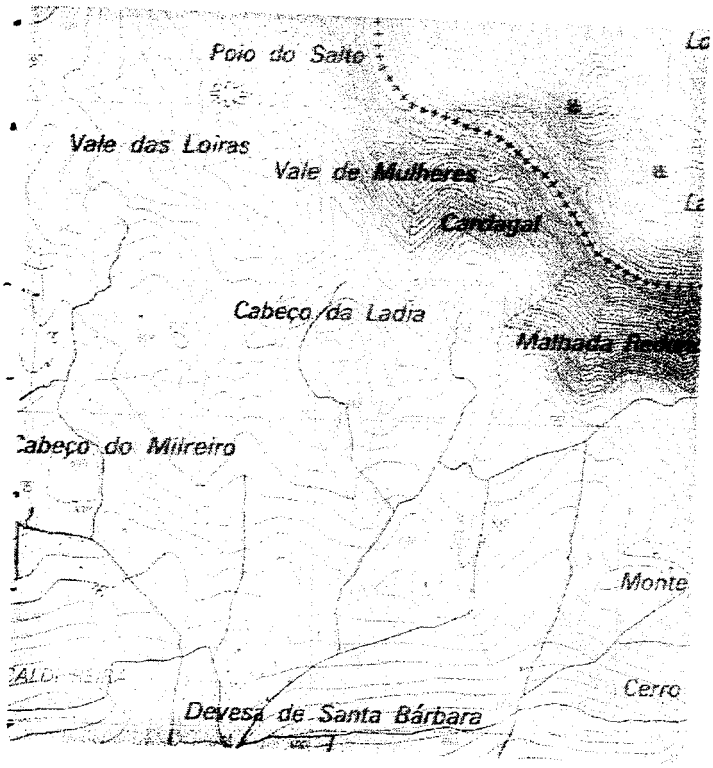
Boca do Lagar II de Vale das Louras



Lagar II de Vale das Louras

Estampa XXIX

N.º 30 - Vale das Louras



Localização de Vale das Louras
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

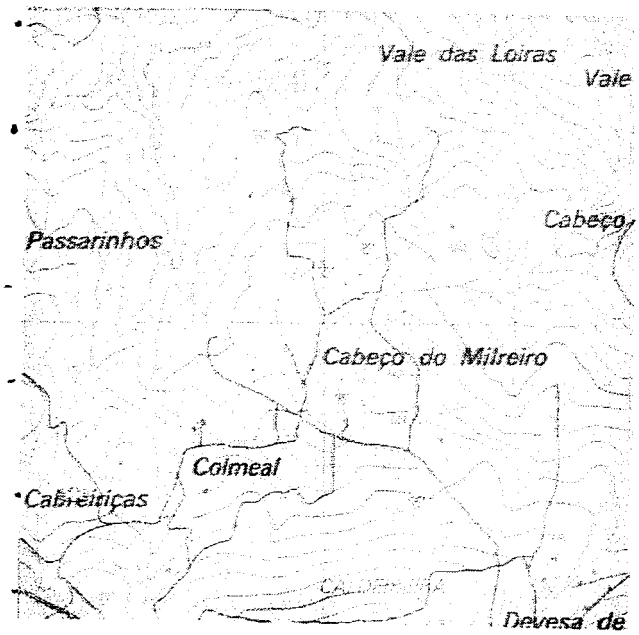
Estampa XXX

N.º 31 - Colmeal das Olas



Localização do Colmeal das Olas, com dois núcleos de sepulturas escavadas na rocha
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

Estampa XXXI



Localização de Cabreiriças
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

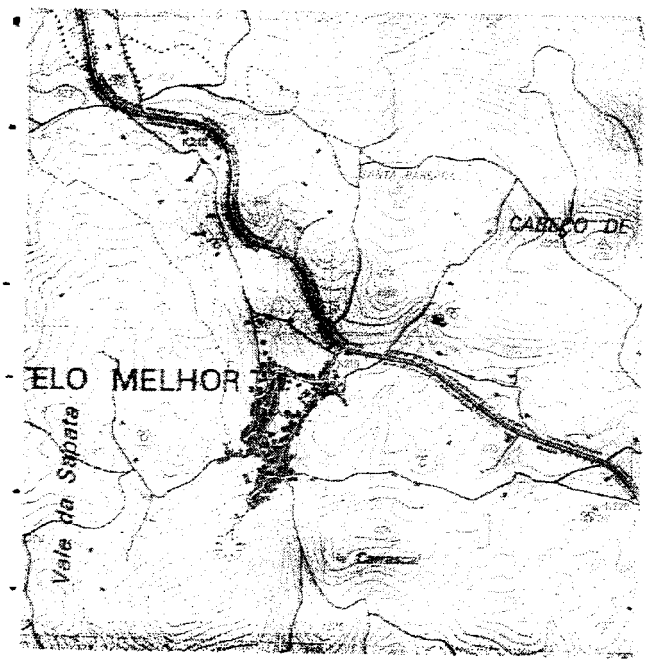


Localização do Cabeço do Milreiro
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

N.º 33 - Cabeço do Milreiro

Estampa XXXIII

N.º 34 - Castelo Melhor



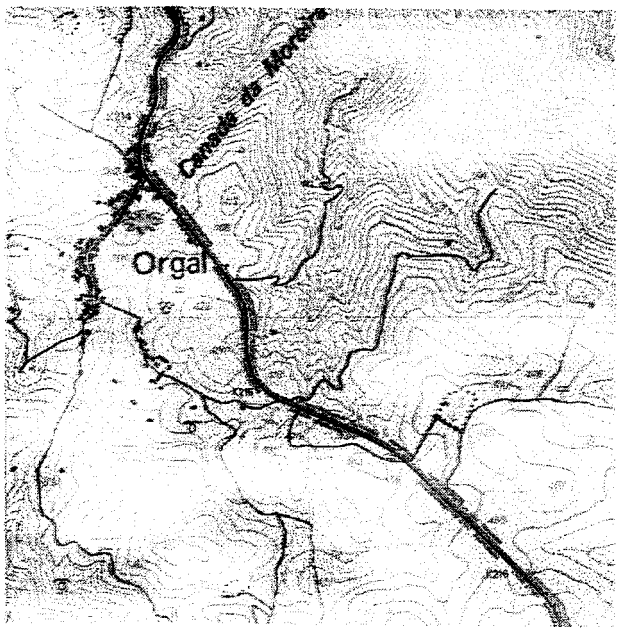
Localização de Castelo Melhor
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



Aspecto de Castelo melhor, visto do Monte de São Gabriel

Estampa XXXIV

N.º 35 - Prado - Orgal



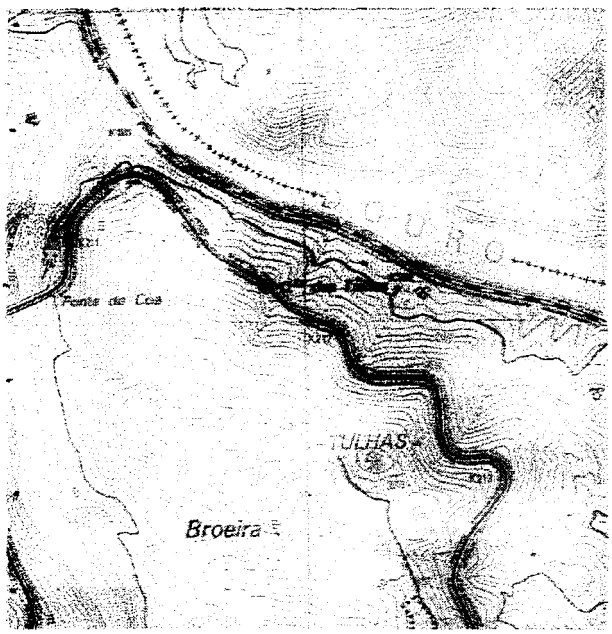
Localização do Prado - Orgal
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



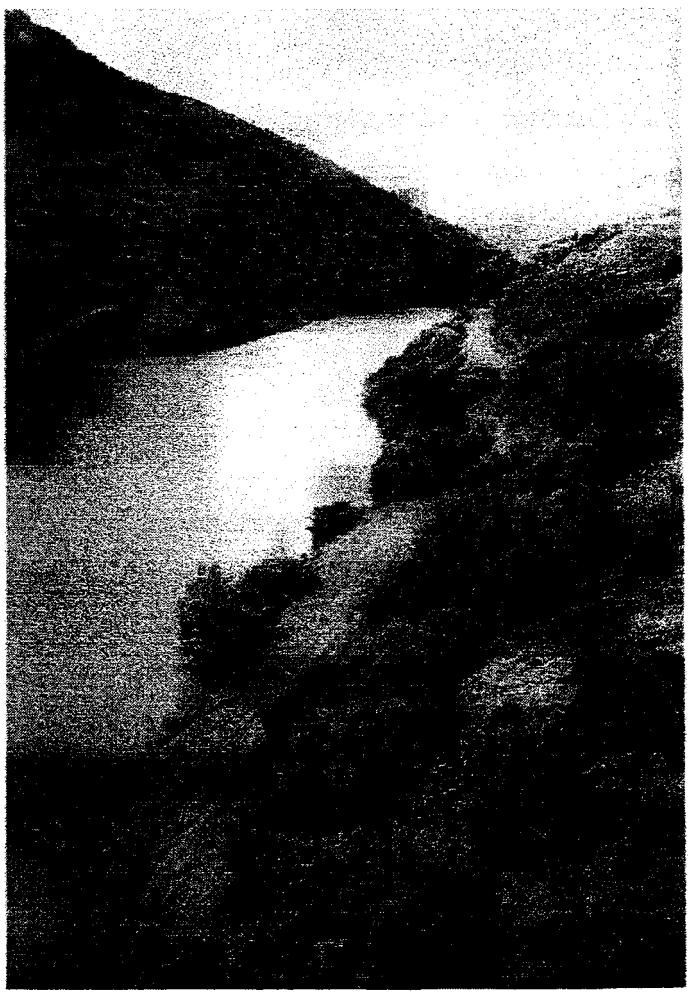
Aspecto do Prado em Orgal

Estampa XXXV

N.º 36 - Calçada do Côa



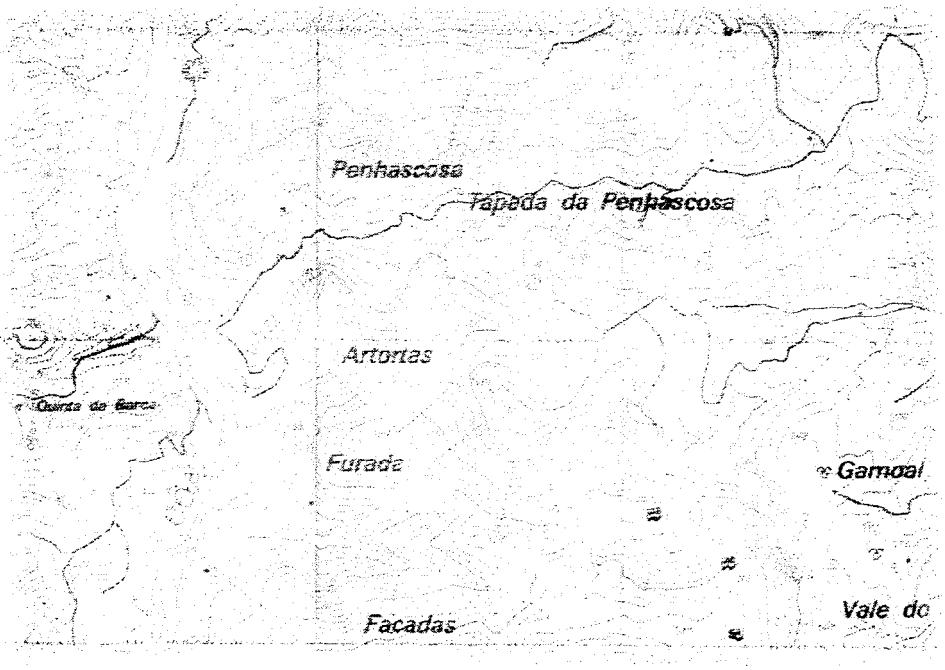
Localização da Calçada do Côa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 141



Aspecto da Calçada do Côa

Estampa XXXVI

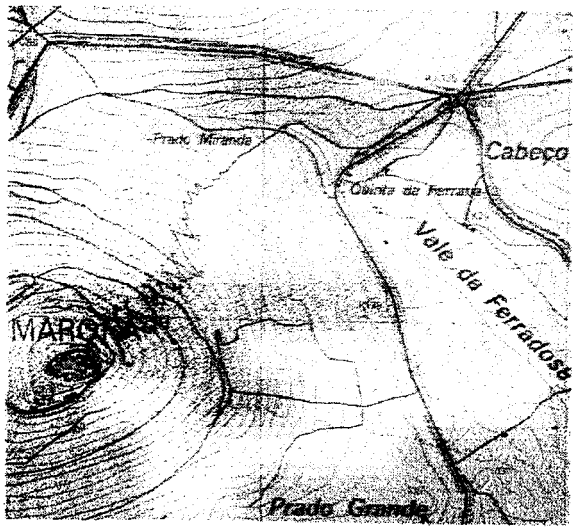
N.º 37 - Calçada da Penascosa



Localização da Calçada da Penascosa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151

Estampa XXXVII

N.º 38 - Marofa

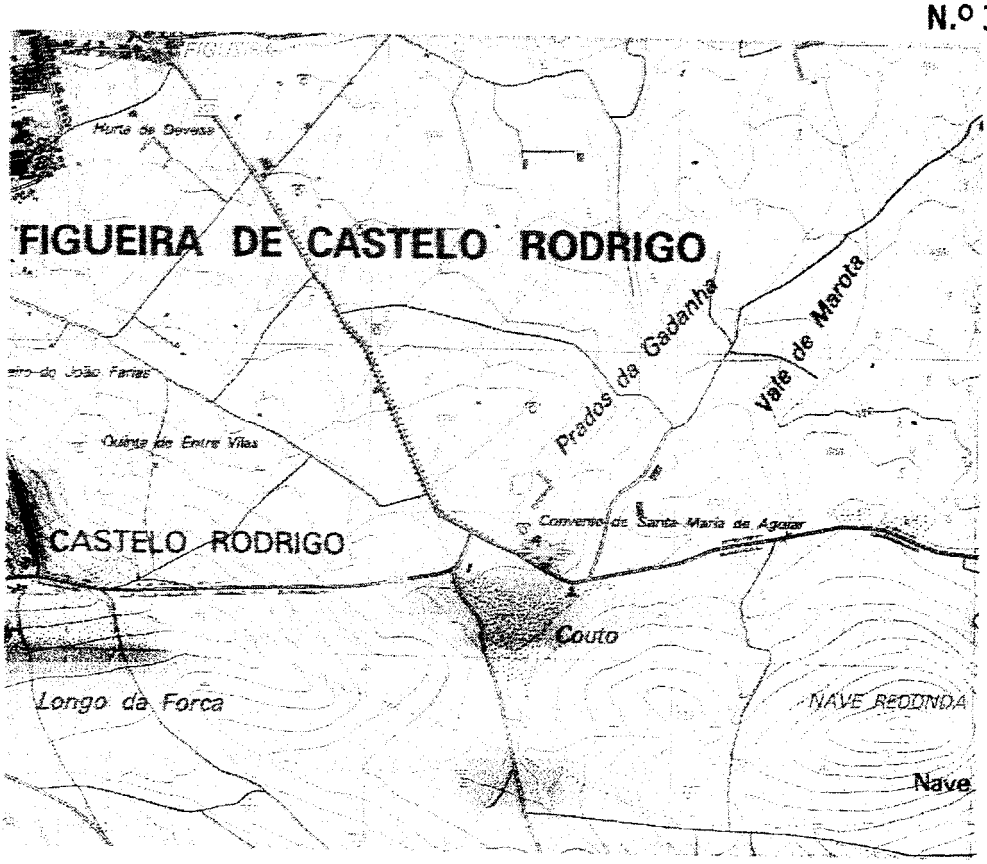


Localização da Marofa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Capela de Nossa Senhora da Marofa, com Castelo Rodrigo ao fundo

Estampa XXXVIII

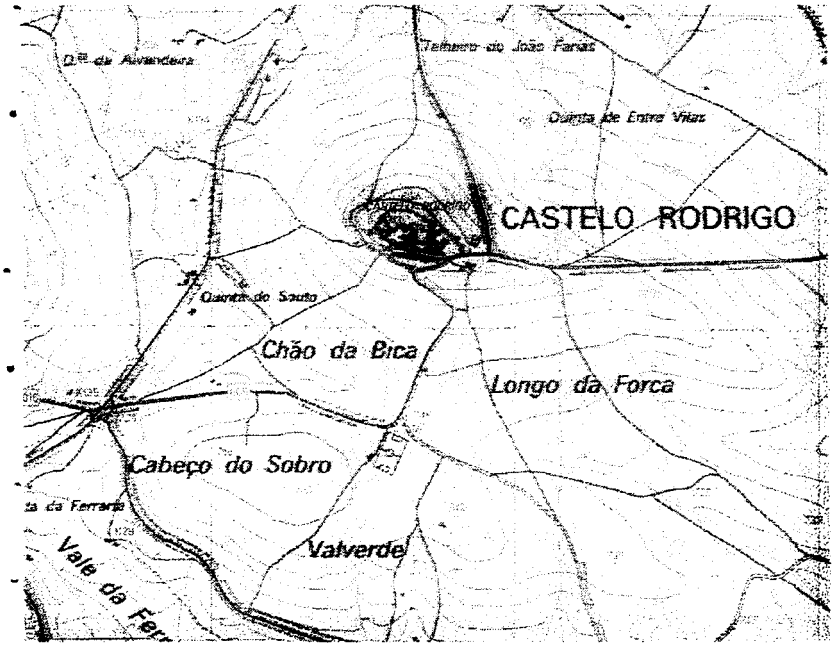


Localização de Santa Maria de Aguiar
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Convento de Santa Maria de Aguiar

N.º 40 - Fonte da Vila



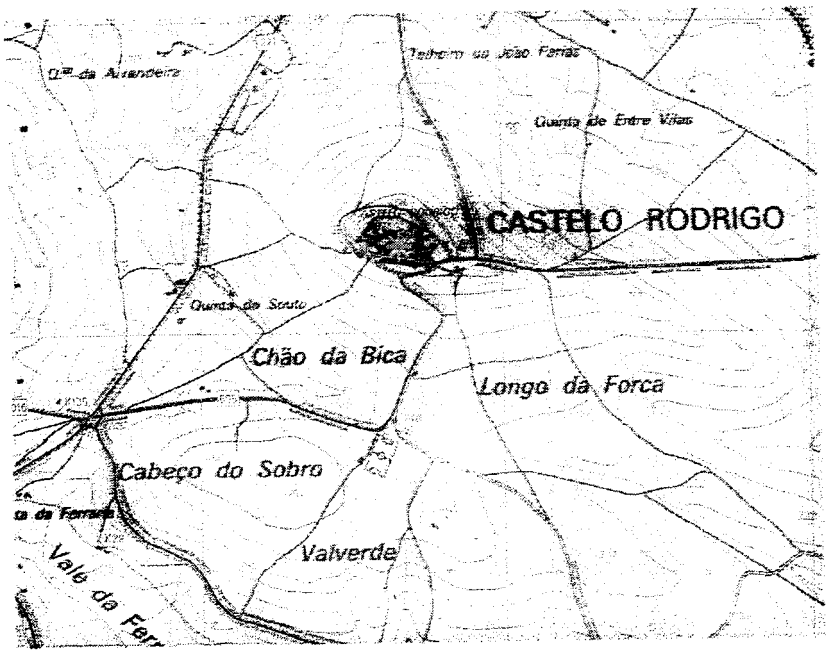
Localização da Fonte da Vila
- Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Fonte da Vila

Estampa XL

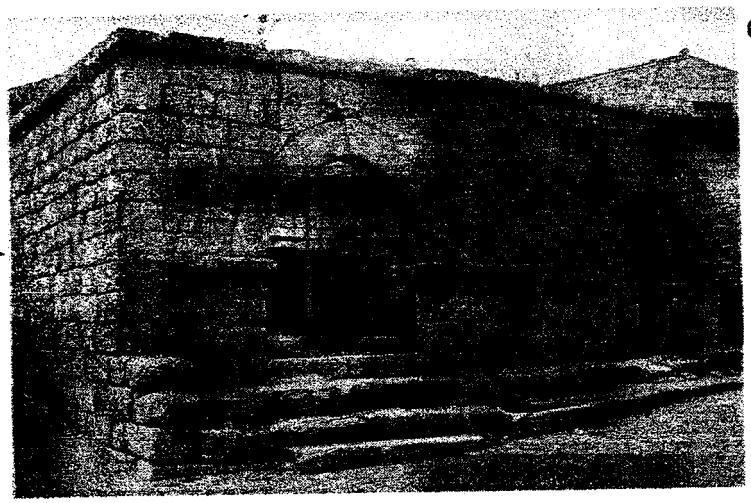
N.º 41 - Castelo Rodrigo



Localização de Castelo Rodrigo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



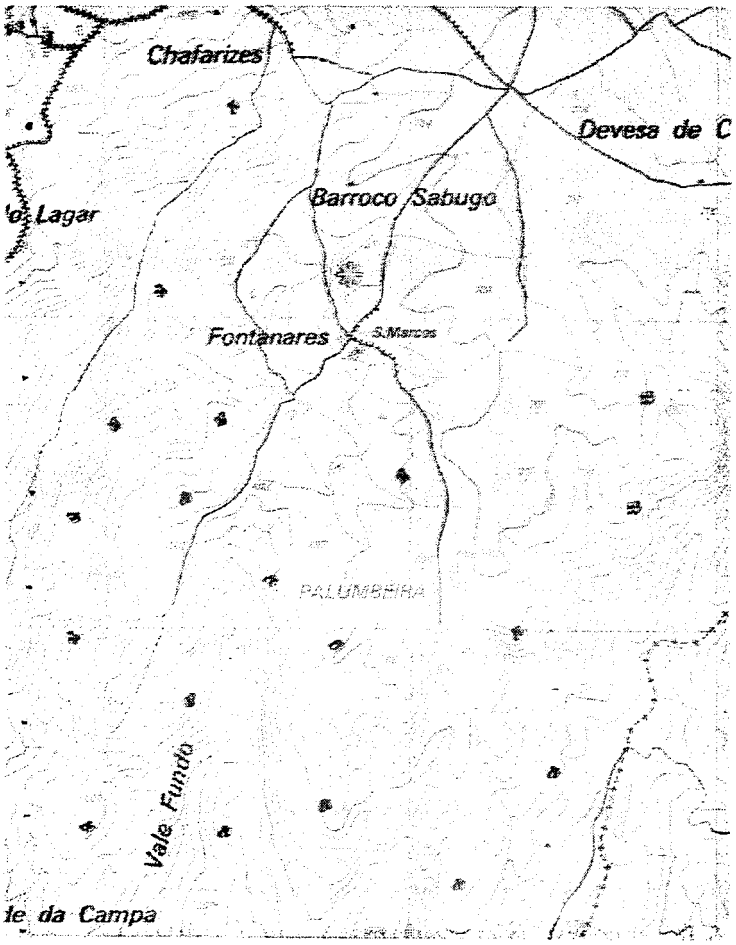
Vista de Castelo Rodrigo



Cisterna de Castelo Rodrigo

Estampa XLI

N.º 42 - Barroco Sabugo



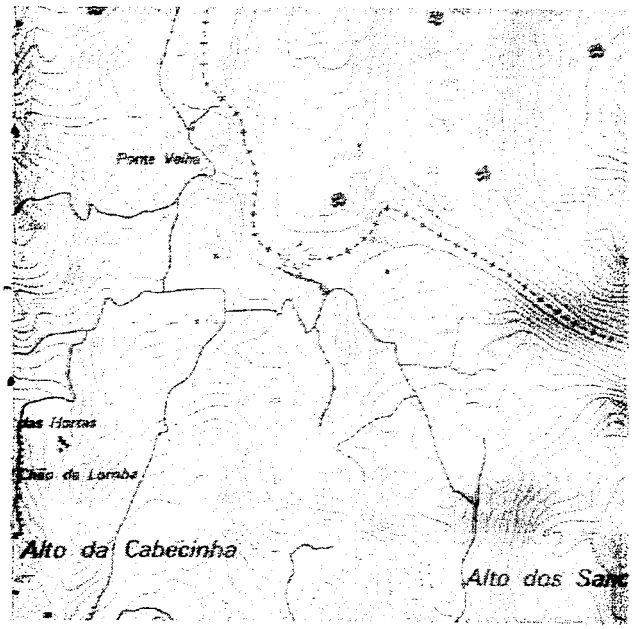
Localização do Barroco Sabugo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Aspecto da Capela de São Marcos da Palumbeira

Estampa XLII

N.º 43 - Ponte Velha do Côa

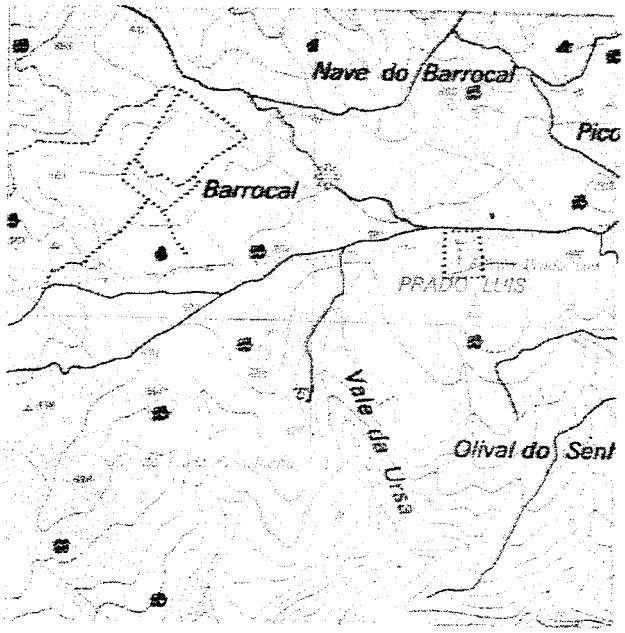


Localização da Ponte Velha do Côa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 171



Aspecto da Ponte Velha do Côa

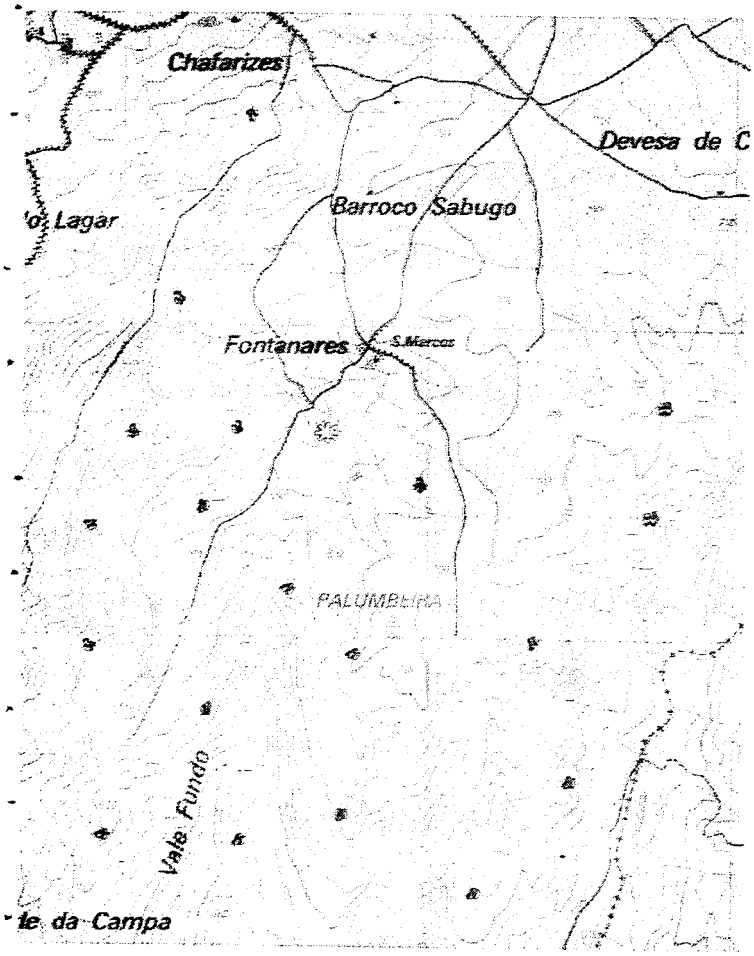
N.º 44 - Calçada do Barrocal



Localização da Calçada do Barrocal
Carta Militar de Portugal 1.25.000, n.º 172

Estampa XLIV

N.º 45 - Fontanares



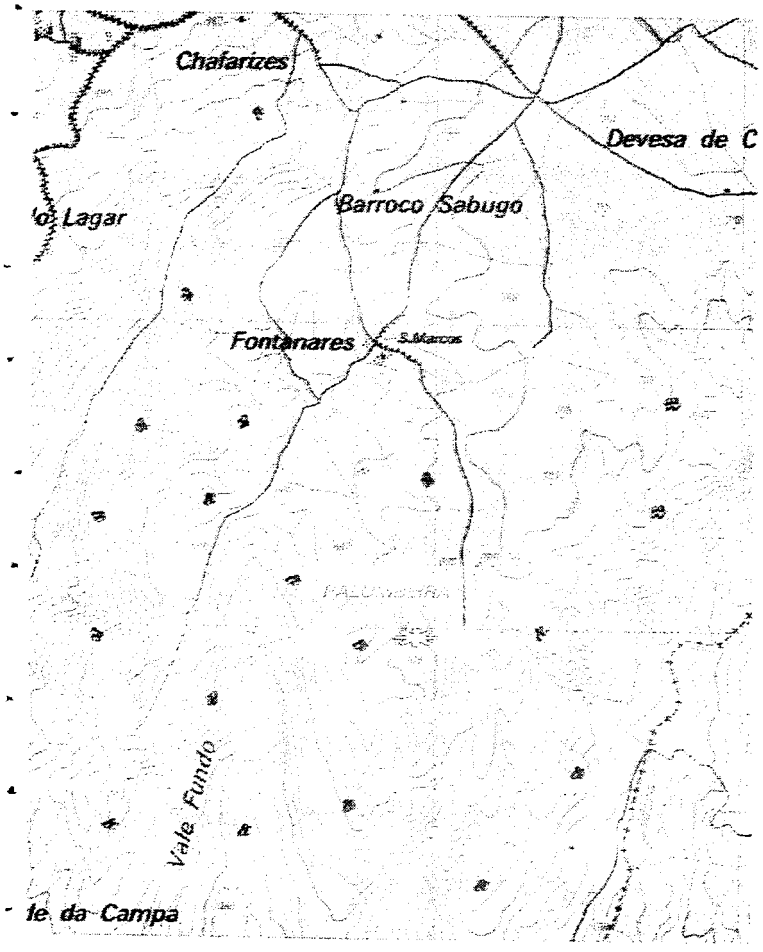
Localização de Fontanares
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Vista de Fontanares

Estampa XLV

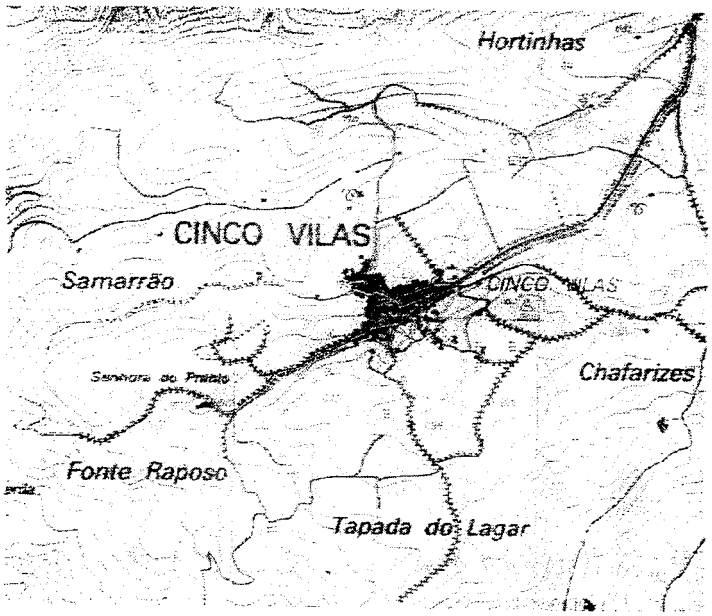
N.º 46 - Palumbeira



Localização de Palumbeira
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172

Estampa XLVI

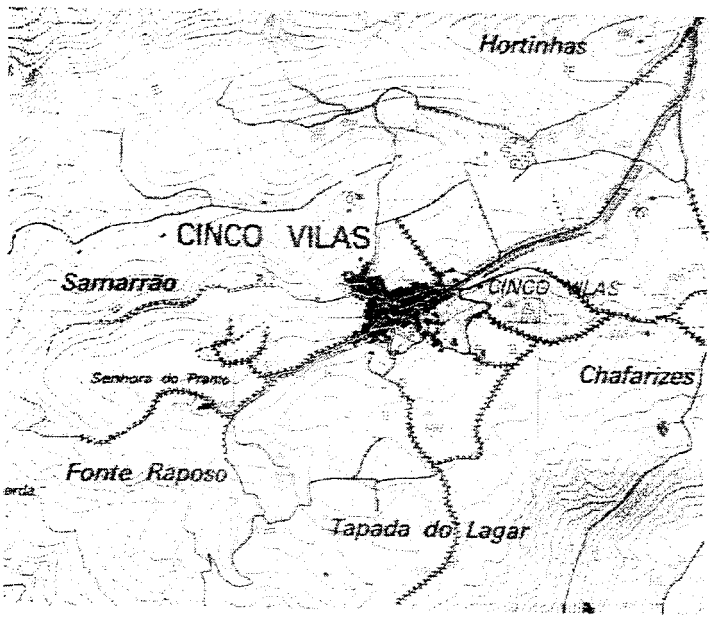
N.º 47 - Estrada de França



Localização da Estrada de França
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172

Estampa XLVII

N.º 48 - São Julião do Pereiro



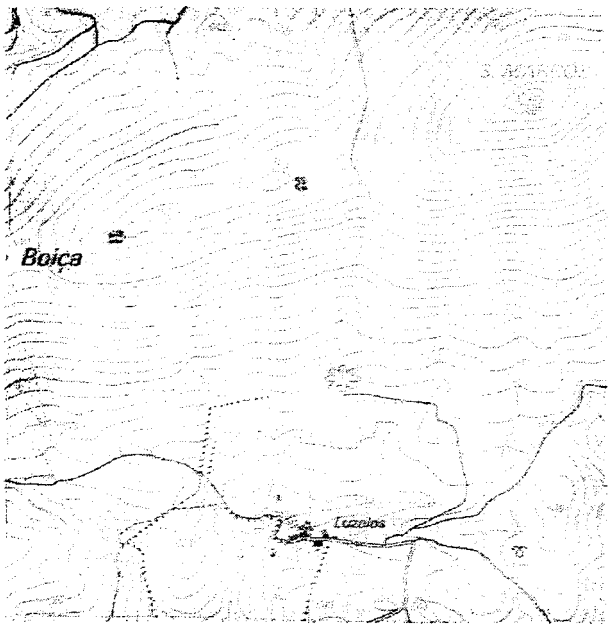
Localização de São Julião do Pereiro
Carta Militar de Portugal 1: 25.000, n.º 172



Aspecto da fonte de mergulho do Convento de São Julião do Pereiro

Estampa XLVIII

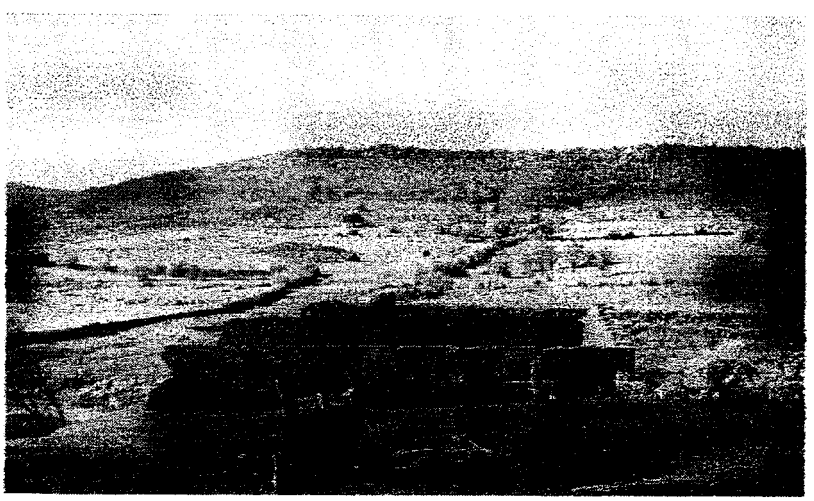
N.º 49 - Luzelos



Localização de Luzelos
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

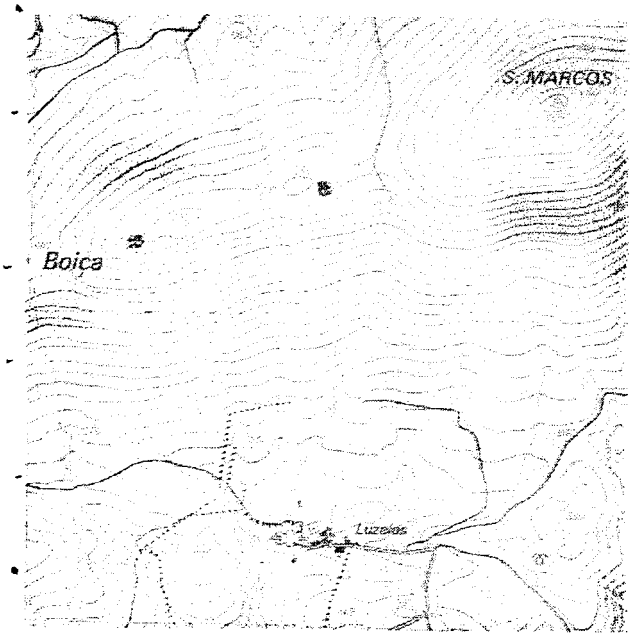


Mó encontrada nesta estação

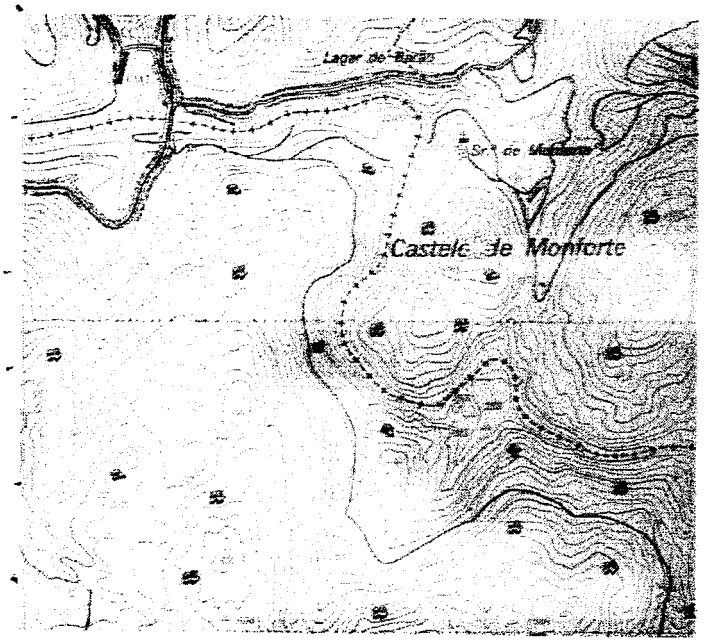


Vista para a encosta onde se situa esta estação

Estampa XLIX



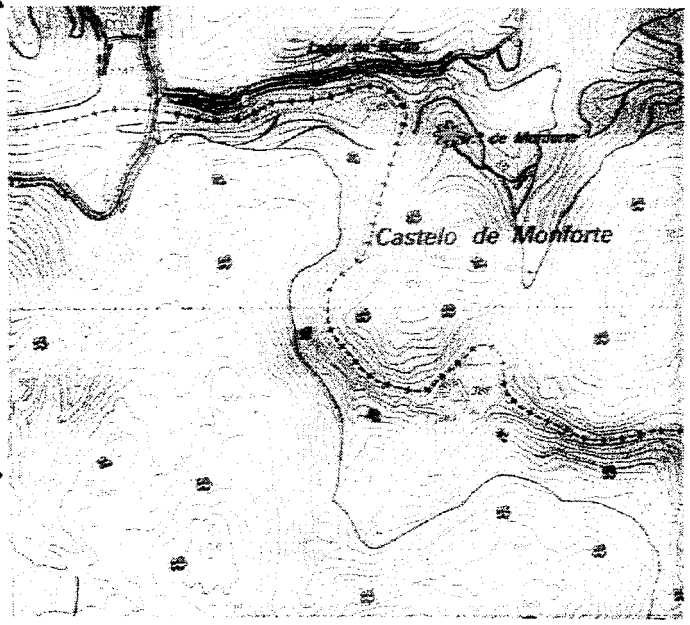
Localização da necrópole de Luzelos
Carta Militar de Portugal 1.25.000, n.º 161



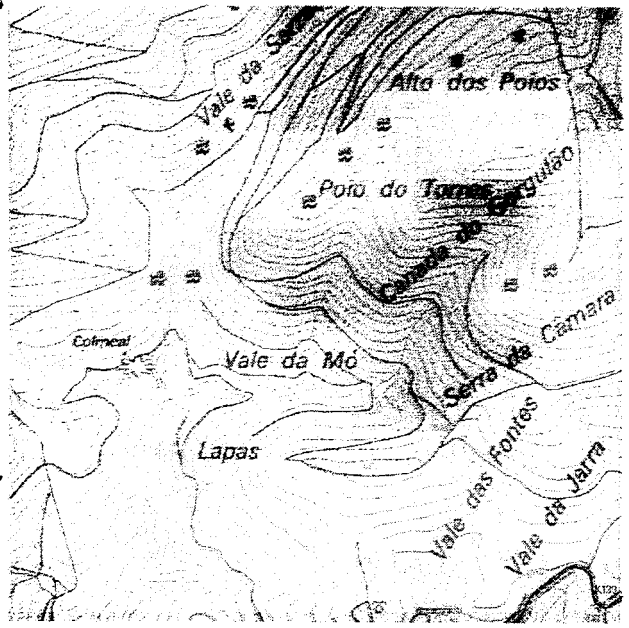
Localização do castelo de Monforte
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 171



Aspecto da muralha do castelo de Monforte



Localização da Senhora de Monforte
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 171

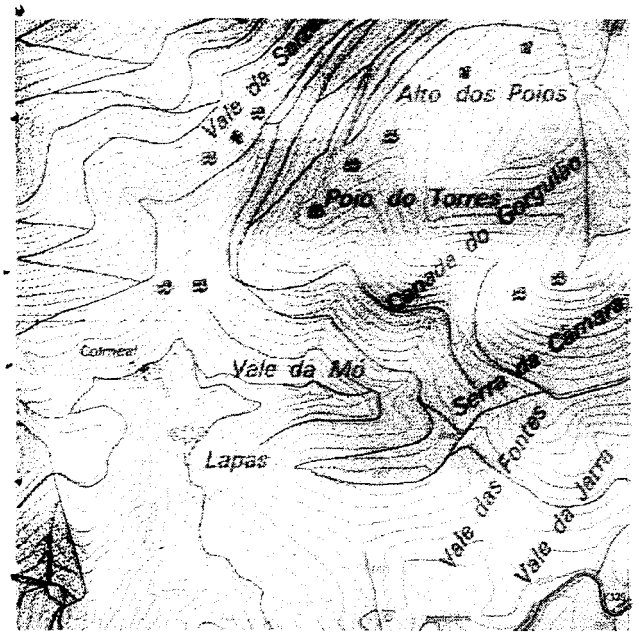


Localização do Colmeal
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



Aldeia do Colmeal

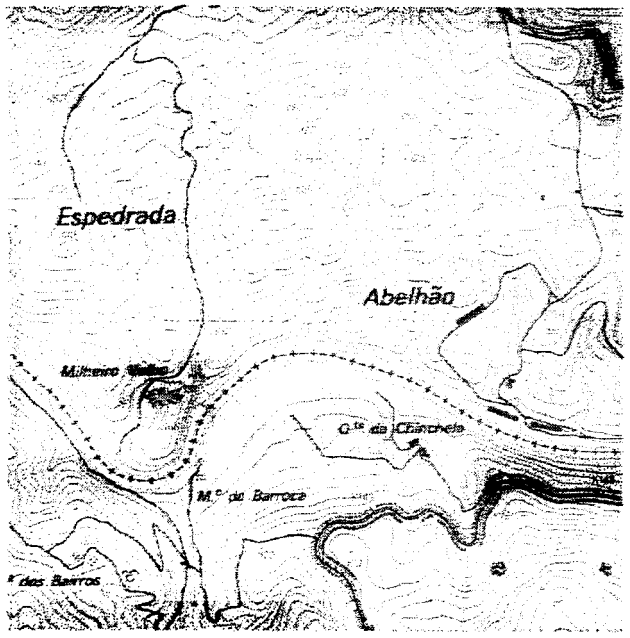
N.º 54 - Cova da Moura/São Martinho



Localização da Cova da Moura/São Martinho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

Estampa LIV

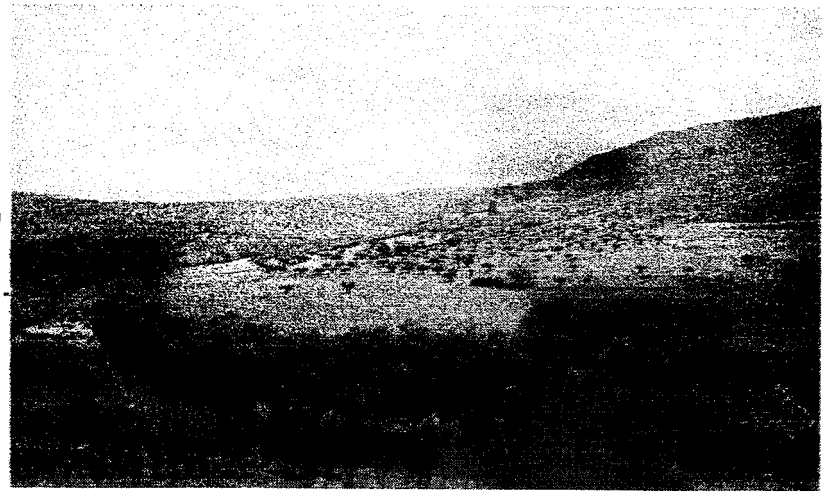
N.º 55 - Barroca/Milheiro Velho



Localização de Barroca/Milheiro Velho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 171



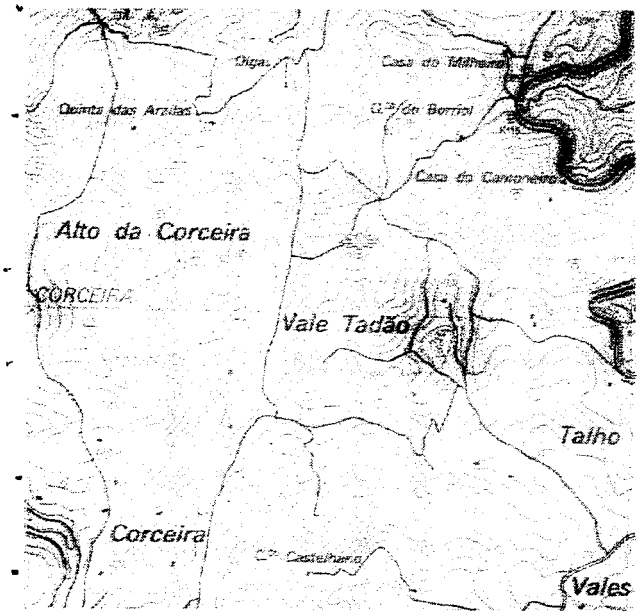
Aspecto do Milheiro Velho



Vista do Milheiro Velho para o Côa

Estampa LV

N.º 56 - Vale Tedão



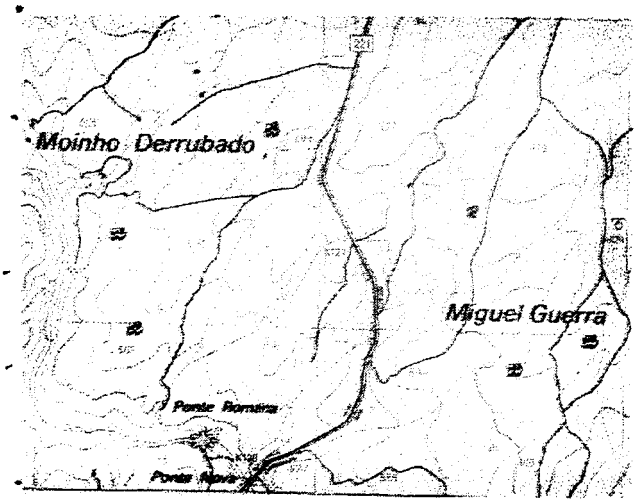
Localização do Vale Tedão
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 152



Aspecto de Vale Tedão

Estampa LVI

N.º 57 - Ponte de Escalhão



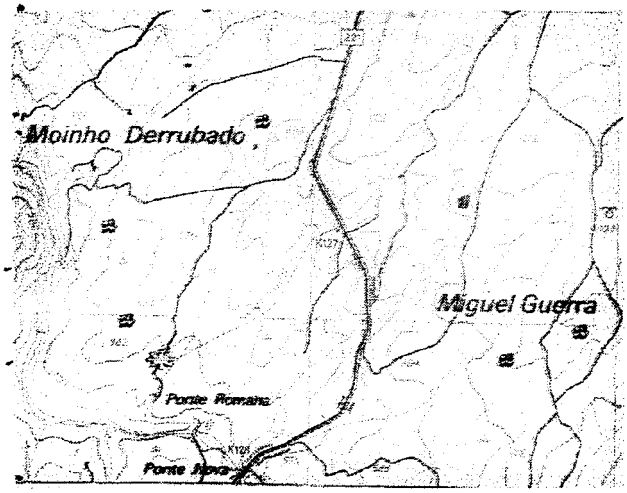
Localização da Ponte de Escalhãp
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 152



Vista da Ponte de Escalhão sobre a Ribeira de Aguiar

Estampa LVII

N.º 58 - Calçada de Escalhão



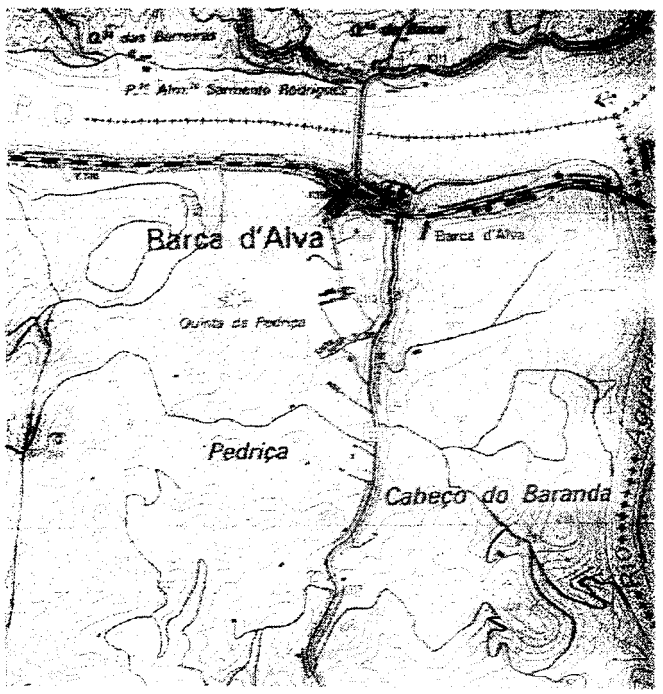
Localização da Calçada de Escalhão
Carta Militar de Portugal 1.25.000, n.º 152



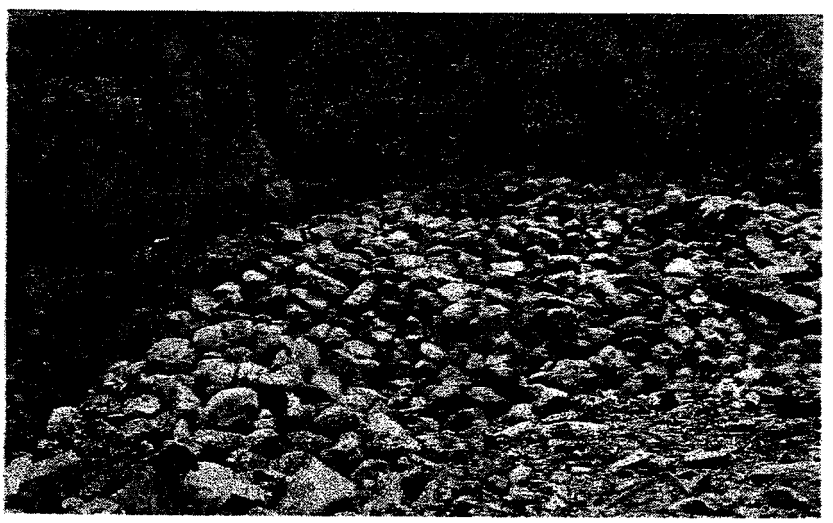
Aspecto de um troço de calçada

Estampa LVIII

N.º 59 - Quinta da Pedriça



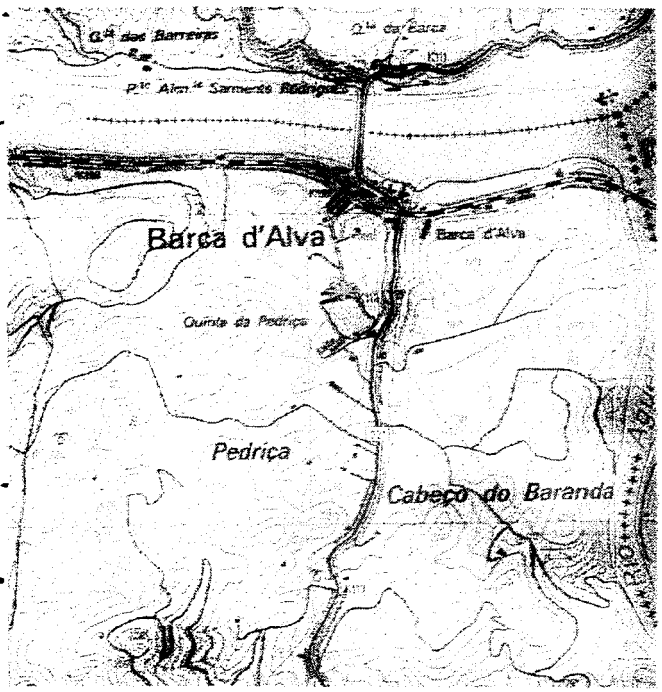
Localização da Quinta da Pedriça
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 142



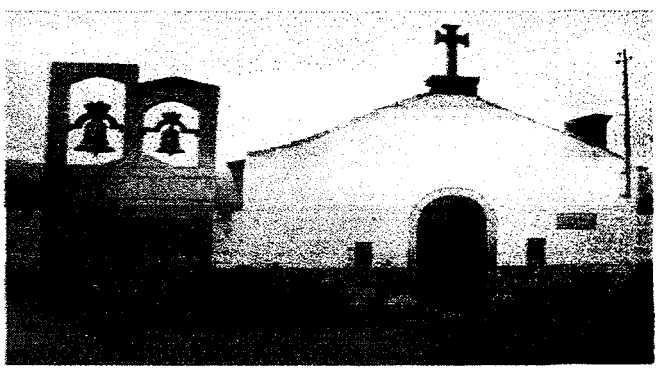
Pedragulhais no monte fronteiro à Quinta da Pedriça

Estampa LIX

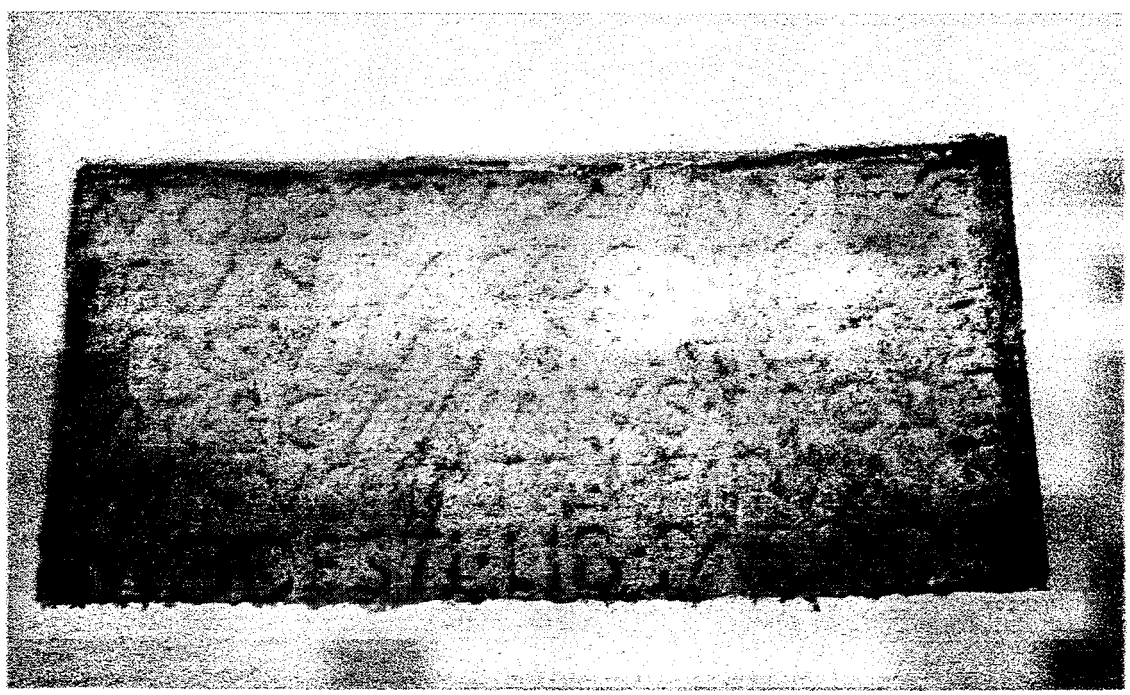
N.º 60 - Barca de Alva



Localização da Capela de Santo Cristo em Barca de Alva
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 142



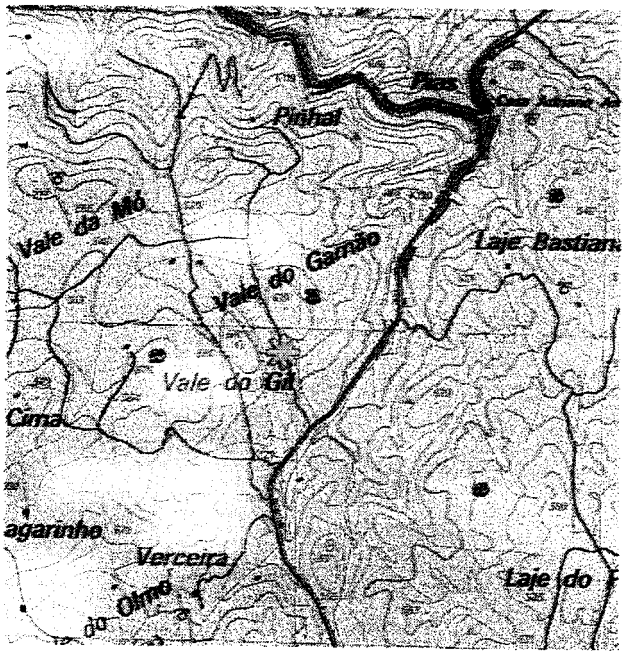
Capela de Santo Cristo com inscrição no lado direito



Inscrição funerária romana

Estampa LX

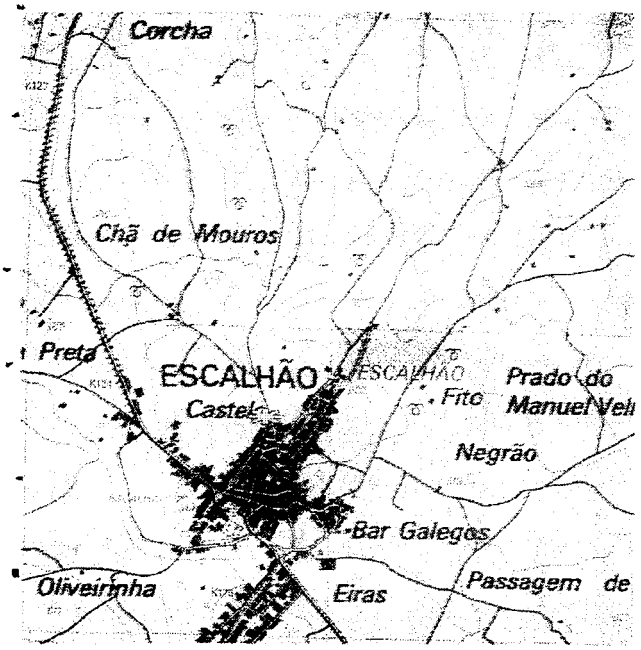
N.º 61 - Calçada do Gamão



Localização da Calçada do Gamão
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 152

Estampa LXI

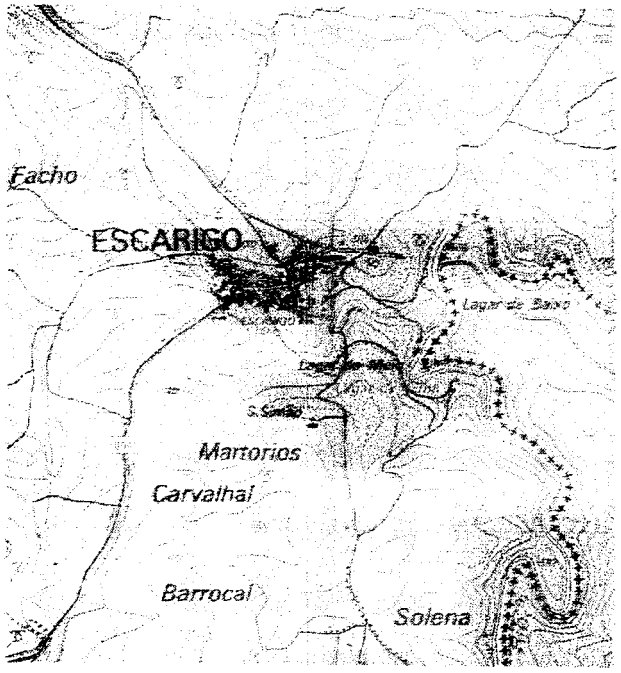
N.º 62 - Castelo



Localização do Castelo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 152

Estampa LXII

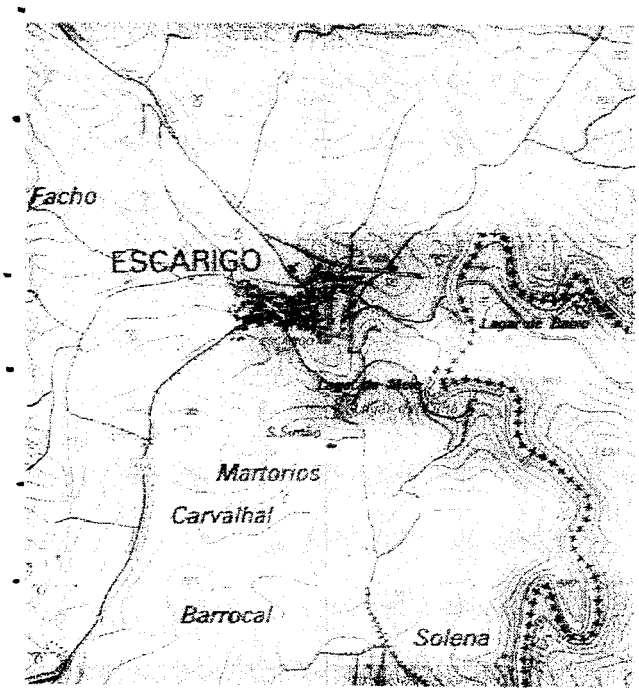
N.º 63 - Tapada da Praça



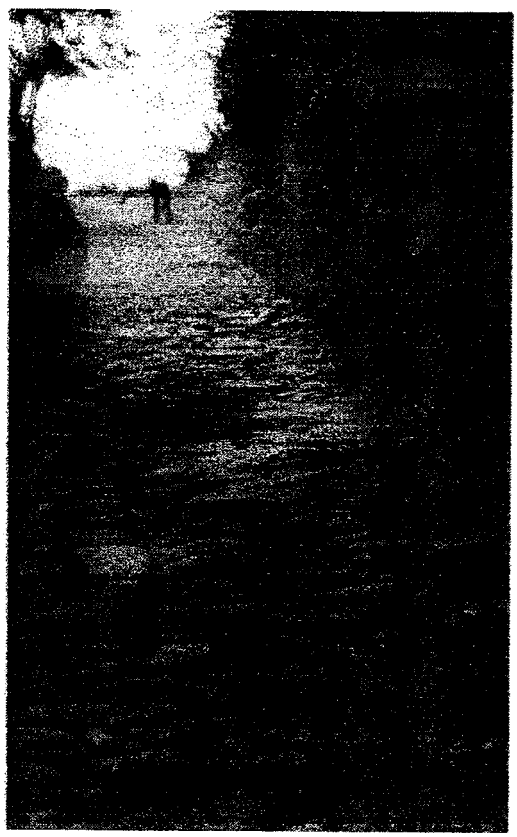
Localização da Tapada da Praça
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

Estampa LXIII

N.º 64 - Calçada do Carrascal



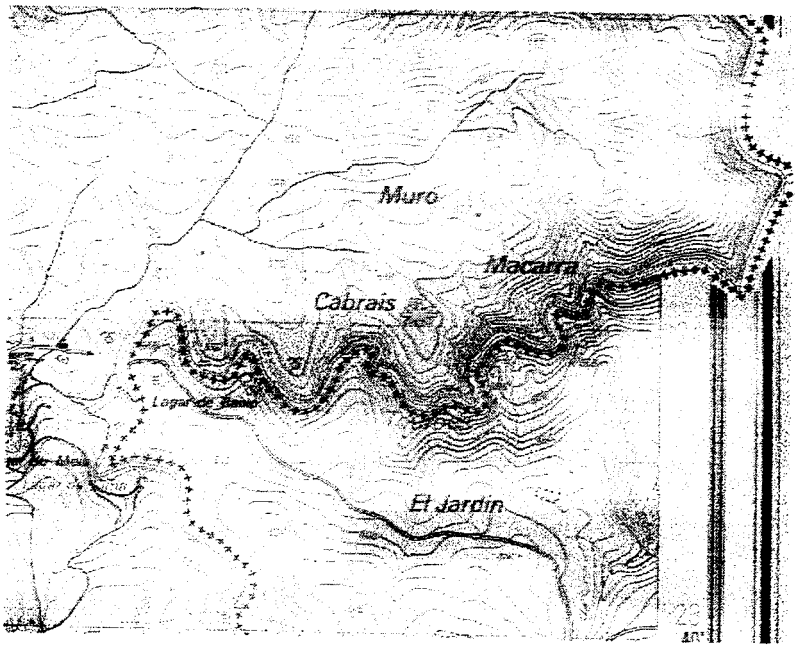
Localização da Calçada do Carrascal
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Aspecto da Calçada do Carrascal aquando dos trabalhos da sua cobertura a gravilha

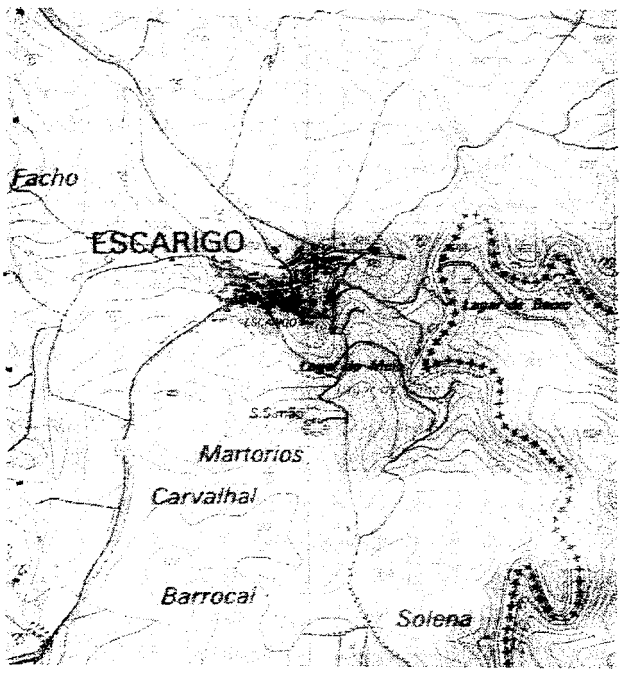
Estampa LXIV

N.º 65 - Fortaleza



Localização da Fotaleza
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

Estampa LXV

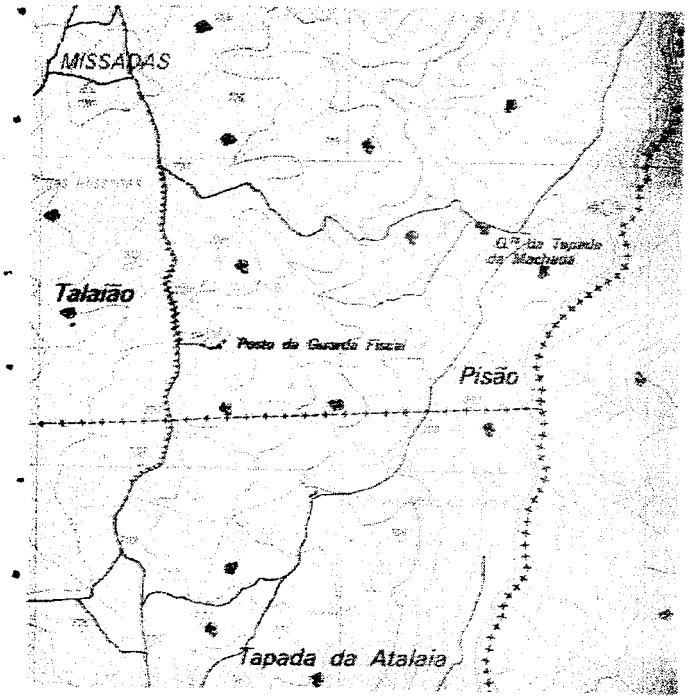


Localização de São Simão
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

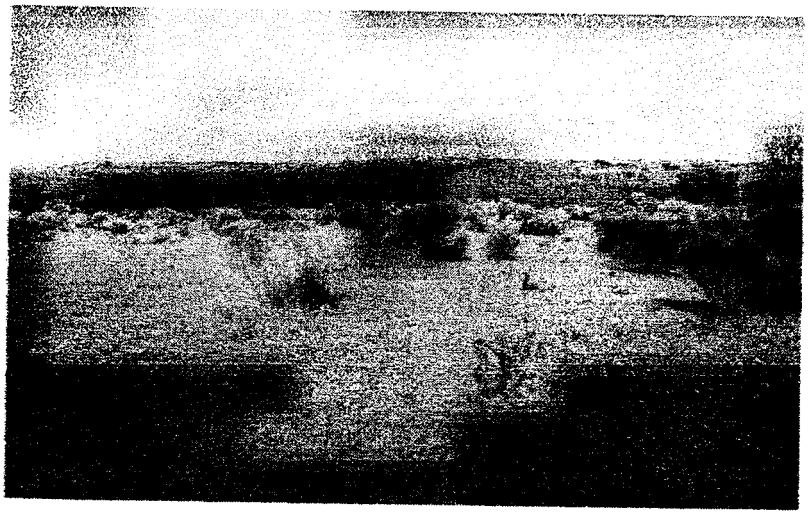


Capela de São Simão

N.º 67 - Tapada da Machada

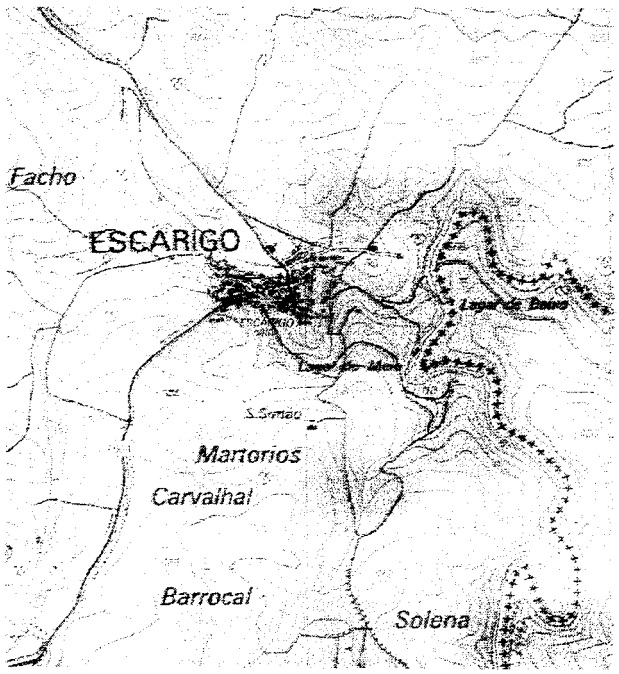


Localização da Tapada da Machada
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Vista da Tapada da Machada

N.º 68 - Ponte de Escarigo

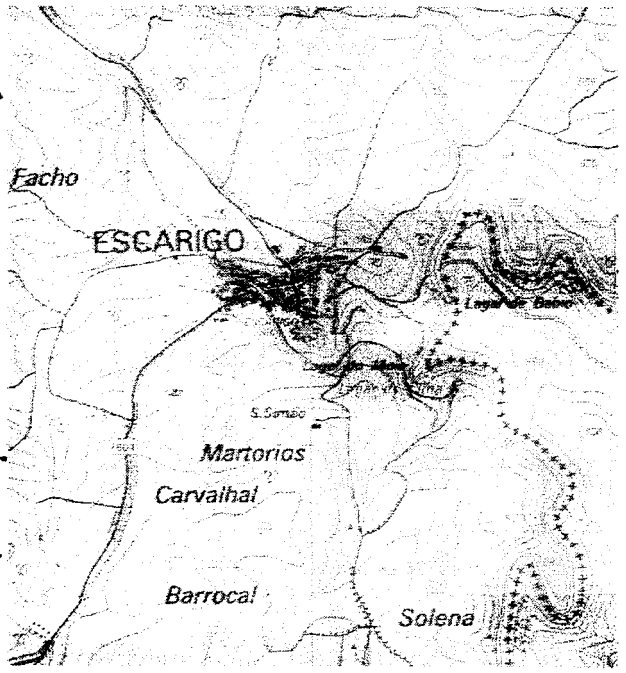


Localização da Ponte de Escarigo sobre a Ribeira de Alinguel
Carta Militar de Portugal 1.25.000, n.º 162



Aspecto da Ponte de Escarigo

N.º 69 - Campo do Veloso



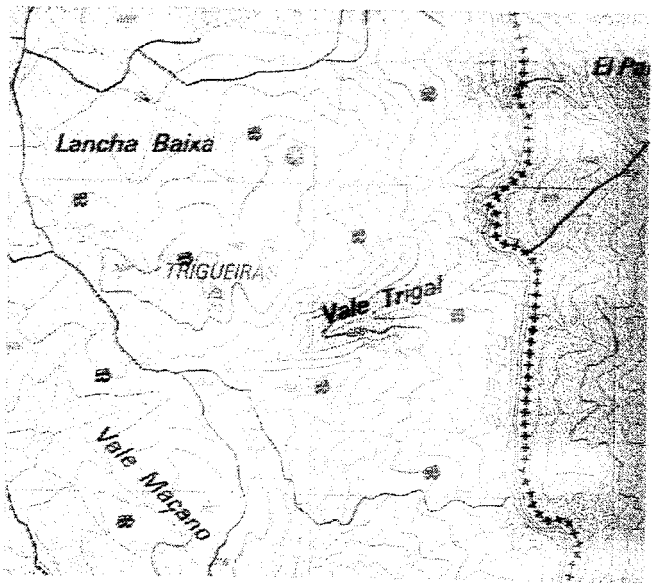
Localização do Campo do Veloso
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Campo do Veloso visto de São Simão

Estampa LXIX

N.º 70 - Talegre Velho



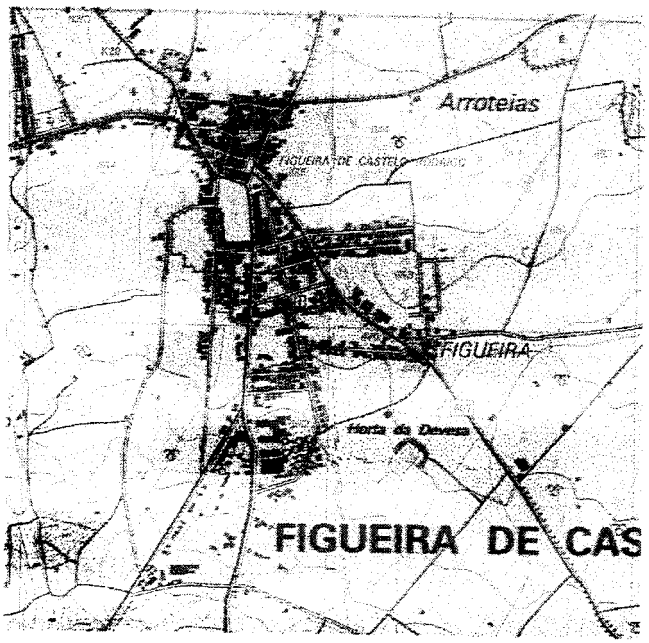
Localização do Talegre Velho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Aspecto do Talegre Velho

Estampa LXX

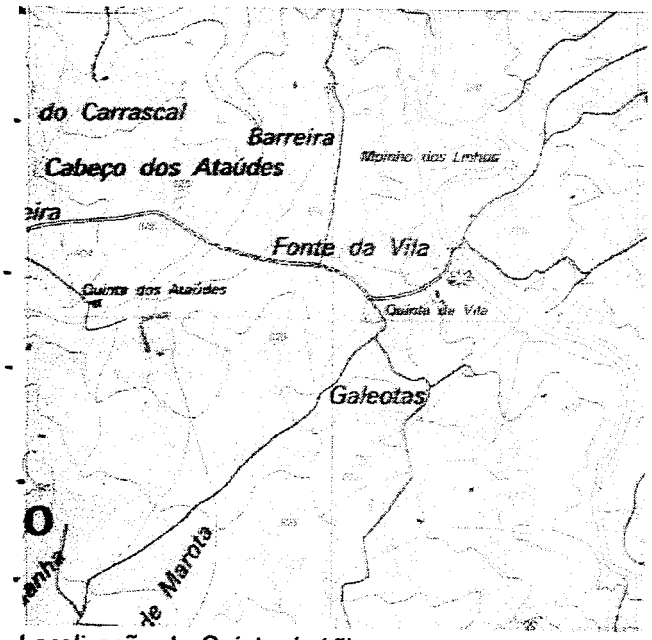
N.º 71 - Cemitério



Localização do Cemitério
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

Estampa LXXI

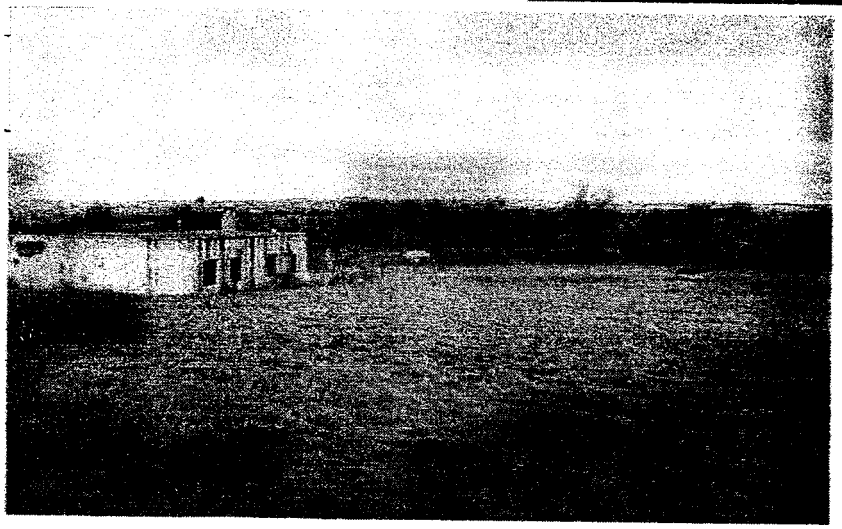
N.º 72 - Quinta da Vila



Localização da Quinta da Vila
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



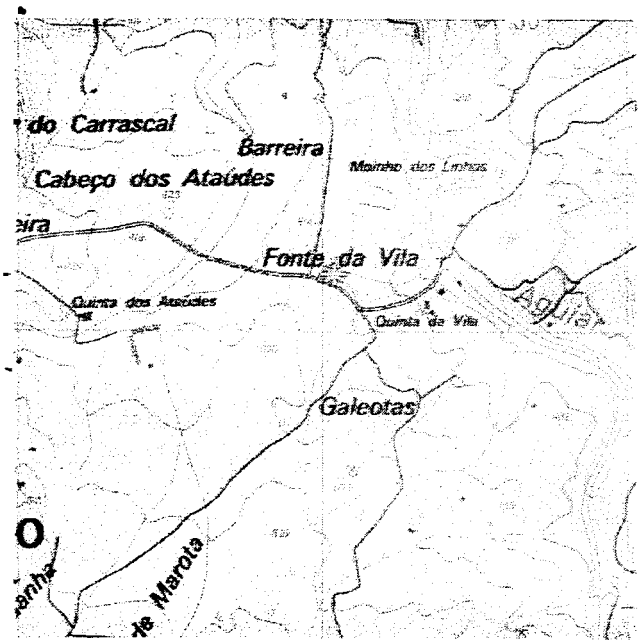
Pontão sobre a Ribeira de Aguiar
junto à Quinta da Vila



Quinta da Vila

Estampa LXXII

N.º 73 - Fonte da Vila/Barreira



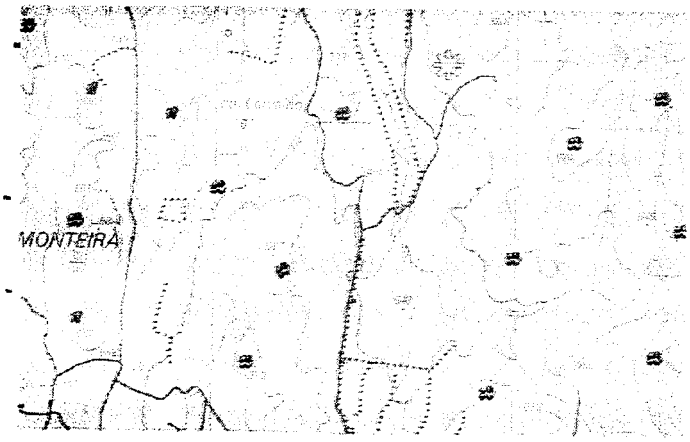
Localização da Fonte da Vila/Barreira
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Fonte da Vila/Barreira

Estampa LXXIII

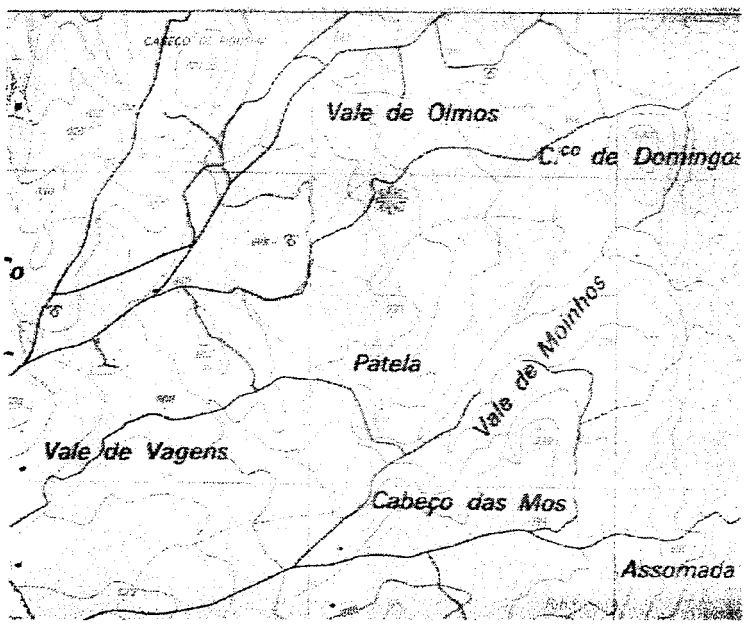
N.º 74 - Ribeira do Carrascal/Quinta da Pereira



Localização da Ribeira do Carrascal/Quinta da Pereira
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

Estampa LXXIV

N.º 75 - Patela



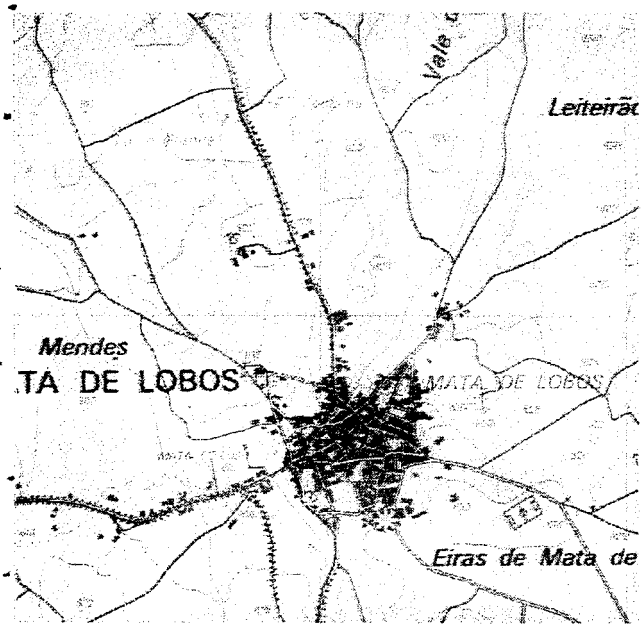
Localização da Patela
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



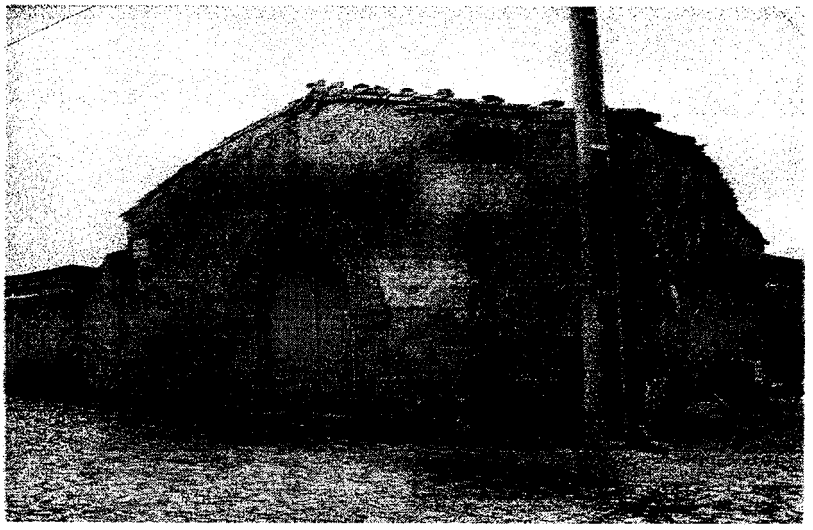
Patela, virada ao vale da Águeda

Estampa LXXV

N.º 76 - Barrocal/St. Antão

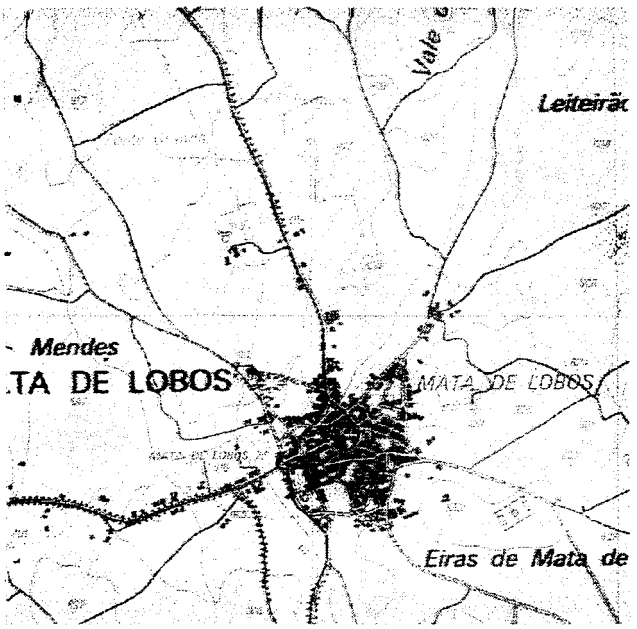


Localização do Barrocal/St. Antão
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Capela de St. Antão

N.º 77 - Capela de St. Marinha



Localização da Capela de St. Marinha
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Lagaretas encontradas junto ao cemitério



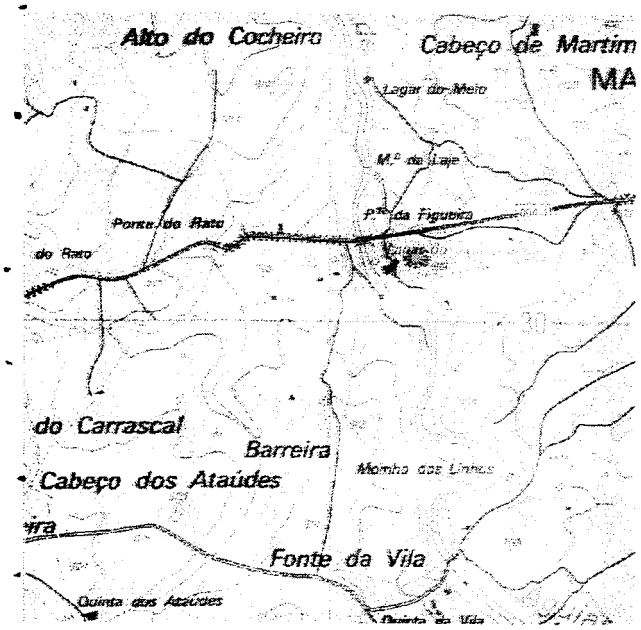
Fachada frontal da capela de St. Marinha



Fachada lateral da capela de St. Marinha

Estampa LXXVII

N.º 78 - Sanca

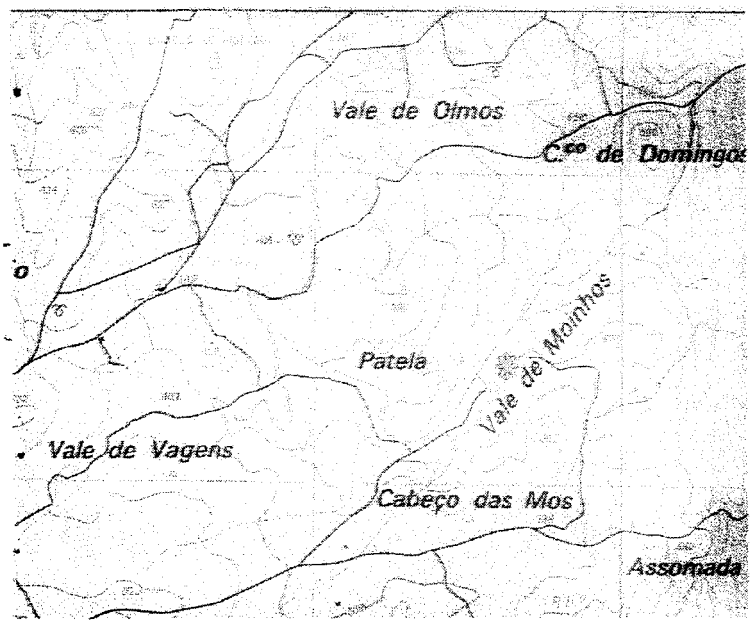


Localização da Sanca
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162



Vista da Sanca

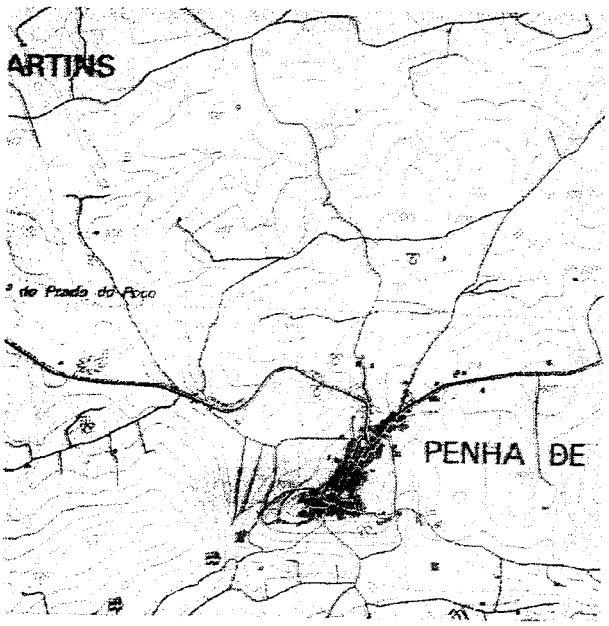
N.º 79 - Vale de Moinhos



Localização de Vale de Moinhos
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 162

Estampa LXXIX

N.º 80 - Santa Marinha

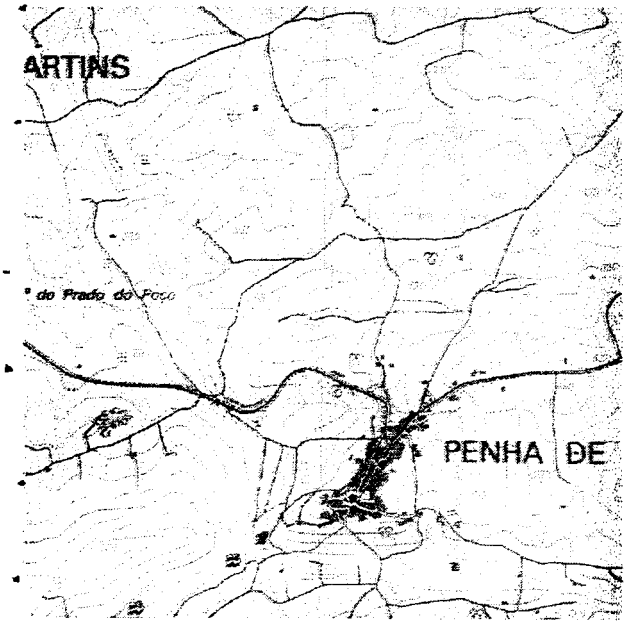


Localização de Santa Marinha
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



Santa Marinha

N.º 81 - Santa Marinha



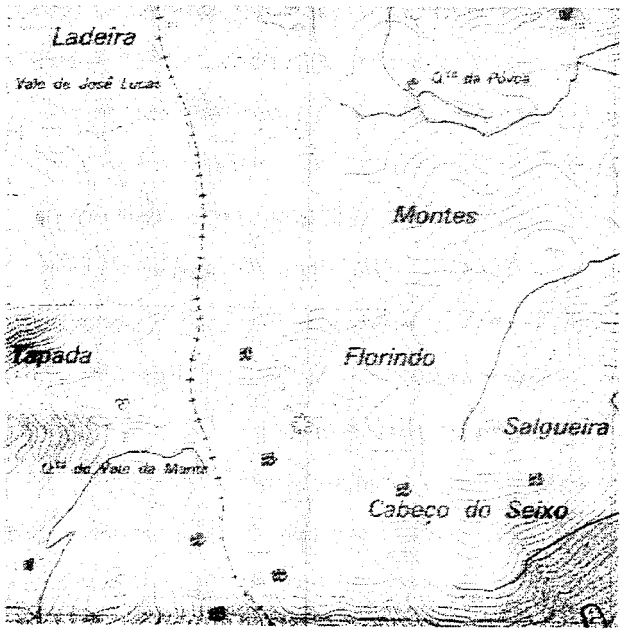
Localização de Santa Marinha
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



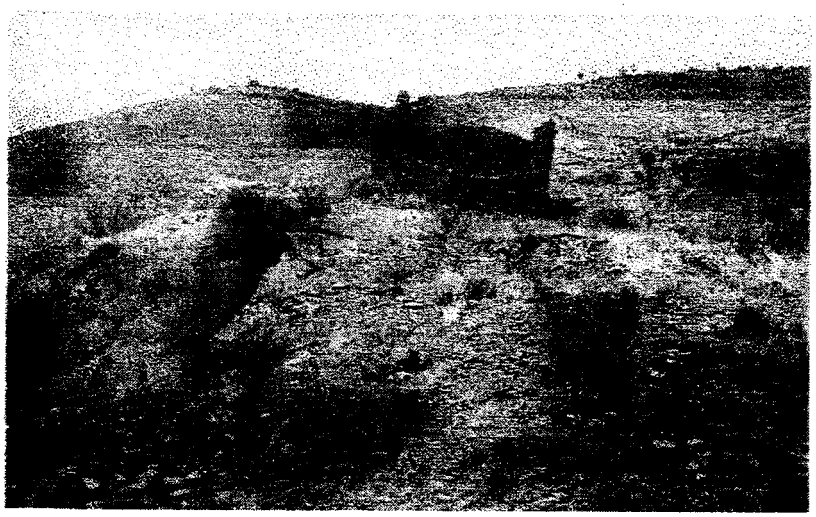
Sepulturas de Santa Marinha e lagar

Estampa LXXXI

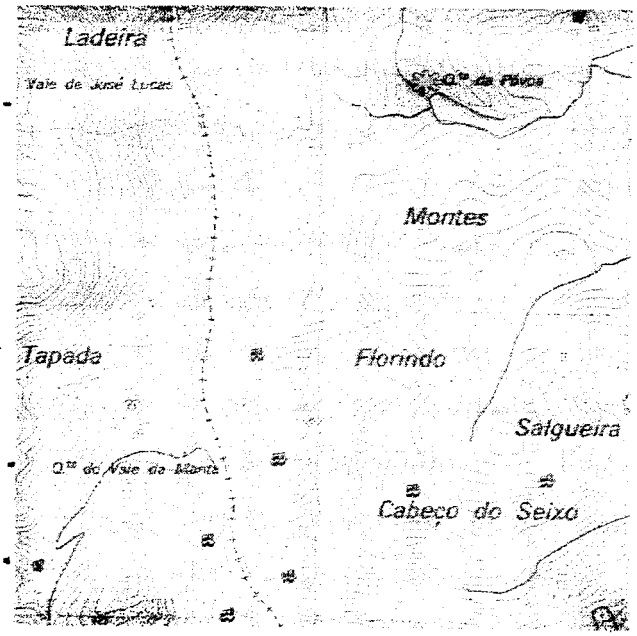
N.º 82 - Casa do Florindo



Localização da Casa do Florindo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



Casa do Florindo

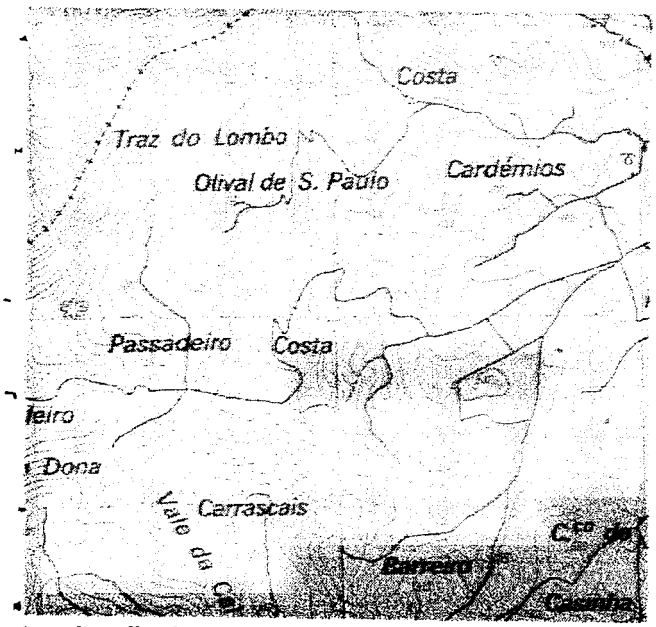


Localização da Quinta da Póvoa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

N.º 83 - Quinta da Póvoa

Estampa LXXXIII

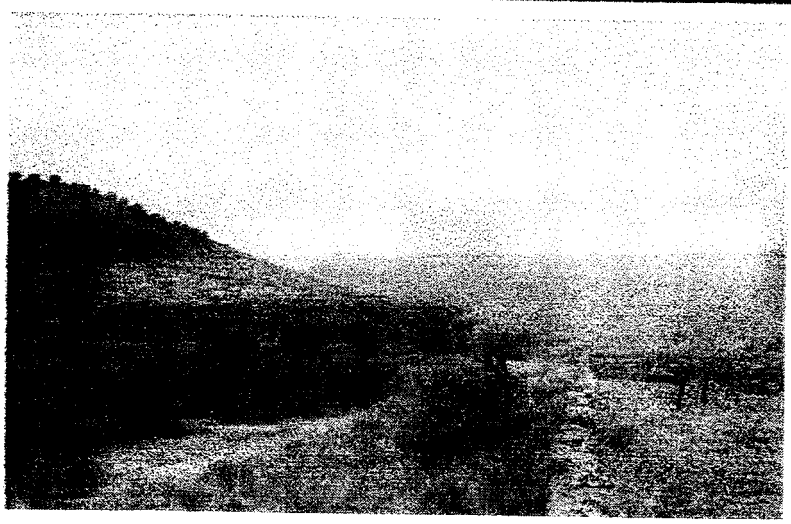
N.º 85 - Telhões



Localização de Telhões
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



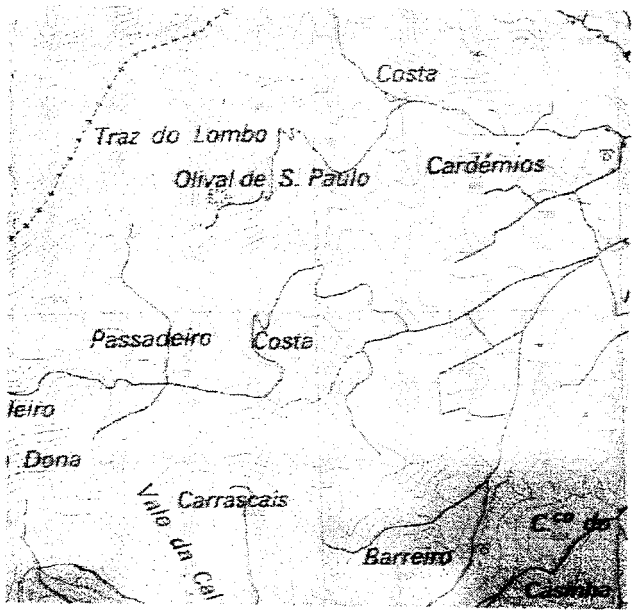
Telhões



Caminho de acesso a Telhões

Estampa LXXXIV

N.º 86 - Olival de São Paulo



Localização do Olival de São Paulo
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161



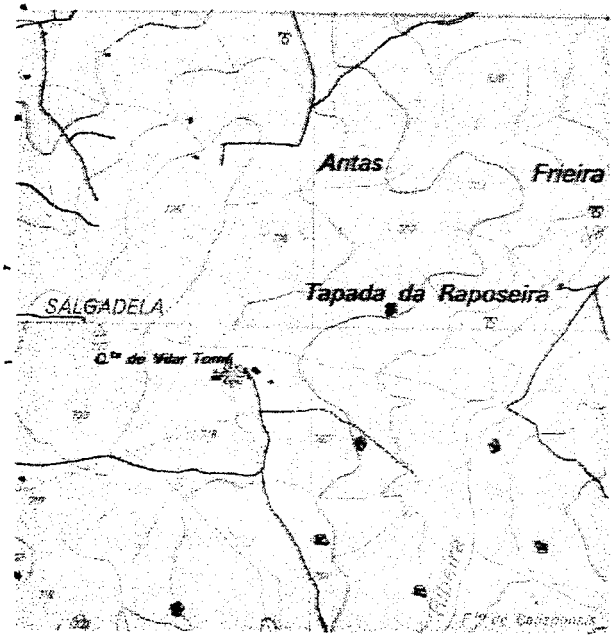
Olival de São Paulo



Galerias , provável exploração mineira

Estampa LXXXV

N.º 87 - Quinta de Vilar Tomé

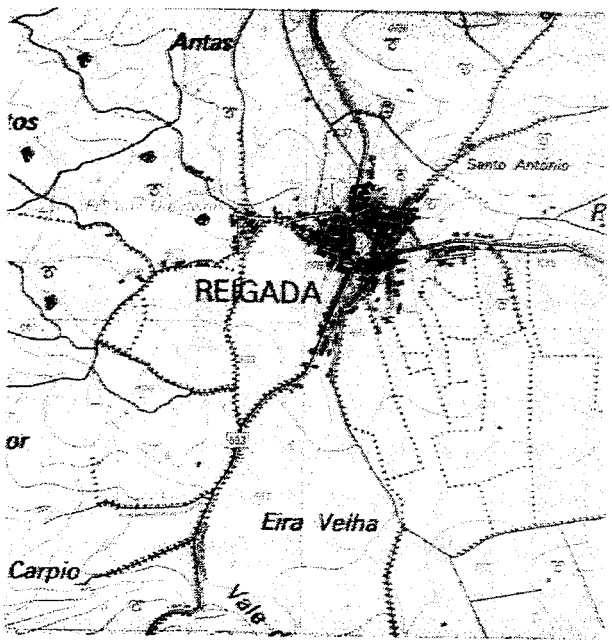


Localização da Quinta de Vilar Tomé
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Quinta de Vilar Tomé

N.º 88 - Chão da Torre

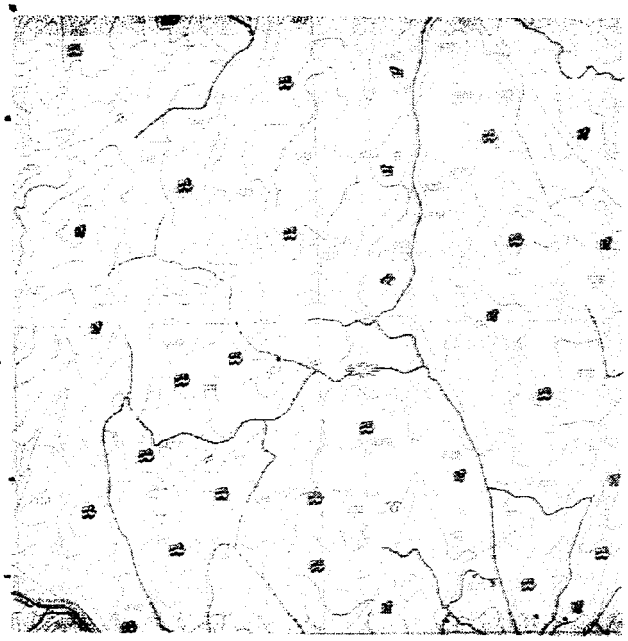


Localização do Chão da Torre
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



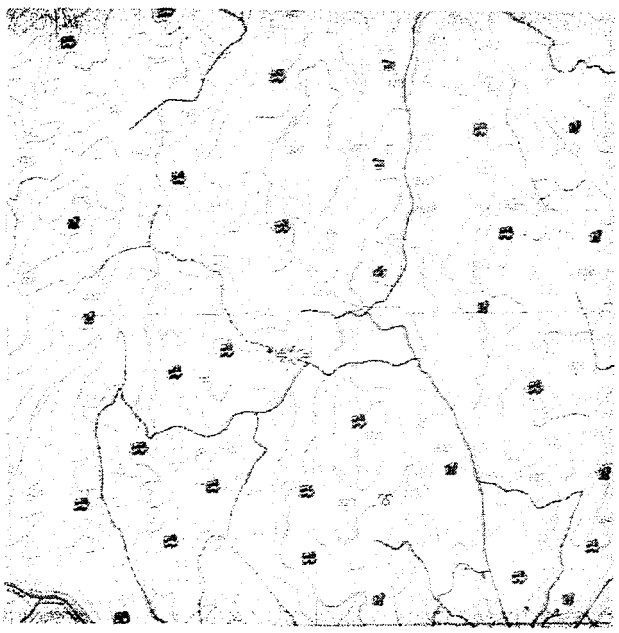
Chão da Torre

Estampa LXXXVII



Localização da Calçada de Vale Afonsinho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

N.º 89 - Calçada de Vale Afonsinho

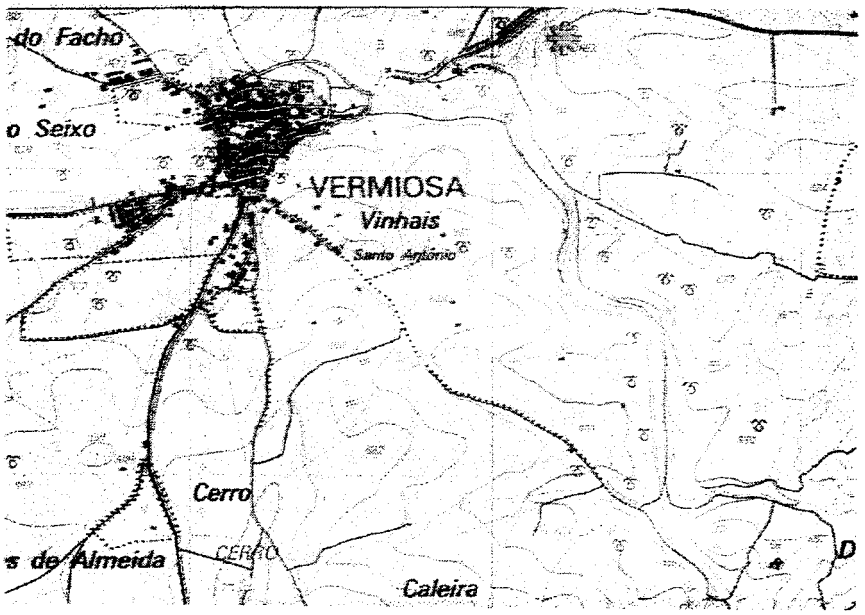


Localização da Fonte de Vale Afonsinho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 161

N.º 90 - Fonte de Vale Afonsinho

Estampa LXXXIX

N.º 91 - Vale de Olmos



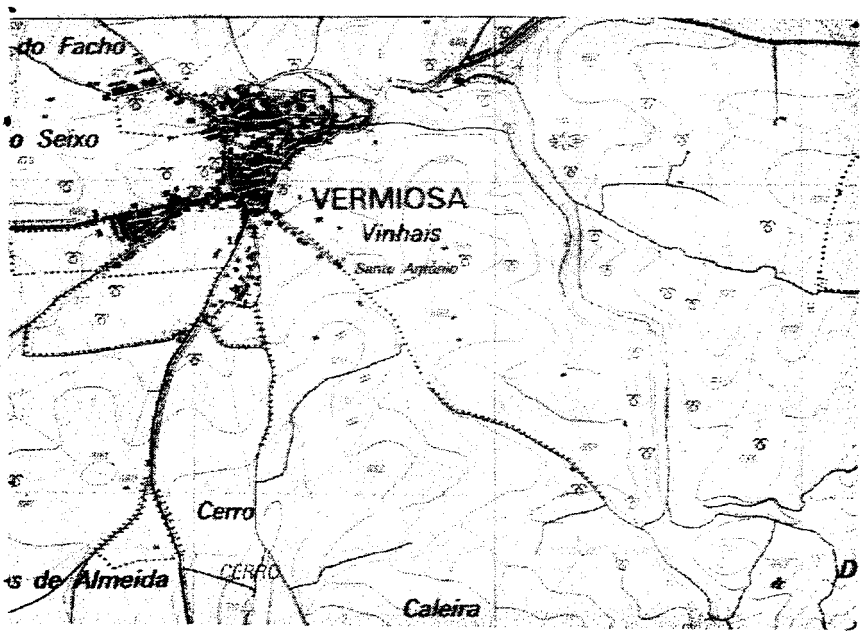
Localização de Vale de Olmos
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Aspecto de Vale de Olmos

Estampa XC

N.º 92 - Vale de Olmos



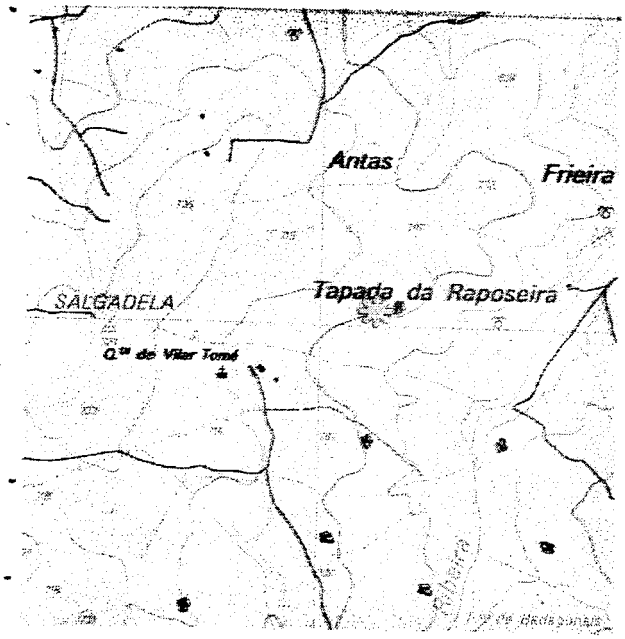
Localização de Vale de Olmos
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



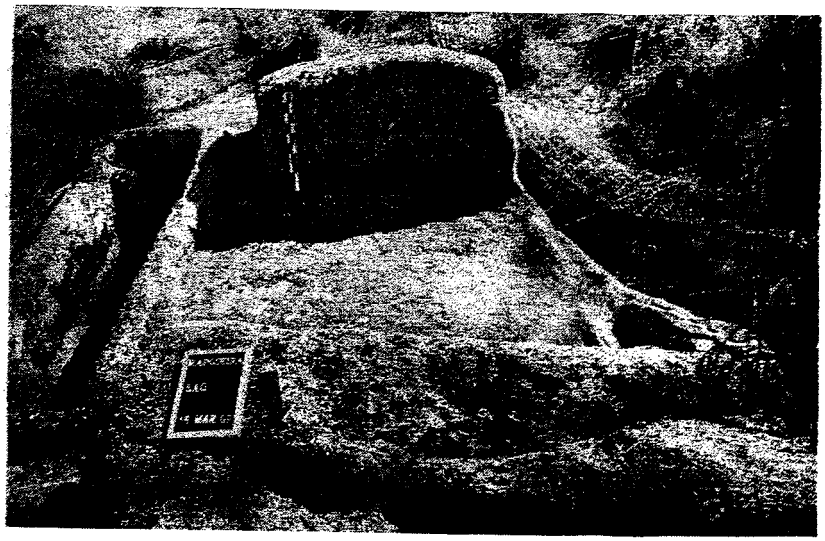
Aspecto de Vale de Olmos , sobre o carrasco ao fudo do lado esquerdo uma sepultura escavada no xisto

Estampa XCI

N.º 93 - Raposeira



Localização da Raposeira
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



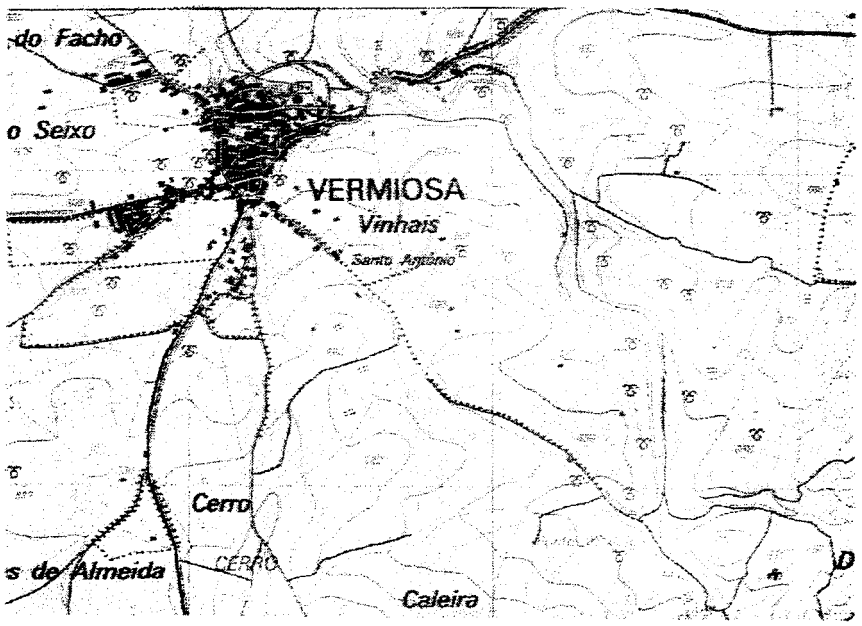
Aspecto do lagar da Raposeira e de uma das sepulturas escavadas na rocha



Outro aspecto do lagar

Estampa XCII

N.º 94 - Ponte da Vermiosa

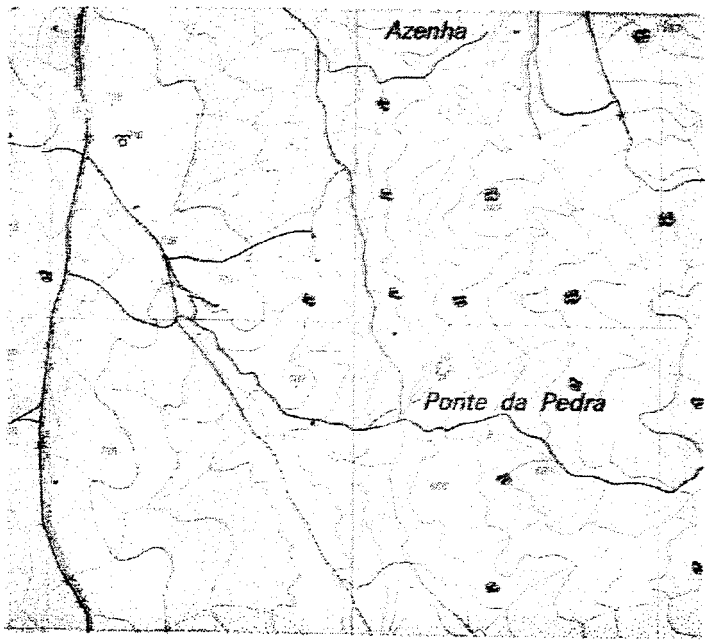


Localização da Ponte da Vermiosa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172

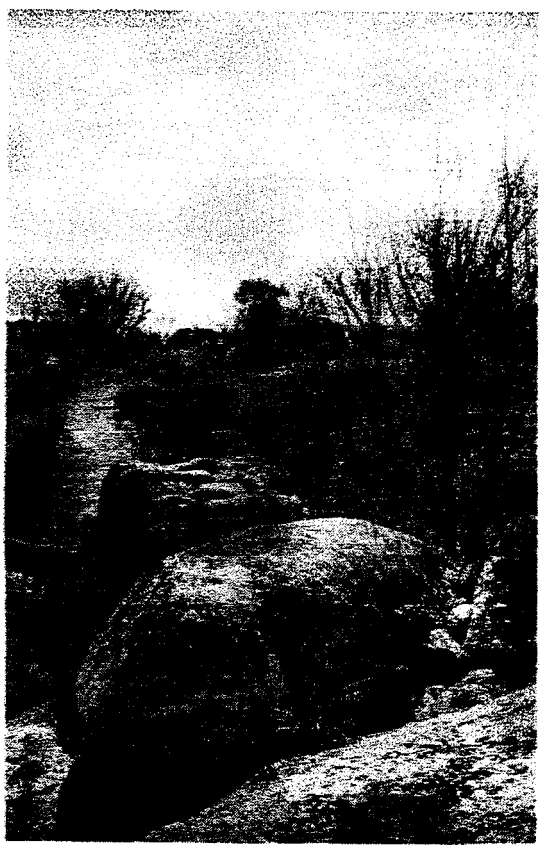


Aspecto da Ponte da Vermiosa

N.º 95 - Ponte de Pedra / Veigas



Localização da Ponte de Pedra / Veigas
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



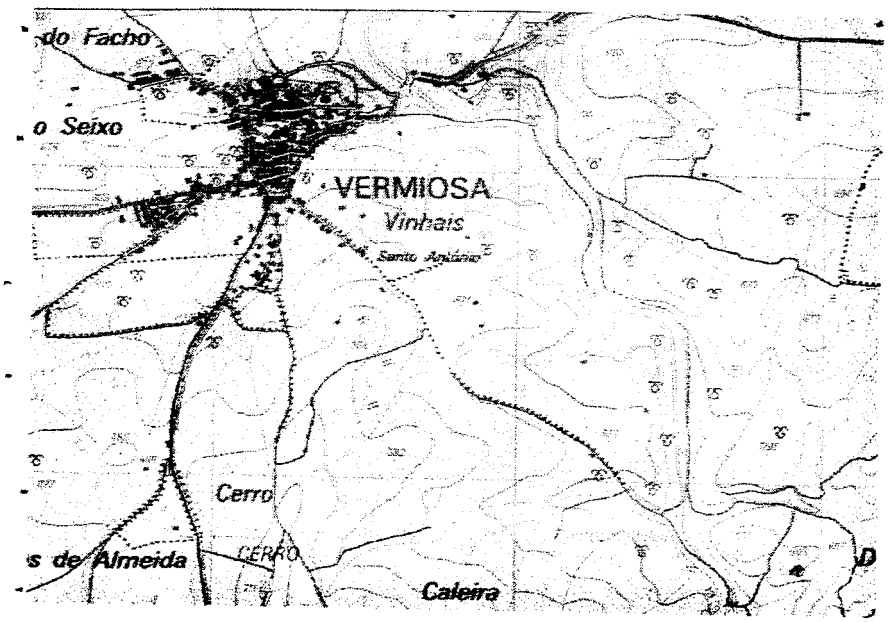
Ponte de Pedra / Veigas



Ponte de Pedra / Veigas

Estampa XCIV

N.º 96 - Calçada da Vermiosa

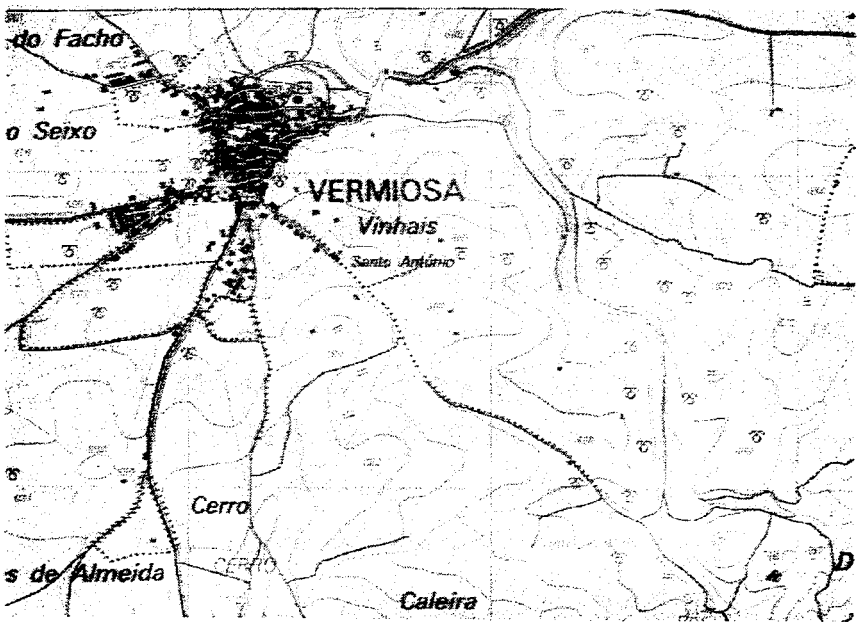


Localização da Calçada da Vermiosa
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



Caminho sobre a Calçada da Vermiosa

N.º 97 - Fonte do Arco

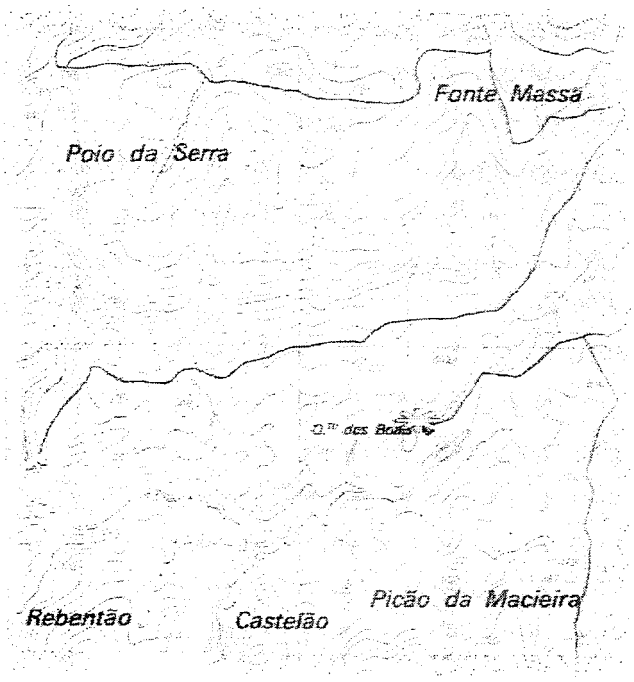


Localização da Fonte do Arco
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



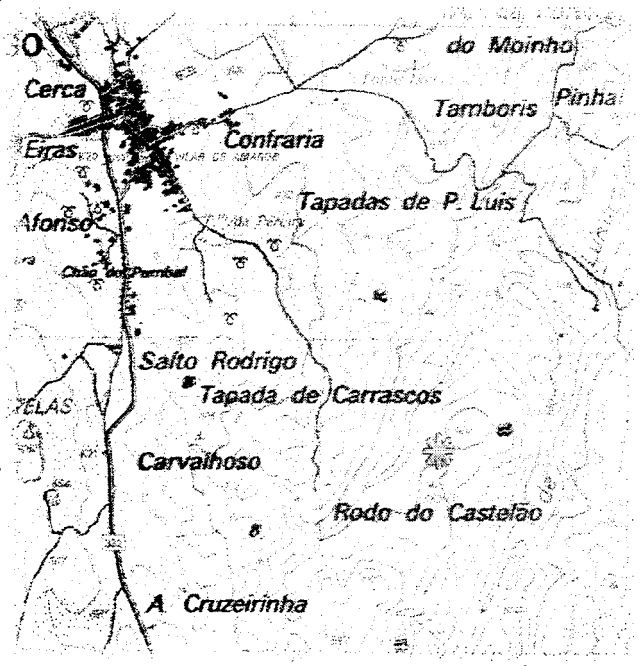
Aspecto da Fonte do Arco

N.º 98 - Quinta da Boais



Localização da Quinta de Boais
Carta Militar de Portugal 1:25.00, n.º 152

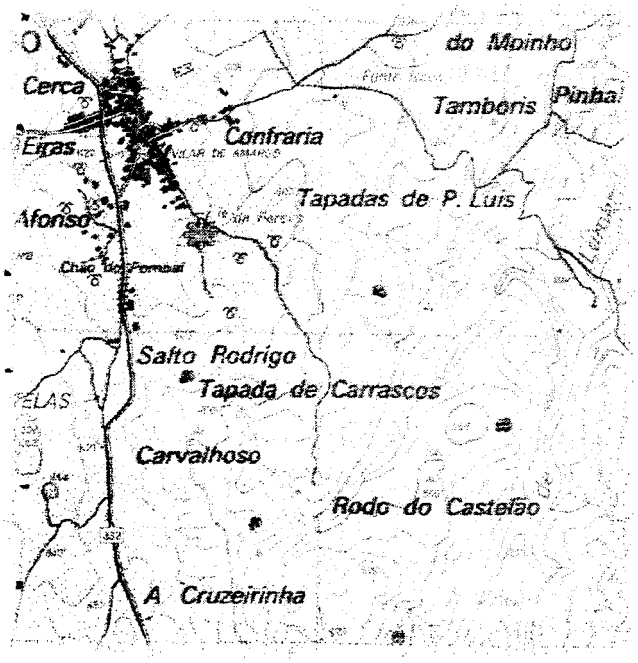
N.º 99 - Rodo do Castelão



Localização do Rodo do Castelão
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151

Estampa XCVIII

N.º 100 - Fonte da Pereira



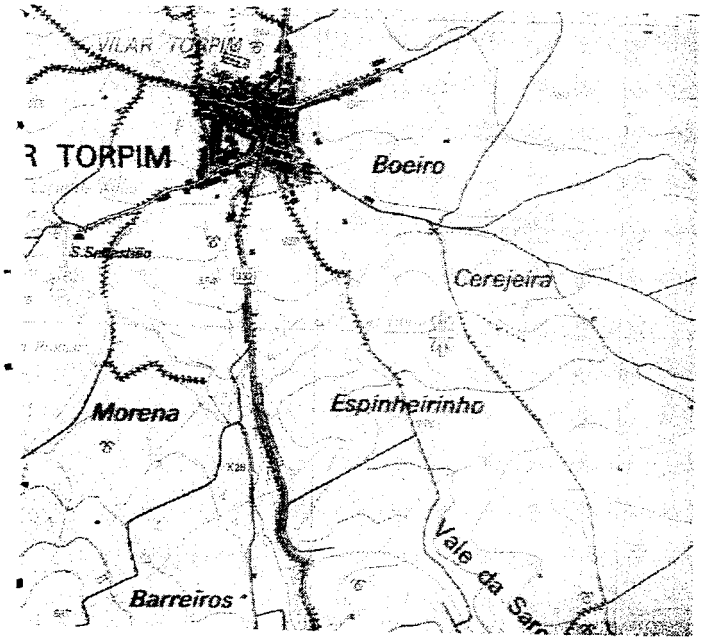
Localização da Fonte da Pereira
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 151



Aspecto da Fonte da Pereira

Estampa XCIX

N.º 101 - Pedregais/Espinheirinho



Localização de Pedregais/Espinheirinho
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



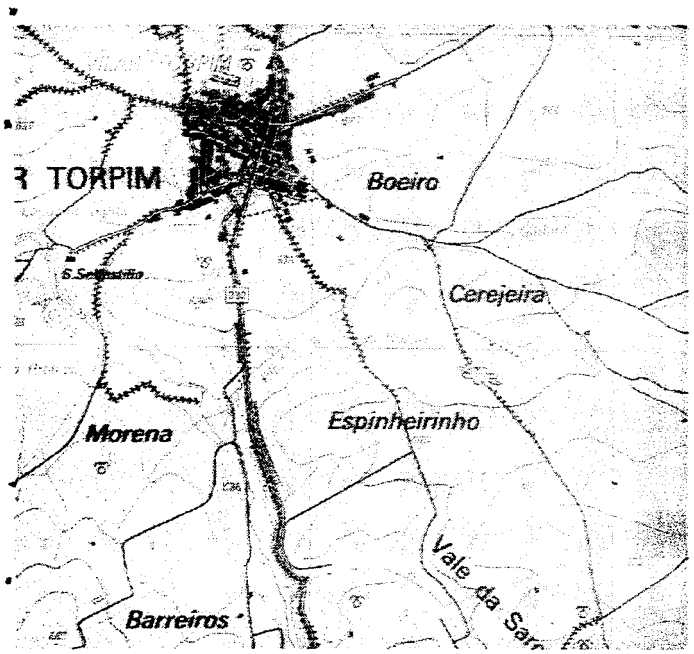
Aspecto de Pedregais



Aspecto de Pedregais

Estampa C

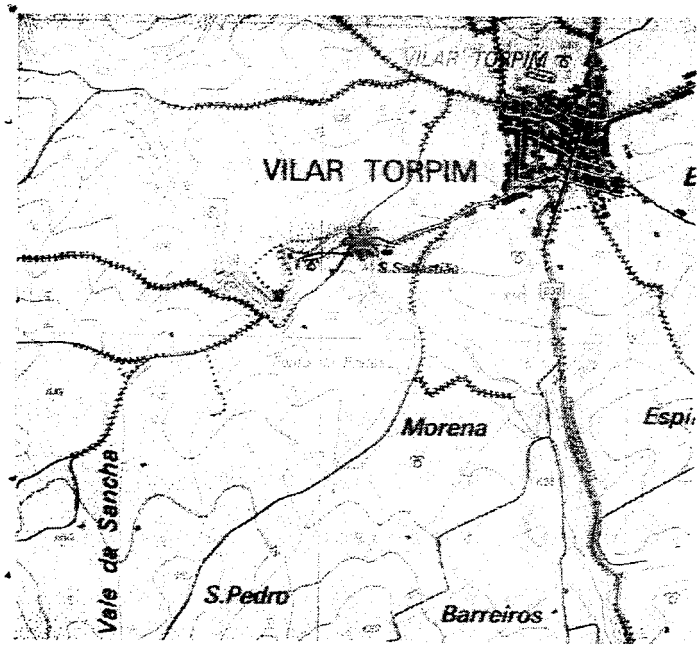
N.º 102 - Calçada de Pedregais



Localização da Calçada de Pedregais
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172

Estampa CI

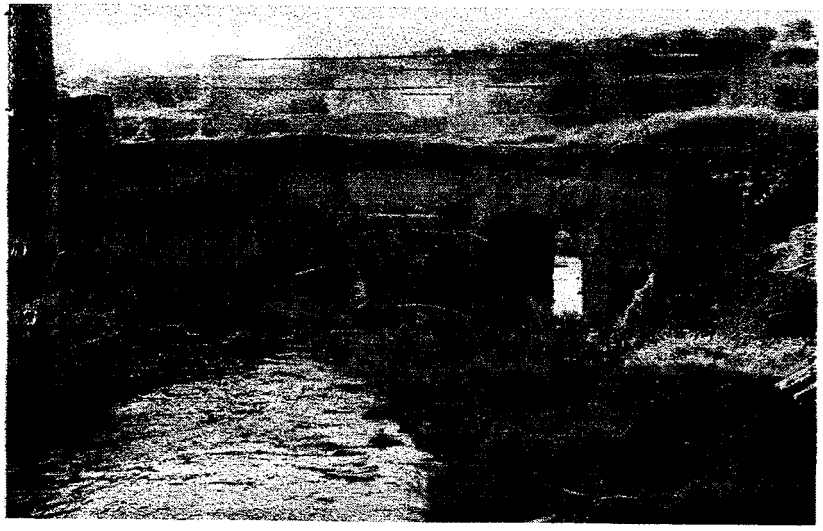
N.º 103 - Pontão do Lagar de Água



Localização do Pontão do Lagar de Água
- Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



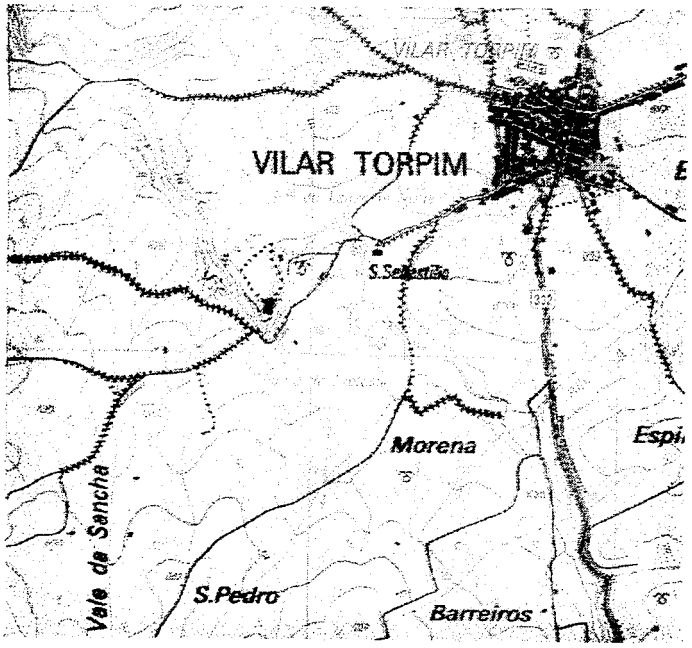
Aspecto do Pontão do Lagar de Água



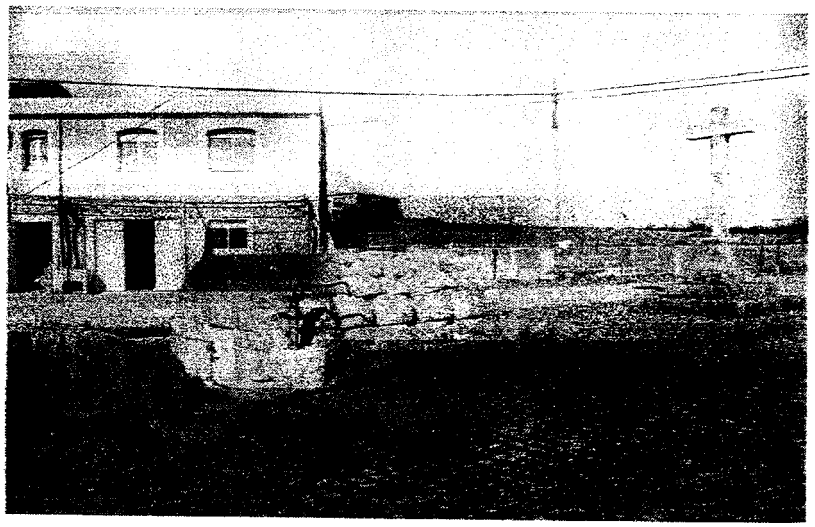
Aspecto do Pontão do Lagar de Água

Estampa CII

N.º 104 - Fonte de Santo António



Localização da Fonte de Santo António
Carta Militar de Portugal 1:25.000, n.º 172



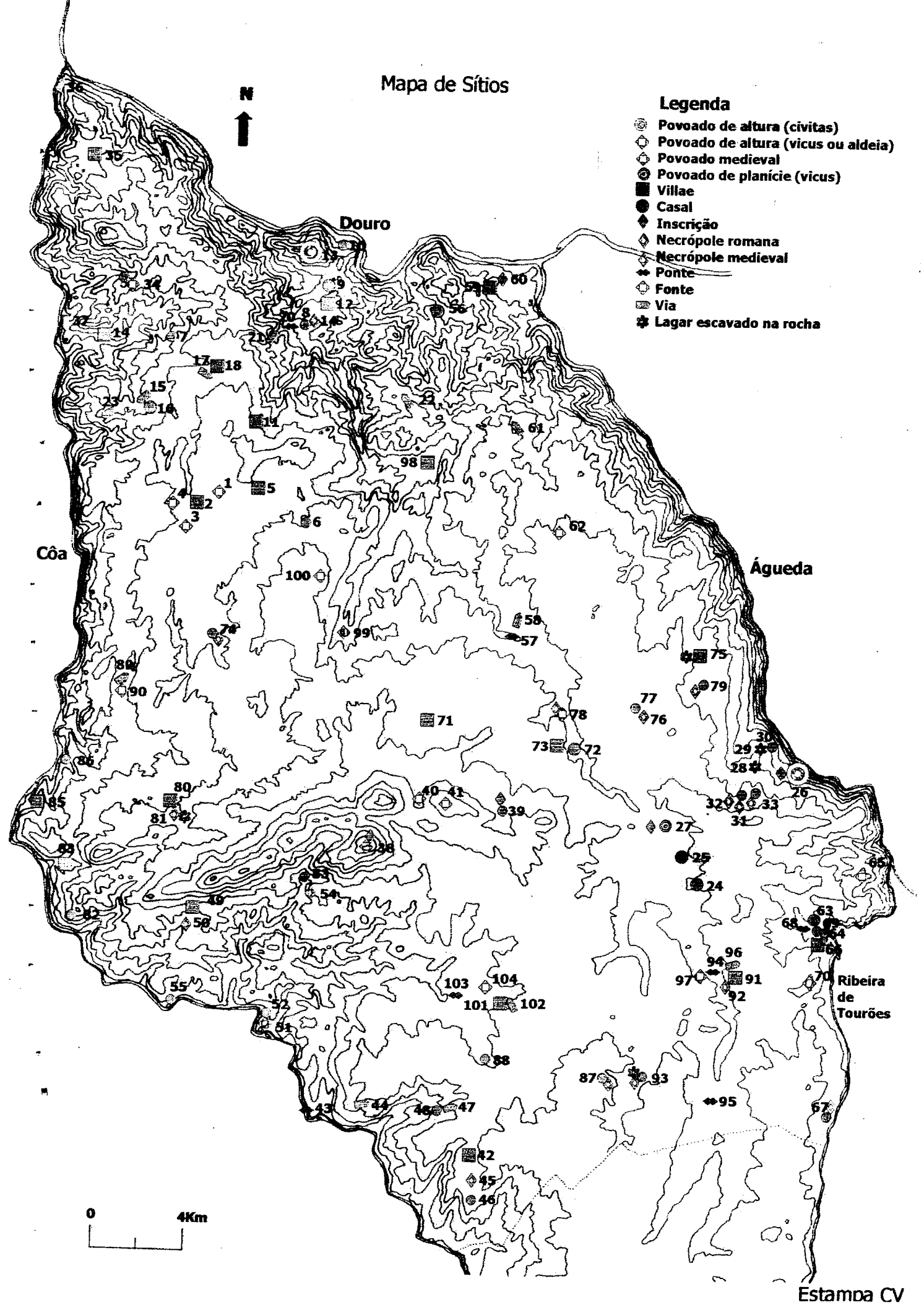
Aspecto da Fonte de Santo António

Estampa CIII

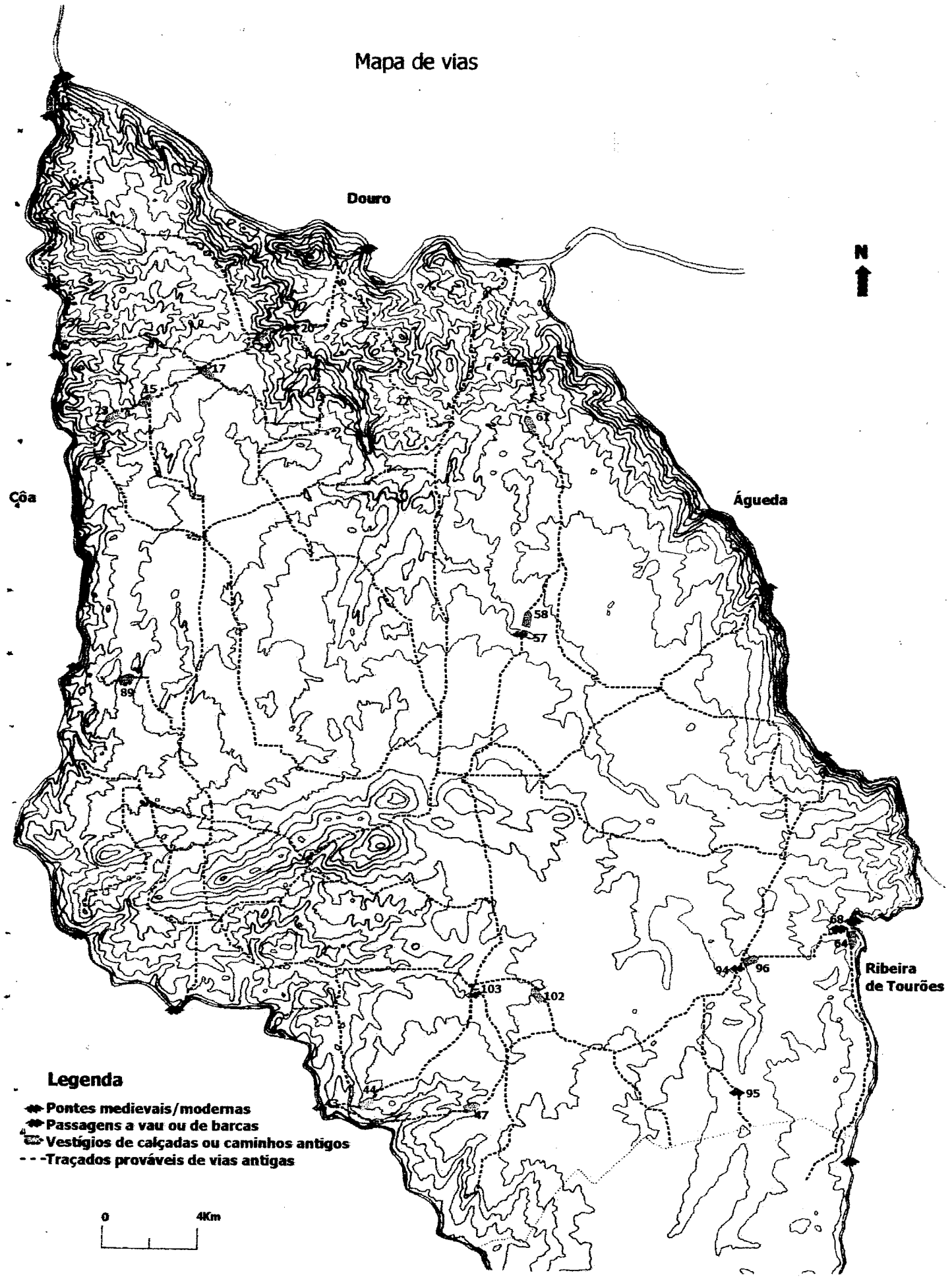
Localização da área de estudo na Península Ibérica



Estampa CIV


Mapa de Sítios
N
Legenda
Povoado de altura (civitas)
Povoado de altura (vicus ou aldeia)
Povoado medieval
Povoado de planície (vicus)
Villae
Casal
Inscrição
Necrópole romana
Necrópole medieval
Ponte
Fonte
Via
Lagar escavado na rocha
Douro
Côa
Águeda
Ribeira de Tourões
0
4Km
Estampa CV

Mapa de vias



Legenda

- Pontes medievais/modernas
- Passagens a vau ou de barcas
- Vestígios de calçadas ou caminhos antigos
- - - Traçados prováveis de vias antigas

Estampa CVI

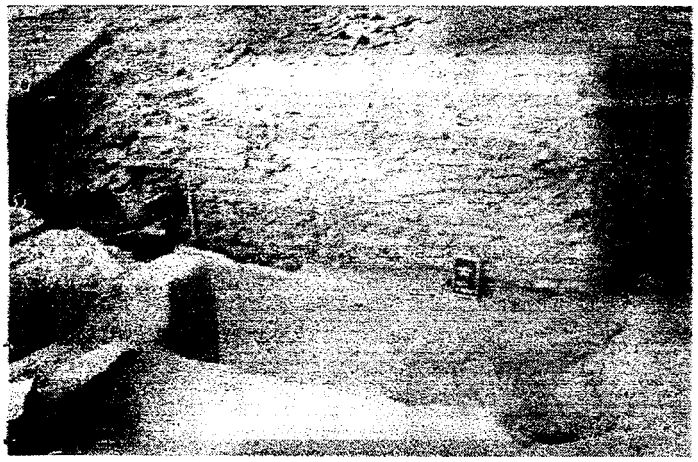


Fig. 1

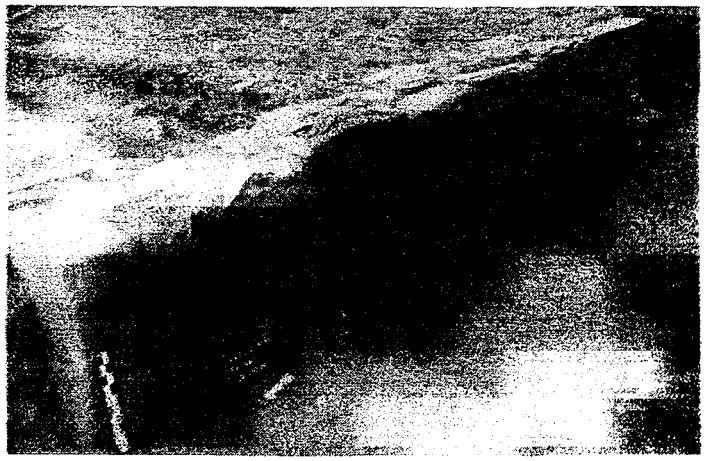


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

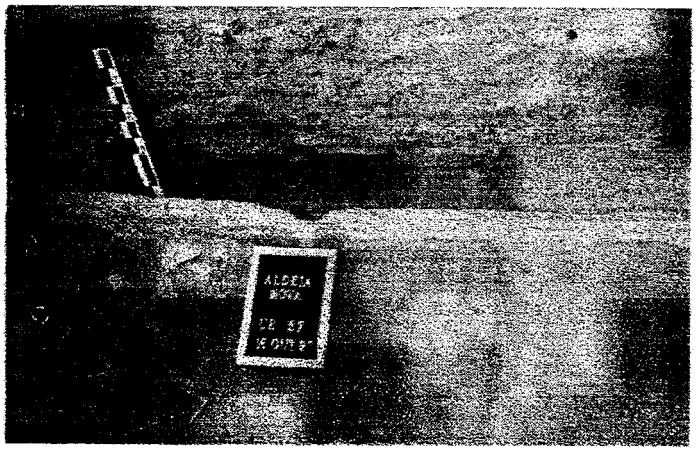


Fig. 5



Fig. 6



g. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

Estampa CIX

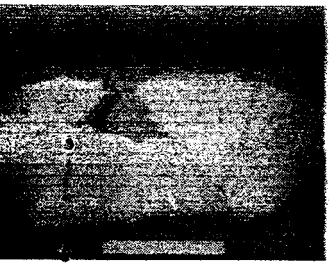


Fig. 1



Fig. 2

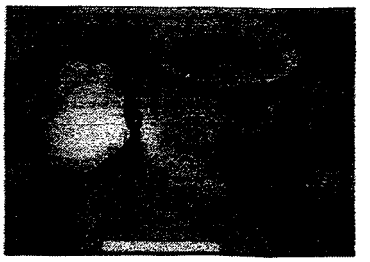


Fig. 3

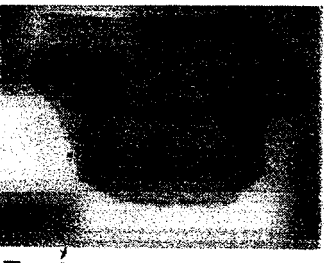


Fig. 4

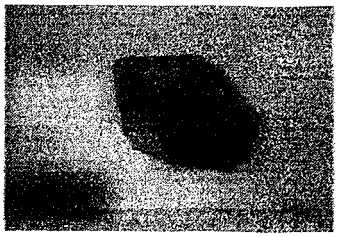


Fig. 5

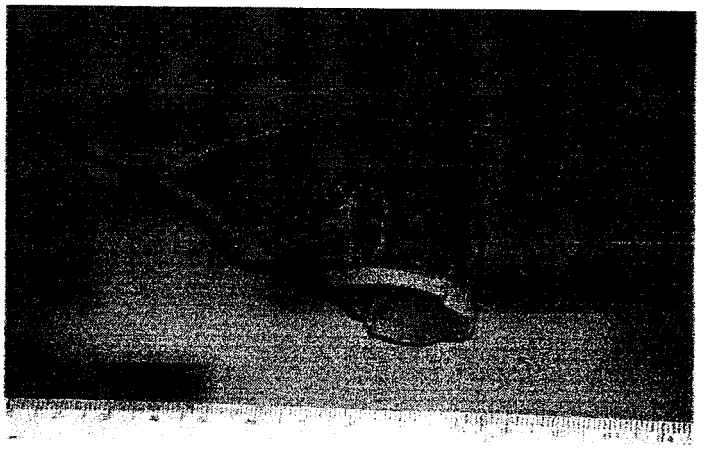


Fig. 7



Fig. 6

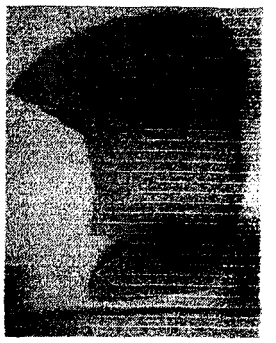


Fig. 8

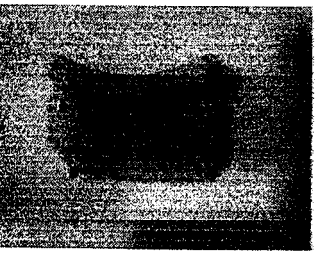


Fig. 9

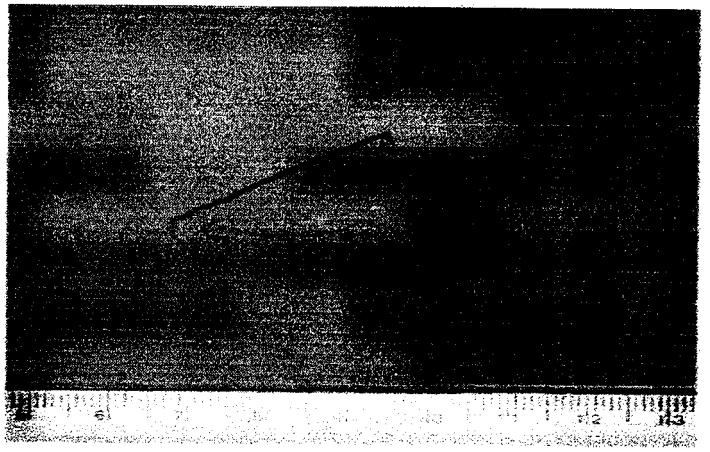


Fig. 10

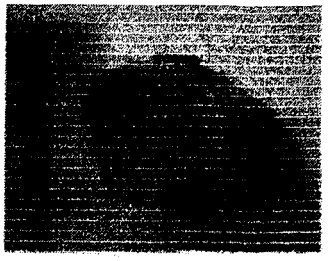


Fig. 11

Estampa CX

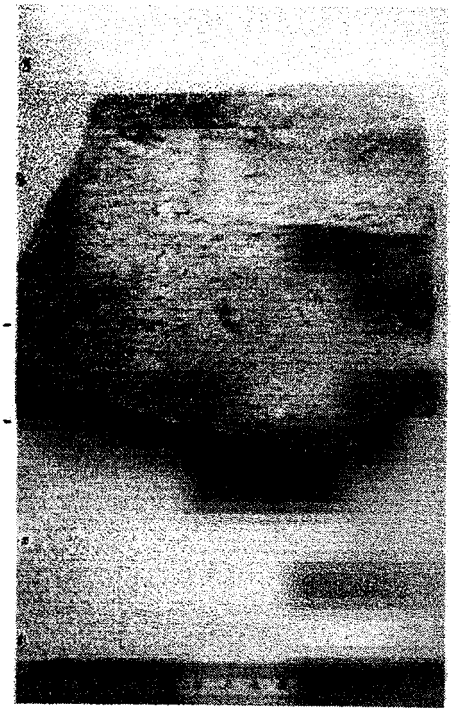


Fig. 1

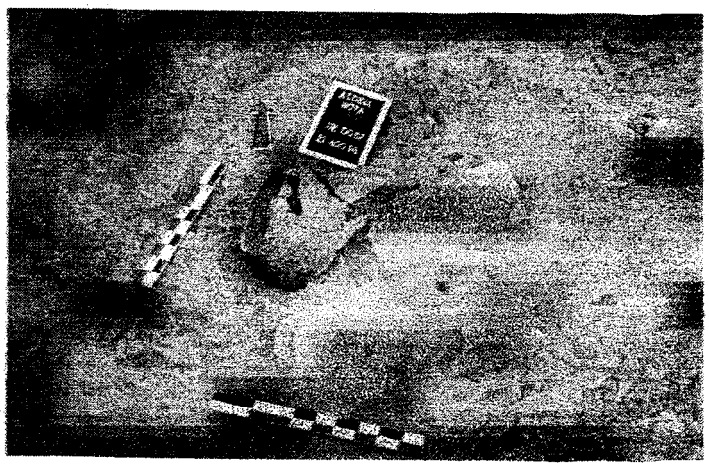


Fig. 2

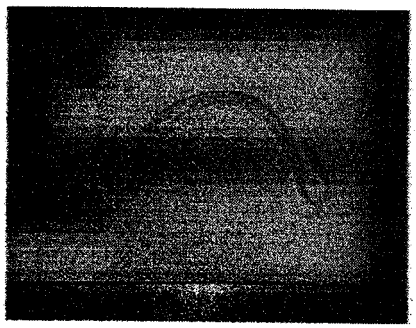


Fig. 3

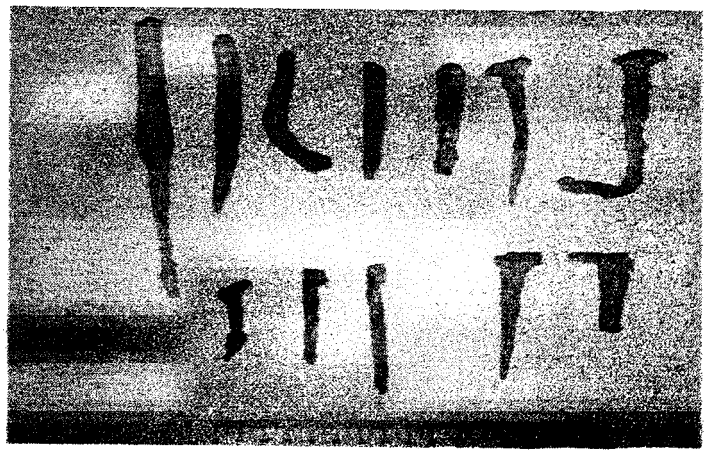


Fig. 4



Fig. 5

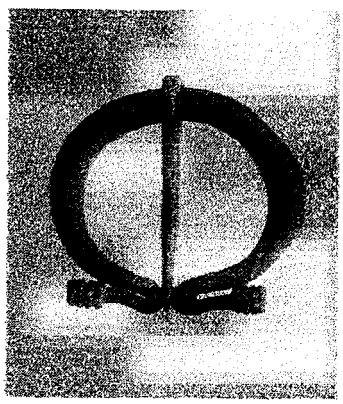


Fig. 6

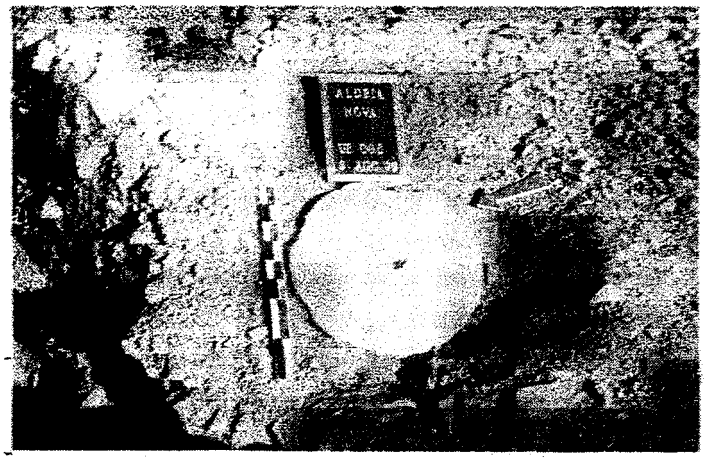


Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3

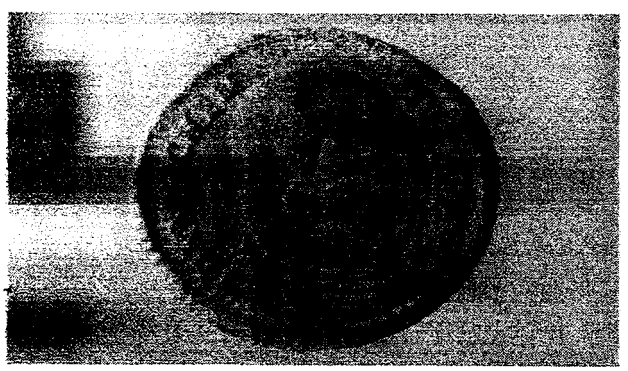


Fig. 4

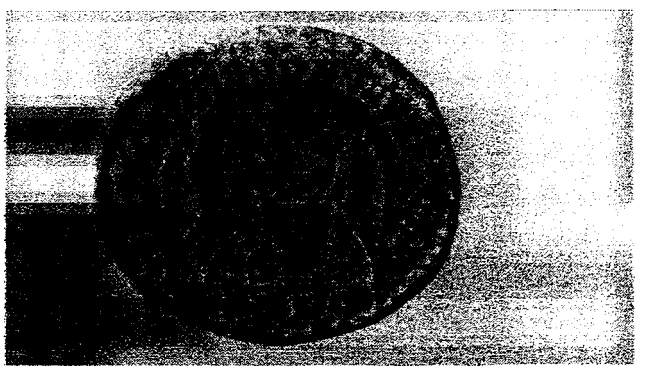


Fig. 5



Fig. 6

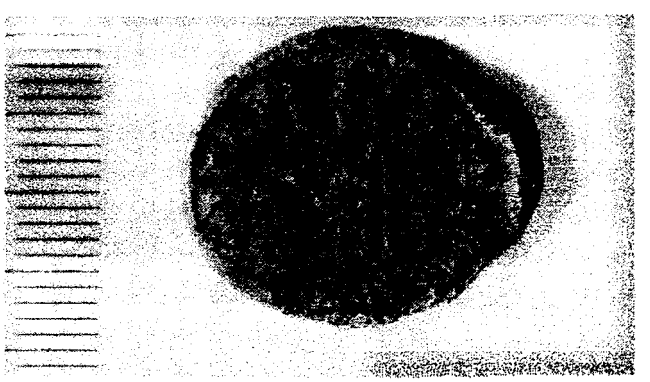


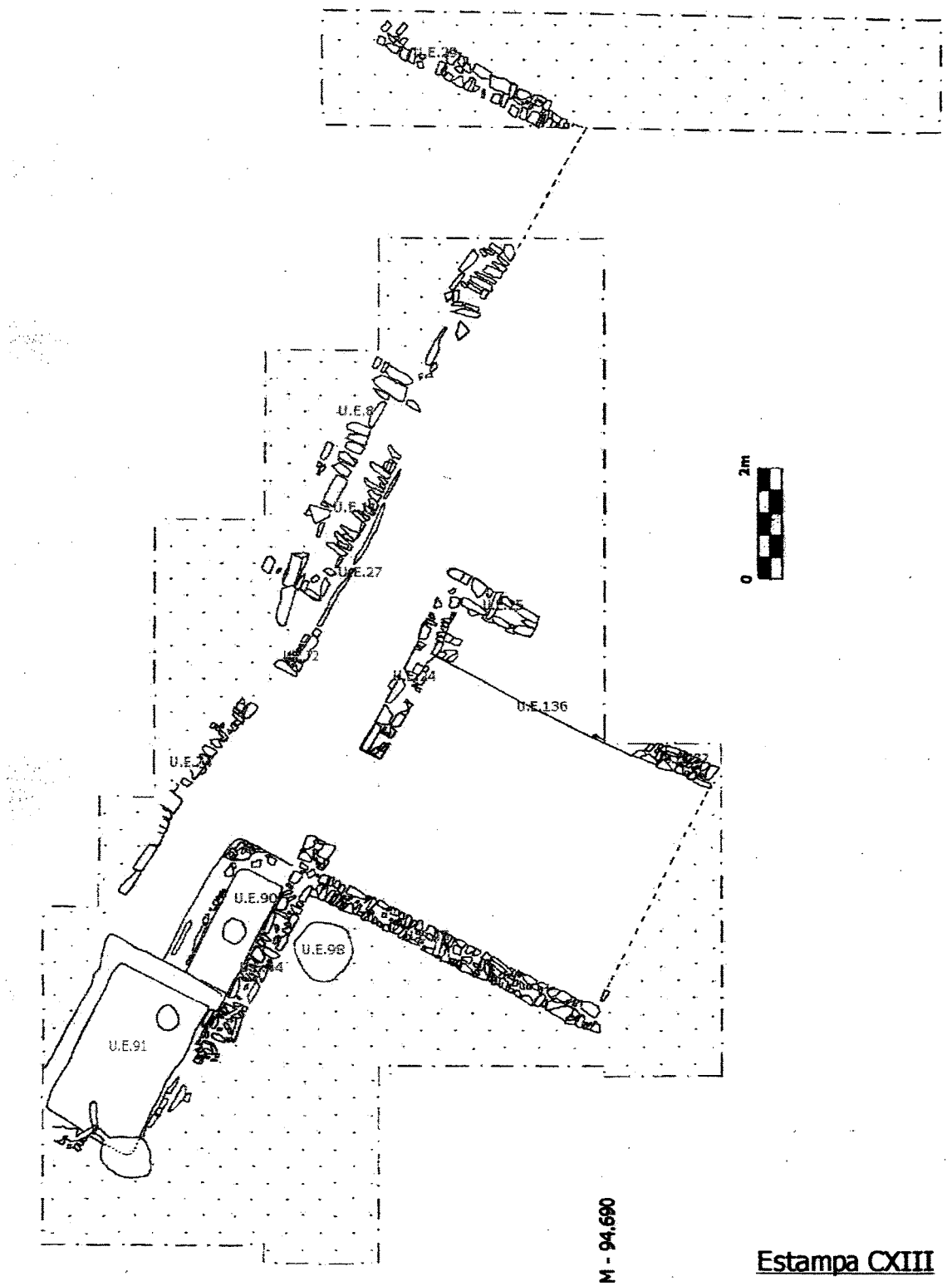
Fig. 7

Estampa CXII

Aldeia Nova/Olival dos Telhões
Almendra
Zona I

N

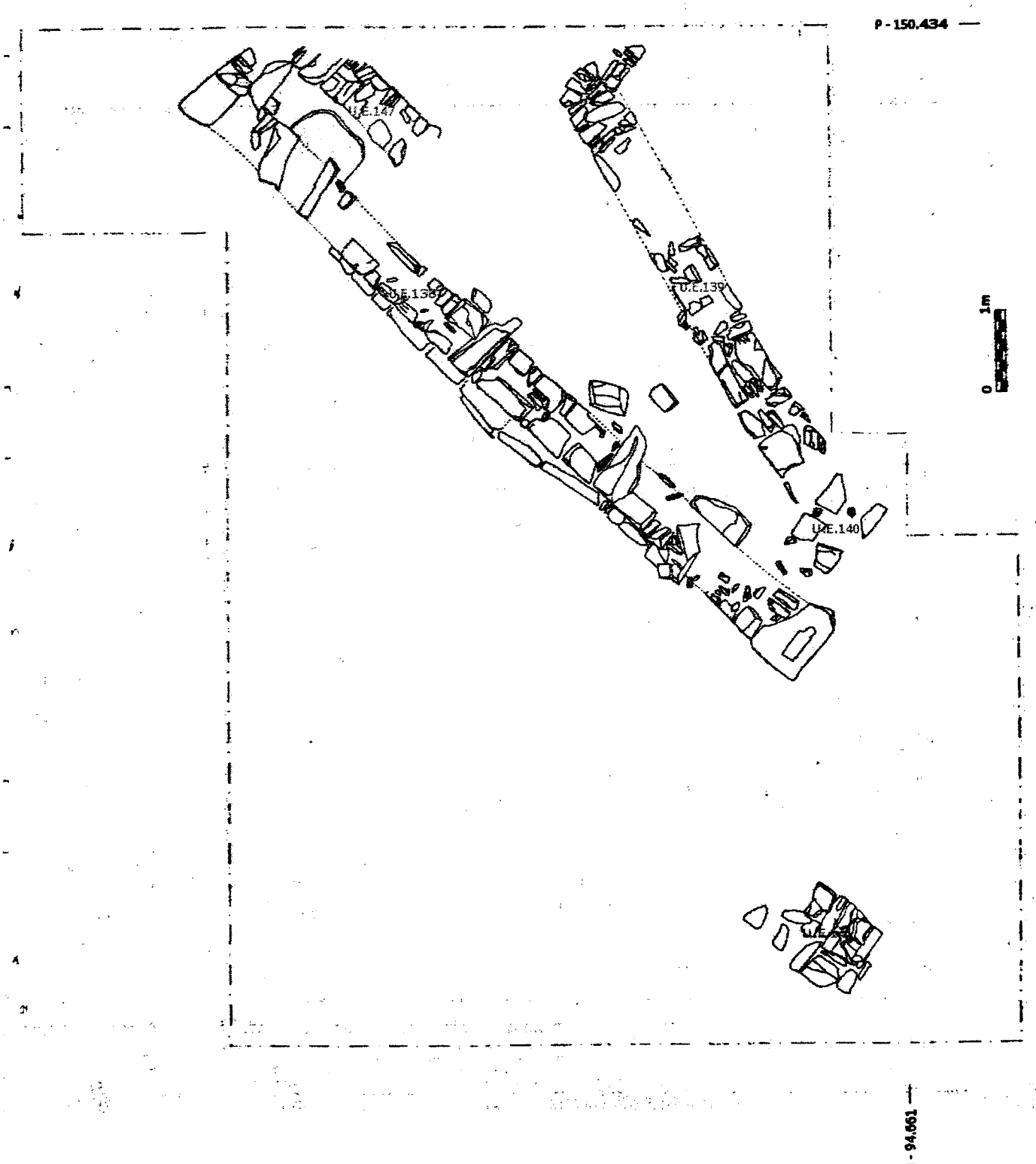
P - 150.444



M - 94.690

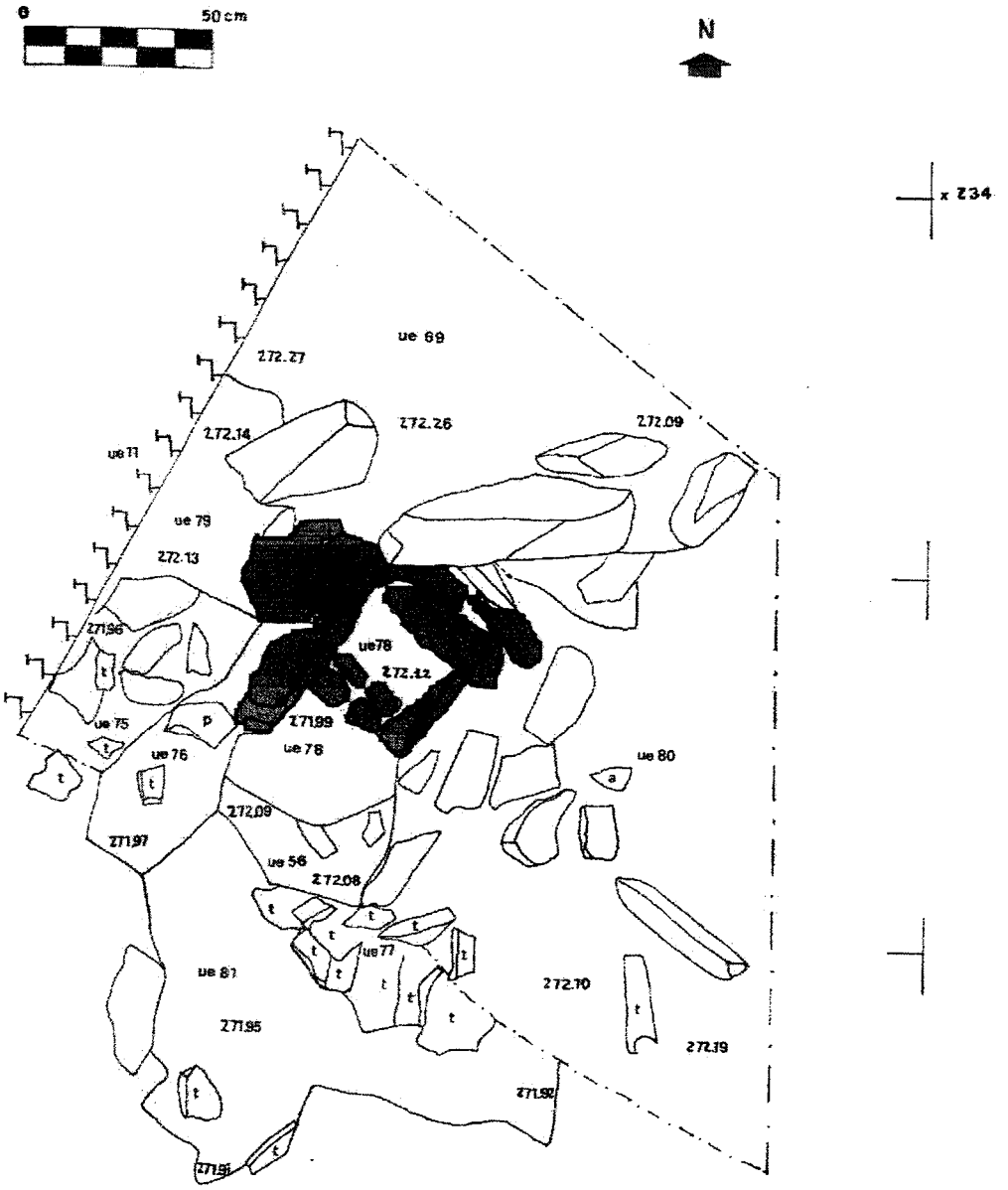
Estampa CXIII

Aldeia Nova/Olival dos Telhões
Almendra
Zona II



Estampa CXIV

Aldeia Nova/Olival dos Telhões
Almendra
Planta do Forno e U.Es. que o circundam
Zona I



Legenda

Argamassa

Pedras

T - Tegullae
P - Pedras

FACULDADE DE LETRAS
BIBLIOTECA
PORTO

Estampa CXV